O JUDEU INTERNACIONAL

O MAIOR PROBLEMA DO MUNDO

Vol. I

Sendo uma reimpressão de uma série de artigos que aparecem no The Dearborn Independent de 22 de maio a 2 de outubro de 1920

NOVEMBRO DE 1920

PREFÁCIO

Da edição do Bicentenário

No ano de 1920, Henry Ford, Sr. publicou *The International Jew*, uma pesquisa abrangente sobre o poder judaico nos Estados Unidos e em todo o mundo. Esta obra de quatro volumes foi originalmente serializada no *Dearborn Independent*, o órgão interno da Ford Motor Company.

Esses livros foram best-sellers em muitas partes do mundo e foram traduzidos para as línguas da maioria dos países civilizados. Infelizmente, há muitos países hoje em que a posse desses livros foi punível com confisco ou pior. Na Alemanha, por exemplo, uma pessoa que deseja pegar emprestado *The International Jew* de uma biblioteca deve primeiro provar que precisa dele para pesquisa histórica. Em outras palavras, um cidadão comum que paga impostos e apoia a biblioteca pública com seu dinheiro arduamente ganho não consegue aprofundar seu conhecimento ou satisfazer sua curiosidade a esse respeito.

É, portanto, do interesse de espalhar a verdade que republicamos esses livros na íntegra para que as novas gerações vejam por si mesmas como nossos problemas de hoje são os mesmos problemas que ocorreram "misteriosamente" desde a virada do século. O fato de que até mesmo o rico Henry Ford, Sr. pôde ser forçado a retirar esses livros, ilumina nitidamente o poder dos judeus, mesmo na década de 1920. Reimprimir *The International Jew* agora, quando os judeus são muito mais poderosos, é uma indicação da tremenda coragem da editora.

Todo americano que ama seu país deve assumir o dever de comprar cópias suficientes para doar a bibliotecas, universidades, associações empresariais, etc. Mais importante, todo pai americano deve ter pelo menos um conjunto em casa para passar para seus filhos.

Em apoio adicional às descobertas e conclusões de *The International Jew*, um excelente livro complementar, *The Dispossessed Majority*, de Wilmot Robertson, expõe o

rápido aumento do poder judaico desde a primeira publicação da grande obra de Henry Ford. Nenhum americano consciente e pensante deveria ficar sem esses livros incríveis e cheios de fatos.

The Dispossessed Majority (US$ 4,95) também está disponível nesta editora.

Christof Friedrich (Pseudônimo de Ernst Zündel)

Edição republicada em maio de 1976 por: LIBERTY BELL PUBLICATIONS

Prefácio

Por que discutir a Questão Judaica? Porque ela está aqui, e porque seu surgimento no pensamento americano deve contribuir para sua solução, e não para uma continuação daquelas más condições que cercam a Questão em outros países.

A Questão Judaica existe nos Estados Unidos há muito tempo. Os próprios judeus sabem disso, mesmo que os gentios não. Houve períodos em nosso próprio país em que ela irrompeu com uma espécie de força taciturna que pressagiava coisas mais sombrias por vir. Muitos sinais pressagiam que ela está se aproximando de um estágio agudo.

A Questão Judaica não apenas toca em questões de conhecimento comum, como controle financeiro e comercial, usurpação de poder político, monopólio de necessidades e direção autocrática das próprias notícias que o povo americano lê; mas ela alcança regiões culturais e, assim, toca o próprio coração da vida americana.

Esta questão alcança a América do Sul e ameaça se tornar um fator importante nas relações pan-americanas. Ela está entrelaçada com grande parte da ameaça de desordem organizada e calculada que perturba as nações hoje. Não é de crescimento recente, mas suas raízes são profundas, e o longo Passado deste Problema é contrabalançado por esperanças e programas proféticos que envolvem uma visão muito deliberada e criativa do Futuro.

Este pequeno livro é o registro parcial de uma investigação da Questão Judaica. Ele é impresso para permitir que leitores interessados se informem sobre os dados publicados no The Dearborn Independent antes de 1º de outubro de 1920. A demanda por cópias antigas do jornal era tão grande que o suprimento se esgotou cedo, assim como uma grande edição de um livreto contendo os primeiros nove artigos da série. A investigação ainda

prossegue, e os artigos continuarão a aparecer como antes até que o trabalho seja concluído.

O motivo deste trabalho é simplesmente um desejo de tornar os fatos conhecidos pelo povo. Outros motivos foram, é claro, atribuídos a ele. Mas o motivo do preconceito ou qualquer forma de antagonismo dificilmente é forte o suficiente para sustentar uma investigação como esta. Além disso, se um motivo indigno existisse, algum sinal dele inevitavelmente apareceria no próprio trabalho. Chamamos o leitor com confiança para testemunhar que o tom desses artigos é tudo o que deveria ser. O judeu internacional e seus satélites, como os inimigos conscientes de tudo o que os anglo-saxões entendem por civilização, não são poupados, nem é aquela massa irrefletida que defende qualquer coisa que um judeu faça, simplesmente porque foi ensinada a acreditar que o que os líderes judeus fazem é judaico. Nem esses artigos procedem de uma falsa emoção de fraternidade e pedido de desculpas, como se essa corrente de tendência duvidosa no mundo fosse apenas acidentalmente judaica. Damos os fatos como os encontramos; isso por si só é proteção suficiente contra preconceito ou paixão.

Este volume não conclui o caso de forma alguma. Mas ele leva o leitor um passo adiante. Em compilações futuras destes e dos artigos subsequentes, todo o escopo da investigação aparecerá mais claramente.

Outubro de 1920.

Conteúdo

I. O Judeu no Caráter e nos Negócios
II. A Reação da Alemanha Contra os Judeus
III. História Judaica nos EUA
IV. A Questão Judaica — Fato ou Fantasia?
V. Antissemitismo — Aparecerá nos EUA?
VI. A Questão Judaica Invade as Revistas
VII. Arthur Brisbane em Auxílio dos Judeus
VIII. Existe um Programa Definitivo Para o Mundo Judaico?
IX. A Base Histórica do Imperialismo Judaico
X. Uma Introdução aos “Protocolos Judaicos”
XI. Estimativa “Judaica” da Natureza Humana Gentia
XII. “Protocolos Judaicos” Reivindicam Cumprimento Parcial
XIII. Plano “Judaico” para Dividir a Sociedade por “Ideias”
XIV. Os Judeus Previram a Guerra Mundial?
XV. O “Kahal” Judeu é o “Soviético” moderno?
XVI. Como a “Questão Judaica” Afeta a Fazenda
XVII. O Poder Judaico Controla a Imprensa Mundial?
XVIII. Isso Explica o Poder Político Judaico?
XIX. A Marca Totalmente Judaica na “Rússia Vermelha”
XX. Testemunho Judaico a Favor do Bolchevismo

“Entre os traços mentais e morais distintivos dos judeus podem ser mencionados: aversão ao trabalho físico duro ou violento; um forte senso de família e filoprogenitura; um instinto religioso acentuado; a coragem do profeta e mártir em vez do pioneiro e soldado; notável poder de sobreviver em ambientes adversos, combinado com grande capacidade de manter a solidariedade racial; capacidade de exploração, tanto individual quanto social; astúcia e perspicácia em especulação e questões financeiras em geral; um amor oriental pela exibição e uma apreciação completa do poder e do prazer da posição social; uma média muito alta de capacidade intelectual.”

— *The New International Encyclopedia*.

I.

O Judeu no Caráter e nos Negócios

O judeu está novamente sendo destacado para atenção crítica em todo o mundo. Sua emergência nas esferas financeira, política e social tem sido tão completa e espetacular desde a guerra, que seu lugar, poder e propósito no mundo estão recebendo um novo escrutínio, muito dele hostil. A perseguição não é uma experiência nova para o judeu, mas o escrutínio intensivo de sua natureza e supernacionalidade é. Ele sofreu por mais de 2.000 anos com o que pode ser chamado de antissemitismo instintivo das outras raças, mas esse antagonismo nunca foi inteligente nem foi capaz de se tornar inteligível. Hoje em dia, no entanto, o judeu está sendo colocado, por assim dizer, sob o microscópio da observação econômica para que as razões de seu poder, as razões de sua separação, as razões de seu sofrimento possam ser definidas e compreendidas.

Na Rússia, ele é acusado de ser a fonte do bolchevismo, uma acusação que é séria ou não de acordo com o círculo em que é feita; nós na América, ouvindo a eloquência fervorosa e percebendo o ardor profético dos jovens apóstolos judeus da reforma social e industrial, podemos estimar calmamente como isso pode ser. Na Alemanha, ele é acusado de ser a causa do colapso do Império e uma literatura muito considerável surgiu, trazendo consigo uma massa de evidências circunstanciais que fazem o pensador parar para pensar. Na Inglaterra, ele é acusado de ser o verdadeiro governante do mundo, que governa como uma supernação sobre as nações, governa pelo poder do ouro e que joga nação contra nação para seus próprios propósitos, permanecendo discretamente em segundo plano. Na América, é apontado até que ponto os judeus mais velhos da riqueza e os judeus mais jovens da ambição invadiram as organizações de guerra — principalmente aqueles departamentos que lidavam com os negócios comerciais e industriais da guerra, e também até que ponto eles se apegaram à

vantagem que sua experiência como agentes do governo lhes deu.

Em palavras simples, a questão dos judeus veio à tona, mas, como outras questões que se prestam ao preconceito, esforços serão feitos para abafá-la como impolítica para discussão aberta. Se, no entanto, a experiência nos ensinou alguma coisa, é que questões assim suprimidas mais cedo ou mais tarde estourarão em formas indesejáveis e não lucrativas.

O judeu é o enigma do mundo. Pobre em suas massas, ele ainda controla as finanças do mundo. Espalhado no exterior sem país ou governo, ele ainda apresenta uma unidade de continuidade racial que nenhum outro povo alcançou. Vivendo sob incapacidades legais em quase todas as terras, ele se tornou o poder por trás de muitos tronos. Há antigas profecias no sentido de que o judeu retornará à sua própria terra e daquele centro governará o mundo, embora não até que ele tenha sofrido um ataque das nações unidas da humanidade.

A única descrição que incluirá uma porcentagem maior de judeus do que membros de qualquer outra raça é esta: ele está no negócio. Pode ser apenas juntar trapos e vendê-los, mas ele está no negócio. Da venda de roupas velhas ao controle do comércio e das finanças internacionais, o judeu é extremamente talentoso para os negócios. Mais do que qualquer outra raça, ele exibe uma decidida aversão ao emprego industrial, que ele equilibra por uma igualmente decidida adaptabilidade ao comércio. O menino gentio trabalha seu caminho para cima, assumindo empregos nos departamentos produtivos ou técnicos; mas o menino judeu prefere começar como mensageiro, vendedor ou balconista — qualquer coisa — desde que esteja conectado com o lado comercial do negócio. Um antigo censo prussiano ilustra essa característica: de uma população total de 269.400, os judeus compreendiam seis por cento ou 16.164. Destes, 12.000 eram comerciantes e 4.164 eram trabalhadores. Da

população gentia, os outros 94 por cento, ou 153.236 pessoas, havia apenas 17.000 comerciantes.

Um censo moderno mostraria uma grande classe profissional e literária adicionada aos comerciantes, mas nenhuma diminuição da porcentagem de comerciantes e nenhum aumento, se houver, no número de trabalhadores assalariados. Somente na América, a maioria dos grandes negócios, os trustes e os bancos, os recursos naturais e os principais produtos agrícolas, especialmente tabaco, algodão e açúcar, estão sob o controle de financiadores judeus ou seus agentes. Jornalistas judeus são um grupo grande e poderoso aqui. “Um grande número de lojas de departamentos são mantidas por empresas judaicas”, diz a Enciclopédia Judaica, e muitas, se não a maioria delas, são administradas sob nomes gentios. Os judeus são os maiores e mais numerosos proprietários de imóveis residenciais no país. Eles são supremos no mundo teatral. Eles controlam absolutamente a circulação de publicações em todo o país. Menos do que qualquer raça cuja presença entre nós é perceptível, eles recebem diariamente uma quantidade de publicidade favorável que seria impossível se eles não tivessem as facilidades para criá-la e distribuí-la eles mesmos. Werner Sombart, em seu livro “*Judeu e o Capitalismo Moderno*”, diz: “Se as condições na América continuarem a se desenvolver nas mesmas linhas da última geração, se as estatísticas de imigração e a proporção de nascimentos entre todas as nacionalidades permanecerem as mesmas, nossa imaginação pode imaginar os Estados Unidos de cinquenta ou cem anos como uma terra habitada apenas por eslavos, negros e judeus, onde os judeus naturalmente ocuparão a posição de liderança econômica.” Sombart é um escritor pró-judeu.

A questão é: se o judeu está no controle, como isso aconteceu? Este é um país livre. O judeu compreende apenas cerca de três por cento da população; para cada judeu, há 97 gentios; para os 3.000.000 de judeus nos Estados Unidos, há 97.000.000 de gentios. Se o judeu está no controle, é por causa de sua habilidade superior ou é

por causa da inferioridade e da atitude despreocupada dos gentios?

Seria muito simples responder que os judeus vieram para a América, arriscaram-se como outras pessoas e provaram ser mais bem-sucedidos na luta competitiva. Mas isso não incluiria todos os fatos. E antes que uma resposta mais adequada possa ser dada, dois pontos devem ser esclarecidos. O primeiro é este: nem todos os judeus são ricos controladores de riqueza. Há judeus pobres em abundância, embora a maioria deles, mesmo em sua pobreza, sejam seus próprios mestres. Embora possa ser verdade que os principais controladores financeiros do país sejam judeus, não é verdade que todo judeu seja um dos controladores financeiros do país. As classes devem ser mantidas distintas por uma razão que aparecerá quando os métodos dos judeus ricos e os métodos dos judeus pobres para ganhar poder forem diferenciados. Em segundo lugar, o fato da solidariedade judaica torna difícil medir as realizações gentias e judaicas pelo mesmo padrão. Quando um grande bloco de riqueza na América foi possível pelo uso pródigo de outro bloco de riqueza do outro lado do mar; isto é, quando certos imigrantes judeus vieram para os Estados Unidos com o apoio financeiro dos judeus europeus por trás deles, seria injusto explicar a ascensão dessa classe de imigração pelas mesmas regras que explicam a ascensão de, digamos, os alemães ou os poloneses que vieram para cá sem nenhum recurso além de sua ambição e força. Certamente, muitos judeus individuais vêm dessa forma também, sem nenhuma dependência além deles mesmos, mas não seria verdade dizer que o controle massivo dos negócios que é exercido pela riqueza judaica foi conquistado pela iniciativa individual; foi antes a extensão do controle financeiro através do mar.

É aí, de fato, que qualquer explicação do controle judaico deve começar. Aqui está uma raça cujo período inteiro da história nacional os viu camponeses na terra, cujo gênio antigo era espiritual em vez de material, bucólico em vez de comercial, mas hoje, quando eles não

têm país, nem governo, e são perseguidos de uma forma ou de outra em todos os lugares que vão, eles são declarados os principais, embora não oficiais, governantes da terra. Como surge uma acusação tão estranha, e por que tantas circunstâncias parecem justificá-la?

Comece pelo começo. Durante o período de formação de seu caráter nacional, os judeus viviam sob uma lei que tornava a plutocracia e o pauperismo igualmente impossíveis entre eles. Os reformadores modernos que estão construindo sistemas sociais modelo no papel fariam bem em olhar para o Sistema social sob o qual os primeiros judeus foram organizados. A Lei de Moisés tornou uma "aristocracia monetária", como os financistas judeus formam hoje, impossível porque proibia a cobrança de juros. Tornou impossível também o gozo contínuo do lucro arrancado da angústia de outro. Lucros e especulação pura não eram favorecidos sob o sistema judaico. Não poderia haver monopolização de terras; a terra era repartida entre o povo e, embora pudesse ser perdida por dívida ou vendida sob estresse, era devolvida a cada 50 anos à sua propriedade familiar original, época em que, chamado de "O Ano do Jubileu", havia praticamente um novo começo social. A ascensão de grandes proprietários de terras e de uma classe abastada era impossível sob tal sistema, embora o período de 50 anos tenha dado amplo espaço para a iniciativa individual se afirmar em condições competitivas justas.

Se, portanto, os judeus tivessem mantido seu status como nação e tivessem permanecido na Palestina sob a Lei de Moisés, dificilmente teriam alcançado a distinção financeira que conquistaram desde então. Os judeus nunca enriqueceram uns com os outros. Mesmo nos tempos modernos, eles não enriqueceram uns com os outros, mas com as nações entre as quais viviam. A lei judaica permitia que o judeu fizesse negócios com um gentio em uma base diferente daquela em que ele fazia negócios com um irmão judeu. O que é chamado de "Lei do Estrangeiro" foi definido assim: "a um estranho você pode emprestar com usura; mas a seu irmão você não emprestará com usura."

Estando dispersos entre as nações, mas nunca se fundindo com as nações e nunca perdendo uma identidade muito distinta, o judeu teve a oportunidade de praticar ‘‘a ética do estrangeiro’’ por muitos séculos. Sendo estrangeiros entre estrangeiros, e frequentemente entre estrangeiros cruelmente hostis, eles encontraram nesta lei uma vantagem compensadora. Ainda assim, isto por si só não explicaria a preeminência do judeu em finanças. A explicação disto deve ser buscada no próprio judeu, seu vigor, desenvoltura e propensões especiais.

Bem cedo na história judaica descobrimos a tendência de Israel de ser uma nação mestra, com outras nações como seus vassalos. Não obstante o fato de que todo o propósito profético com referência a Israel parece ter sido o esclarecimento moral do mundo por meio de sua agência, a “‘vontade de maestria” de Israel aparentemente impediu esse propósito. Pelo menos esse parece ser o tom do Antigo Testamento. Divinamente ordenados a expulsar os cananeus para que suas ideias corruptas não contaminassem Israel, os judeus não obedeceram, de acordo com o antigo registro. Eles olharam para o povo cananeu e perceberam que grande quantidade de mão de obra seria desperdiçada se eles fossem expulsos, e então Israel os escravizou — “E aconteceu que, quando Israel era forte, eles sujeitaram os cananeus a tributos, e não os expulsaram totalmente.” Foi essa forma de desobediência, essa preferência de maestria material sobre liderança espiritual, que marcou o início da angústia disciplinar de longa data de Israel.

A dispersão dos judeus entre as nações temporariamente (isto é, por mais de 25 séculos agora) mudou o programa que suas escrituras declaram ter sido divinamente planejado, e essa dispersão continua até hoje. Há líderes espirituais no judaísmo moderno que ainda afirmam que a missão de Israel para as nações é espiritual, mas suas afirmações de que Israel está cumprindo essa missão hoje não são tão convincentes quanto poderiam ser se acompanhadas por mais evidências. Israel ao longo dos séculos modernos ainda está olhando para o mundo gentio

e estimando o que seu poder humano pode ser feito para render. Mas a disciplina sobre Israel ainda se mantém; ele é um exilado de sua própria terra, condenado a ser discriminado onde quer que vá, até o momento em que o exílio e a falta de moradia terminarão em uma Palestina restabelecida, e Jerusalém se tornará novamente o centro moral da terra, assim como os profetas mais velhos declararam.

Se o judeu tivesse se tornado um empregado, um trabalhador para outros homens, sua dispersão provavelmente não teria sido tão ampla. Mas, tornando-se um comerciante, seus instintos o atraíram ao redor da terra habitável. Havia judeus na China em uma data antiga. Eles apareceram como comerciantes na Inglaterra na época dos saxões. Comerciantes judeus: estavam na América do Sul 100 anos antes dos Pais Peregrinos desembarcarem em Plymouth Rock. Os judeus estabeleceram a indústria do açúcar na Ilha de St. Thomas em 1492. Eles estavam bem estabelecidos no Brasil quando apenas algumas aldeias pontilhavam a costa leste do que hoje são os Estados Unidos. E o quão longe eles penetraram quando chegaram aqui é indicado pelo fato de que a primeira criança branca nascida na Geórgia era um judeu — Isaac Minis. A presença do judeu ao redor da terra, sua ligação com seu próprio povo, fez dele uma nação espalhada entre as nações, uma corporação com agentes em todos os lugares.

Outro talento, no entanto, contribuiu muito para sua ascensão em poder financeiro — sua capacidade de inventar novos dispositivos para fazer negócios. Até o judeu ser colocado contra o mundo, os negócios eram feitos de forma muito grosseira. E quando rastreamos as origens de muitos dos métodos de negócios que simplificam e facilitam o comércio hoje, é mais provável que encontremos um nome judeu no final da pista. Muitos dos instrumentos indispensáveis de crédito e troca foram pensados por comerciantes judeus, não apenas para uso entre eles, mas para verificar e segurar os gentios com quem negociavam. A letra de câmbio mais antiga existente

foi emitida por um judeu — um certo Simon Rubens. A nota promissória foi uma invenção judaica, assim como o cheque “pagável ao portador”.

Um pedaço interessante da história está ligado ao instrumento “‘pagável ao portador”. Os inimigos dos judeus estavam sempre os despojando de sua última gota de riqueza, mas estranhamente, os judeus se recuperaram muito rapidamente e logo ficaram ricos novamente. Como essa recuperação repentina de saques e pobreza? Seus ativos eram escondidos sob “ao portador” e, portanto, uma boa parte sempre era salva. Em uma época em que era legal para qualquer pirata apreender bens consignados a judeus, os judeus eram capazes de se proteger consignando bens em apólices que não tinham nomes.

A influência do judeu era centralizar os negócios em torno de bens em vez de pessoas. Anteriormente, todas as reivindicações eram contra pessoas; o judeu sabia que os bens eram mais confiáveis do que as pessoas com quem ele lidava, e então ele planejou ter reivindicações contra bens. Além disso, esse dispositivo permitiu que ele se mantivesse fora de vista o máximo possível. Isso introduziu um elemento de dureza nos negócios, na medida em que eram bens que estavam sendo negociados em vez de homens sendo negociados, e essa dureza permanece. Outra tendência que sobrevive e que é vantajosa para velar o controle muito grande que os judeus alcançaram, é da mesma origem das notas “ao portador”; permite que um negócio dominado pelo capital judeu apareça sob um nome que não dá nenhuma pista de controle judaico.

O judeu é o único e original capitalista internacional, mas, via de regra, ele prefere não ostentar esse fato nos céus; ele prefere usar bancos gentios e empresas fiduciárias como seus agentes e instrumentos. O termo sugestivo “frente gentia” frequentemente aparece em conexão com essa prática.

A invenção da bolsa de valores também é creditada ao talento financeiro judeu. Em Berlim, Paris, Londres, Frankfurt e Hamburgo, os judeus estavam no controle das

primeiras bolsas de valores, enquanto Veneza e Gênova eram abertamente referidas na conversa do dia como “cidades judaicas”, onde grandes facilidades comerciais e bancárias poderiam ser encontradas. O Banco da Inglaterra foi estabelecido com o conselho e assistência de emigrantes judeus da Holanda. O Banco de Amsterdã e o Banco de Hamburgo surgiram por influência judaica.

Há um fato curioso a ser observado em conexão com a perseguição e consequentes peregrinações dos judeus pela Europa, que é: onde quer que eles vagassem, o centro dos negócios parecia ir com eles. Quando os judeus eram livres na Espanha, havia o centro do ouro do mundo. Quando a Espanha expulsou os judeus, a Espanha perdeu a liderança financeira e nunca a recuperou. Estudantes da história econômica da Europa sempre ficaram intrigados ao descobrir por que o centro do comércio deveria ter se deslocado da Espanha, Portugal e Itália para os países do norte da Holanda, Alemanha e Inglaterra. Eles buscaram a causa em muitas coisas, mas nenhuma provou ser completamente explicativa. Quando, no entanto, se sabe que a mudança foi coincidente com a expulsão dos judeus do Sul e sua fuga para o Norte, quando se sabe que com a chegada dos judeus os países do Norte começaram uma vida comercial que floresceu até os nossos dias, a explicação não parece difícil. Repetidamente provou ser o fato de que quando os judeus foram forçados a se mudar, o centro dos metais preciosos do mundo se mudou com eles.

Essa distribuição dos judeus pela Europa e pelo mundo, cada comunidade judaica ligada, em uma irmandade de sangue, fé e sofrimento com todos os outros grupos, tornou possível para o judeu ser internacional no sentido de que nenhuma outra raça ou grupo de comerciantes poderia ser naquela época. Eles não estavam apenas em todos os lugares (americanos e russos também estão em todos os lugares), mas estavam em contato. Eles foram organizados antes dos dias de organizações comerciais internacionais conscientes, eles estavam unidos pelos tendões de uma vida comum. Foi observado por muitos escritores na Idade Média que os judeus sabiam

mais do que estava acontecendo na Europa do que os governos. Eles também tinham melhor conhecimento do que provavelmente ocorreria. Eles sabiam mais sobre as condições do que os estadistas. Essas informações eles transmitiam por carta de grupo para grupo, de país para país. Na verdade, pode-se dizer que eles originaram inconscientemente o boletim financeiro. Certamente as informações que eles foram capazes de obter e, assim, distribuir foram inestimáveis para eles em seus empreendimentos especulativos. O conhecimento prévio era uma vantagem imensa em dias em que as notícias eram escassas, lentas e não confiáveis.

Isso permitiu que os financiadores judeus se tornassem agentes de empréstimos nacionais, uma forma de negócio que eles encorajavam sempre que possível. O judeu sempre desejou ter nações como seus clientes. Os empréstimos nacionais eram facilitados pela presença de membros da mesma família de financiadores em vários países, criando assim uma diretoria interligada pela qual o rei poderia ser jogado contra o rei, o governo contra o governo, e o uso mais astuto feito de preconceitos e medos nacionais, tudo para o lucro nada pequeno do agente fiscal.

Uma das acusações mais comumente feitas contra os financistas judeus hoje é que eles ainda favorecem esse campo maior das finanças. De fato, em todas as críticas que se ouvem sobre o judeu como um homem de negócios, há comparativamente pouco dito contra ele como um comerciante individual servindo clientes individuais. Milhares de pequenos comerciantes judeus são altamente respeitados por seu comércio, assim como dezenas de milhares de famílias judias são respeitadas como nossos vizinhos. A crítica, na medida em que respeita os financistas mais importantes, não é racial de forma alguma. Infelizmente, o elemento de raça, que tão facilmente se presta à má interpretação como preconceito racial, é injetado na questão pelo simples fato de que a cadeia de finanças internacionais, conforme é traçada ao redor do mundo, revela em cada elo um capitalista judeu, uma família financeira ou um sistema bancário controlado

por judeus. Muitos professaram ver nessa circunstância uma organização consciente do poder judaico para o controle gentio, enquanto outros atribuíram a circunstância às simpatias raciais judaicas, à continuidade de seus negócios familiares ao longo da linha de descendência e ao aumento de filiais colaterais. Na antiga frase bíblica, Israel cresce como a videira cresce, sempre brotando novos ramos e aprofundando velhas raízes, mas sempre fazendo parte da única videira.

A aptidão do judeu para lidar com governos também pode ser rastreada até os anos de sua perseguição. Ele aprendeu cedo o poder do ouro para lidar com inimigos mercenários. Onde quer que ele fosse, o seguia como uma maldição a antipatia despertada de outros povos. O judeu nunca foi popular como raça; mesmo o judeu mais fervoroso não negará isso, não importa como ele explique. Indivíduos foram populares, é claro; muitas fases da natureza judaica são consideradas muito amáveis quando conhecidas; mas, no entanto, um dos fardos que os judeus tiveram que suportar como raça é esse fardo da impopularidade racial. Mesmo nos tempos modernos, em países civilizados, em condições que tornam a perseguição absolutamente impossível, essa impopularidade existe. E o que é mais, o judeu não pareceu se importar em cultivar a amizade das massas gentias, devido talvez às falhas da experiência, mas devido mais provavelmente à sua persuasão inata de que ele pertence a uma raça superior. Qualquer que seja a verdadeira razão, ele sempre colocou sua principal dependência em cultivar a amizade com reis e nobres. O que importava ao judeu se o povo rangesse os dentes contra ele, contanto que o rei e a corte fossem seus amigos? Assim, sempre houve, mesmo na maioria dos tempos severamente difíceis, “um judeu da corte”, alguém que havia comprado por empréstimos e mantido pelo estrangulamento da dívida uma entrada para a câmara do rei. A política dos judeus sempre foi “ir para o quartel-general”.? Eles nunca tentaram apaziguar o povo russo, mas se esforçaram para alistar a corte russa. Eles nunca tentaram apaziguar o povo alemão, mas tiveram sucesso

em permear a corte alemã. Na Inglaterra, eles encolhem os ombros para as reações antijudaicas francas da população britânica — o que eles se importam? Eles não têm todo o senhorio em seus calcanhares, eles não seguram os cordões da bolsa da Grã-Bretanha?

Por meio dessa habilidade deles de “ir ao quartel-general”, é possível explicar a fortaleza que eles obtiveram sobre vários governos e nações. Somada a essa habilidade, estava, é claro, a habilidade de produzir o que os governos queriam. Se um governo quisesse um empréstimo, o judeu na corte poderia arranjá-lo por meio de judeus em outros centros financeiros e capitais políticas. Se um governo quisesse pagar uma dívida a outro governo sem arriscar o metal precioso para uma caravana de mulas por um país infestado de ladrões, o judeu na corte arranjava isso também. Ele transferia um pedaço de papel e a dívida era paga pela casa bancária na capital estrangeira. A primeira vez que um exército foi alimentado da maneira moderna de comissariado, foi feito por um judeu — ele tinha o capital e o sistema; além disso, ele tinha o prazer de ter uma nação como cliente.

E essa tendência, que serviu tão bem à raça ao longo dos séculos problemáticos, não mostra sinais de redução. Certamente, vendo até que ponto uma raça numericamente tão sem importância influencia os vários governos do mundo hoje, o judeu que reflete sobre a disparidade entre os números de seu povo e seu poder pode ser perdoado se ele vir nesse fato uma prova de sua superioridade racial.

Pode-se dizer também que a inventividade judaica em dispositivos comerciais continua até os dias atuais, assim como a adaptabilidade judaica às condições mutáveis. O judeu é creditado como o primeiro a estabelecer filiais em países estrangeiros para que representantes responsáveis do escritório central pudessem estar no local aproveitando instantaneamente cada oportunidade. Durante a guerra, muito se falou sobre a “‘penetração pacífica” que o “Governo Alemão” havia efetuado nos Estados Unidos ao estabelecer aqui filiais e fábricas de empresas alemãs. O

fato de haver muitas filiais alemãs aqui é inquestionável. Deve-se saber, no entanto, que elas não eram a evidência do empreendimento alemão, mas do empreendimento judeu. As antigas casas comerciais alemãs eram conservadoras demais para “correr atrás de clientes”, mesmo nos movimentados Estados Unidos, mas as empresas judaicas não eram, e elas vieram direto para a América e se apressaram. No devido tempo, a competição forçou as empresas alemãs mais conservadoras a seguir o exemplo. Mas a ideia era judaica em sua origem, não alemã.

Outro método empresarial moderno cuja origem é creditada a financiadores judeus é aquele pelo qual indústrias relacionadas são reunidas, como por exemplo, se uma empresa de energia elétrica for adquirida, então a empresa de bonde que usa a eletricidade também seria adquirida, um propósito sendo dessa forma conservar todo o lucro acumulado ao longo da linha, desde a origem da energia até a entrega do passeio de bonde; mas talvez o propósito principal seja que, pelo controle da casa de força, o preço da corrente poderia ser aumentado para a empresa de automóveis, e pelo controle da empresa de automóveis, o custo de um passeio poderia ser aumentado para o público, os controladores recebendo assim um lucro adicional em toda a linha. Há muito disso acontecendo no mundo hoje, e nos Estados Unidos particularmente. A parte do negócio imediatamente ao lado do consumidor final explica que seus custos aumentaram, mas não explica que os custos foram aumentados pelos proprietários e não por pessoas de fora que foram forçadas a fazê-lo pela pressão econômica.

Aparentemente, há no mundo hoje uma força financeira central que está jogando um jogo vasto e bem organizado, com o mundo como sua mesa e controle universal para suas apostas. As pessoas de países civilizados perderam toda a confiança na explicação de que as “condições econômicas” são responsáveis por todas as mudanças que ocorrem. Sob a camuflagem da “lei econômica”, muitos fenômenos foram contabilizados que

não eram devidos a nenhuma lei, exceto a lei da vontade humana egoísta, operada por alguns homens que têm o propósito e o poder de trabalhar em larga escala com nações como seus vassalos.

Seja o que for que seja nacional, ninguém hoje acredita que as finanças sejam nacionais. As finanças são internacionais. Ninguém hoje acredita que as finanças internacionais sejam de alguma forma competitivas. Existem algumas casas bancárias independentes, mas poucas independentes fortes. Os grandes mestres, os poucos cujas mentes veem claramente todo o jogo do plano, controlam inúmeras casas bancárias e empresas fiduciárias, e uma é usada para isso enquanto a outra é usada para aquilo, mas não há desarmonia entre elas, nenhuma correção dos métodos uma da outra, nenhuma competição nos interesses do mundo dos negócios. Há tanta unidade de política entre as principais casas bancárias de cada país quanto há entre as várias filiais dos Correios dos Estados Unidos — e pela mesma razão, a saber, todas são operadas da mesma fonte e para o mesmo propósito.

Pouco antes da guerra, a Alemanha comprou muito algodão americano e tinha enormes quantidades dele amarradas aqui para exportação. Quando a guerra começou, a propriedade daquela massa montanhosa de riqueza de algodão mudou em uma noite de nomes judeus em Hamburgo para nomes judeus em Londres. No momento em que escrevo, o algodão está sendo vendido na Inglaterra por menos do que está sendo vendido nos Estados Unidos, e o efeito disso é diminuir o preço americano.

Pouco antes da guerra, a Alemanha comprou muito algodão americano e tinha enormes quantidades dele amarradas aqui para exportação. Quando a guerra começou, a propriedade daquela massa montanhosa de riqueza de algodão mudou em uma noite de nomes judeus em Hamburgo para nomes judeus em Londres. No momento em que escrevo, o algodão está sendo vendido na

Inglaterra por menos do que está sendo vendido nos Estados Unidos, e o efeito disso é diminuir o preço americano. Quando o preço cai o suficiente, o mercado é limpo de algodão por compradores previamente preparados, e então o preço sobe para números altos novamente. Enquanto isso, os mesmos poderes que arquitetaram o fortalecimento e enfraquecimento aparentemente sem causa do mercado de algodão, tomaram a Alemanha atingida para ser a fábrica clandestina do mundo. Certos grupos controlam o algodão, emprestam-no à Alemanha para ser fabricado, deixam uma ninharia lá como pagamento pelo trabalho que foi usado e, então, lucram por todo o mundo com a mentira de que "o algodão é escasso". E quando, rastreando todos esses métodos antissociais e colossalmente injustos até sua origem, descobre-se que todos os responsáveis têm uma característica comum, é de se admirar que o aviso que chega do outro lado do mar – "Espere até que a América desperte para os judeus!" - Tenha um novo significado?

Certamente, razões econômicas não explicam mais a condição em que o mundo se encontra hoje. Nem a explicação comum da "insensibilidade do capital". O capital se esforçou como nunca antes para atender às demandas do trabalho, e o trabalho foi a extremos ao levar o capital a novas concessões — mas o que isso beneficiou a qualquer um deles? O trabalho até então pensava que o capital era o céu sobre ele, e fez o céu ceder, mas eis que havia ainda um céu mais alto que nem o capital nem o trabalho tinham visto: suas lutas entre si. Esse céu é até agora inflexível. O que chamamos de capital aqui na América é geralmente dinheiro usado na produção, e erroneamente nos referimos ao fabricante, ao gerente do trabalho, ao fornecedor de ferramentas e empregos — nos referimos a ele como o "capitalista". Ah, não. Ele não é o capitalista no sentido real. Ora, ele próprio deve ir aos capitalistas para obter o dinheiro com o qual financiar seus planos. Há um poder ainda acima dele — um poder que o trata muito mais insensivelmente e o mantém em uma mão mais implacável do que ele jamais ousaria exibir ao

trabalho. Essa, de fato, é uma das tragédias desses tempos, que “trabalho” e “capital” estão lutando entre si, quando as condições contra as quais cada um deles protesta, e das quais cada um deles sofre, não estão em seu poder remediar de forma alguma, a menos que encontrem uma maneira de arrancar o controle mundial daquele grupo de financiadores internacionais que criam e controlam ambas as condições.

Há um supercapitalismo que é apoiado inteiramente pela ficção de que ouro é riqueza. Há um supergoverno que não é aliado a nenhum governo, que é livre de todos eles, e ainda assim tem sua mão em todos eles. Há uma raça, uma parte da humanidade, que nunca foi recebida como uma parte bem-vinda, e que conseguiu se elevar a um poder que a raça gentia mais orgulhosa nunca reivindicou — nem mesmo Roma nos dias de seu poder mais orgulhoso. Está se tornando cada vez mais a convicção dos homens em todo o mundo de que a questão trabalhista, a questão salarial, a questão da terra, não podem ser resolvidas até que, antes de tudo, essa questão de um governo supercapitalista internacional seja resolvida.

“Ao vencedor pertencem os despojos” é um velho ditado. E em certo sentido é verdade que se todo esse poder de controle foi conquistado e mantido por alguns homens de uma raça há muito desprezada, então ou eles são super-homens a quem é impotente resistir, ou são homens comuns a quem o resto do mundo permitiu obter um grau de poder indevido e inseguro. A menos que os judeus sejam super-homens, os gentios terão a si mesmos a culpa pelo que aconteceu, e eles podem procurar retificação em um novo escrutínio da situação e um exame sincero das experiências de outros países.

Edição de 22 de maio de 1920.

II.

A Reação da Alemanha Contra os Judeus

A HUMANIDADE se tornou sábia o suficiente para discutir aquelas formas de doença física sobre as quais antes ela desenhava o véu da vergonha e do segredo, mas a higiene política não está tão avançada. A principal fonte da doença do corpo nacional alemão é acusada de ser a influência dos judeus, e embora isso fosse aparente para mentes perspicazes anos atrás, agora é dito que chegou ao ponto de ser aparente para o menos observador. A erupção irrompeu na superfície do corpo político, e nenhuma outra ocultação desse fato é possível. É a crença de todas as classes do povo alemão que o colapso que veio desde o armistício, e a revolução da qual eles estão sendo impedidos de se recuperar, são o resultado da intriga e do propósito judaicos. Eles declaram isso com segurança; eles oferecem uma massa de fatos para confirmá-lo; eles acreditam que a história fornecerá a prova mais completa.

O judeu na Alemanha é considerado apenas um convidado do povo; ele ofendeu ao tentar se transformar no anfitrião. Não há contrastes mais fortes no mundo do que as raças germânicas puras e as raças semíticas puras; portanto, não houve harmonia entre as duas na Alemanha; o alemão considerou o judeu estritamente como um convidado, enquanto o judeu, indignado por não ter recebido os privilégios da família-nação, alimentou animosidade contra seu anfitrião. Em outros países, o judeu tem permissão para se misturar mais prontamente com o povo, ele pode acumular seu controle sem contestação; mas na Alemanha o caso foi diferente. Portanto, o judeu odiava o povo alemão; portanto, os países do mundo que eram mais dominados pelos judeus mostraram o maior ódio à Alemanha durante a recente guerra lamentável. Mãos judaicas estavam no controle quase exclusivo dos motores de publicidade pelos quais a opinião pública sobre o povo alemão era moldada. Os únicos vencedores da guerra foram os judeus.

Mas a afirmação não é suficiente; a prova é desejada; portanto, considere a evidência. O que ocorreu imediatamente após a mudança do antigo regime para o novo? O gabinete composto por seis homens, que substituiu o Ministro de Estado, era dominado pelos judeus Haase e Landsberg. Haase tinha o controle das relações exteriores; seu assistente era o judeu Kautsky, um tcheco, que em 1918 nem era cidadão alemão. Também associados a Haase estavam os judeus Cohn e Herzfeld. O judeu Schiffer era o Ministro de Estado das Finanças, auxiliado pelo judeu Bernstein. O Secretário do Interior era o judeu Preuss, com o judeu Dr. Freund como seu assistente. O judeu Fritz Max Cohen, que era correspondente do Frankfurter Zeitung em Copenhague, foi nomeado agente de publicidade do governo.

O reino da Prússia duplicou essa condição de coisas. Os judeus Hirsch e Rosenfeld dominaram o gabinete, com Rosenfeld controlando o Departamento de Justiça, e Hirsch no Departamento do Interior. O judeu Simon estava encarregado do Departamento do Tesouro. O Departamento de Justiça da Prússia era totalmente administrado e operado por judeus. O Diretor de Educação era o judeu Furtran com a assistência do judeu Arndt. O Diretor do Escritório Colonial era o judeu Meyer-Gerhard. O judeu Kastenberg era diretor do Departamento de Arte. O Departamento de Abastecimento de Alimentos de Guerra era dirigido pelo judeu Wurm, enquanto no Departamento Estadual de Alimentos estavam os judeus Prof. Hirsch e o Geheimrat Dr. Stadthagen. O Comitê de Soldados e Operários era dirigido pelo judeu Cohen, com os judeus Stern, Herz, Lowenberg, Frankel, Israelowicz, Laubenheim, Seligsohn, Katzenstein, Laufenberg, Heimann, Schlesinger, Merz e Weyl tendo o controle de várias atividades daquele comitê.

O judeu Ernst é chefe de polícia em Berlim; no mesmo escritório em Frankfurt está o judeu Sinzheimer; em Munique, o judeu Steiner; em Essen, o judeu Levy. Será lembrado que o judeu Eisner foi presidente da Baviera, seu ministro financeiro sendo o judeu Jaffe. O comércio, o

comércio e a indústria da Baviera estavam sob o controle do meio-judeu Brentano. Os judeus Lipsinsky e Schwarz eram ativos no governo da Saxônia; os judeus Thalheimer e Heiman em Wurtemberg; o judeu Fulda em Hessen.

Dois delegados enviados à Conferência de Paz eram judeus e um terceiro era notoriamente a ferramenta dos propósitos judaicos. Além disso, os judeus invadiram a delegação alemã como especialistas e conselheiros — Max Warburg, Dr. Von Strauss, Merton, Oskar Oppenheimer, Dr. Jaffe, Deutsch, Brentano, Bernstein, Struck, Rathenau, Wassermann e Mendelsohn-Bartholdi.

Quanto à parte que os judeus de outros países tiveram na Conferência de Paz, observadores alemães declaram que qualquer estudante sincero pode descobrir lendo os relatos de registradores não judeus imparciais daquele evento. Apenas os historiadores não judeus parecem ter ficado impressionados com o fato; a multidão de escritores judeus aparentemente julgou sensato escondê-lo.

A influência judaica nos assuntos alemães veio fortemente à tona durante a guerra. Veio com toda a franqueza e ataque de uma cunha voadora, como se previamente preparada. Os judeus da Alemanha não eram patriotas alemães durante a guerra, e embora isso não pareça um crime aos olhos das nações que se opunham à Alemanha, pode lançar alguma luz sobre a afirmação do judeu de lealdade patriótica à terra onde vive. Alemães pensativos sustentam que é impossível para o judeu ser um patriota, por razões que serão dadas em breve.

O ponto a ser considerado é a alegação geral de que as pessoas já nomeadas não teriam obtido as posições em que foram encontradas se não fosse pela Revolução, e a Revolução não teria vindo se eles não a tivessem trazido. É verdade que havia condições insatisfatórias na Alemanha, mas elas poderiam e teriam sido ajustadas pelo próprio povo; as condições que destruíram o moral do povo e tornaram impossível a reforma estavam sob o controle dos judeus.

As principais influências judaicas que são acusadas de provocar a queda da ordem alemã podem ser nomeadas sob três títulos: (a) o espírito do bolchevismo que se disfarçou sob o nome de socialismo alemão; (b) propriedade e controle judaicos da imprensa; (c) controle judaico do suprimento de alimentos e da maquinaria industrial do país. Havia uma quarta, “mais acima”, mas estas atuaram diretamente sobre o povo alemão.

Como é possível que as conclusões alemãs sobre esse assunto sejam recebidas com dúvidas por povos cuja opinião pública foi moldada pela influência judaica, pode ajudar citar George Pitter-Wilson, do *London Globe*, que escreveu no início de abril de 1919: “O bolchevismo é a desapropriação das nações cristãs do mundo a tal ponto que nenhum capital permanecerá nas mãos dos cristãos, para que todos os judeus possam segurar o mundo em suas mãos e reinar onde escolherem”. Já no segundo ano da guerra, os judeus alemães pregavam que a derrota da Alemanha era necessária para a ascensão do proletariado, momento em que Strobel declarou: “Admito abertamente que uma vitória total do país não seria do interesse dos social-democratas”. Em todos os lugares, era pregado que “a exaltação do proletariado após uma vitória conquistada é uma impossibilidade”. Esses exemplos, dentre muitos, são citados não para reabrir a questão militar, mas para mostrar como o chamado judeu alemão esqueceu a lealdade ao país em que vivia e se juntou aos judeus de fora para realizar o colapso da Alemanha, e não apenas, como veremos, para livrar a Alemanha do militarismo, que todo alemão pensativo desejava, mas para lançar o país em tal confusão a ponto de permitir que eles assumissem o controle.

A imprensa da Alemanha ecoou esse plano dos porta-vozes judeus, a princípio fracamente, depois ousadamente. O *Berliner Tageblatt* e o *Munchner Neuester Nachrichten* foram durante toda a guerra órgãos oficiais e semioficiais do governo. Eles eram de propriedade e controlados por judeus, assim como o *Frankfurter Zeitung* e uma série de jornais menores que eram seus dependentes espirituais.

Esses jornais, é acusado, eram realmente edições alemãs da imprensa controlada por judeus dos países aliados, e seu propósito era o mesmo. Uma das grandes pesquisas que devem ser empreendidas com o propósito de mostrar ao mundo como seu pensamento é fabricado para ele todos os dias, e para quais propósitos ulteriores, é essa união da imprensa judaica, que passa por Imprensa Pública, em todo o mundo.

A comida e os suprimentos do povo passaram rapidamente para as mãos dos judeus assim que a emergência da guerra chegou, e então começou um período de desonestidade que destruiu a confiança dos mais bravos. Como todos os outros povos patriotas, o povo alemão sabia que a guerra significava sacrifício e sofrimento e, como outras pessoas, eles estavam dispostos a compartilhar o destino comum. Mas eles se viram vítimas de uma classe de judeus que havia preparado tudo para lucrar com a miséria comum. Imediatamente, os judeus apareceram em bancos, empresas de guerra, sociedades de distribuição e ministérios de suprimentos — onde quer que a vida das pessoas pudesse ser especulada ou tributada. Artigos que eram abundantes desapareceram, apenas para reaparecer novamente a preços altos. As companhias de guerra eram exclusivamente judaicas, e embora o governo tentasse regular a saída de alimentos no interesse de todas as pessoas, tornou-se notório que aqueles com dinheiro podiam obter tudo o que quisessem, independentemente dos cartões de alimentos. Os judeus simplesmente triplicaram o preço dos bens que deixaram ir sem os cartões, e assim mantiveram um fluxo do ouro da nação fluindo para seus tesouros privados. Nenhuma das estimativas do governo sobre os estoques de alimentos podia ser confiável, por causa dos tesouros ocultos dos quais esses especuladores sacavam. Isso começou a perturbar o moral do povo, e reclamações foram feitas e processos iniciados; mas assim que os casos surgiram, descobriu-se que o promotor nomeado para acusar e o comissário nomeado para julgar também eram judeus, e assim os casos geralmente se esgotavam sem resultados.

Quando, no entanto, um comerciante alemão foi pego, houve grande barulho sobre isso, e a penalidade imposta a ele foi igual à que todos os outros deveriam ter tido. Vá até o comprimento e a largura da Alemanha hoje, dizem os relatórios, estude o temperamento do povo, e você descobrirá que o abuso de poder pelos judeus queimou a memória da Alemanha como um ferro em brasa.

Enquanto essas influências estavam minando a massa do povo, influências mais elevadas de origem judaica estavam operando sobre o governo. Os conselheiros do governo Bethmann-Hollweg eram o grande magnata dos navios, Ballin, um judeu; Theodor Wolff, do *Berliner Tageblatt* e membro da imprensa pan-judaica; Von Gwinner, diretor do Banco Alemão que está ligado por casamento aos grandes banqueiros judeus, os Speyers; e Rathenau, o líder das atividades industriais-financeiras judaicas. Esses homens estavam na origem das coisas e estavam manipulando o governo, assim como outras influências estavam manipulando o povo. O rico judeu alemão poderia comprar o reconhecimento que desejava adquirindo poder financeiro sobre aqueles interesses que afetavam mais diretamente a classe dominante da Alemanha, mas como o judeu pobre ganharia o reconhecimento que desejava? — pois todos os judeus são movidos pelo mesmo desejo; está neles; eles sentem o estímulo à maestria. Tendo explorado a conquista dos círculos mais altos pelo poder monetário judaico, ainda falta explorar a conquista do corpo da nação pelos judeus que não tinham dinheiro, exceto o que podiam apreender na desordem que causavam. A análise que é dada, segue:

O judeu não é um anarquista. Ele não é um destruidor. Tudo isso é verdade, apesar de ele ser o bolchevique do mundo e, preeminentemente, o revolucionário da Alemanha. Sua anarquia não é arraigada, é um dispositivo que ele usa para um propósito. O judeu rico não é um anarquista, porque ele pode alcançar o que deseja por métodos mais sutis. O judeu pobre não tem outro recurso. Mas ricos e pobres caminham juntos por um longo período; o vínculo de simpatia entre eles nunca se

rompe; pois, se a anarquia for bem-sucedida, então o judeu pobre tomará seu lugar com o judeu rico; e se a anarquia não for bem-sucedida, ela serviu, no entanto, para abrir novos campos nos quais o judeu rico pode operar.

Na Alemanha, era possível para o pobre judeu se lançar através do muro do germanismo acima dele somente quebrando-o. Na Rússia, o mesmo era verdade. O sistema social havia se incrustado ao redor do judeu, mantendo-o em uma posição onde, como as nações sabiam por experiência, ele seria menos prejudicial. Assim como a natureza enquista o elemento estrangeiro prejudicial na carne, construindo um muro ao redor dele, as nações acharam conveniente lidar com o judeu. Nos tempos modernos, no entanto, o judeu encontrou um meio de derrubar os muros e jogar toda a casa nacional em confusão, e na escuridão e tumulto que se seguem, tomar o lugar que ele há muito cobiçava. Quando a Rússia quebrou, quem veio primeiro à luz? Kerensky, que é judeu. Mas seus planos não eram radicais o suficiente, e então veio Trotsky, outro judeu. Trotsky achou o sistema forte demais para ele quebrar na América — ele quebrou o ponto fraco na Rússia e estenderia essa fraqueza ao redor do mundo. Todo comissário na Rússia hoje é judeu. Publicitários estão acostumados a falar da Rússia como se ela estivesse em desordem. Pode ser que a Rússia seja, mas o governo judeu da Rússia não é. De uma massa de subordinados, os judeus da Rússia surgiram como uma falange perfeita, uma cunha voadora através da desordem superinduzida, como se o lugar de cada homem tivesse sido previamente preparado para ele.

Também foi assim na Alemanha. O teto alemão teve que ser quebrado, por assim dizer, antes que os pobres judeus pudessem realizar sua ambição. Quando a quebra foi feita, eles invadiram e se estabeleceram em lugares de controle acima da nação.

Isso pode explicar por que os judeus do mundo todo fornecem a energia de movimentos disruptivos. Entende-se que os jovens judeus dos Estados Unidos são

propagandistas de um ideal que praticamente aboliria os Estados Unidos. O ataque é direcionado, é claro, contra o "capitalismo", que significa o atual governo do mundo pelos gentios. Os verdadeiros capitalistas do mundo são os judeus, que são capitalistas pelo bem do capital. É difícil acreditar que eles desejam destruir o capital; eles desejam obter o controle exclusivo dele, e seu desejo há muito tempo está a caminho de se realizar.

Na Alemanha, portanto, como na Rússia, é feita distinção entre os métodos dos judeus ricos e dos judeus pobres, porque um método afeta o governo e o outro o moral do povo, mas ambos convergem para o mesmo objetivo. Não é apenas o desejo de escapar da opressão que atua nas classes mais baixas dos judeus, mas o desejo de ganhar o controle — pois o espírito de maestria pulsa forte dentro deles. As convicções alemãs sobre essa questão chegaram ao ponto em que podem ser expressas assim: A revolução é a expressão da vontade de poder dos judeus. Partidos como os socialistas, democratas e livres-pensadores são apenas ferramentas para o plano judaico de poder. A chamada “‘ditadura do proletariado” é real e praticamente a ditadura dos judeus.

Os olhos alemães se abriram tão repentinamente, e a reação foi tão tempestuosa e irada, que a ordem se espalhou pelo judaísmo alemão para que se retirasse para a segunda trincheira. Houve um abandono repentino e concertado do cargo onde quer que o cargo fizesse contato direto com o público; não houve, no entanto, nenhum abandono de poder. O que acontecerá na Alemanha não é conhecido agora. Algumas coisas lamentáveis já aconteceram. Mas os alemães, sem dúvida, se mostrarão iguais à situação ao elaborar métodos de controle ao mesmo tempo inquestionáveis e eficazes. Mas quanto à Rússia, dificilmente há mais dúvidas sobre o que acontecerá lá. Quando a Rússia se voltar, um tremor percorrerá a terra.

A maneira como a Alemanha e a Rússia gentias encaram toda a questão pode ser resumida da seguinte forma:

O judaísmo é o poder mais bem organizado na terra, até mais do que o Império Britânico. Ele forma um Estado cujos cidadãos são incondicionalmente leais onde quer que estejam e sejam ricos ou pobres.

O nome que é dado na Alemanha a este Estado que circula entre todos os estados é “All-Judaan”.

Os meios de poder do Estado de All-Judaan são capital e jornalismo, ou dinheiro e propaganda.

All-Judaan é o único Estado que exerce governo mundial; todos os outros Estados podem exercer apenas governo nacional.

A cultura principal de All-Judaan é jornalística; as performances técnicas, científicas e literárias do judeu moderno são, em todas as partes, performances jornalísticas. Elas se devem ao maravilhoso talento dos judeus para a receptividade das ideias dos outros. Capital e Jornalismo se unem na Imprensa para criar um meio político e espiritual de poder judaico.

O governo deste estado de All-Judaan é maravilhosamente organizado. Paris foi sua primeira sede, mas agora foi movida para o terceiro lugar. Antes da guerra, Londres era sua primeira, e Nova York, sua segunda capital. Resta saber se Nova York agora suplantará Londres — a deriva é em direção à América.

Como All-Judaan não está em posição de ter um exército e uma marinha permanentes, outros estados os fornecem para ela. Sua frota é a frota britânica que protege de obstáculos o progresso da economia mundial totalmente judaica, ou aquela parte dela que depende do mar. Em troca, All-Judaan assegura à Grã-Bretanha um governo mundial político e territorial ininterrupto. All-Judaan adicionou a Palestina ao controle britânico. Onde quer que houvesse uma força terrestre All-Judaan

(qualquer que fosse o uniforme nacional que ela vestisse), ela trabalhava com a marinha britânica.

All-Judaan está disposto a confiar o governo de várias faixas do mundo aos governos nacionalistas; ele só pede para controlar os governos. O judaísmo é apaixonadamente a favor de perpetuar divisões nacionalistas para o mundo gentio. Para si mesmos, os judeus nunca se assimilaram a nenhuma nação. Eles são um povo separado, sempre foram e sempre serão.

A única briga de All-Judaan com qualquer nação ocorre quando essa nação torna impossível para All-Judaan controlar os lucros industriais e financeiros dessa nação. Pode fazer guerra, pode fazer a paz; pode comandar a anarquia em casos difíceis, pode restaurar a ordem. Ele segura os tendões do poder mundial em suas mãos e os distribui entre as nações de maneiras que melhor apoiem o plano de All-Judaan.

Controlando as fontes de notícias do mundo, All-Judaan sempre pode preparar as mentes das pessoas para seu próximo movimento. A maior exposição ainda a ser feita é a maneira como as notícias são fabricadas e a maneira como a mente de nações inteiras é moldada para um propósito. Quando o judeu poderoso é finalmente rastreado e sua mão revelada, então vem o grito pronto de perseguição e ele ecoa pela imprensa mundial. As causas reais da perseguição (que é a opressão do povo pelas práticas financeiras dos judeus) nunca são divulgadas.

All-Judaan tem seus vice-governos em Londres e Nova York. Tendo se vingado da Alemanha, agora irá conquistar outras nações. A Grã-Bretanha já tem. A Rússia está lutando, mas as chances são contra ela. Os Estados Unidos, com sua tolerância bem-humorada a todas as raças, oferecem um campo promissor. O cenário das operações muda, mas o judeu é o mesmo ao longo dos séculos.

Edição de 29 de maio de 1920.

"À primeira vista, pareceria que o sistema econômico da América do Norte foi o mesmo que se desenvolveu independentemente dos judeus... No entanto, mantenho minha afirmação de que os Estados Unidos (talvez mais do que qualquer outra terra) estão cheios até a borda com o espírito judaico. Isso é reconhecido em muitos setores, acima de tudo naqueles mais capazes de formar um julgamento sobre o assunto...

"Diante desse fato, não há alguma justificativa para a opinião de que os Estados Unidos devem sua própria existência aos judeus? E se for assim, quanto mais pode ser afirmado que a influência judaica fez dos Estados Unidos exatamente o que eles são — isto é, americanos? Pois o que chamamos de americanismo nada mais é, se assim podemos dizer, do que o espírito judaico destilado."

—Werner Sombart, "The Jews and Modern Capital," pp. 38, 43.

III.

História Judaica nos Estados Unidos

A história dos judeus na América começa com Cristóvão Colombo. Em 2 de agosto de 1492, mais de 300.000 judeus foram expulsos da Espanha, com o qual o prestígio da Espanha começou seu longo declínio, e em 3 de agosto, no dia seguinte, Colombo partiu para o Ocidente, levando um grupo de judeus com ele. Eles não eram, no entanto, refugiados, pois os planos do navegador profético haviam despertado a simpatia de judeus influentes por um longo período anteriormente. O próprio Colombo nos conta que ele se associou muito com judeus. A primeira carta que ele escreveu detalhando suas descobertas foi para um judeu. De fato, a viagem agitada em si que acrescentou ao conhecimento e à riqueza dos homens “a outra metade da terra” foi possibilitada pelos judeus.

A agradável história de que foram as joias da rainha Isabel que financiaram a viagem desapareceu sob uma pesquisa fria. Havia três Maranos ou “judeus secretos”? que exerciam grande influência na corte espanhola: Luis de Santagel, que era um importante comerciante de Valência e que era "fazendeiro" dos impostos reais; seu parente, Gabriel Sanchez, que era o tesoureiro real; e seu amigo, o camareiro real, Juan Cabrero. Estes trabalharam incessantemente na imaginação da rainha Isabel, retratando-lhe o esgotamento do tesouro real e a probabilidade de Colombo descobrir o ouro fabuloso das Índias, até que a rainha estivesse pronta para oferecer suas joias em penhor pelos fundos. Mas Santagel ansiava por permissão para adiantar o dinheiro ele mesmo, o que ele fez, 17.000 ducados no total, cerca de US$ 20.000, talvez o equivalente a US$ 160.000 hoje. É provável que o empréstimo tenha excedido o custo da expedição.

Associados a Colombo na viagem estavam pelo menos cinco judeus: Luis de Torres, intérprete; Marco, o cirurgião; Bernal, o médico; Alonzo de la Calle e Gabriel

Sanchez. Os instrumentos astronômicos e mapas que os navegadores usaram eram de origem judaica. Luis de Torres foi o primeiro homem a desembarcar, o primeiro a descobrir o uso do tabaco; ele se estabeleceu em Cuba e pode ser considerado o pai do controle judaico do negócio do tabaco como ele existe hoje.

Os antigos patronos de Colombo, Luis de Santagel e Gabriel Sanchez, receberam muitos privilégios pelo papel que desempenharam na obra, mas o próprio Colombo se tornou vítima de uma conspiração fomentada por Bernal, o médico do navio, e sofreu injustiça e prisão como recompensa.

Daquele começo, os judeus olhavam cada vez mais para a América como um campo frutífero, e a imigração se estabeleceu fortemente em direção à América do Sul, principalmente o Brasil. Mas por causa da participação militar em um desentendimento entre os brasileiros e os holandeses, os judeus do Brasil acharam necessário emigrar, o que fizeram na direção da colônia holandesa do que é hoje Nova York. Peter Stuyvesant, o governador holandês, não aprovou inteiramente a instalação deles entre seu povo e ordenou que partissem, mas os judeus evidentemente tomaram a precaução de garantir que fossem recebidos, mesmo que não fossem bem-vindos, porque ao revogar a ordem de Stuyvesant, os diretores deram como uma das razões para os judeus serem recebidos, “a grande quantidade de capital que eles investiram nas ações da Companhia”. No entanto, eles foram proibidos de entrar no serviço público e de abrir lojas de varejo, o que teve o efeito de empurrá-los para o comércio exterior, no qual logo estavam exercendo quase um monopólio por causa de suas conexões europeias.

Esta é apenas uma das mil ilustrações que podem ser dadas da engenhosidade do judeu. Proíba-o em uma direção, ele se sobressairá em outra. Quando ele foi proibido de negociar com roupas novas, ele vendeu roupas velhas — esse foi o começo do tráfico organizado de roupas de segunda mão. Quando lhe foi proibido negociar com

mercadorias, ele negociou com resíduos — o judeu é o criador do negócio de resíduos do mundo; ele foi o criador do sistema de salvamento; ele encontrou riqueza nos escombros da civilização. Ele ensinou as pessoas a usar trapos velhos, como limpar penas velhas, como usar nozes de fel e peles de coelho. Ele sempre teve gosto pelo comércio de peles, que ele agora controla, e a ele se deve a multidão de peles comuns que agora passam por vários nomes comerciais atraentes como peles de alta origem. A ideia de renovação ganhou valor comercial através do judeu. Nos "homens de trapos" que sopram cornetas de lata por nossas cidades e salvam o ferro velho, garrafas velhas, papel velho e tecidos velhos, temos os descendentes comerciais daqueles judeus anteriores que transformaram a adversidade em sucesso ao converter o lixo da terra em material de valor.

Sem querer, o velho Peter Stuyvesant obrigou o judeu a fazer de Nova York o principal porto da América e, embora a maioria dos judeus de Nova York tivesse fugido para Filadélfia na época da Revolução Americana, a maioria deles retornou a Nova York na primeira oportunidade, o instinto parecendo deixá-los cientes de que Nova York seria seu principal paraíso de ganho. E assim foi provado. Nova York é o maior centro populacional judaico do mundo. É a porta de entrada onde a maior parte das importações e exportações americanas são tributadas, e onde praticamente todos os negócios feitos na América pagam tributos aos donos do dinheiro. A própria terra da cidade é praticamente propriedade dos judeus. Uma lista de proprietários de imóveis na metrópole revela apenas em raros intervalos um nome gentio. Não é de se espantar que escritores judeus, ao verem essa prosperidade sem precedentes, esse crescimento desenfreado em riqueza e poder, exclamam entusiasticamente que os Estados Unidos são a Terra Prometida predita pelos profetas, e Nova York, a Nova Jerusalém. Alguns foram ainda mais longe e descreveram os picos das Montanhas Rochosas como "as montanhas de Sião", e com razão, também, se a mineração e a riqueza costeira dos judeus forem consideradas.

A nova proposta de hidrovias, que fará de praticamente todas as grandes cidades dos Grandes Lagos um porto oceânico e tirará de Nova York o prestígio que ela manteve por ser a porta de entrada para a qual as principais ferrovias se estreitaram, está sendo fortemente protestada neste momento. E o motivo mais forte para se opor a essa melhoria mais óbvia é que tanta riqueza contada em Nova York não é riqueza de forma alguma, mas valores fictícios dependendo somente de Nova York permanecer Nova York. Quando algo vier que fará de Nova York meramente uma cidade na costa, e não a cidade onde os grandes cobradores de impostos se sentam para cobrar seus tributos, muita riqueza judaica diminuirá. Era fabulosa antes da guerra. O que é agora os estatísticos dificilmente se comprometerão a dizer.

Em cinquenta anos, o aumento da população judaica dos Estados Unidos foi de 50.000 para mais de 3.300.000. Nas Ilhas Britânicas, há apenas 300.000, na Palestina, apenas 100.000. É uma sorte para o próprio judeu que na Grã-Bretanha seus números não sejam maiores, pois o grande e evidente controle que ele exerce em grandes questões às vezes tornaria inconveniente para o judeu mais pobre, se ele estivesse no exterior na Inglaterra em grandes números. Um britânico excepcionalmente bem informado diz que o antissemitismo está sempre pronto para explodir na Inglaterra por causa suficiente, mas não pode explodir contra os judeus ricos inacessíveis que controlam a política e as finanças internacionais. É provavelmente verdade que a causa real mais comum do antissemitismo é a ação do judeu internacional que é frequentemente desconhecido e sempre seguro, mas a vítima inocente disso é o judeu pobre. O antissemitismo, no entanto, será considerado no próximo artigo.

Os números que representam a população judaica na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos indicam que o poder colossal exercido pelos financiadores judeus internacionais não é consequente nem dependente de seu número. O fato impressionante sobre o judeu é seu poder mundial incontestável, juntamente com a inferioridade numérica

comparativa. Existem apenas cerca de 14.000.000 de judeus no mundo; eles são quase tão numerosos quanto os coreanos. Esta comparação de seus números com os coreanos ilustrará ainda mais vividamente o fenômeno de seu poder.

Na época de George Washington, havia cerca de 4.000 judeus no país, a maioria deles comerciantes abastados. Na maior parte, eles favoreciam o lado americano. Haym Salomon ajudou as colônias com o empréstimo de toda a sua fortuna em um momento crítico. Mas eles nunca se assimilaram, não assumiram os empregos habituais nem a agricultura, nunca pareceram se importar com a preocupação de fabricar coisas, mas apenas com a venda delas depois de feitas.

Foi somente nos últimos anos que o judeu demonstrou alguma capacidade de manufatura, e a maior parte do que ele agora faz cresceu como um complemento aos seus planos de comercialização. Ao manufaturar, ele economiza lucro. O resultado não foi uma diminuição no custo para o público, mas um aumento. É característico dos métodos de negócios judaicos que as economias sejam para o bem do negócio, não para o bem do público. As mercadorias em que houve os aumentos mais indesculpáveis e exorbitantes de preços ao público, e as linhas de negócios que foram mais rapidamente amedrontadas com preços mais baixos sem nenhuma mudança explicativa na situação geral, foram aquelas linhas sobre as quais os judeus exercem o controle mais amplo.

Negócios para a mente judaica são dinheiro; o que o judeu bem-sucedido pode fazer com seu dinheiro depois de obtê-lo é outra questão, mas ao obtê-lo ele nunca permite que “lama idealista” interfira com o dólar. Seu dólar de lucro nunca é “cortado” por nenhuma das reformas voluntárias pelas quais alguns homens estão tentando melhorar a condição dos trabalhadores.

Isso não se deve de forma alguma à dureza do coração judaico, mas à dureza da visão judaica dos negócios. Os negócios são para eles uma questão de bens e dinheiro,

não de pessoas. Se você está em aflição e sofrimento, o coração judaico teria simpatia por você; mas se sua casa estivesse envolvida no assunto, você e sua casa seriam duas entidades separadas; o judeu naturalmente acharia difícil, em sua teoria dos negócios, humanizar a casa; ele lidaria com isso de uma maneira que outras pessoas chamariam de “difícil”, mas ele não sentiria a acusação como justa; ele diria que era apenas ‘‘negócios’’.

É provavelmente dessa forma que as “fábricas clandestinas” judaicas de Nova York podem ser explicadas. Quando as pessoas suscetíveis da nação se compadeceram dos pobres judeus das fábricas clandestinas de Nova York, elas, em sua maioria, não sabiam que os inventores e operadores do método da “fábrica clandestina” eram eles próprios judeus. De fato, embora seja a ostentação do nosso país que nenhuma raça, cor ou credo seja perseguido aqui, mas a liberdade seja assegurada a todos, ainda assim é um fato que todo investigador especial notou que o único tratamento cruel já concedido ao judeu nos Estados Unidos veio de seu próprio povo, seus supervisores e mestres. E ainda assim não há evidências de que o “suéter” ou o “suado” alguma vez pensaram nisso como desumanidade ou como “sem coração”. Era “negócio”. O “suado” vivia na esperança de ter uma sala cheia de pessoas costurando para ele ou ela algum dia. Seu interesse vital e infinito em “negócios” e sua ambição incansável de subir mais na escada e se tornarem mestres em sua própria oficina clandestina, os capacitava a trabalhar sem o menor senso de opressão ou injustiça que, afinal, é a coisa mais dolorosa sobre a pobreza. Os judeus nunca consideram o trabalho uma calamidade, mas também não consideram as posições subordinadas como permanentemente suas. Assim, eles gastam suas energias em se levantar e sair, em vez de lamentar as inconveniências do lugar onde estão e tentar melhorá-lo.

Tudo isso é individualmente excelente, mas socialmente prejudicial. O resultado é que, até recentemente, as faixas mais baixas de emprego eram totalmente desprovidas de supervisão, e os círculos mais

altos nunca sentiram a necessidade de elaborar reformas e benefícios industriais. O registro dos grandes judeus em caridade é muito nobre; seu registro em reformas industriais é nulo. Com louvável simpatia para com seu próprio povo, eles destinarão uma parte de seus lucros para retificar algumas das necessidades humanas resultantes do método pelo qual obtiveram seus lucros, mas quanto a reformar o método pelo qual obtêm seus lucros para que a necessidade resultante possa ser diminuída ou evitada, aparentemente isso nunca lhes ocorreu. Pelo menos, embora haja muitos nomes caridosos entre os judeus mais ricos, não há nomes que representem uma humanização real e prática da indústria, seus métodos e seus retornos.

Isto, é claro, é lamentável; mas é inteligível; mais do que isso, é explicativo de muitas coisas pelas quais o judeu é culpado por aqueles que não entendem sua natureza. O judeu irá até certo ponto em compartilhar os resultados de sua prosperidade; ele não foi longe, exceto por compulsão externa, em compartilhar os processos ou compartilhar a riqueza em formação. E embora o efeito social seja o mesmo como se isso fosse feito por cruel insensibilidade e desumanidade, ainda assim deve ser dito que, na maioria das vezes, não é feito por tais sentimentos, mas pela concepção arraigada do judeu sobre o jogo dos negócios. Algumas propostas de reforma industrial parecem tão loucas para ele quanto uma proposta de creditar a rebatida de um rebatedor de beisebol à pontuação de seu oponente, apenas por uma questão de humanidade.

O judeu americano não se assimila. Isso é afirmado, não para culpá-lo, mas meramente como um fato. O judeu poderia se fundir com o povo da América se desejasse, mas não o faz. Se há algum preconceito contra ele na América, além do senso de investigação que seu sucesso colossal engendra, é por causa de seu distanciamento. O judeu não é questionável em sua pessoa, credo ou raça. Seus ideais espirituais são compartilhados pelo mundo. Mas ainda assim ele não se assimila; ele cultiva por sua exclusividade o sentimento de que não “pertence”. Este é seu privilégio

e, de um ponto de vista, pode indicar excelente julgamento, mas ele não deve fazer disso um dos motivos de sua reclamação contra os gentios em geral, como ele tem tendência a fazer. É melhor que ele deixe claro aos gentios de uma vez por todas onde os verdadeiros judeus se posicionam no assunto, como quando um jovem judeu disse: “Há toda a diferença do mundo entre um judeu americano e um judeu americano. Um judeu americano é um mero gentio amador, condenado a ser um parasita para sempre.”

O gueto não é um produto americano, mas a importação dos próprios judeus. Eles se separaram em uma comunidade distinta. Falando sobre esse assunto, a Enciclopédia Judaica diz: “A organização social dos judeus residentes na América diferiu pouco daquela em outros países * * * no geral, e sem nenhuma compulsão, os judeus preferiram viver próximos uns dos outros, uma peculiaridade que ainda prevalece.”

Fazer uma lista das linhas de negócios controladas pelos judeus dos Estados Unidos seria tocar na maioria das indústrias vitais do país — aquelas que são realmente vitais, e aquelas que o hábito cultivado fez parecer vitais. O negócio teatral, é claro, como todos sabem, é exclusivamente judaico. Produção de peças, reservas, operação teatral estão todas nas mãos de judeus. Isso talvez explique o fato de que em quase todas as produções hoje pode ser detectada propaganda, às vezes propaganda comercial gritante, que não se origina de dramaturgos, mas de produtores.

A indústria cinematográfica.

A indústria do açúcar.

A indústria do tabaco.

Cinquenta por cento ou mais da indústria de embalagem de carne.

Mais de 60 por cento da indústria de calçados.

Roupas prontas masculinas e femininas.

A maior parte do fornecimento musical feito no país.

Joias.

Grãos.

Mais recentemente, algodão.

A indústria de fundição do Colorado.

Autoria de revistas.

Distribuição de notícias.

O negócio de bebidas alcoólicas.

O negócio de empréstimos.

Estas, apenas para citar as indústrias com alcance nacional e internacional, estão no controle dos judeus dos Estados Unidos, sozinhos ou em associação com judeus no exterior.

O povo americano ficaria muito surpreso se pudesse ver uma fila de alguns dos "homens de negócios americanos" que sustentam nosso prestígio comercial no exterior. O povo americano ficaria muito surpreso se pudesse ver uma fila de alguns dos "homens de negócios americanos" que sustentam nosso prestígio comercial no exterior. Eles são, em sua maioria, judeus. Eles têm um senso aguçado do valor do nome americano, e quando em um porto estrangeiro você caminha até o escritório que ostenta a placa "American Importing Company" ou "American Commercial Company" ou outros nomes igualmente evasivos, esperando encontrar um compatriota, um americano, você geralmente encontra um judeu cuja estada na América parece ter sido muito breve. Isso pode lançar uma luz lateral sobre a consideração em que os "métodos de negócios americanos" são mantidos em algumas partes do mundo. Quando 30 ou 40 raças diferentes de pessoas podem conduzir negócios sob o nome "americano" e fazê-lo legalmente também, não é surpreendente que os americanos não reconheçam algumas das descrições de métodos americanos que aparecem na imprensa estrangeira. Os alemães há muito

tempo reclamaram que o resto do mundo os estava julgando pelo viajante comercial judeu de língua alemã.

Casos de prosperidade judaica nos Estados Unidos são comuns, mas *prosperidade*, a justa recompensa da previsão e da aplicação, não deve ser confundida com *controle*. A prosperidade dos judeus pode ser obtida por qualquer um que esteja disposto a pagar o preço que os judeus pagam por ela — um preço muito, muito alto, como regra, considerando todas as coisas — mas seria impossível para qualquer coalizão gentia sob circunstâncias semelhantes obter o controle que os judeus ganharam, pela razão de que falta no gentio uma certa qualidade de trabalho em conjunto, uma certa conspiração de objetivo e a aderência da intensa racialidade, que caracteriza o judeu. Não é nada para um gentio que outro homem seja um gentio; é quase tudo para um judeu que o homem à sua porta seja outro judeu. Então, se instâncias de *prosperidade* judaica fossem necessárias, o caso do Templo Emmanu-el, Nova York, poderia ser citado, que em 1846 mal conseguiu levantar $1.520 para seu orçamento, mas em 1868, após a Guerra Civil, levantou $708.755 do aluguel de 231 bancos. E a ascensão do monopólio de vestuário judaico como um dos resultados da mesma Guerra Civil pode ser citada como uma instância de prosperidade mais *controle* nacional e internacional.

De fato, pode-se dizer que o judeu teve sucesso em tudo o que tentou nos Estados Unidos, exceto na agricultura. A explicação geralmente feita em publicações judaicas é que a agricultura comum é simples demais para envolver o intelecto do judeu e, portanto, ele não está interessado o suficiente nela para ter sucesso, mas que na pecuária leiteira e pecuária, onde o “‘cérebro’’ é mais necessário, ele obteve sucesso. Numerosas tentativas foram feitas em várias partes dos Estados Unidos para iniciar colônias agrícolas judaicas, mas sua história é uma série de fracassos. Alguns culparam os fracassos pela falta de conhecimento do judeu sobre agricultura científica, outros por sua aversão ao trabalho manual, outros pela falta do elemento especulativo na agricultura. Em qualquer

caso, ele está mais alto nos empregos não produtivos do que neste basicamente produtivo. Alguns estudiosos da questão afirmam que o judeu nunca foi um homem da terra, mas sempre um comerciante, para cuja afirmação uma das provas oferecidas é a escolha dos judeus da Palestina como seu país, aquela faixa de terra que formava uma porta de entrada entre o Oriente e o Ocidente e sobre a qual passava o tráfego terrestre do mundo.

Edição de 5 de junho de 1920.

“A Questão Judaica ainda existe. Seria inútil negá-la... A Questão Judaica existe onde quer que os judeus vivam em números perceptíveis. Onde ela não existe, ela é carregada pelos judeus no curso de suas migrações. Nós naturalmente nos mudamos para aqueles lugares onde não somos perseguidos, e lá nossa presença produz perseguição... Os infelizes judeus estão agora levando o antissemitismo para a Inglaterra; eles já o introduziram na América.”

—Theodor Herzl, “A Jewish State”, p. 4.

IV.

A Questão Judaica — Fato ou Fantasia?

A principal dificuldade em escrever sobre a Questão Judaica é a hipersensibilidade de judeus e não judeus em relação a todo o assunto. Há um vago sentimento de que até mesmo usar abertamente a palavra “judeu”, ou expô-la abertamente à impressão, é de alguma forma impróprio. Evasões educadas como “hebreu” e “semita”, ambas sujeitas à crítica de imprecisão, são timidamente ensaiadas, e as pessoas escolhem seu caminho cautelosamente como se todo o assunto fosse proibido, até que algum corajoso pensador judeu venha direto com a boa e velha palavra “judeu”, e então a restrição é aliviada e o ar limpo. A palavra “judeu” não é um epíteto; é um nome, antigo e honroso, com significado para cada período da história humana, passado, presente e futuro.

Há extrema sensibilidade sobre a discussão pública da Questão Judaica por parte dos gentios. Eles prefeririam mantê-la nas nebulosas fronteiras de seu pensamento, envolta em silêncio. Sua herança de tolerância tem algo a ver com sua atitude, mas talvez seu senso instintivo da dificuldade envolvida tenha mais a ver com isso. Os principais pronunciamentos públicos dos gentios sobre a Questão Judaica são na maneira do político bajulador ou do agradável orador após o jantar; os grandes nomes judeus em filosofia, medicina, literatura, música e finanças são mencionados, a energia, habilidade e economia da raça são abordadas, e todos vão para casa sentindo que um lugar difícil foi negociado de forma bastante organizada. Mas nada é mudado com isso. O judeu não é mudado. O gentio não é mudado. O judeu ainda permanece o enigma do mundo.

A sensibilidade gentil sobre esse ponto é melhor expressa pelo desejo de silêncio — ‘‘Por que discutir isso afinal?’’ é a atitude. Tal atitude é em si uma prova de que há um problema do qual fugiríamos se pudéssemos. “Por que discutir isso?’” — o pensador perspicaz vê claramente

nas implicações de tal questão, a existência de um problema cuja discussão ou supressão nem sempre estará dentro da escolha de mentes tranquilas.

Existe uma Questão Judaica na Rússia? Sem dúvida, em sua forma mais virulenta. É necessário enfrentar essa Questão na Rússia? Sem dúvida, enfrentá-la de todos os ângulos pelos quais a luz e a cura possam vir.

Bem, a porcentagem da população judaica da Rússia é apenas um por cento maior do que nos Estados Unidos. A maioria dos próprios judeus não é menos bem-comportada na Rússia do que aqui; eles viviam sob restrições que não existem aqui; ainda assim, na Rússia, seu gênio os capacitou a atingir um grau de poder que confundiu completamente a mente russa. Quer você vá à Romênia, Rússia, Áustria ou Alemanha, ou a qualquer outro lugar onde a Questão Judaica tenha chegado à vanguarda como uma questão vital, você descobrirá que a causa principal é o resultado do gênio judeu para atingir o poder de controle.

Aqui nos Estados Unidos é o fato dessa notável minoria — um escasso ingrediente judeu de três por cento em uma nação de 110.000.000 — atingir em 50 anos um grau de controle que seria impossível para um grupo dez vezes maior de qualquer outra raça, que cria a Questão Judaica aqui. Três por cento de qualquer outro povo dificilmente ocasionariam comentários, porque não poderíamos nos encontrar com um representante deles onde quer que fôssemos em altos cargos — no mais íntimo segredo dos conselhos dos Quatro Grandes em Versalhes; na suprema corte; nos conselhos da Casa Branca; nas vastas disposições das finanças mundiais — onde quer que haja poder para obter ou usar. No entanto, encontramos o judeu em todos os lugares nos círculos superiores, literalmente em todos os lugares onde há poder. Ele tem o cérebro, a iniciativa, a visão penetrante que quase automaticamente o projeta para o topo e, como consequência, ele é mais marcado do que qualquer outra raça.

E é aí que a Questão Judaica começa. Começa em termos muito simples — Como o judeu gravita tão habitualmente e tão irresistivelmente para os lugares mais altos? O que o coloca lá? Por que ele é colocado lá? O que ele faz lá? O que o fato de ele estar lá significa para o mundo?

Essa é a Questão Judaica em sua origem. Destes pontos, ela segue para outros, e se a tendência se torna pró-judaica ou antissemita depende da quantidade de preconceito trazido à investigação, e se ela se torna pró-Humanidade depende da quantidade de percepção e inteligência.

O uso da palavra Humanidade em conexão com a palavra Judeu geralmente lança um significado secundário que pode não ser pretendido. Nesta conexão, é geralmente entendido que a humanidade deve ser mostrada para com o judeu. Há uma obrigação tão grande sobre o judeu de mostrar sua humanidade para com toda a raça. O judeu está acostumado há muito tempo a pensar em si mesmo como o reclamante exclusivo do humanitarismo da sociedade; a sociedade tem uma grande reivindicação contra ele de que ele cesse sua exclusividade, que ele cesse de explorar o mundo, que ele cesse de fazer dos grupos judeus o fim e todos os seus ganhos, e que ele comece a cumprir, em um sentido que sua exclusividade nunca o capacitou a cumprir, a antiga profecia de que através dele todas as nações da terra seriam abençoadas.

O judeu não pode continuar a desempenhar para sempre o papel de suplicante do humanitarismo mundial; ele próprio deve mostrar essa qualidade a uma sociedade que suspeita seriamente que os seus grupos mais elevados e poderosos a estão a explorar com uma rapacidade implacável que, na sua aflição generalizada e prolongada, pode ser descrita como um pogrom económico contra uma humanidade bastante desamparada. Pois é verdade que a sociedade é tão desamparada perante as extorsões bem organizadas de certos grupos financeiros, como grupos amontoados de judeus russos eram desamparados contra a

multidão antissemita. E como na Rússia, assim também na América, é o judeu pobre que sofre pelas delinquências do rico explorador da sua raça.

Esta série de artigos já está sendo recebida por uma barragem organizada por correio, telegrama e voz, cada item dos quais carrega o lamento da perseguição. Alguém poderia pensar que um ataque cruel e horrível estava sendo feito a um povo muito lamentável e indefeso — até que se olhe para os papéis timbrados dos magnatas que escrevem, e para as classificações financeiras daqueles que protestam, e para a filiação das organizações cujos chefes responsáveis exigem histericamente a retratação. E sempre no fundo há a ameaça de boicote, uma ameaça que praticamente selou as colunas de todas as publicações na América contra até mesmo a discussão mais branda da Questão Judaica.

A Questão Judaica na América não pode ser escondida para sempre por ameaças contra publicações, nem pela publicação propagandista de matéria extremamente e invariavelmente favorável a tudo o que é judaico. Ela está aqui e não pode ser distorcida em outra coisa pelo uso hábil de propaganda, nem pode ser silenciada para sempre por ameaças. Os judeus dos Estados Unidos podem servir melhor a si mesmos e a seus companheiros judeus em todo o mundo, deixando cair seu grito muito pronto de “antissemitismo”, adotando um tom mais franco do que aquele que convém a uma vítima indefesa, e vendo o que é a Questão Judaica e como cabe a cada judeu que ama seu povo ajudar a resolvê-la.

Foi usado nesta série o termo ‘‘Judeu Internacional’. Ele é suscetível a duas interpretações: uma, o judeu onde quer que ele esteja; a outra, o judeu que exerce controle internacional. A real disputa do mundo é com o último e seus satélites, sejam judeus ou gentios.

Agora, esse tipo internacional de judeu, esse aspirante ao controle mundial, esse real possuidor e portador do controle mundial é uma conexão muito infeliz para sua raça ter. A coisa mais infeliz sobre o judeu

internacional, do ponto de vista do judeu comum, é que o tipo internacional também é um judeu. E o significado disso é que o tipo não cresce em nenhum outro lugar além de um tronco judeu. Não há outro tipo racial ou nacional que produza esse tipo de pessoa. Não é apenas que há alguns judeus entre os controladores financeiros internacionais; é que esses controladores mundiais são exclusivamente judeus. Esse é o fenômeno que cria uma situação infeliz para aqueles judeus que não são e nunca serão controladores mundiais, que são as pessoas comuns da raça judaica. Se o controle mundial fosse misto, como o controle, digamos, do negócio de biscoitos, então os judeus ocasionais que poderíamos encontrar nessas altitudes financeiras mais altas não constituiriam o problema de forma alguma; o problema seria então limitado à existência do controle mundial nas mãos de alguns homens, de qualquer raça ou linhagem que pudessem ser. Mas como o controle do mundo é uma ambição que só foi alcançada pelos judeus, e não por nenhum dos métodos geralmente adotados pelos aspirantes a conquistadores do mundo, torna-se inevitável que a questão se centre nessa raça notável.

Isso traz outra dificuldade: ao discutir esse grupo de controladores do mundo sob o nome de judeus (e eles são judeus), nem sempre é possível parar e distinguir o grupo de judeus a que se refere. O leitor sincero geralmente pode determinar isso, mas o judeu que está em um estado de espírito para ser ferido às vezes fica magoado ao ler como uma acusação contra si mesmo o que foi pretendido para o grupo superior. “Então por que não discutir o grupo superior como financistas e não como judeus?” pode ser perguntado. Porque eles são judeus. Não é pertinente insistir que em qualquer lista de homens ricos há mais gentios do que judeus; não estamos falando apenas de homens ricos que, muitos deles, ganharam suas riquezas servindo a um Sistema, estamos falando sobre aqueles que Controlam — e é perfeitamente aparente que apenas ser rico não é controlar. O judeu controlador do mundo tem

riquezas, mas também tem algo muito mais poderoso do que isso.

O judeu internacional, como já definido, governa não porque é rico, mas porque em um grau mais acentuado ele possui o gênio comercial e magistral de sua raça, e se vale de uma lealdade racial e solidariedade que não existe em nenhum outro grupo humano. Em outras palavras, transfira hoje o controle mundial do judeu internacional para as mãos do grupo de gentios com o maior talento comercial, e todo o tecido do controle mundial acabaria caindo aos pedaços, porque o gentio carece de uma certa qualidade, seja ela humana ou divina, seja ela natural ou adquirida, que o judeu possui.

Isto, é claro, o judeu moderno nega. Há uma nova posição tomada pelos modernistas entre os judeus que constitui uma negação de que o judeu difere de qualquer outro homem, exceto na questão da religião. “Judeu”, eles dizem, não é uma designação racial, mas uma designação religiosa como “episcopal”, “católico”, “presbiteriano”. Este é o argumento usado nas redações dos jornais nos protestos dos judeus contra dar a designação judaica àqueles de seu povo que estão implicados no crime – “Você não dá as classificações religiosas de outras pessoas que são presas”, diz o editor, “por que você deveria fazer isso com os judeus?” O apelo à tolerância religiosa sempre vence e às vezes é útil para desviar a atenção de outras coisas.

Bem, se os judeus são apenas religiosamente diferenciados do resto do mundo, o fenômeno se torna ainda mais estranho. Pois o resto do mundo está menos interessado na religião do judeu do que em qualquer outra coisa que lhe diga respeito. ‘Não há realmente nada em sua religião que diferencie o judeu do resto da humanidade, no que diz respeito ao conteúdo moral dessa religião, e se houvesse, ele teria superado isso pelo fato de que sua religião judaica fornece a estrutura moral para ambas as outras grandes religiões. Além disso, é declarado que há entre as nações de língua inglesa 2.000.000 de

judeus que reconhecem sua raça e não sua religião, enquanto 1.000.000 são classificados como agnósticos — esses são menos judeus do que os outros? O mundo não pensa assim. Os estudiosos autoritários das diferenças humanas não pensam assim. Um irlandês que se torna indiferente à Igreja ainda é um irlandês, e parece ser igualmente verdade que um judeu que se torna indiferente à Sinagoga ainda é um judeu. Ele pelo menos sente que é, e o mesmo acontece com os não-judeus.

Um desafio ainda mais sério surgiria se essa alegação dos modernistas fosse verdadeira, pois isso exigiria a explicação desses judeus controladores do mundo por sua religião. Teríamos que dizer: "Eles se destacam por sua religião", e então o problema se voltaria para a religião cuja prática deveria trazer tal poder e prosperidade a seus devotos. Mas outro fato interviria, a saber, que esses judeus controladores do mundo não são notavelmente religiosos; e ainda outro fato martelaria por reconhecimento, a saber, os crentes mais devotos e os seguidores mais obedientes da religião judaica são os mais pobres entre os judeus. Se você quer a ortodoxia judaica, a moralidade revigorante do Antigo Testamento, você a encontrará, não entre os judeus bem-sucedidos, que unitarizaram sua religião na mesma medida em que os unitaristas judaizaram seu cristianismo, mas entre os pobres nas ruas laterais que ainda sacrificam os negócios do sábado por sua guarda do sábado. Certamente sua religião não lhes deu controle do mundo; em vez disso, eles fizeram seus próprios sacrifícios para mantê-lo inviolável contra o modernismo.

Claro, se o judeu difere do resto da humanidade somente quando está em pleno acordo com sua religião, a questão se torna muito simples. Qualquer crítica ao judeu se torna pura intolerância religiosa e nada mais! E isso seria intolerável. Mas seria o consenso da opinião ponderada que o judeu difere menos em sua religião do que em qualquer outra coisa. Há mais diferença entre os dois grandes ramos do cristianismo, mais diferença

consciente, do que entre qualquer ramo do cristianismo e do judaísmo.

De modo que, apesar da alegação de certos modernistas, o mundo continuará pensando no judeu como um membro de uma raça, uma raça cuja persistência derrotou os maiores esforços feitos para seu extermínio, uma raça que se preservou em virilidade e poder pela observância daquelas leis naturais cuja violação mestiçou tantas nações, uma raça que surgiu do passado com os dois grandes valores morais que podem ser contados no monoteísmo e na monogamia, uma raça que hoje está diante de nós como o sinal visível de uma antiguidade à qual toda a nossa riqueza espiritual remonta. Não, o judeu continuará pensando em si mesmo como membro de um povo, uma nação, uma raça. E toda a mistura e intermistura de pensamento ou fé ou costume não pode fazer com que seja diferente. Um judeu é um judeu e enquanto permanecer dentro de suas tradições perfeitamente inatacáveis, ele permanecerá um judeu. E ele sempre terá o direito de sentir que ser judeu é pertencer a uma raça superior.

Esses judeus controladores do mundo no topo dos assuntos, então, estão lá em virtude de, entre outras coisas, certas qualidades que são inerentes às suas naturezas judaicas. Todo judeu tem essas qualidades, mesmo que não no sentido supremo, assim como todo inglês tem a língua de Shakespeare, mas não no grau de Shakespeare. E, portanto, é impraticável, se não impossível, considerar o judeu internacional sem estabelecer as bases amplamente sobre o caráter e a psicologia judaica.

Podemos descontar de uma vez a difamação muito comum de que essa forma maior de sucesso judaico é construída sobre desonestidade. É impossível indiciar o povo judeu ou qualquer outro povo por uma acusação generalizada. Ninguém sabe melhor do que o judeu, quão difundida é a noção de que os métodos judaicos de negócios são todos inescrupulosos. Não há dúvida de que

existe uma grande quantidade de inescrupulosidade sem desonestidade legal real, mas é totalmente possível que a reputação que o povo judeu há muito carrega a esse respeito possa ter tido outras fontes além da desonestidade real e persistente.

Podemos indicar uma dessas possíveis fontes. O judeu em um ofício é naturalmente mais rápido do que a maioria dos outros homens. Dizem que há outras raças que são tão ágeis em um ofício quanto o judeu, mas o judeu não vive muito entre elas. A esse respeito, pode-se lembrar da famosa piada sobre o judeu que foi para a Escócia.

Agora, é da natureza humana que o homem mais lento acredite que o homem mais rápido é muito hábil, e desconfie de sua destreza. Todo mundo suspeita do “mais afiado”, mesmo que sua afiação seja inteiramente honesta. A mente mais lenta provavelmente conceberá que o homem que vê tantas reviravoltas legítimas em um negócio, também pode ver e usar um número conveniente de reviravoltas ilegítimas. Além disso, há sempre a suspeita pronta de que aquele que obtém “o melhor do negócio” o obtém por meio de trapaça que não é honesta. Pessoas lentas, honestas, francas e diretas sempre têm suas dúvidas sobre o homem que leva a melhor.

Os judeus, como mostram os registros de séculos, eram um povo ávido por comércio. Eles eram tão ávidos que muitos os consideravam desonestos. E assim o judeu se tornou odiado por razões comerciais, nem todas elas creditáveis à inteligência ou iniciativa de seus inimigos.

Tomemos, por exemplo, a perseguição que os comerciantes judeus sofreram na Inglaterra. Na Inglaterra mais antiga, a classe mercantil tinha muitas tradições fáceis. Uma tradição era que um comerciante respeitável nunca buscaria negócios, mas esperaria que eles chegassem até ele. Outra tradição era que decorar a vitrine de uma loja com luzes ou cores, ou exibir seu estoque de mercadorias de forma atraente à vista do público, era um método desprezível e dissimulado de tentar afastar os clientes de um comerciante irmão dele.

Outra tradição ainda era que era estritamente antiético e anticomercial lidar com mais de uma linha de produtos. Se alguém vendesse chá, era a melhor razão do mundo para não vender colheres de chá. Quanto à publicidade, a coisa teria sido tão descarada e ousada que a opinião pública teria tirado o anunciante do mercado. O comportamento adequado para um comerciante era parecer relutante em se desfazer de seus produtos.

Pode-se facilmente imaginar o que aconteceu quando o comerciante judeu se apressou no meio dessa selva de tradições. Ele simplesmente quebrou todas elas. Naqueles dias, a tradição tinha toda a força de uma lei moral divinamente promulgada e, em consequência de sua iniciativa, o judeu era considerado um grande infrator. Um homem que quebrasse essas tradições comerciais não pararia por nada! O judeu estava ansioso para vender. Se ele não pudesse vender um artigo a um cliente, ele tinha outro à mão para lhe oferecer: as lojas dos judeus se tornaram bazares, precursoras de nossas modernas lojas de departamento, e o antigo costume inglês de uma loja para uma linha de produtos foi quebrado. O judeu foi atrás do comércio, perseguiu-o, persuadiu-o. Ele foi o criador de "um giro rápido e pequenos lucros". Ele originou o plano de parcelamento. O único estado de coisas que ele não conseguia suportar era a paralisação dos negócios, e para fazê-los andar ele faria qualquer coisa. Ele foi o primeiro anunciante — em uma época em que até mesmo anunciar em jornais impressos a localização de sua loja era dar a entender ao público que você estava com dificuldades financeiras, estava prestes a falir e estava tentando o último recurso desesperado ao qual nenhum comerciante que se preze se rebaixaria.

Era tão fácil quanto brincadeira de criança conectar essa energia com desonestidade. O judeu não estava jogando o jogo, pelo menos era o que o sério mercador inglês pensava. Na verdade, ele estava jogando o jogo para ter tudo em suas próprias mãos — o que ele praticamente fez.

O judeu demonstrou essa mesma habilidade desde então. Seu poder de analisar as correntes monetárias equivale a um instinto. Seu estabelecimento em um país representava outra base da qual os membros de sua raça poderiam operar. Seja pelo resultado natural de dons inatos, ou pelo plano deliberado de unidade e lealdade racial, todas as comunidades comerciais judaicas tinham relações, e conforme essas comunidades comerciais aumentavam em riqueza, prestígio e poder, conforme formavam relações com governos e grandes interesses nos países onde operavam, elas simplesmente colocavam mais poder na comunidade central onde quer que ela estivesse localizada, ora na Espanha, ora na Holanda, ora na Inglaterra. Seja intencionalmente ou não, eles se tornaram mais intimamente aliados do que os ramos de um negócio poderiam ser, porque o cimento da unidade racial, o vínculo da fraternidade racial não pode, pela própria natureza das coisas, existir entre os gentios como existe entre os judeus. Os gentios nunca pensam em si mesmos como gentios, e nunca sentem que devem algo a outro gentio como tal. Assim, eles têm sido agentes convenientes de esquemas judaicos em momentos e lugares quando não era conveniente que os controladores judeus fossem conhecidos publicamente; mas eles nunca foram concorrentes bem-sucedidos do judeu no campo do controle mundial.

Dessas comunidades judaicas separadas, o poder foi para a comunidade central, onde os banqueiros mestres e os analistas mestres das condições viviam. E de volta da comunidade central fluíam informações de caráter inestimável e assistência sempre que necessário. Não é difícil entender como, sob tal condição, a nação que não lidou gentilmente com os judeus foi feita sofrer, e a nação que lhes rendeu seu desejo mais completo foi favorecida por eles. E é credivelmente declarado que eles fizeram certas nações sentirem o poder de seu descontentamento.

Este sistema, se é que alguma vez existiu, existe hoje em maior poder. No entanto, está hoje ameaçado como nunca esteve. Cinquenta anos atrás, o sistema bancário

internacional, que controlava principalmente os judeus como corretores de dinheiro do mundo, estava no topo dos negócios. Exercia o supercontrole de governos e finanças em todos os lugares. Então veio aquela coisa nova, a Indústria, que se expandiu a um grau inimaginável pelos profetas e analistas mais astutos. À medida que a Indústria ganhava força e poder, ela se tornou um poderoso ímã de dinheiro, atraindo a riqueza do mundo em seu encalço, não, no entanto, apenas para possuir o dinheiro, mas para fazê-lo funcionar. Produção e lucro na produção, em vez de empréstimos e juros sobre empréstimos, tornaram-se o método mestre por um tempo. A guerra veio, na qual os antigos corretores-mestres do mundo tiveram, sem dúvida, sua grande parte. E agora as duas frentes, Indústria e Finanças, estão em uma luta para ver se as Finanças se tornarão novamente o mestre, ou a Indústria criativa. Este é um dos elementos que está trazendo a Questão Judaica ao tribunal da opinião pública.

Afirmar isso e provar isso pode não ser nada mais do que estabelecer a superioridade da habilidade judaica. Certamente não é uma posição sustentável dizer que o judeu é extraordinariamente bem-sucedido e, portanto, deve ser refreado. Seria igualmente distante da verdade dizer que a coordenação da atividade judaica tem sido, no geral, uma coisa prejudicial para o mundo. Pode ser possível mostrar que até este ponto tem sido útil. O sucesso não pode ser atacado nem condenado. Se alguma questão moral surgir, deve dizer respeito ao uso feito do sucesso que foi alcançado. A questão toda se concentra aí, depois que o fato anterior é estabelecido. O judeu pode continuar como ele foi, ou seu dever para com o mundo exige outro uso de seu sucesso?

Essa investigação obviamente leva a uma discussão mais aprofundada, bem como a uma reunião dos tópicos restantes da discussão atual, o que artigos futuros tentarão fazer.

Edição de 12 de junho de 1920.

“Para esse fim, precisamos nos organizar. Organizar, em primeiro lugar, para que o mundo tenha provas da extensão e da intensidade do nosso desejo por liberdade. Organizar, em segundo lugar, para que nossos recursos se tornem conhecidos e disponibilizados...

“Organizar, organizar, organizar, até que todo judeu deva se levantar e ser contado — contado conosco, ou provar a si mesmo, consciente ou inconscientemente, dos poucos que são contra seu próprio povo.”

—Louis D. Brandeis, Juiz da Suprema Corte dos Estados Unidos, “Zionism”, pp. 113, 114.

V.

Anti-semitismo - Aparecerá nos EUA?

QUALQUER pessoa que tente discutir a Questão Judaica nos Estados Unidos ou em qualquer outro lugar deve estar totalmente preparada para ser considerada um antissemita, em linguagem erudita, ou em linguagem popular, um perseguidor de judeus. Nem é preciso buscar encorajamento nas pessoas ou na imprensa. As pessoas que estão despertas para o assunto preferem esperar e ver como tudo acaba; enquanto provavelmente não há um jornal na América, e certamente nenhum dos meios de propaganda que são chamados de revistas, que teriam a temeridade de sequer respirar seriamente o fato de que tal Questão existe. A imprensa em geral está aberta neste momento a editoriais exagerados em favor de tudo o que é judaico (espécimes do mesmo sendo obtidos em quase qualquer lugar), enquanto a imprensa judaica, que é bastante numerosa nos Estados Unidos, cuida do fim vituperativo.

Claro, a única explicação aceitável para qualquer discussão pública no momento sobre a Questão Judaica é que alguém — escritor, editor ou um interesse relacionado — é um odiador de judeus. Essa ideia parece ser fixa; é fixada no judeu por herança; busca-se fixar no gentio por propaganda, que qualquer escrita que não simplesmente enjoe e goteje em doçura melosa em relação às coisas judaicas nasce do preconceito e do ódio. É, portanto, cheia de mentiras, insultos, insinuações e constitui uma instigação ao massacre. Esses termos são selecionados aleatoriamente de declarações editoriais judaicas em mãos.

Parece ser necessário que nossos cidadãos judeus ampliem sua classificação de gentios para incluir a classe que reconhece a existência de uma Questão Judaica e ainda assim não é antissemita.

Há quatro partidos distintos rastreáveis entre os próprios judeus. Primeiro, aqueles cujo propósito apaixonado é manter viva a fé e a vida judaicas ao custo de

qualquer sacrifício de popularidade ou sucesso; segundo, aqueles que estão dispostos a fazer qualquer sacrifício que seja necessário para preservar a religião judaica, mas não são tão particulares sobre os costumes tradicionais da vida judaica; terceiro, aqueles que não têm convicções muito fortes de qualquer maneira, mas são oportunistas e sempre se desviarão na direção do sucesso; e, quarto, aqueles que acreditam e pregam que a única solução para as diferenças entre o judeu e os outros homens é a absorção completa da raça judaica pelas outras raças. O quarto é o mais fraco, o mais impopular e o menos a ser considerado de todos os partidos.

Com os gentios, há apenas duas classes, no que diz respeito a essa questão especial: aqueles que não gostam dos judeus, não conseguem dizer o porquê; e aqueles que estão dispostos à justiça, apesar do acidente de simpatia ou incompatibilidade, e que reconhecem a questão judaica como, pelo menos, um problema. Ambas essas atitudes, sempre que se tornam aparentes, estão sujeitas à acusação de “antissemitismo”.

Antissemitismo é um termo que é usado de forma muito frouxa. Ele deveria ser reservado para denotar o verdadeiro temperamento antijudaico de preconceito violento. Se usado indiscriminadamente sobre todos que tentam discutir as características judaicas e o poder mundial judaico, ele pode, com o tempo, chegar ao estado de respeitabilidade e honra.

O antissemitismo em quase todas as suas formas está fadado a chegar aos Estados Unidos; de fato, pode-se dizer que ele está aqui agora, e está aqui há muito tempo. Se for rotulado erroneamente agora, os Estados Unidos não serão capazes de trabalhar dentro dele a transformação que foi efetuada em tantas outras ideias que chegaram aqui em sua jornada ao redor do globo.

I.

Pode ser uma boa maneira de esclarecer o que o antissemitismo não é:

1. Não é o reconhecimento da Questão Judaica. Se fosse, então poderia ser estabelecido que a maior parte do povo americano está destinada a se tornar antissemita, pois eles estão começando a reconhecer a existência de uma Questão Judaica e farão isso constantemente em números crescentes à medida que a Questão for imposta a eles a partir de vários ângulos práticos de suas vidas. A Questão está aqui. Podemos estar honestamente cegos a ela. Podemos estar timidamente em silêncio sobre ela. Podemos até mesmo fazer uma negação desonesta dela. Mas ela está aqui. Com o tempo, todos terão que reconhecê-la. Com o tempo, o educado "silêncio, silêncio" de círculos supersensíveis ou intimidados não será poderoso o suficiente para suprimi-la. Mas reconhecê-la não significará que passamos para uma campanha de ódio e inimizade contra os judeus. Isso significará apenas que uma corrente de tendência que vem fluindo através de nossa civilização finalmente acumulou volume e poder suficientes para desafiar a atenção, para exigir alguma decisão a respeito dela, para exigir a adoção de uma política que não repetirá os erros do passado e ainda assim evitará qualquer possível ameaça social do futuro.

2. Novamente, a discussão pública da Questão Judaica não é antissemitismo. A publicidade é sanitária. A publicidade dada à Questão Judaica, ou certos aspectos dela, neste país tem sido muito enganosa. Ela tem sido discutida mais completamente na imprensa judaica do que em outros lugares, mas não com franqueza ou amplitude de visão. As duas notas dominantes — elas são tocadas repetidamente com regularidade monótona na imprensa judaica — são a injustiça dos gentios e o preconceito cristão. Esses aparentemente são os dois principais aspectos da vida que impressionam os publicitários judeus quando eles olham para a linha de sua própria raça. Diz-se com toda a sobriedade que é uma sorte para os judeus em geral que a imprensa judaica não circule

muito amplamente entre os gentios, pois é provavelmente a única agência estabelecida nos Estados Unidos que, sem alterar seu programa no mínimo, poderia agitar o sentimento antijudaico pelo simples expediente de uma leitura geral entre os não judeus. Escritores judeus que escrevem para leitores judeus apresentam material incomum para o estudo da consciência racial e seu acompanhamento de desprezo por outras raças. É verdade que nas publicações referidas, a América é constantemente elogiada, mas não a América como a terra do povo americano; a América, antes, como a terra da oportunidade dos judeus.

Do lado da imprensa diária, não houve nenhuma discussão séria. Isso não é surpreendente nem repreensível. A imprensa diária lida com assuntos que atingiram o estágio superaquecido. Quando menciona os judeus, tem frases prontas para o propósito; o esforço inclui uma lista dos judeus famosos da história e geralmente fecha com referências elogiosas a certos judeus locais de qualidades louváveis, cujos anúncios não são encontrados com pouca frequência em outra parte do jornal. Resumindo, pode-se dizer que a publicidade dada à questão neste país consiste em críticas deturpadas dos gentios pela imprensa judaica e elogios deturpados dos judeus pela imprensa não judaica. Um esforço independente para dar uma publicidade construtiva não pode, portanto, ser atribuído ao antissemitismo, mesmo quando algumas das declarações que são feitas no curso dele despertam o ressentimento dos leitores judeus.

3. Nem é antissemitismo dizer que a suspeita está espalhada em todas as capitais da civilização e a certeza é mantida por vários homens importantes de que há um plano ativo no mundo para controlar o mundo, não por aquisição territorial, não por agressão militar, nem por submissão governamental, nem mesmo por controle econômico no sentido científico, mas pelo controle da maquinaria do comércio e da

troca. Não é antissemitismo dizer isso, nem apresentar a evidência que apoia isso, nem trazer a prova disso. Aqueles que poderiam melhor refutar isso se não fosse verdade são os próprios judeus internacionais, mas eles não o refutaram. Aqueles que poderiam melhor provar isso seriam aqueles judeus cujos ideais incluem o bem de toda a humanidade em igualdade e não o bem de uma raça apenas, mas eles não o provaram. Algum dia, um judeu profético pode surgir e verá que as promessas concedidas ao Povo Antigo não devem ser cumpridas pelos métodos Rothschild, e que a promessa de que todas as nações seriam abençoadas por meio de Israel não deve ser cumprida tornando as nações vassalos econômicos de Israel; e quando esse momento chegar, podemos esperar um redirecionamento da energia judaica para canais que drenarão as fontes atuais da Questão Judaica. Enquanto isso, não é antissemitismo, pode até ser considerado um serviço mundial ao judeu, para lançar luz sobre qual propósito motiva certos círculos superiores.

4. Se as proposições acima forem verdadeiras, então o termo “antissemita”, tão livremente concedido a esta série de artigos, revela um espírito pior nos críticos do que no autor. Mas chega disso. Ainda há muito a fazer, e o que for feito deve se basear no mérito que resta depois que amigos e inimigos terminarem com elogios e críticas.

II.

O antissemitismo inquestionavelmente influenciou grandes setores da humanidade em vários momentos, distorcendo a visão, distorcendo os personagens e manchando as mãos de suas vítimas, mas a declaração mais surpreendente que pode ser feita sobre ele é que ele nunca realizou nada em benefício daqueles que o usaram, e nunca ensinou nada aos judeus contra os quais foi usado.

Os graus de antissemitismo são bastante numerosos, e alguns deles podem ser citados aqui:

1. Primeiro, há aquele grau de antissemitismo, se é que pode ser assim descrito, que consiste em uma clara antipatia pelo judeu como pessoa, não importa quem ele seja. Isso é frequentemente encontrado em pessoas de todas as classes. É encontrado principalmente, no entanto, naqueles cujo contato com judeus foi muito limitado. Começa às vezes na infância com uma antipatia instintiva pela palavra "judeu". É encorajado pelo uso indevido da palavra "judeu" como um epíteto, ou como um adjetivo geralmente descritivo de práticas impopulares. O sentimento não é diferente daquele que existe em relação aos gentios, a respeito dos quais as mesmas noções são mantidas, mas difere no fato de ser estendido à raça de judeus individuais desconhecidos em vez de ser restrito a indivíduos conhecidos que podem justificar tal sentimento.

A simpatia não está dentro de nossa escolha, mas o controle do sentimento de incompatibilidade está. Toda pessoa justa é compelida às vezes a refletir que não é impossível que a pessoa por quem ela sente antipatia possa ser tão boa e possivelmente uma pessoa melhor do que ela. Nossa antipatia apenas registra o resultado da atração e repulsão conforme elas operam entre outra pessoa e nós mesmos; não indica que a pessoa antipática é indigna. Claro, onde quer que a inteligência seja unida a essa retirada instintiva do contato social com membros da raça judaica, o preconceito é prevenido, exceto, é claro, naquelas pessoas que sustentam que não há indivíduos entre os judeus dignos de respeito. Esta é uma atitude extrema e é composta de outros elementos além da antipatia natural. É possível que as pessoas não gostem de judeus e não sejam antissemitas. De fato, não é nada incomum, está se tornando cada vez mais comum, que os próprios judeus inteligentes e refinados não apreciem a sociedade de seu próprio povo, exceto em casos de refinamento excepcional.

Isso realmente exige alguns comentários sobre as maneiras e características do membro comum da raça judaica, os acidentes de comportamento que se destacam de forma mais desagradável e dos quais os próprios judeus são frequentemente os críticos mais implacáveis, mas esses comentários devem ser colocados em prática mais tarde.

2. Um segundo estágio do espírito do antissemitismo pode ser designado como ódio e inimizade. Deve-se notar que a antipatia mencionada imediatamente acima não era ódio. Desgosto não é ódio, nem é necessariamente inimizade. Alguém pode não gostar de açúcar em seu chá sem se preocupar em odiar açúcar. Mas, sem dúvida, há pessoas que, por terem deixado seus desgostos se aprofundarem em preconceito, e talvez também por causa de experiências desagradáveis com membros da raça judaica (provavelmente um milhão de americanos foram levados à beira de se tornarem odiadores de judeus neste inverno por causa do contato com comerciantes e proprietários de terras judeus), podem ser classificadas como, pelo menos, antissemitas incipientes. Isso é mais do que tudo lamentável para as pessoas que abrigam essas emoções. É lamentável porque não é adequado para a mente considerar inteligentemente os fatos que constituem a Questão Judaica, e também não é adequado para lidar com eles de forma justa e construtiva. Para o próprio bem de cada um, qualquer que seja a provocação em contrário, é melhor não deixar a paixão desviar a agulha da mente. Ódio ao volante significa perigo no percurso. A inimizade vive na vizinhança dos judeus mais do que de qualquer outra raça, e a razão para isso é um dos enigmas das eras. A própria natureza judaica, como mostrado na história antiga e moderna, não está isenta de sua própria cota de inimizade, e ela evoca ou provoca inimizade onde entra em contato com aquelas raças arianas que seguem seus impulsos naturais sem serem controladas por influências

culturais e éticas. Este conflito secular do judeu tem intrigado as mentes dos estudantes por gerações. Alguns o explicam biblicamente como a maldição de Jeová sobre Seu Povo Escolhido por sua desobediência à disciplina pela qual Ele os teria feito a Nação Profeta do mundo. Se esta ofensa deve vir, se é parte da herança do judeu, um velho ditado — cristão e bíblico, a propósito — ainda permaneceria verdadeiro: "É necessário que as ofensas venham, mas ai daquele homem por quem a ofensa vem."

3. Em algumas partes do mundo, em vários momentos, esse sentimento de ódio se transformou em violência assassina, o que despertou, como sempre acontece com a indignação física generalizada, o horror e o ressentimento da humanidade. Essa é a forma extrema em que o antissemitismo se exibiu, e é a acusação de pretender estimulá-lo aqui e em outros lugares que toda discussão pública da Questão Judaica tem que suportar. Não há, é claro, desculpa para essas erupções, mas há explicação suficiente para elas. Os judeus geralmente as explicam como expressões de preconceito religioso, e os gentios como rebelião contra um jugo econômico que os judeus teceram para o povo. É um fato surpreendente que, para pegar um país, as partes da Rússia onde a violência antissemita foi mais marcante são as partes mais prósperas, tão prósperas de fato e com uma prosperidade tão inquestionavelmente devida ao empreendimento judaico que os judeus declararam abertamente que têm o poder de jogar essas partes da Rússia de volta à letargia comercial novamente, simplesmente se retirando. É completamente inútil lançar negações a esta declaração. Ela é confirmada repetidamente por homens que foram à Rússia cheios de ressentimento contra a atitude dos russos em relação aos judeus, como essa atitude é representada na imprensa anglo-saxônica, e que voltaram para casa com uma nova luz sobre a causa desses surtos, embora não desculpando seu caráter. Observadores

imparciais também descobriram que alguns dos surtos foram precipitados pelos próprios judeus. Um correspondente, conhecido no mundo todo por sua defesa incisiva dos judeus sob perseguição russa, sempre foi amargamente atacado pelos próprios judeus sempre que afirmava a verdade sobre isso, apesar de seu protesto a eles de que se ele não dissesse a verdade quando eles estivessem errados, o mundo não estaria pronto para acreditar nele quando dissesse que eles eram inocentes. Até hoje, em todos os países, os judeus são lentos em admitir culpa por qualquer coisa. Eles devem ser desculpados, quem quer que seja acusado. É uma característica que terá de ser disciplinada antes que eles possam ser levados a auxiliar, se é que podem, a remoção daquelas características que despertam o antagonismo de outros povos. Em outros lugares do mundo, pode-se dizer que a inimizade declarada aos judeus tem uma base econômica. Isso, é claro, leva à questão se o judeu terá de se tornar um fracasso deliberado, ou negar seu gênio, e renunciar à sua justa recompensa de prosperidade antes que possa ganhar a aprovação das outras raças — uma questão que surgirá para discussão mais tarde.

Quanto ao *preconceito religioso* que os judeus, via de regra, são mais prontos a afirmar, é seguro dizer que ele não existe nos Estados Unidos. No entanto, ele é cobrado dos americanos por escritores judeus tão livremente quanto é cobrado dos russos. Cada leitor não judeu é competente para resolver isso por si mesmo. Ele pode facilmente fazer isso perguntando a si mesmo se em toda a sua vida ele já sentiu um momento de ressentimento contra o judeu por conta de sua religião. Em um discurso recentemente proferido em uma loja judaica e relatado na imprensa judaica, o orador, um judeu, declarou que se 100 não judeus na rua fossem abordados aleatoriamente e casualmente perguntados o que é um judeu, a resposta da maioria seria: "Ele é um assassino de

Cristo". Um dos rabinos mais conhecidos e respeitados nos Estados Unidos disse recentemente em um sermão que as crianças nas escolas dominicais cristãs eram ensinadas a considerar o judeu como um assassino de Cristo. Ele repetiu isso em uma conversa várias semanas depois.

Provavelmente seria o testemunho dos cristãos em geral que eles nunca ouviram esse termo até que o ouviram em uma reclamação judaica, e certamente eles mesmos nunca o usaram. A acusação é absurda. Que os 20.000.000 agora nas escolas dominicais cristãs do Canadá e dos Estados Unidos testemunhem quanto à instrução dada. Não há hesitação em afirmar que não há preconceito algum nas igrejas cristãs contra o judeu por conta de sua religião. Pelo contrário, não há apenas um profundo sentimento de dívida, mas um sentimento de compartilhar com o judeu sua religião. As escolas dominicais das igrejas cristãs do mundo estão passando seis meses deste ano estudando as Lições Internacionais que são designadas para os Livros de, os Juízes, Rute, Primeiro e Segundo Samuel e os Livros dos Reis, e todo ano é dedicado em parte ao Antigo Testamento.

Aqui, no entanto, há algo para os líderes religiosos judeus considerarem: há mais amargura franca de preconceito religioso por parte dos judeus contra o cristianismo do que jamais seria possível nas igrejas cristãs da América. Basta pegar a imprensa da igreja da América e compará-la com a imprensa judaica a esse respeito, e não há resposta. Nenhum editor cristão pensaria que é cristão ou inteligente atacar a religião judaica, mas qualquer pesquisa de seis meses da imprensa judaica produziria uma massa de ataque e preconceito do outro lado. Além disso, nenhuma amargura religiosa na América alcança, dentro de distâncias infinitas, aquela amargura infligida ao judeu que se torna um cristão em sua fé. Isso equivale quase a uma vingança sagrada. Um cristão pode se tornar um prosélito judeu e seus motivos serem

respeitados; nunca é assim quando um judeu se torna cristão. Essas declarações são verdadeiras tanto para as alas ortodoxas quanto liberais do judaísmo. Não é sua religião que dá destaque ao judeu hoje; é outra coisa. E ainda assim, com monotonia inabalável, é repetido sempre que o judeu toma conhecimento do sentimento em relação a ele que é por conta de três coisas, a primeira e mais proeminente das quais é sua religião. Pode ser reconfortante para ele pensar que está sofrendo por sua fé, mas não é verdade. Todo judeu inteligente deve saber disso.

Todo judeu deve saber também que em toda igreja cristã onde as antigas profecias são recebidas e estudadas, há um grande reavivamento de interesse no futuro do Povo Antigo. Não se esquece que certas Promessas foram feitas a eles a respeito de sua posição no mundo, e é sustentado que essas profecias serão cumpridas. O futuro do judeu, conforme delineado profeticamente, está intimamente ligado ao futuro deste planeta, e a igreja cristã em grande parte — pelo menos pela ala evangélica, que os judeus mais condenam — vê uma Restauração do Povo Escolhido ainda por vir. Se a massa dos judeus soubesse quão compreensiva e simpaticamente todas as profecias a respeito deles estão sendo estudadas na Igreja, e a fé que existe de que essas profecias encontrarão cumprimento e que resultarão em grande serviço judaico à sociedade em geral, eles provavelmente considerariam a Igreja com outra mente. Eles saberiam pelo menos que a Igreja *não* acredita que será o instrumento na conversão dos judeus — um ponto em que os líderes judeus são tragicamente enganados e que evoca mais amargura do que qualquer outra coisa — mas que depende de outros instrumentos e condições, que não é função deste artigo apontar, exceto dizer que será o próprio Messias dos judeus que o realizará e não a "oliveira selvagem" ou o gentio.

Curiosamente, há uma fase de antissemitismo que tem a ver com religião, mas não da forma aqui discutida. Há aqueles, muito poucos em número e de tendências ateístas, que afirmam que toda religião é uma farsa, sendo a invenção dos judeus com o propósito de escravizar as mentes das pessoas do mundo a uma superstição enervante. Essa posição, no entanto, não teve efeito sobre a questão principal. É um extremo distante.

III.

Agora, qual dessas exibições de antissemitismo se mostrará na América? Se certas tendências continuarem, como certamente farão, que forma o sentimento em relação aos judeus tomará? Não a de violência em massa, podemos ter certeza. A única ação em massa visível agora é a das próprias agências judaicas contra qualquer pessoa ou instituição que ouse trazer a Questão Judaica à atenção pública.

1. O antissemitismo chegará à América por causa do hábito que as emoções e ideias aparentemente têm de fazer seu caminho para o oeste ao redor do mundo. Ao norte da Palestina, onde os judeus estão há mais tempo estabelecidos e onde agora estão em grande número, o antissemitismo é agudo e bem definido. A oeste, na Alemanha, é claramente definido, mas, até a tomada das agências revolucionárias alemãs, era desprovido de violência. Ainda mais a oeste, na Grã-Bretanha, é definido, mas por causa do número comparativamente pequeno de judeus nas Ilhas Britânicas e sua coalizão com a classe dominante, é mais um sentimento do que um movimento. Nos Estados Unidos, não é tão definido, mas se mostra em uma inquietação, um questionamento, um atrito sensato entre a tendência tradicional do americano à imparcialidade e seu respeito pelos fatos frios.

Porque a Questão assumirá cada vez mais pressão na América, cabe a todos os previdentes desconsiderar os protestos míopes dos próprios

judeus e cuidar para que a Questão não se apresente entre nós como fez entre outras pessoas, em suas formas mais angustiantes e confusas. É um dever público agarrar este problema em seu início e treiná-lo, por assim dizer; isto é, prepará-lo para que possa ser tratado aqui de uma maneira que forme um modelo para todos os outros países, que de fato fornecerá a todos os outros países os materiais essenciais para uma solução permanente. E isso pode ser feito apenas expondo, reconhecendo e tratando com o soro da publicidade as condições diante das quais, até agora, as nações fracassaram desamparadamente porque não tinham o desejo ou os meios para chegar à grande raiz da dificuldade.

2. Outra causa da Questão que aparece aqui será o grande influxo de judeus que está planejado para a América. Provavelmente haverá um milhão de judeus entrando no país este ano, aumentando nossa população judaica para quase 4.500.000. Isso não significa meramente uma imigração de pessoas, mas uma imigração de ideias. Nenhum escritor judeu jamais nos disse, de forma sistemática, qual é a ideia dos judeus sobre os não judeus, como eles consideram os gentios em suas mentes privadas. Mas há indícios disso, embora ninguém tente reconstruir a atitude judaica em relação aos gentios. Um judeu deveria fazer isso por nós, mas ele provavelmente seria expulso por seu próprio povo se ele cumprisse sua tarefa com rigoroso ciúme pelo fato exato.

Essas pessoas estão vindo aqui considerando os gentios como um inimigo hereditário, como talvez tenham bons motivos para fazer, e assim acreditando que irão modelar seu comportamento de uma maneira que o mostrará. Nem esses judeus serão tão desamparados quanto parecem. Na Polônia devastada, onde os judeus são representados como tendo sido despojados de tudo durante a guerra, há centenas de pessoas comparecendo diariamente ao consulado para providenciar sua passagem para cá. O

fato é significativo. Apesar de seu suposto sofrimento e pobreza, eles conseguem viajar uma grande distância e insistem em vir. Nenhum outro povo tem condições financeiras de viajar em tal número. Mas os judeus têm. Será facilmente visto que eles não são objetos de caridade. Eles conseguiram se manter à tona em uma tempestade que destruiu o outro povo. Eles sabem disso e se alegram com isso, como é natural. E eles trarão para cá os mesmos pensamentos em relação à maioria que abrigaram em suas atuais terras de domicílio. Eles podem saudar a América; eles terão seus próprios pensamentos sobre a maioria do povo americano. Eles podem estar nas listas como russos ou poloneses ou o que quer que seja, mas serão judeus com plena consciência judaica e se farão sentir.

Tudo isso certamente terá seu efeito. E não é preconceito racial que nos prepara para isso e convida os próprios judeus americanos a considerar o fato e contribuir para a solução do problema que ele apresenta.

3. Cada ideia que governou a Europa encontrou transformação quando foi transplantada para a América. Foi assim com a ideia de Liberdade, a ideia de Governo, a ideia de Guerra. Será assim com a ideia de antissemitismo. Todo o problema se concentrará aqui e se formos sábios e não fugirmos dele, ele encontrará sua solução aqui. Um escritor judeu recente disse: “Judaísmo hoje significa em grande parte judaísmo americano ..... todos os antigos centros judaicos foram demolidos durante a guerra e foram transferidos para a América.” O problema será nosso, quer o escolhamos ou não.

E que curso tomará? Muito depende do que pode ser realizado antes que se torne muito forte. Pode-se dizer, no entanto, que o primeiro elemento a aparecer será uma demonstração de ressentimento contra certos sucessos comerciais judaicos, mais particularmente contra a ação unida pela qual eles

são alcançados. Nosso povo vê o espetáculo de um povo no meio de um povo, em um sentido que os mórmons nunca foram, e eles não gostarão disso. Os mórmons fizeram um Êxodo; Israel está voltando para o Egito para subjugá-lo.

O segundo elemento que sem dúvida aparecerá é o preconceito e sua incitação. A maioria pode sempre estar certa, mas nem sempre é inicialmente razoável. Esse preconceito que existe agora, e que é livremente admitido tanto por judeus quanto por gentios, pode se tornar mais acentuado, para a angústia de ambas as partes, pois nem o sujeito nem o objeto do preconceito podem atingir essa liberdade de espírito que é a felicidade.

Então podemos esperar com mais confiança uma reação de Justiça. É aqui que toda a questão começará a se dobrar ao gênio do Americanismo. A justiça inata da mente americana veio em auxílio de todo objeto que já despertou o ressentimento americano. A reação natural conosco é de duração muito breve; a reação intelectual e ética segue rapidamente. A mente americana nunca descansará em meramente ressentir-se de certos indivíduos. Ela sondará mais profundamente. Essa sondagem mais profunda já foi iniciada na Grã-Bretanha e na América. Nós caracteristicamente não paramos com pessoas quando os princípios estão à vista.

E sobre isso haverá uma investigação de materiais, parte dos quais ainda pode ser apresentada nesta série e que pode possivelmente ser desconsiderada por um tempo, mas que em uma data futura será descoberta como a pista para o labirinto. Sobre isso, a raiz de todos os problemas será exposta à luz, para morrer como todas as raízes morrem quando privadas de sua ocultação da escuridão, e então o próprio povo judeu pode ser esperado para começar um ajuste à nova ordem das coisas, não para perder sua identidade ou para reduzir sua energia ou diminuir seu brilho, mas para transformar tudo em canais mais

dignos para o benefício de todas as raças, o que sozinho pode justificar sua reivindicação de superioridade. Uma raça que pode alcançar no reino material o que os judeus alcançaram enquanto se afirmam espiritualmente superiores, pode alcançar em um reino menos sórdido, menos desafiador da sociedade também.

Os judeus não serão destruídos; nem lhes será permitido manter o jugo que eles foram tão habilidosos em impor à sociedade. Eles são os beneficiários de um sistema que, por si só, mudará e os forçará a outros e mais elevados dispositivos para justificar seu devido lugar no mundo.

Edição de 19 de junho de 1920.

“Devemos forçar os governos gentios a adotar medidas que promovam nosso plano amplamente concebido já se aproximando de seu objetivo triunfal, trazendo à tona a pressão da opinião pública estimulada que, na realidade, foi organizada por nós com a ajuda do chamado ‘grande poder' da imprensa. Com poucas exceções, não vale a pena considerar, já caiu em nossas mãos.”

—O Sétimo Protocolo.

VI.

A Questão Judaica Irrompe nas Revistas

ERA UMA VEZ um membro americano do corpo docente de uma universidade americana que foi à Rússia a negócios. Ele era especialista em um departamento muito importante de ciência aplicada e um observador atento. Ele entrou na Rússia com o sentimento do americano médio sobre o tratamento que o governo daquele povo dava aos judeus. Ele viveu lá três anos, voltou para casa por um ano e voltou novamente por um período semelhante, e em seu segundo retorno à América, ele pensou que era hora de dar ao público americano informações precisas sobre a Questão Judaica na Rússia. Ele preparou um artigo muito cuidadoso e o enviou ao editor de uma revista de primeira classe no Leste dos Estados Unidos. O editor mandou chamá-lo, passou a maior parte de dois dias com ele e ficou profundamente impressionado com tudo o que aprendeu — mas disse que não poderia imprimir o artigo. O mesmo interesse e exame ocorreram com vários outros editores de revistas de primeira linha.

Não era porque o professor não sabia escrever — esses editores compravam alegremente qualquer coisa que ele escrevesse sobre outros assuntos. Mas era impossível para ele ter seu artigo sobre os judeus aceito ou impresso em Nova York.

A Questão Judaica, no entanto, finalmente apareceu em uma revista de Nova York. Em vez disso, é um fragmento de uma bomba lançada do campo judeu na Questão Judaica para demolir, se possível, a Questão e, assim, tornar válida a afirmação de que não existe tal coisa.

Aliás, esse é o único tipo de artigo sobre a Questão Judaica que as grandes revistas, cujos labirintos de controladores financeiros fazem uma pesquisa muito interessante, se importariam em publicar.

No entanto, o público em geral pode aprender muito sobre a Questão, mesmo a partir do tipo de artigo cujo propósito é provar que a Questão não existe.

O Sr. William Hard, no *Metropolitan* de junho, fez tão bem quanto se poderia esperar, considerando o uso que ele deveria fazer do material que tinha em mãos. E, sem dúvida, as brigadas de telégrafo e carta, que vigiam todas as referências impressas aos judeus, parabenizaram devidamente os bons editores do *Metropolitan* por sua assistência em acalmar o público para dormir mais.

É de se esperar, para o bem da questão, que o esforço do Sr. Hard tenha uma ampla leitura, pois há muito a ser aprendido com ele — muito mais do que era a intenção de qualquer um.

Pode-se aprender, primeiro, que a Questão Judaica existe. O Sr. Hard diz que ela é discutida nas salas de estar de Londres e Paris. Não está claro se a menção às salas de estar foi um artifício do escritor para sugerir que o assunto era sem importância e frívolo, ou se meramente representava a extensão do contato do Sr. Hard com a Questão. Ele acrescenta, no entanto, que um documento relacionado à Questão “viajou bastante em certos círculos oficiais em Washington”. Ele também menciona um despacho telegráfico para o New York *World*, sobre a mesma Questão, que aquele jornal publicou. Seu artigo provavelmente foi publicado cedo demais para notar a revisão que o London *Times* fez do primeiro documento mencionado. Mas ele disse ao leitor que está procurando os fatos objetivos no artigo que há uma Questão Judaica, e que ela também não existe entre a ralé, mas principalmente nos círculos onde a evidência do poder e controle judaicos é mais abundante. Além disso, a Questão está sendo discutida. O Sr. Hard nos diz isso. Se ele não vai mais longe e nos diz que o assunto está sendo discutido com grande seriedade em altos escalões e entre homens de importância nacional e internacional, é provavelmente por uma de duas coisas: ou ele não sabe, ou não considera que seja condizente com o propósito do artigo contá-lo.

No entanto, o Sr. Hard já deixou claro que há uma Questão Judaica, que ela está sendo discutida, que está sendo discutida por pessoas que estão melhor posicionadas para observar o assunto sobre o qual estão falando.

A leitura do artigo do Sr. Hard deixa claro também que a Questão sempre vem à tona na nota de conspiração. Claro, o Sr. Hard diz que não acredita em conspirações que envolvam um grande número de pessoas, e é com a maior facilidade que sua confissão de descrença é aceita, pois não há nada mais ridículo para a mente gentia do que uma conspiração em massa, porque não há nada mais impossível para o próprio gentio. O Sr. Hard, entendemos, é de extração não judaica, e ele sabe o quão impossível seria unir gentios em qualquer número considerável por qualquer período de tempo, mesmo na conspiração mais nobre. Os gentios não são feitos para isso. Sua conspiração, seja ela qual for, cairia como uma corda de areia. Os gentios não têm a base nem em sangue nem em interesse que os judeus têm para se manterem unidos. O gentio não suspeita naturalmente de conspiração; ele dificilmente chegará à beira de acreditar nela sem a prova mais completa.

Portanto, é bem fácil entender a dificuldade do Sr. Hard com conspiração; o ponto é que, para escrever seu artigo, ele é forçado a reconhecer em quase todos os passos que, sempre que a Questão Judaica é discutida, a ideia de conspiração ocupa uma grande parte dela. Na verdade, é a ideia central no artigo do Sr. Hard, e monopoliza completamente o título — ‘‘Grande Conspiração Judaica’’.

A busca por fatos básicos no artigo do Sr. Hard revelará a informação adicional de que existem certos documentos que pretendem conter os detalhes da conspiração, ou — para usar uma palavra que é desagradável e pode ser enganosa e que não foi usada nesta série — a tendência do poder judaico de obter controle total. Isso é tudo o que o leitor aprende do Sr. Hard sobre os documentos, exceto que ele descreve um

como "estranho e horrível". Aqui está de fato uma lacuna lamentável na história, pois é para desacreditar um certo documento que o Sr. Hard escreve, e ainda assim ele não conta quase nada sobre ele. Documentos desacreditáveis geralmente desacreditam a si mesmos. Mas este documento não tem permissão para fazer isso. O leitor do artigo é deixado para acreditar na palavra do Sr. Hard. O estudante ou crítico sério sentirá, é claro, que os próprios documentos teriam formado uma base melhor para um julgamento inteligente. Mas deixando esse assunto de lado, o Sr. Hard tornou público o fato de que existem documentos.

E então o Sr. Hard faz outra coisa, tão bem quanto pode com os materiais em mãos, o propósito do artigo sendo o que era, e isso é mostrar o quão pouco os judeus têm a ver com o controle dos assuntos, mostrando quem são os judeus que controlam certos grupos selecionados de assuntos. Os nomes são todos apresentados pelo Sr. Hard e ele sozinho é responsável por eles, nosso propósito em nos referir a eles é meramente mostrar o que pode ser aprendido com ele.

O Sr. Hard se apoia fortemente em assuntos russos. Às vezes, quase pareceria que a Questão Judaica foi concebida como a Questão Soviética, o que não é, como o Sr. Hard muito bem sabe, e embora as duas tenham suas conexões claras, não é nada menos do que propaganda bem definida para estabelecer ficção bolchevique e derrubá-la com fatos judaicos para o propósito deste último. No entanto, o que o Sr. Hard oferece como fato é muito instrutivo, independentemente da conclusão que ele tira disso.

Agora, vejamos primeiro sua formação russa. Ele diz que no gabinete da Rússia Soviética há apenas um judeu. Mas ele é Trotsky. Há outros no governo, é claro, mas o Sr. Hard está falando sobre o gabinete agora. Ele não está falando sobre os comissários, que são os verdadeiros governantes da Rússia, nem sobre as tropas executivas, que são a verdadeira força do regime Trotsky-Lenin. Não,

apenas o gabinete. Claro, havia apenas um judeu proeminente na Hungria também, mas ele era Bela Kun. O Sr. Hard não nos pede para acreditar, no entanto, que é simplesmente por causa de Trotsky e Kun que toda a Europa acredita que o bolchevismo tem um forte elemento judaico. Caso contrário, a credibilidade estúpida dos gentios seria mais impossível de conceber do que a ideia de uma conspiração judaica é para a mente do Sr. Hard. Por que deveria ser mais fácil acreditar que os gentios são idiotas do que que os judeus são inteligentes?

No entanto, não é exagero dizer que Trotsky está no topo, compartilhando o cume mais alto do bolchevismo com Lenin, e Trotsky é judeu — ninguém jamais negou isso, nem mesmo o próprio Sr. Braunstein (este último sendo o nome de Trotsky em St. Louis, EUA).

Mas então, diz o Sr. Hard, os mencheviques também são liderados por judeus! Esse é um fato que vale a pena colocar ao lado dos outros. Trotsky à frente dos bolcheviques; à frente dos mencheviques *durante sua oposição* aos bolcheviques estavam Lieber, Martov e Dan — “todos judeus”, diz o Sr. Hard.

Há, no entanto, um partido intermediário entre esses extremos, os Cadetes, que, diz o Sr. Hard, são ou foram o partido político burguês mais forte da Rússia. “Eles agora têm sua sede em Paris. Seu presidente é Vinaver — um judeu.”

Há os fatos como declarado pelo Sr. Hard. Ele diz que os judeus, cujos nomes ele dá, lideram as três grandes divisões da opinião política na Rússia.

E então ele grita, veja como os judeus estão divididos! Como pode haver conspiração entre pessoas que assim lutam entre si?

Mas outro, olhando para a mesma situação, pode dizer: veja como os judeus controlam cada fase da opinião política na Rússia! Não parece haver algum fundamento para o sentimento de que eles desejam governar em todos os lugares?

Os fatos estão aí. Que significado traz para a mente média que os três grandes partidos da Rússia sejam liderados por judeus?

Mas isso não esgota as informações que o leitor prático pode encontrar no artigo do Sr. Hard. Ele se volta para os Estados Unidos e faz várias declarações interessantes.

“Lá está Otto Kahn”, ele diz. Bem, às vezes Otto Kahn está *lá*, e às vezes ele está em Paris em importantes questões internacionais, e às vezes ele está em Londres defendendo certas alianças entre o capital britânico e americano que têm a ver em grande parte com as condições políticas europeias. O Sr. Kahn é classificado como conservador, e isso pode significar qualquer coisa. Um homem é conservador ou não de acordo com o ângulo do qual ele é visto. Os homens mais conservadores na América são realmente os mais radicais; seus motivos e métodos vão até as raízes de certas questões; eles são radicais em seu próprio campo. Os homens que controlaram a última Convenção Republicana — se não a última, a mais recente — são denominados conservadores por aqueles cuja visão é circunscrita por certos interesses econômicos limitados; mas eles são os mais radicais dos radicais, eles passaram pelo estágio vermelho e estão brancos com ele. Se soubesse o que está no fundo da mente do Sr. Kahn, se ele exibisse um gráfico do que está fazendo e pretende fazer, o termo que o descreveria mais apropriadamente poderia ser bem diferente. De qualquer forma, ouvimos do Sr. Hard: “Lá está o Sr. Kahn”.

“Por outro lado”, diz o Sr. Hard, ‘há Rose Pastor Stokes.’” Ele acrescenta o nome de Morris Hillquit. Eles são, na classificação do Sr. Hard, radicais. E para compensar esses nomes, ele acrescenta os nomes de dois gentios, Eugene V. Debs e Bill Haywood, e sugere que eles são líderes muito mais poderosos do que os dois primeiros. Estudantes de influências modernas, dos quais o Sr. Hard há muito tempo aparece como um, não pensam assim. Nem Debs nem Haywood jamais geraram em todas as suas vidas

uma fração do poder intelectual que a Sra. Stokes e o Sr. Hillquit geraram. Tanto Debs quanto Haywood vivem pelos outros. Para cada pessoa informada, como para o Sr. Hard neste artigo, vêm os nomes judeus à mente quando as tendências sociais dos Estados Unidos são passadas sob reflexão.

Isso é muito instrutivo, de fato, que ao nomear os líderes do chamado conservadorismo e radicalismo, o Sr. Hard é levado a usar nomes judeus. Em sua demonstração, o leitor tem o direito de dizer que os judeus lideram ambas as divisões aqui nos Estados Unidos.

Mas o Sr. Hard não terminou. “O homem que faz mais do que qualquer outro homem — o homem que faz mais do que qualquer regimento de outros homens — para manter o trabalho americano antirradical é um judeu — Samuel Gompers.” Esse é um fato que o leitor colocará em sua lista — o trabalho americano é liderado por um judeu.

Bem, então, “o sindicato anti-Gompers mais forte do país — The Amalgamated Clothing Workers — e muito forte mesmo, e muito grande — é liderado por um judeu — Sidney Hillman”.

É a situação russa de novo. Ambas as pontas dos movimentos, e o movimento que opera dentro do movimento, estão sob a liderança dos judeus. Isto, qualquer que seja a construção colocada sobre ele, é um fato que o Sr. Hard é compelido pela própria natureza de sua tarefa a reconhecer.

E o movimento do meio, “o Meio Liberal”, como o Sr. Hard o chama, que abrange todos os que estão no meio, produz neste artigo os nomes do Sr. Juiz Brandeis, Juiz Mack e Felix Frankfurter, cavalheiros cujas atividades desde o Dia do Armistício dariam uma história muito interessante.

Para completar, o Sr. Hard produz dois outros nomes, “Barão Gunzberg — um judeu” que é “um fiel funcionário” da Embaixada Russa do Embaixador Bakhmetev, um representante do antigo regime modificado, enquanto o

Bureau de Informação Russo, cuja produção literária aparece em muitos dos nossos jornais, é conduzido por outro judeu, como o Sr. Hard o chama, cujo nome é familiar aos leitores de jornais, o Sr. A. J. Sack.

Não é uma lista completa de forma alguma, mas é bastante impressionante. Parece refletir a importância dos documentos que o Sr. Hard se esforça para minimizar a uma posição de ridícula falta de importância. E leva ao pensamento de que talvez os documentos sejam examinados tão cuidadosamente quanto são porque o leitor: deles observou não apenas os fatos que o Sr. Hard admite, mas outros mais surpreendentes, e descobriu que os documentos confirmam e explicam as observações. Outros leitores que não tiveram o privilégio de aprender tudo o que os documentos contêm têm o direito de ter satisfação dada ao interesse assim despertado.

Os documentos não criaram a Questão Judaica. Se não houvesse nada além dos documentos, o Sr. Hard não teria escrito nem a *Metropolitan* Magazine teria impresso o artigo aqui discutido.

O que o Sr. Hard fez foi trazer a confirmação em um lugar muito inesperado de que a Questão existe e está pressionando para discussão. Alguém sentiu a pressão quando “A Grande Conspiração Judaica” foi ordenada e escrita.

Edição de 26 de junho de 1920.

“Sobre o que você está tagarelando? Enquanto não tivermos a imprensa do mundo inteiro em nossas mãos, tudo o que você fizer será em vão. Devemos controlar ou influenciar os jornais do mundo inteiro para cegar e enganar as pessoas.”

—Barão Montefiore.

VII.

Arthur Brisbane salta para ajudar os judeus

MAIS uma vez a corrente desta série sobre a Questão Judaica Moderna é interrompida para dar aviso do aparecimento da Questão em outro trimestre, o aparecimento desta vez consistindo de um editorial "Today" de mais de duas colunas nos jornais Hearst de domingo, 20 de junho, da pena de Arthur Brisbane. Seria demais dizer que o Sr. Brisbane é o escritor mais influente do país, mas talvez ele esteja entre a dúzia mais lida. É, portanto, uma confirmação da declaração de que a Questão está assumindo importância neste país, que um escritor da proeminência do Sr. Brisbane deva discuti-la abertamente.

Claro, o Sr. Brisbane não estudou a Questão. Ele provavelmente admitiria em uma conversa privada — embora tal admissão dificilmente estaria em harmonia com o tom de certeza que ele adota publicamente — que ele realmente não sabe nada sobre isso. Ele sabe, no entanto, como um bom jornalista, como lidar com isso quando as exigências do dia do jornal o jogam para ele para um tratamento improvisado. Todo escritor editorial sabe como fazer isso. Há algo de bom em cada raça, ou houve alguns indivíduos notáveis nela, ou desempenhou um papel pitoresco na história — isso é o suficiente para um editorial muito legível sobre qualquer classe de pessoas que possa estar representada na comunidade. A Questão, seja ela qual for, não precisa ser estudada de forma alguma; um certo grupo de pessoas pode ser poupado por algumas paráfrases, e o trabalho nunca mais precisará ser enfrentado. Todo jornalista sabe disso.

E, no entanto, tendo vivido em Nova York por um longo tempo, tendo tido negócios financeiros de natureza ampla e obrigatória com certos interesses neste país, tendo visto sem dúvida mais ou menos do funcionamento interno do grande trust e dos grupos bancários, e sendo constantemente cercado por assistentes e conselheiros que são membros da raça judaica, o Sr. Brisbane deve ter tido seus pensamentos. No entanto, não faz parte do negócio de

um jornalista expor seus pensamentos sobre os grupos raciais de sua comunidade, assim como não é negócio de um showman expressar sua opinião sobre os clientes de seu show. Os tipos de ofensa que um jornal dará, e as ocasiões em que ele se sentirá justificado em dá-la, são muito limitados.

Então, supondo que o Sr. Brisbane tivesse que escrever, poderia ter sido dito de antemão o que ele escreveria. A única surpresa é que ele sentiu que tinha que escrever. Ele realmente sentiu que os judeus estão sendo "perseguidos" quando se tenta descobrir a extensão e as causas de seu controle nos Estados Unidos e em outros lugares? Ele sentiu, com boa astúcia editorial, que aqui estava uma oportunidade de ganhar a atenção e o respeito do grupo mais influente em Nova York e na nação? Ou — e isso parece estar dentro das probabilidades — ele estava inclinado a simplesmente deixar passar, até que sugestões de secretaria o alcançassem para um editorial de domingo, ou até que alguns dos detentores de títulos tornassem seus desejos conhecidos? Isso não é de forma alguma para impugnar os motivos do Sr. Brisbane, mas apenas para indicar de quais tênues cordas tal editorial pode depender.

Mas o que é mais importante — o Sr. Brisbane considera que, tendo descartado o editorial de domingo, ele terminou com a Questão, ou que a Questão em si está resolvida? Essa é a pior parte do editorial diário; tendo chegado com segurança e inofensivamente a um editorial, o assunto está encerrado no que diz respeito àquele escritor em particular — isto é, como algo de costume.

É de se esperar que o Sr. Brisbane não tenha terminado. Ele não deveria deixar uma grande questão sem contribuir com algo para ela, e em seu editorial de domingo ele não contribuiu com nada. Ele até cometeu erros que deveria corrigir com mais estudo. "E os fenícios?", ele pergunta. Ele deveria ter pesquisado isso enquanto sua mente estava aberta receptivamente para o assunto, e ele não teria cometido um erro tão miserável a ponto de conectá-los tão intimamente com os judeus. Ele

nunca encontraria um judeu fazendo isso. É permissível, no entanto, na propaganda judaica destinada ao consumo gentio. Os próprios fenícios certamente nunca pensaram que estavam conectados de alguma forma com os judeus, e os judeus estavam igualmente sem luz sobre o assunto. Se em nada mais, eles diferiam em sua atitude em relação ao mar. Os fenícios não apenas construíram barcos, mas os tripularam; o judeu arriscaria seu investimento em um barco do que ele mesmo. Em todo o resto, as diferenças entre os dois povos eram profundas e distintas. O Sr. Brisbane deveria ter aberto a Enciclopédia Judaica naquele ponto de seu ditado. É de se esperar que ele retome seus estudos e, quando encontrar algo que não esteja impresso em livros judaicos "simplesmente escritos", dará ao mundo o benefício disso. Não é como a questão da redondeza da Terra; essa questão não está resolvida e será discutida.

O Sr. Brisbane está em posição de prosseguir com algumas investigações próprias sobre este assunto. Ele tem uma grande equipe, e presume-se que alguns de seus membros sejam gentios de mentes imparciais; ele tem uma organização mundial; já que sua própria modificação de discurso e visões seguindo sua aventura no mundo do lucro, ele tem uma "olhada" em certos grupos de homens e certas tendências de poder — por que ele não toma esta questão como um problema mundial e vai atrás dos fatos e da solução?

É uma tarefa digna de qualquer organização jornalística. Ajudará a América a fazer a contribuição que ela deve fazer se esta questão quiser deixar de ser o bicho-papão que tem sido ao longo de todos os séculos. Toda a conversa na terra sobre "amar nossos semelhantes" não servirá em lugar de uma investigação, porque está pedindo aos homens que amem aqueles que estão rápida e insidiosamente ganhando o domínio deles. "O que há de errado com o judeu?" é a primeira pergunta, e então, "O que há de errado com o gentio para tornar isso possível?"

Como no caso de todo escritor gentio que aparece como o defensor bem-humorado do judeu, o Sr. Brisbane é

compelido a declarar uma série de fatos que compõem uma parte da própria Questão cuja existência é negada.

“Todo outro nome de sucesso que você vê em uma grande cidade é um nome judeu”, diz o Sr. Brisbane. Em sua própria cidade, a proporção é ainda maior do que isso.

“Os judeus, que representam menos de um por cento da população da Terra, possuem, por meio da conquista, do empreendimento, da indústria e da inteligência, 50 por cento do sucesso comercial mundial”, diz o Sr. Brisbane.

Isso significa alguma coisa para o Sr. Brisbane? Ele já pensou como tudo isso vai acabar? Ele está disposto a absolver esse “sucesso” de todas as qualidades que a humanidade tem o direito de desafiar? Ele está inteiramente satisfeito com a maneira como o “sucesso” é usado onde é supremo? Ele estaria disposto a se comprometer a provar que é devido àquelas qualidades louváveis que ele nomeou e nada menos louvável? Falando da campanha ferroviária de Harriman financiada por judeus, o Sr. Brisbane está pronto para escrever seu endosso sobre isso? Ele já ouviu falar de dinheiro judeu apoiando ferrovias que foram construídas para fins ferroviários e nada mais?

Seria muito fácil sugerir ao Sr. Brisbane, como editor, uma série de artigos que seriam muito esclarecedores, tanto para ele quanto para seus leitores, se ele apenas colocasse homens imparciais trabalhando para reunir os fatos para eles.

Um dos artigos poderia ser intitulado “Os judeus na Conferência de Paz”. Seus homens deveriam ser instruídos a aprender quem eram as figuras mais proeminentes na Conferência de Paz; quem ia e vinha mais constantemente e mais ocupado; quem tinha acesso mais livre às pessoas e câmaras mais importantes; qual raça fornecia a maior parte dos secretários particulares das personagens importantes ali; qual raça fornecia a maioria das sentinelas por meio das quais os compromissos tinham que ser feitos com homens de destaque; qual raça foi mais longe no esforço de transformar todo o processo em uma festa de

danças e entretenimento luxuoso; quais civis de destaque costumavam jantar com os principais conferencistas em sessões privadas.

Se o Sr. Brisbane, com o gênio para reportagens que sua organização merecidamente tem, deixar seus homens livres para essa tarefa e depois publicar o que eles trouxerem, ele terá uma história que deixará uma marca até mesmo em sua notável carreira como editor.

Ele poderia até publicar uma segunda história sobre a Conferência da Paz, intitulada “Qual programa venceu na Conferência da Paz?” Ele poderia instruir seus homens a perguntar sobre o negócio que trouxe os judeus em tal qualidade e quantidade para Paris, e como ele foi realizado. Particularmente, eles deveriam perguntar se algum jota ou til do programa mundial dos judeus foi recusado ou modificado pela Conferência da Paz. Também deveria ser cuidadosamente questionado se, depois de obter o que buscavam, eles não pediram ainda mais e obtiveram isso também, embora constituísse uma discriminação contra o resto do mundo. O Sr. Brisbane sem dúvida ficaria surpreso ao saber que de todos os programas submetidos àquela Conferência, sem exceção do grande programa no qual a humanidade depositou tantas esperanças patéticas, o único programa a ser aprovado foi o programa dos judeus. E, no entanto, ele poderia descobrir exatamente isso se perguntasse. A questão é, tendo obtido essa informação, o que o Sr. Brisbane faria com ela?

Há inúmeras linhas de investigação que o Sr. Brisbane poderia adotar, e em qualquer uma delas seu conhecimento de seu país e de sua relação com esta questão específica seria grandemente ampliado.

O Sr. Brisbane sabe quem é o dono do Alasca? Ele pode ter tido a impressão, assim como o resto de nós até aprendermos melhor, de que era propriedade dos Estados Unidos. Não, é propriedade das mesmas pessoas que estão rapidamente se tornando donas dos Estados Unidos.

O Sr. Brisbane, do ponto de vista oferecido por sua posição no jornalismo nacional, está mesmo vagamente ciente de que há elementos em nossa agitação industrial que nem ‘‘capital’’ nem ‘‘trabalho’’ definem com precisão? Ele já teve um vislumbre de outro poder que não é nem ‘‘trabalho’’ nem ‘‘capital’’ no sentido produtivo, cujo propósito e interesse é manter o trabalho e o capital o mais distante possível, ora provocando o trabalho, ora provocando o capital? Em seu estudo da situação industrial e seu mistério perfeitamente desconcertante, o Sr. Brisbane deve ter captado um lampejo de algo nos bastidores. Seria um bom empreendimento jornalístico descobrir o que é.

O Sr. Brisbane já publicou os nomes dos homens que controlam o fornecimento de açúcar dos Estados Unidos? Ele os conhece? Ele gostaria de conhecê-los?

Ele já olhou para a situação da lã neste país, desde a mudança de propriedade em terras de algodão e a sabotagem deliberada da produção de algodão por ameaças bancárias, até a mudança no preço de tecidos e roupas? E ele já anotou os nomes dos homens que encontrou naquela parte da investigação? Ele gostaria de saber como isso é feito e quem o faz? O Sr. Brisbane poderia encontrar todas essas coisas e dá-las ao público usando sua equipe eficiente de investigadores e escritores sobre esta questão.

Se o Sr. Brisbane se sentiria livre para fazer isso, ele mesmo sabe melhor. Pode haver razões pelas quais ele não o faria, razões privadas, razões prudenciais.

Seja como for, não há razões pelas quais ele não deva fazer um estudo completo da Questão — um estudo real, não uma olhada superficial nela com um olho em seu “valor de notícia” — e chegar à sua própria conclusão ponderada. Não haveria intolerância sobre isso. Do jeito que está agora, o Sr. Brisbane não está qualificado para tomar posição em nenhum dos lados da Questão; ele simplesmente a descarta como problemática, como os antigos fazendeiros costumavam descartá-la como

moralistas antiescravistas; e por essa razão a recente defesa do judeu não é uma defesa de forma alguma. É mais como uma tentativa de favor.

A principal aversão do Sr. Brisbane, aparentemente, é em relação ao que ele chama de preconceito racial e ódio racial. Claro, se algum homem temer que o estudo de uma situação econômica o mergulhe nessas sérias aberrações mentais, ele deve ser aconselhado a evitar essa linha de estudo. Há algo errado com a investigação ou com o investigador quando preconceito e ódio são o resultado. É uma desculpa muito pobre, no entanto, para um homem inteligente apresentar em seu próprio nome ou em nome daqueles cujas mentes ele teve o privilégio de moldar ao longo dos anos.

Preconceito e ódio são as próprias condições que um estudo científico da Questão Judaica irá prevenir e prevenir. Nós prejulgamos o que não sabemos, e odiamos o que não entendemos; o estudo da Questão Judaica trará conhecimento e percepção, e não apenas para os gentios, mas também para os judeus. Os judeus precisam disso tanto quanto, até mais do que os gentios. Pois se o judeu pode ser feito para ver, entender e lidar com certos assuntos, então uma grande parte da Questão desaparece na solução do senso comum ideal. Despertar os gentios para os fatos sobre os judeus é apenas parte do trabalho; despertar os judeus para os fatos sobre a Questão é uma parte indispensável. A grande vitória inicial a ser alcançada é transformar os gentios de meros atacantes e transformar os judeus de meros defensores, ambos defensores especiais de visões partidárias, e transformá-los em investigadores. A investigação mostrará que tanto os gentios quanto os judeus estão em falta, e o caminho estará então livre para que a sabedoria chegue a um resultado, se por acaso ainda houver sabedoria suficiente na corrida.

Há uma armadilha séria em todo esse apelo por tolerância. Tolerância é, antes de tudo, tolerância à verdade. Tolerância é instada hoje em dia para suprimir.

Não pode haver tolerância até que haja primeiro uma compreensão completa do que é tolerado. Ignorância, supressão, silêncio, conluio — isso não é tolerância. O judeu nunca foi realmente tolerado no sentido mais elevado porque ele nunca foi compreendido. O Sr. Brisbane não ajuda a entender esse povo lendo um livro "simplesmente escrito" e lançando alguns nomes judeus em um mar de tipos. Ele deve à sua própria mente entrar na questão, se ele faz uso de suas descobertas em jornais ou não.

Quanto ao ângulo do jornal, é impossível relatar o mundo, mesmo superficialmente, sem ir a todos os lugares contra o fato dos judeus, e a imprensa contorna esse fato se referindo a eles como russos, letões, alemães e ingleses. Essa máscara de nomes é um dos elementos mais confusos em todo o problema. Nomes que realmente nomeiam, declarações que realmente definem são necessárias para o esclarecimento da mente do mundo.

O Sr. Brisbane deveria estudar essa questão para a luz que tal estudo lançaria sobre outros assuntos com os quais ele está preocupado. Seria uma ajuda para esse estudo se de tempos em tempos ele publicasse algumas de suas descobertas, porque tal publicação o colocaria em contato com uma fase do judaísmo que meros editoriais elogiosos não poderiam. Sem dúvida, o Sr. Brisbane foi inundado por comunicações que o elogiam pelo que ele escreveu; o verdadeiro abridor de olhos viria se ele pudesse obter vários alqueires do outro tipo. Nada que já tenha chegado a ele poderia se comparar ao que chegaria a ele se ele publicasse até mesmo um dos fatos que ele poderia descobrir por uma investigação independente.

Tendo escrito sobre os judeus, o Sr. Brisbane provavelmente terá um olho mais pronto doravante para os pronunciamentos de outros homens sobre o mesmo assunto. Em sua leitura casual, ele encontrará mais referências aos judeus do que jamais notou antes. Algumas delas provavelmente aparecerão em frases e parágrafos isolados de seus próprios artigos. Mais cedo ou mais tarde,

todo investigador competente e todo escritor honesto encontra uma trilha que leva ao poder judaico no mundo. O Dearborn Independent está apenas fazendo com sistema e detalhes o que outras publicações fizeram ou estão fazendo aos poucos.

Há um medo real do judeu nas fontes de publicidade dos Estados Unidos — um medo que é sentido e que deve ser analisado. A menos que seja um erro muito grande, o próprio Sr. Brisbane sentiu esse medo, embora seja bem possível que ele não o tenha examinado. Não é o medo de fazer injustiça a uma raça de pessoas — todos nós deveríamos ter esse medo honroso — é o medo de fazer qualquer coisa com referência a elas, exceto elogiá-las sem restrições. Uma investigação independente convenceria o Sr. Brisbane de que uma modificação considerável de elogios em favor de críticas discriminadas é um curso que está pressionando o jornalismo americano.

Edição de 3 de julho de 1920.

VIII.

Existe um Programa Judaico Definido?

EM todas as explicações do sentimento antijudaico que os porta-vozes judeus modernos fazem, essas três causas alegadas são comumente dadas — essas três e nada mais: preconceito religioso, ciúme econômico, antipatia social. Quer o judeu saiba ou não, todo gentio sabe que do seu lado da Questão Judaica não existe preconceito religioso. O ciúme econômico pode existir, pelo menos até esse ponto, que seu sucesso uniforme expôs o judeu a muito escrutínio. Alguns porta-vozes judeus buscam desviar esse escrutínio negando que o judeu seja preeminente em finanças, mas isso é lealdade em extremo. As finanças do mundo estão sob o controle dos judeus; suas decisões e seus dispositivos são, em si, nossa lei econômica. Mas porque um povo nos supera em finanças não é razão suficiente para chamá-los ao tribunal do julgamento público. Se eles são mais capazes intelectualmente, mais persistentemente industriosos do que nós, se eles são dotados de faculdades que nos foram negadas como uma raça inferior ou mais lenta, isso não é razão para exigirmos que eles prestem contas de si mesmos. O ciúme econômico pode explicar parte do sentimento antijudaico; não pode explicar a presença da Questão Judaica, exceto quando as causas ocultas do sucesso financeiro judaico podem se tornar um elemento menor do problema maior. E quanto à antipatia social — há muito mais gentios indesejáveis no mundo do que judeus indesejáveis, pela simples razão de que há mais gentios.

Nenhum dos porta-vozes judeus hoje menciona a causa política, ou se eles chegam a uma distância sugestiva dela, eles a limitam e localizam. Não é uma questão do patriotismo do judeu, embora isso também seja amplamente questionado em todos os países. Você ouve isso na Inglaterra, na França, na Alemanha, na Polônia, na Rússia, na Romênia — e, com um choque, você ouve isso nos Estados Unidos. Livros foram escritos, relatórios publicados e espalhados no exterior, estatísticas

habilmente apresentadas com o propósito de mostrar que o judeu faz sua parte pelo país em que reside; e ainda assim o fato é que, apesar dessas campanhas mais zelosas e altamente patrocinadas, a afirmação oposta é mais forte e vive mais. Os judeus que cumpriram seu dever nos exércitos da Liberdade, e o fizeram sem dúvida por amor e lealdade sinceros, não foram capazes de superar a impressão causada em oficiais, homens e civis por aqueles que não o fizeram.

Mas não é isso que aqui se quer dizer como elemento político na Questão Judaica. Não é difícil entender por que o judeu deve pensar menos nas nacionalidades do mundo do que aquelas que as compõem. A história do judeu é uma de peregrinação entre todas elas. Considerando apenas indivíduos vivos, não há nenhuma raça de pessoas agora no planeta que tenha vivido em tantos lugares, entre tantos povos, como as massas judaicas. Eles têm um senso de mundo mais claro do que qualquer outro povo, porque o mundo tem sido seu caminho. E eles pensam em termos mundiais mais do que qualquer povo nacionalmente enclausurado poderia. O judeu pode ser absolvido se não entrar em lealdades e preconceitos nacionais com a mesma intensidade que os nativos; o judeu tem sido por séculos um cosmopolita. Embora sob uma bandeira ele possa estar correto na conduta exigida dele como cidadão ou residente, inevitavelmente ele tem uma visão de bandeiras que dificilmente pode ser compartilhada pelo homem que conheceu apenas uma bandeira.

O elemento político está inerente ao fato de que os judeus formam uma nação no meio das nações. Alguns de seus porta-vozes, particularmente na América, negam isso, mas o gênio do próprio judeu sempre envergonhou o zelo desses porta-vozes. E por que esse fato de nacionalidade deve ser negado tão vigorosamente nem sempre está claro. Pode ser que quando Israel for levado a ver que sua missão no mundo não deve ser alcançada por meio do Bezerro de Ouro, seu próprio cosmopolitismo em relação ao mundo e sua integridade nacionalista inescapável em relação a si mesma provarão juntos um grande e útil fator para trazer a

unidade humana, que a tendência judaica total no momento está fazendo muito para impedir. Não é o fato de que os judeus permanecem uma nação no meio das nações; é o uso feito desse status inescapável, que o mundo considerou repreensível. As nações tentaram reduzir os judeus à unidade consigo mesmas; tentativas para o mesmo fim foram feitas pelos próprios judeus; mas o destino parece tê-los marcado para a nacionalidade contínua. Tanto os judeus quanto o mundo terão que aceitar esse fato, encontrar a boa profecia nele e buscar os canais para seu cumprimento.

Theodor Herzl, um dos maiores judeus, foi talvez o expoente público mais visionário da filosofia da existência judaica que as gerações modernas conheceram. E ele nunca duvidou da existência da nação judaica. De fato, ele proclamou sua existência em todas as ocasiões. Ele disse: "*Nós somos um povo — Um povo.*"

Ele viu claramente que o que ele chamou de Questão Judaica era política. Em sua introdução a "The Jewish State" ele diz, "Eu acredito que entendo o antissemitismo, que é realmente um movimento altamente complexo. Eu o considero de um ponto de vista judaico, mas sem medo ou ódio. Eu acredito que posso ver quais elementos há nele de esporte vulgar, de ciúme comercial comum, de preconceito herdado, de intolerância religiosa e também de autodefesa fingida. Acredito que a Questão Judaica não é mais social do que religiosa, embora às vezes assuma essas e outras formas. *É uma questão nacional, que só pode ser resolvida tornando-se uma questão política mundial* a ser discutida e controlada pelas nações civilizadas do mundo em conselho."

Não apenas Herzl declarou que os judeus formavam uma nação, mas quando questionado pelo Major Evans Gordon perante a Comissão Real Britânica sobre Imigração Estrangeira em agosto de 1902, o Dr. Herzl disse: "Vou lhe dar minha definição de nação, e você pode adicionar o adjetivo 'judeu'. Uma nação é, na minha opinião, um grupo histórico de homens de uma coesão reconhecível mantidos

juntos por um inimigo comum. *Isso é, na minha opinião, uma nação. Então, se você adicionar a isso a palavra 'judeu', você tem o que EU entendo ser a nação Judaica."*

Além disso, ao relacionar a ação desta nação judaica ao mundo, o Dr. Herzl escreveu: "Quando afundamos, nos tornamos um proletariado revolucionário, os oficiais subordinados do partido revolucionário; quando nos elevamos, também se eleva o nosso terrível poder da bolsa."

Esta visão, que parece ser a visão verdadeira, pois é a visão que tem sido sustentada por mais tempo no pensamento judaico, é trazida também por Lord Eustace Percy, e republicada, aparentemente com aprovação, pelo Canadian *Jewish Chronicle*. Ela valerá uma leitura cuidadosa:

"O liberalismo e o nacionalismo, com um floreio de trombetas, abriram as portas do gueto e ofereceram cidadania igual ao judeu. O judeu passou para o mundo ocidental, viu o poder e a glória dele, usou-o e aproveitou-o, colocou sua mão de fato sobre os centros nervosos de sua civilização, guiou-o, dirigiu-o e explorou-o, e então — recusou a oferta * * *Além disso — e isso é algo notável — a Europa do nacionalismo e do liberalismo, do governo científico e da igualdade democrática é mais intolerável para ele do que as velhas opressões e perseguições do despotismo * * * Na crescente consolidação das nações ocidentais, não é mais possível contar com tolerância completa * * *

"Na Europa Oriental, o bolchevismo e o sionismo muitas vezes parecem crescer lado a lado, assim como a influência judaica moldou o pensamento republicano e socialista ao longo do século XIX, até a revolução dos Jovens Turcos em Constantinopla, há pouco mais de uma década — *não porque o judeu se importe com o lado positivo da filosofia radical, não porque ele deseje ser um participante do nacionalismo gentio ou da democracia gentia, mas porque nenhum sistema de governo gentio existente é algo além de desagradável para ele."*

Tudo isso é verdade, e os pensadores judeus do tipo mais destemido sempre reconhecem que é verdade. *O judeu é contra o esquema gentio das coisas.* Ele é, quando dá total liberdade às suas tendências, um republicano contra a monarquia, um socialista contra a república e um bolchevique contra o socialismo.

Quais são as causas dessa atividade disruptiva? Primeiro, sua falta essencial de democracia. A natureza judaica é autocrática. A democracia é boa para o resto do mundo, mas o judeu, onde quer que seja encontrado, forma uma aristocracia de um tipo ou de outro. A democracia é meramente uma ferramenta de uma palavra que os agitadores judeus usam para se elevarem ao nível comum em lugares onde são oprimidos abaixo dele; mas tendo alcançado o nível comum, eles imediatamente fazem esforços para privilégios especiais, como tendo direito a eles — um processo do qual a recente Conferência de Paz permanecerá o exemplo mais surpreendente. Os judeus hoje são o único povo cujos privilégios especiais e extraordinários estão escritos no Tratado de Paz do mundo. Mas mais sobre isso em outro momento.

Ninguém agora pretende negar, exceto alguns porta-vozes que realmente não governam o pensamento dos judeus, mas são apresentados para o único benefício de influenciar o pensamento gentio, que os elementos social e economicamente perturbadores no exterior no mundo hoje não são apenas tripulados, mas também financiados por interesses judaicos. Por muito tempo, esse fato foi mantido em suspense devido à negação vigorosa dos judeus e à falta de informação por parte daquelas agências de publicidade às quais o público havia buscado suas informações. Mas agora os fatos estão surgindo. As palavras de Herzl estão sendo provadas como verdadeiras — “quando afundamos, nos tornamos um proletariado revolucionário, *os oficiais subordinados do partido revolucionário*” — e essas palavras foram publicadas pela primeira vez em inglês em 1896, ou 24 anos atrás.

Agora mesmo essas tendências estão trabalhando em duas direções, uma para a destruição dos estados gentios em todo o mundo, a outra para o estabelecimento de um estado judeu na Palestina. O último projeto tem os melhores desejos do mundo inteiro, mas está longe de ter os melhores desejos de todo o mundo, ou mesmo da maior parte dos judeus. O partido sionista faz muito barulho, mas é realmente uma minoria não representativa. Dificilmente pode ser designado como mais do que um esquema de colonização extraordinariamente ambicioso.* Sem dúvida, está servindo, no entanto, como uma tela pública muito útil para a realização de atividades secretas. Judeus internacionais, os controladores do poder governamental e financeiro do mundo, podem se reunir em qualquer lugar, a qualquer momento, em tempos de guerra ou de paz, e ao revelar que estão apenas considerando as formas e meios de abrir a Palestina aos judeus, eles escapam facilmente da suspeita de estarem juntos em qualquer outro negócio. Os aliados e inimigos das nações gentias em guerra se encontraram e não foram molestados. Foi em uma conferência sionista — a sexta, realizada em 1903 — que a guerra recente foi prevista com exatidão, seu progresso e resultado indicados, e a relação dos judeus com o Tratado de Paz delineada.

Ou seja, embora o nacionalismo judaico exista, sua consagração em um estado a ser estabelecido na Palestina não é o projeto que está envolvendo toda a nação judaica agora. Os judeus não se mudarão para a Palestina ainda; pode-se dizer que eles não se mudarão de forma alguma meramente por causa do movimento sionista. Um motivo bem diferente será a causa do êxodo das nações gentias, quando o tempo para esse êxodo chegar completamente.

Como Donald A. Cameron, falecido cônsul-geral britânico em Alexandra, um homem totalmente simpatizante do sionismo e muito citado na imprensa judaica, diz: “Os imigrantes judeus (na Palestina) se cansarão de levar a roupa lavada uns dos outros a três por cento, de ganhar o dinheiro uns dos outros na família, e seus filhos se apressarão de trem e vapor para ganhar 10

por cento no Egito * * * O judeu sozinho na Palestina comerá sua cabeça; ele chutará seu estábulo em pedaços.” Sem dúvida, o tempo para o êxodo — pelo menos o motivo para o êxodo — ainda não chegou.

O aspecto político da Questão Judaica que agora envolve pelo menos três das grandes nações — França, Grã-Bretanha e Estados Unidos — tem a ver com questões da atual organização da nação judaica. Ela deve esperar até chegar à Palestina para ter um Estado, ou é um Estado organizado agora? A Judiaria sabe o que está fazendo? Tem uma “política externa” com relação aos gentios? Tem um departamento que está executando essa política externa? Este Estado Judeu, visível ou invisível, se existir, tem uma cabeça? Tem um Conselho de Estado? E se alguma dessas coisas é assim, quem está ciente disso?

A primeira resposta impulsiva da mente gentia seria “Não” a todas essas perguntas — é um hábito gentio responder impulsivamente: nunca tendo sido treinado em segredos ou unidade invisível, o gentio imediatamente conclui que tais coisas não podem existir, se não por outra razão, pelo menos porque elas não cruzaram seu caminho e se anunciaram.

As questões, no entanto, respondidas assim, requerem alguma explicação das circunstâncias que são visíveis a todos os homens. Se não há uma combinação deliberada de judeus no mundo, então o controle que eles alcançaram e a uniformidade das políticas que seguem devem ser o resultado simples, não de decisões deliberadas, mas de uma natureza semelhante em todas elas funcionando da mesma maneira. Assim, podemos dizer que, assim como o amor pela aventura na água impulsionou o britânico, também o tornou o grande colonizador do mundo. Não que ele deliberadamente se sentou consigo mesmo e de maneira formal resolveu que se tornaria um colonizador, mas o resultado natural de seu gênio resultou dessa forma. Mas isso seria um relato suficiente do Império Britânico?

Sem dúvida, os judeus têm o gênio para fazer, onde quer que vão, as coisas em que os vemos se destacarem.

Mas isso explica as relações que existem entre os judeus de todos os países, seus conselhos mundiais, sua incrível presciência de eventos estupendos que se rompem com surpresa devastadora no resto do mundo, a suavidade e a preparação com que aparecem, em um dado momento em Paris, com um programa mundial com o qual todos concordam?

O mundo há muito suspeita — a princípio apenas alguns, depois os departamentos secretos dos governos, depois os intelectuais entre o povo, agora cada vez mais as próprias pessoas comuns — que não apenas os judeus são uma nação distinta de todas as outras nações e misteriosamente incapazes de afundar sua nacionalidade por qualquer meio que eles ou o mundo possam adotar para esse fim, mas que eles também constituem um estado; que eles são nacionalmente conscientes, não apenas, mas conscientemente unidos para uma defesa comum e para um propósito comum. Volte à definição de Theodor Herzl da nação judaica, como mantida unida por um inimigo comum, e então reflita que esse inimigo comum é o mundo gentio. Esse povo que se sabe uma nação permanece vagamente desorganizado diante desse fato? Dificilmente seria como a astúcia judaica em outros campos. Quando você vê o quão intimamente os judeus estão unidos por várias organizações nos Estados Unidos, e quando você vê como com mão praticada eles trazem essas organizações para suportar como se com confiança experimentada em sua pressão, pelo menos não é inconcebível que o que pode ser feito dentro de um país possa ser feito, ou tenha sido feito, entre todos os países onde os judeus vivem.

De qualquer forma, no *American Hebrew* de 20 de junho de 1920, Herman Bernstein escreve assim: ‘‘Cerca de um ano atrás, um representante do Departamento de Justiça me enviou uma cópia do manuscrito de ‘The Jewish Peril’ do Professor Nilus, e pediu minha opinião sobre o trabalho. Ele disse que o manuscrito era uma tradução de um livro russo publicado em 1905 que foi posteriormente suprimido. O manuscrito deveria conter ‘protocolos’ dos Sábios de Sião e deveria ter sido lido pelo Dr. Herzl em

uma conferência secreta do Congresso Sionista em Basiléia. Ele expressou a opinião de que o trabalho era provavelmente do Dr. Theodor Herzl... Ele disse que alguns senadores americanos que tinham visto o manuscrito ficaram surpresos ao descobrir que tantos anos atrás um esquema havia sido elaborado pelos judeus que agora está sendo executado, e que o bolchevismo havia sido planejado anos atrás por judeus que buscavam destruir o mundo."

Esta citação é feita apenas para registrar o fato de que foi um representante do Departamento de Justiça do Governo dos Estados Unidos que apresentou este documento ao Sr. Bernstein e expressou uma certa opinião sobre ele, a saber, "que o trabalho era provavelmente do Dr. Theodor Herzl". Também que "alguns senadores americanos" ficaram surpresos ao notar a comparação entre o que uma publicação do ano de 1905 propôs e o que o ano de 1920 revelou.

O incidente é ainda mais preocupante porque ocorreu por ação do representante de um governo que hoje está em grande parte nas mãos de, ou sob a influência de, interesses judaicos. É mais do que provável que, assim que a atividade se tornou conhecida, o investigador foi interrompido. Mas é igualmente provável que, quaisquer que sejam as ordens que tenham sido dadas e aparentemente obedecidas, a investigação pode não ter parado.

O Governo dos Estados Unidos estava um pouco atrasado no assunto, no entanto. Pelo menos quatro outras potências mundiais o precederam, algumas por muitos anos. Uma cópia dos Protocolos foi depositada no Museu Britânico e traz o selo daquela instituição, "10 de agosto de 1906". As próprias notas provavelmente datam de 1896, ou o ano das declarações anteriormente citadas do Dr. Herzl. O primeiro Congresso Sionista foi convocado em 1897.

O documento foi publicado na Inglaterra recentemente sob os auspícios que desafiaram a atenção para ele, apesar do título infeliz sob o qual apareceu. Eyre e Spottiswoode são os impressores nomeados para o

Governo Britânico, e foram eles que trouxeram o panfleto. Era como se o Government Printing Office em Washington devesse publicá-los neste país. Enquanto houve o clamor usual da imprensa judaica, o London *Times* em uma revisão declarou todos os contra-ataques judaicos como "insatisfatórios".

O *Times* notou o que provavelmente será o caso neste país também, que os defensores judeus deixam o texto dos protocolos sozinho, enquanto dão grande ênfase ao fato de seu anonimato. Quando eles se referem à substância do documento, há uma forma de palavras que se repete com muita frequência — "'é obra de um criminoso ou de um louco."

Os protocolos, sem nome anexado, aparecendo na maior parte em manuscritos aqui e ali, laboriosamente copiados de mão em mão, sendo patrocinados por nenhuma autoridade que estivesse disposta a apoiá-los, assiduamente estudados nos departamentos secretos dos governos e passados de um para outro entre oficiais superiores, viveram e viveram, aumentando em poder e prestígio pela força bruta de seus conteúdos. Uma conquista maravilhosa para um criminoso ou um louco! A única evidência que tem é aquela que carrega dentro de si, e essa evidência interna é, como o London *Times* aponta, o ponto em que a atenção deve ser focada, e o próprio ponto do qual o esforço judaico foi despendido para nos afastar.

O interesse dos Protocolos neste momento é sua influência nas questões: Os judeus têm um sistema mundial organizado? Qual é sua política? Como está sendo trabalhado?

Todas essas questões recebem atenção total nos Protocolos. Quem quer que tenha sido a mente que os concebeu possuía um conhecimento da natureza humana, da história e da arte de governar que é deslumbrante em sua brilhante completude, e terrível nos objetos aos quais volta seus poderes. Nem um louco nem um criminoso intencional, mas mais provavelmente uma supermente dominada pela devoção a um povo e uma fé poderia ser o

autor, se de fato uma mente sozinha os concebeu. É terrivelmente real demais para ficção, bem sustentado demais para especulação, profundo demais em seu conhecimento das fontes secretas da vida para falsificação.

Os ataques judaicos a ele até agora dão muita importância ao fato de que ele veio da Rússia. Isso dificilmente é verdade. Ele veio *por meio da Rússia*. Foi incorporado em um livro russo publicado por volta de 1905 por um professor Nilus, que tentou interpretar os Protocolos por eventos que então ocorriam na Rússia. Esta publicação e interpretação deram a ele um tom russo que tem sido útil para propagandistas judeus neste país e na Inglaterra, porque esses mesmos propagandistas têm sido muito bem-sucedidos em estabelecer nas mentalidades anglo-saxônicas uma certa atmosfera de pensamento em torno da ideia da Rússia e dos russos. Uma das maiores fraudes já impostas ao mundo tem sido aquela imposta por propagandistas judeus, principalmente ao público americano, com relação ao temperamento e ao gênio do verdadeiro povo russo. Então, insinuar que os Protocolos são russos é, em parte, desacreditá-los.

As evidências internas deixam claro que os Protocolos não foram escritos por um russo, nem originalmente na língua russa, nem sob a influência das condições russas. Mas eles encontraram seu caminho para a Rússia e foram publicados pela primeira vez lá. Eles foram encontrados por oficiais diplomáticos em manuscrito em todas as partes do mundo. Onde quer que o poder judaico seja capaz de fazê-lo, ele os suprimiu, às vezes sob a pena suprema.

Sua persistência é um fato que desafia a mente. Os apologistas judeus podem explicar essa persistência com base no fato de que os Protocolos alimentam o temperamento antissemita e, portanto, são preservados para esse serviço. Certamente não havia um temperamento antissemita amplo ou profundo nos Estados Unidos para ser alimentado ou que sentisse a ganância por mentiras agradáveis para se manter vivo. O progresso dos Protocolos nos Estados Unidos só pode ser explicado com

base no fato de que eles fornecem luz e dão significado a certos fatos observados anteriormente, e que essa luz e significado são tão surpreendentes a ponto de dar uma certa posição e importância a esses documentos de outra forma não credenciados. Mentiras puras não duram muito, seu poder logo morre. Esses Protocolos estão mais vivos do que nunca. Eles penetraram lugares mais altos do que nunca. Eles compeliram uma atitude mais séria em relação a eles do que nunca.

Os Protocolos não seriam mais dignos de estudo se tivessem, digamos, o nome de Theodor Herzl. Seu anonimato não diminui seu poder mais do que a omissão da assinatura de um pintor diminui o valor artístico de uma pintura. De fato, os Protocolos são melhores sem uma fonte conhecida. Pois se fosse definitivamente conhecido que na França ou na Suíça no ano de 1896, ou por aí, um grupo de judeus internacionais, reunidos em conferência, elaborou um programa de conquista mundial, ainda teria que ser demonstrado que tal programa era mais do que um mero capricho, que foi confirmado em grande parte pelos esforços para cumpri-lo. Os Protocolos são um Programa Mundial — não há dúvida em lugar algum sobre isso. De quem é o programa, declarado nos próprios artigos. Mas quanto à confirmação externa, qual seria o mais valioso — uma assinatura, ou seis assinaturas, ou vinte assinaturas, ou uma linha ininterrupta de 25 anos de esforço cumprindo esse programa?

O ponto de interesse para este e outros países não é que um “criminoso ou louco” tenha concebido tal programa, mas que, quando concebido, este programa encontrou meios de se cumprir em seus detalhes mais importantes. O documento é comparativamente sem importância; as condições para as quais ele chama a atenção são de um grau muito alto de importância.

NOTA: As declarações indicadas são de judeus não sionistas. O verdadeiro programa judaico é aquele que é executado. Foi o programa sionista que foi seguido pela Conferência de Paz. Portanto, deve ser considerado o programa oficial.

Edição de 10 de julho de 1920.

“Somos um povo — Um povo... Quando afundamos, nos tornamos um proletariado revolucionário, os oficiais subordinados de um partido revolucionário; quando nos elevamos, também se eleva nosso terrível poder da bolsa.”

—Theodor Herzl, “A Jewish State”, pp. 5, 23.

IX.

A Base Histórica do Imperialismo Judaico

UM GRANDE afrouxamento da fala com referência à Questão Judaica e ao programa judaico para o poder mundial ocorreu neste país desde o início desta série de artigos. Agora é possível pronunciar a palavra “judeu” em uma discussão perfeitamente séria, sem timidez ou sem intimidação. Até agora isso tem sido considerado uma prerrogativa especial dos próprios publicistas judeus e eles têm usado o nome exclusivamente em propaganda bem organizada e favorável. Eles podem expulsar partes de Shakespeare das escolas públicas sob o argumento de que os judeus estão ofendidos; eles podem exigir a remoção de uma das pinturas de Sargent da Biblioteca de Boston porque ela representa a Sinagoga em declínio. Mas quando algo emana do lado gentio que indica que o gentio também está consciente do judeu, então a acusação de preconceito é feita instantânea e fortemente. O efeito disso neste país tem sido uma proibição de discurso que teve poucos paralelos em nossa história. Recentemente, em um banquete, um orador usou o termo “judeus” em referência às ações de um grupo de banqueiros judeus. Um convidado judeu levantou-se de um salto exigindo saber se o orador considerava “americano” destacar uma raça dessa forma. O orador respondeu: “Sim, senhor”, e recebeu a aprovação do público. Naquela parte específica do país, as línguas dos homens de negócios estavam atadas há anos pela lei não escrita de que os judeus nunca deveriam ser identificados como judeus.

Ninguém teria previsto um ano atrás que um jornal como o Chicago *Tribune* poderia ter se convencido de que era uma boa política de jornal imprimir na primeira coluna de sua primeira página um artigo protegido por direitos autorais sobre o programa judaico para o domínio mundial, imprimindo a palavra “judeu” em letras grandes em sua manchete e se abstendo de retoques editoriais da palavra “judeu” no corpo do artigo. O plano usual é fazer o que um jornal oriental fez ao lidar com o mesmo assunto: onde

quer que o termo “judeu internacional” ocorresse no artigo que ele imprimiu, ele era retocado para “financistas”.

O Chicago *Tribune*, no entanto, no sábado, 19 de junho de 1920, publicou na primeira coluna da primeira página um telegrama de John Clayton, seu correspondente especial, sob o título: “Trotsky lidera judeus radicais para o domínio mundial. O bolchevismo é apenas uma ferramenta para seu esquema.”

O primeiro parágrafo diz o seguinte:

“Nos últimos dois anos, oficiais de inteligência do exército, membros de várias organizações de serviço secreto da Entente, têm trazido relatos de um movimento revolucionário mundial diferente do bolchevismo. A princípio, esses relatos confundiram os dois, mas ultimamente as linhas que eles tomaram começaram a ficar mais e mais claras.”

Como dito anteriormente em THE DEARBORN INDEPENDENT, nosso próprio serviço secreto é um deles, embora haja razão para acreditar que, por causa da influência dos judeus sobre o governo, essas investigações não foram realizadas com a persistência que, de outra forma, poderia ter sido dada a elas. No entanto, sabemos de fontes judaicas, para não mencionar nenhuma outra, que o Departamento de Justiça dos Estados Unidos já esteve interessado o suficiente para fazer investigações.

O que o escritor do *Tribune* faz no parágrafo acima é mostrar que esse interesse foi sustentado por dois anos por oficiais da Entente, um fato que deve ser levado em conta por aqueles que declaram que todo o assunto é de instigação alemã. O surgimento da Questão Judaica no pensamento americano foi imediatamente recebido pela declaração de fontes judaicas de que era uma importação alemã, e que o antissemitismo que fluiu sobre a Alemanha e resultou na limpeza das esmagadoras influências revolucionárias judaicas do novo governo alemão, era apenas um truque para jogar a culpa pela derrota da Alemanha nos judeus. Os rabinos americanos estão agora mesmo pregando unidos que a história mostra que toda

grande guerra é seguida por um novo “ataque” aos judeus. É sem dúvida um fato que toda guerra abre novamente os olhos do povo para o poder que os financiadores judeus internacionais exercem com referência à guerra — e parece que tal fato é digno de uma explicação melhor do que a de “preconceito”. No entanto, como o artigo do *Tribune* mostra, e como todos os fatos confirmam, o interesse não se limita ao lado alemão; na verdade, nem é mais forte lá. São “as várias organizações de serviços secretos da Entente” que têm sido mais ativas no assunto.

O segundo parágrafo distingue ainda mais entre o bolchevismo e o imperialismo judaico:

“O bolchevismo visa a derrubada da sociedade existente e o estabelecimento de uma irmandade internacional de homens que trabalham com suas mãos como governantes do mundo. O segundo movimento visa o estabelecimento de *uma nova dominação racial do mundo*. Até onde os britânicos, franceses e a investigação do nosso próprio departamento foram capazes de rastrear, os espíritos que movem o segundo esquema são radicais judeus.”

Outras declarações no artigo são:

“Dentro das fileiras do comunismo há um grupo deste partido, mas não para por aí. Para seus líderes, o comunismo é apenas um incidente.”

(Isto nos fará lembrar da declaração de Lord Eustace Percy, citada na semana passada no Canadian *Jewish Chronicle*: “Não porque o judeu se importe com o lado positivo da filosofia radical, não porque ele deseje ser um participante do nacionalismo ou da democracia gentia, mas porque nenhum sistema de governo gentio existente é algo que não seja desagradável para ele.”)

“Eles estão prontos para usar a revolta islâmica, o ódio dos impérios centrais pela Inglaterra, os desígnios do Japão sobre a Índia e a rivalidade comercial entre a América e o Japão.”

“Como qualquer movimento de revolução mundial deve ser, este é principalmente anti-anglo-saxão.”

“A organização do movimento radical judaico mundial foi aperfeiçoada em quase todos os países.”

“Os objetivos do partido radical judeu não têm nada de altruísta além da libertação de sua própria raça.”

Será admitido que essas são declarações um tanto surpreendentes. Se fossem encontradas em uma publicação propagandista sem responsabilidade, o leitor médio poderia considerá-las absurdas, tão pouco o leitor médio sabe das influências secretas que moldam sua vida e enquadram seus problemas. Mas, aparecendo em um grande jornal, elas devem receber uma avaliação diferente.

O *Tribune* também não parou no artigo de notícias. Em 21 de junho de 1920, um editorial apareceu intitulado ‘‘World Mischief.’’ O editorial é evidentemente um esforço para evitar possíveis mal-entendidos sobre o que o artigo de notícias estava querendo dizer.

“A fase judaica do movimento, ele afirma, visa *uma nova dominação racial do mundo*...”

O *Tribune* também diz que, embora seja talvez natural para os judeus de outros países se envolverem nessa “maldade mundial”, os judeus da Inglaterra e dos Estados Unidos “são nacionalistas leais e conservadores defensores das tradições nacionais”. Seria bom se isso fosse verdade. Talvez seja verdade para dezenas de milhares de judeus como indivíduos; certamente não é verdade para aqueles internacionalistas que puxam as cordas de todos os governos e que durante os últimos seis anos trágicos têm se intrometido nos assuntos mundiais de uma forma que logo deve ser contada claramente. A circunstância infeliz é que todos os judeus americanos e ingleses devem por um tempo sentir uma angústia que ninguém deseja que sintam, da qual todos fariam muito para salvá-los, mas que parece inevitável até que toda a história seja contada e até que a massa dos próprios judeus corte seu nome e apoie alguns que agora recebem sua mais profunda homenagem.

Vale a pena observar os contrastes e similaridades entre a reação dos gentios e dos judeus a esse suposto movimento para estabelecer um imperialismo judaico sobre o mundo. Os publicitários judeus primeiro negam isso sem qualificação. É tudo falso, tudo mentira, tudo tramado por inimigos dos judeus para incitar ódio e assassinato. Conforme as evidências se acumulam, o tom judaico muda: "Bem, suponha que seja verdade", dizem os publicitários; "é de se admirar que os pobres judeus oprimidos, levados à loucura por seus sofrimentos, sonhem em derrubar seus inimigos e se colocarem no assento da autoridade?"

A mente gentia, confrontada com a declaração, diz: "'Sim, mas eles são judeus russos. Não se importe com eles. Judeus americanos são legais. Eles nunca seriam enganados por algo assim." Indo um pouco mais fundo no assunto, a mente gentia é forçada a admitir a existência de algum tipo de movimento mundial subversivo, cujo poder abalou até mesmo este país, e que os espíritos que o movem são judeus revolucionários. E então a tendência desse ponto em diante é cair na teoria de que o movimento é realmente judeu em sua origem, agitação, execução e propósito, ou estabelecer a teoria de que é um "movimento mundial", sem dúvida, mas apenas incidentalmente judeu. O fim da reação judaica e gentia é uma admissão de que algo que responde ao movimento acusado realmente existe.

Por exemplo, o *Christian Science Monitor*, cujo padrão como jornal ninguém questiona, tem isto a dizer em um longo editorial sobre o assunto:

"Apesar disso, seria um tremendo erro concluir que o perigo judaico, dado outro nome e atmosfera, não existe. Ele poderia, de fato, ser renomeado, de um dos maiores livros do Antigo Testamento, 'o terror noturno', pois é, essencialmente, o conceito do salmista das forças do mal mental em que, consciente ou inconscientemente, o professor Nilus está mirando. Em outras palavras, que uma organização política internacional secreta exista,

trabalhando incessantemente por meio de seu Bureau de Psicologia, embora o mundo que deveria estar desperto para isso esteja completamente adormecido para isso, é, para o homem que pode ler os sinais dos tempos, algo inquestionável."

O *Monitor* faz um alerta contra preconceito e desrespeito às leis de evidência que é extremamente oportuno e é, de fato, o desejo de qualquer um que já tenha se comprometido a lidar com esse assunto, mas muitas vezes é um desrespeito aos fatos e não às evidências que cria a dificuldade. É seguro dizer que a maior parte do preconceito hoje é *contra* os fatos, não foi causado *por* eles.

Há dois preconceitos contra os quais se deve ter cuidado ao fazer uma abordagem a essa questão. Um é que o programa imperialista judaico, se tal coisa existe, é de origem recente. Com a mera menção de tal programa, os gentios provavelmente pensarão que ele foi formulado na semana passada, ou no ano passado, ou em um tempo recente. Isso não precisa ser o caso, e em questões judaicas é muito provável que não seja o caso. É muito fácil ver como, se o programa fosse formulado hoje, seria totalmente diferente daquele que deve ser considerado. O tipo de programa que seria feito hoje de fato também existe, mas não deve ser comparado em extensão e profundidade com o que existe há muito tempo. Constituições perfeitas de governos invisíveis não são criações de convenções secretas; elas são o pensamento e a experiência acumulados de séculos. Além disso, não importa quão propensa uma geração moderna possa ser a desconsiderar tais coisas, o mero fato de que elas podem ter existido como um ideal racial secreto por séculos é um argumento poderoso para sua aceitação respeitável, se não execução ativa, pela geração que é agora. Não há ideia mais profunda no judaísmo do que a de que os judeus constituem um povo escolhido e que seu futuro deve ser mais glorioso do que seu passado. Uma grande parte do mundo cristão aceita isso também, e pode muito bem ser

verdade, mas em um universo moral isso não pode acontecer pelos métodos que foram e estão sendo usados.

Mas mencionar a antiga linhagem da ideia do Povo Escolhido é meramente sugerir que, de todos os programas que podem ter se reunido em torno dela para auxiliar sua plena realização histórica, não é estranho que haja um muito antigo para o qual as mentes mais sábias de Israel contribuíram com o melhor de suas mentes e corações para garantir seu sucesso. Que existe tal plano tem sido a crença de muitos profundos investigadores nas coisas ocultas do mundo, e que tal plano às vezes teve seus ensaios gerais, por assim dizer, em um palco limitado, como **se em preparação para seu grand finale** no palco universal, é outra crença mantida por homens cujo conhecimento é impossível desaprovar.

Então, pode ser que estejamos lidando com algo pelo qual os judeus atuais, mesmo os internacionalistas mais importantes, não são originalmente responsáveis. Pode ter chegado a eles como parte de sua antiga herança judaica. Certamente, se fosse uma mera coisa moderna, concebida às pressas e jogada junto à moda moderna, seria de se esperar que desaparecesse na mesma era que a viu nascer.

Outro preconceito a ser evitado é que todo judeu que se conhece tem conhecimento secreto deste programa. Não é o caso. Com a ideia geral do triunfo final de Israel, todo judeu que manteve contato com seu povo está familiarizado, mas com os planos especiais que por séculos existiram em forma formulada para a obtenção desse triunfo, o judeu médio não está mais familiarizado do que qualquer outra pessoa — não mais do que o alemão médio estava com os planos secretos do partido pangermânico cujas ideias começaram e guiaram a guerra recente. O judeu médio entra nos planos do grupo secreto apenas até este ponto, exceto em casos especialmente selecionados: É perfeitamente entendido que a consumação do triunfo judaico não será desagradável a nenhum judeu, e se os métodos a serem usados para o fim forem um pouco violentos, pode-se confiar que todo judeu verá nessa

violência uma retribuição muito insuficiente visitada ao mundo gentio pelos sofrimentos que causou aos filhos de Judá ao longo dos séculos.

Ainda assim, mesmo com esses preconceitos sendo evitados, não há como escapar da conclusão de que, se tal programa de imperialismo mundial judaico existe hoje, ele deve existir com o conhecimento e o apoio ativo de certos indivíduos, e que esses grupos de indivíduos devem ter, em algum lugar, um chefe oficial.

Este é, talvez, o ponto em que mais investigadores param do que em qualquer outro. A ideia de um autocrata judeu é muito estranha para a mente que não tem muito contato com a questão principal. E ainda assim não há raça que apoie mais instintivamente a autocracia do que a raça judaica, nenhuma raça que anseie e respeite mais a posição. É seu senso do valor da posição que explica o curso principal que suas atividades tomam. O judeu é principalmente um fazedor de dinheiro pela razão de que até agora o dinheiro é o único meio que ele conhece para ganhar posição. Os judeus que ganharam posição por qualquer outro motivo são comparativamente poucos. Esta não é uma zombaria gentia; é a posição de um famoso médico anglo-judeu, Dr. Barnard Von Oven, que escreveu: "Todos os outros meios de distinção são negados a ele; ele deve ascender pela riqueza, ou não. E se, como ele bem sabe, assegurar riqueza será assegurar posição, respeito e atenção na sociedade, a culpa cabe àquele que se esforça para adquirir riqueza pela distinção que ela comprará, ou àquela sociedade que tão prontamente se curva ao santuário de Mammon?”

O judeu não é avesso a reis, apenas ao estado de coisas que impede um rei judeu. O futuro autocrata do mundo será um rei judeu, sentado no trono de Davi, assim concordam as antigas profecias e os documentos do programa imperialista.

Existe um rei assim no mundo agora? Se não, os homens que poderiam escolher um rei estão no mundo. Não houve rei dos judeus desde antes da Era Cristã, mas

até por volta do século XI havia Príncipes do Exílio, aqueles que representavam a liderança dos judeus que estavam dispersos pelas nações. Eles eram e ainda são chamados de “exilarcas”, ou Príncipes do Exílio. Eles eram atendidos pelos sábios de Israel, eles mantinham a corte, eles davam a lei ao seu povo. Eles viviam no exterior onde quer que suas circunstâncias ou conveniência ditassem, em países cristãos ou muçulmanos. Se o ofício foi descontinuado com o último exilarca conhecido publicamente ou simplesmente desapareceu da superfície da história, se hoje ele está totalmente abandonado ou existe em outra forma, são questões que devem esperar. Que existem ofícios de jurisdição mundial, mantidos por judeus é bem conhecido. Que existem organizações mundiais de judeus — organizações, isto é, dentro da solidariedade muito forte da própria nação judaica — é bem conhecido. Que existe unidade mundial em certas atividades judaicas, defensivas e ofensivas, é bem conhecido. Não há nada na condição ou no pensamento dos judeus que tornaria a existência atual de um exilado desagradável para eles; na verdade, o pensamento seria muito confortável.

A Enciclopédia Judaica observa: ‘‘Curiosamente, os exilarcas ainda são mencionados nos serviços de sábado do ritual Ashkenazim *** Os judeus do ritual sefardita não preservaram esse anacronismo, nem ele foi mantido na maioria das sinagogas reformistas do século XIX.”

Existe, então, um Sinédrio judaico? — um corpo governante ou consultivo de judeus que supervisiona os assuntos de seu povo em todo o mundo?

O Sinédrio judaico era uma instituição muito interessante. Sua origem e método de constituição são obscuros. Ele consistia de 71 membros, com o presidente, e desempenhava as funções de um senado político. Não há nada que mostre de onde o Sinédrio derivava sua autoridade. Não era um corpo eletivo. Não era democrático. Não era representativo. Não era responsável perante o povo. Nessas qualidades, era tipicamente judeu. O Sinédrio era escolhido pelo príncipe ou sacerdote, não

com o propósito de salvaguardar os interesses do povo, mas para auxiliar o governante no trabalho de administração. Era assim reunido por convocação, ou era autoperpetuante, chamando seus próprios membros. O arranjo parece ter sido aquele dispositivo bem conhecido pelo qual uma aristocracia pode se manter no poder, qualquer que seja a construção política da nação. A Enciclopédia Judaica diz: “O Sinédrio, que era inteiramente aristocrático em caráter, provavelmente assumiu sua própria autoridade, uma vez que era composto por membros das famílias mais influentes da nobreza e do sacerdócio”.

Esse órgão era ladeado por um órgão semelhante, que governava os interesses religiosos da nação, cujos membros eram aparentemente oriundos de classes mais próximas do povo comum.

O Sinédrio exerceu autoridade não apenas sobre os judeus da Palestina, mas onde quer que estivessem espalhados pelo mundo. Como um senado exercendo autoridade política direta, ele cessou com a queda do Estado judeu no ano 70, mas há indícios de sua continuidade como um corpo consultivo até o século IV.

Em 1806, para satisfazer a mente de Napoleão sobre algumas questões que surgiram a respeito dos judeus, uma Assembleia de Notáveis foi convocada, cuja filiação consistia de judeus proeminentes da França. Eles, por sua vez, para trazer a sanção de todos os judeus às respostas que deveriam dar a Napoleão, convocaram o Sinédrio. O Sinédrio se reuniu em Paris em 9 de fevereiro de 1807. Ele seguiu as formas antigas prescritas; era composto por judeus de todas as partes da Europa; foi reunido para colocar toda a autoridade dos judeus por trás de qualquer pacto que os judeus franceses pudessem ter feito com Napoleão.

Ao apresentar suas decisões, este Sinédrio de 1807 declarou que era em todos os aspectos como o antigo Sinédrio, “uma assembleia legal investida do poder de

aprovar ordenanças a fim de promover o bem-estar de Israel".

O significado desses fatos é este: O que quer que os líderes dos judeus possam fazer hoje no sentido de manter a política e a constituição de Israel, não constituiria um novo começo. Não significaria uma nova atitude. Não seria evidência de um novo plano.

Seria inteiramente natural, sendo a solidariedade judaica o que é, que o Sinédrio ainda continuasse. O antigo Sinédrio parece ter tido um grupo de dez que eram um tanto exaltados em importância acima do resto; seria perfeitamente natural se os líderes dos judeus fossem hoje divididos em comitês, por países ou por objetos.

Sempre estão sendo realizadas, ano após ano, reuniões mundiais dos principais judeus de todas as terras. Eles se reúnem sempre que convocados, desconsiderando todo o resto. Grandes juízes dos tribunais superiores de vários países, financistas internacionais, oradores judeus do "tipo liberal" que têm o ouvido dos gentios, manobradores políticos de todos os partidos representados no mundo, eles se reúnem onde querem, e os assuntos de suas deliberações são divulgados apenas na medida em que desejam. Não se deve supor que todos os participantes dessas convenções sejam membros do círculo interno. A lista de delegados mostrará dezenas de pessoas com as quais ninguém associaria Lord Reading e o juiz Brandeis. Se o Sinédrio moderno se reunir, e seria a coisa mais natural do mundo se isso acontecesse, podemos ter certeza de que ele se reunirá dentro do círculo fechado daquelas pessoas que a aristocracia judaica do dinheiro, intelecto e poder aprova.

A maquinaria de um governo mundial judaico existe pronta. O judeu está convencido de que tem a melhor religião, a melhor moralidade, o melhor método de educação, os melhores padrões sociais, o melhor ideal de governo. Ele não teria que sair do círculo do que considera melhor para obter qualquer coisa que possa precisar para promover o bem-estar de seu povo, ou para executar

qualquer programa que possa ter a ver com o mundo exterior.

É a maquinaria antiga que o judeu internacional usa em todas as atividades que ele permite que o mundo veja em parte. Há reuniões dos principais governantes financeiros, políticos e intelectuais dos judeus. Essas reuniões são anunciadas para uma ou outra coisa — às vezes. Às vezes, há uma reunião de judeus em uma capital mundial, sem nenhum propósito anunciado. Todos eles aparecem em uma cidade, conferem e partem.

Se há uma cabeça reconhecida para tudo isso ainda está para ser revelado. Pode haver pouca dúvida, no entanto, quanto à existência do que pode ser chamado de "política externa", isto é, um ponto de vista definido e plano de ação com referência ao mundo gentio. O judeu sente que está no meio de inimigos, mas também sente que é membro de um povo — "um povo". Ele deve ter alguma política com relação ao mundo exterior. Ele não pode deixar de considerar as condições presentes, ele não pode considerá-las sem ser incitado a especular sobre qual deve ser o resultado, e ele não pode especular sobre o resultado sem, de alguma forma, se esforçar para fazê-lo como ele gostaria que fosse.

O governo invisível dos judeus, sua atitude em relação ao mundo gentio, sua política com relação ao futuro, não são, então, as coisas anormais que alguns fariam parecer. Dada a posição judaica, elas são de todas as coisas mais naturais. A existência judaica neste mundo não é tal que corteja o judeu para um contentamento sonolento; é tal que o incita à organização contra contingências futuras e a programas que podem moldar essas contingências para o benefício de sua raça. Que deveria haver um Sinédrio dos judeus, um corpo mundial dos principais homens de todos os países; que deveria haver até mesmo um exilarca, um chefe visível e reconhecido do Sinédrio, prenunciando misticamente o autocrata que viria; que deveria haver até mesmo um programa mundial, assim como todo governo tem sua política externa, não são suposições estranhas e

misteriosas. Elas crescem normalmente da própria situação.

E também é natural que nem todo judeu saiba disso. O Sinédrio sempre foi a aristocracia, e seria hoje. Quando os rabinos gritam de seus púlpitos que não sabem nada sobre essa coisa, eles estão, sem dúvida, dizendo a verdade. O que o judeu internacional depende é da probabilidade de cada judeu aprovar aquilo que traz poder e prestígio ao seu povo. De qualquer forma, é bem sabido que, por mais que o líder judeu comum tenha sido informado sobre programas mundiais, ele considera com o maior respeito e confiança os próprios homens que devem implementar esses programas, se é que eles existem.

O vigésimo quarto Protocolo dos Sábios de Sião diz o seguinte:

‘‘Agora discutirei a maneira pela qual as raízes da casa do Rei Davi penetrarão nos estratos mais profundos da terra. Esta dinastia, até hoje, deu o poder de controlar os assuntos mundiais aos nossos sábios, os diretores educacionais de todo o pensamento humano.”

Isso indicaria, se confiável, que, como o Protocolo continua a recitar, o próprio Autocrata não apareceu, mas a dinastia, ou a linhagem davídica na qual ele deve aparecer, confiou o trabalho de prepará-lo aos Sábios de Sião. Esses sábios são representados não apenas como preparadores daqueles que exercem o governo sobre os assuntos do judaísmo, mas também como enquadradores e influenciadores do pensamento do mundo em direção a fins que serão propícios a esses planos. O que quer que esteja oculto no programa, é certo que sua execução ou os efeitos de sua execução não podem ser ocultos. Portanto, pode ser possível encontrar no mundo exterior as pistas que, rastreadas até sua fonte, revelam a existência de um programa, cuja promessa para o mundo, boa ou má, deve ser amplamente conhecida.

Edição de 17 de julho de 1920.

X.

Uma introdução aos “Protocolos Judaicos”

OS documentos mais frequentemente mencionados por aqueles que estão interessados na teoria do Poder Mundial Judaico, em vez da operação real desse poder no mundo de hoje, são os 24 documentos conhecidos como “Os Protocolos dos Sábios de Sião”.

Os Protocolos atraíram muita atenção na Europa, tendo se tornado o centro de uma importante tempestade de opinião na Inglaterra apenas recentemente, mas a discussão deles nos Estados Unidos tem sido limitada. Esses são os documentos sobre os quais o Departamento de Justiça estava fazendo investigações há mais de um ano, e que foram publicados em Londres por Eyre e Spottiswoode, os impressores oficiais do Governo Britânico.

Não se sabe quem foi que primeiro intitulou esses documentos com o nome de “Anciãos de Sião”. Seria possível, sem mutilação séria dos documentos, remover qualquer indício de autoria judaica e, ainda assim, reter todos os pontos principais do programa mais abrangente para a subjugação mundial ‘que já chegou ao conhecimento público.

No entanto, deve ser dito que eliminar assim toda a sugestão de autoria judaica seria trazer à tona uma série de contradições que não existem nos Protocolos em sua forma atual. O propósito do plano revelado nos Protocolos é minar toda autoridade para que uma nova autoridade na forma de autocracia possa ser estabelecida. Tal plano não poderia emanar de uma classe dominante que já possuía autoridade, embora pudesse emanar de anarquistas. Mas os anarquistas não declaram a autocracia como a condição final que buscam. Os autores podem ser concebidos como uma companhia de subversivos franceses, como os que existiam na época da Revolução Francesa e tinham o infame Duque d'Orleans como seu líder, mas isso envolveria uma contradição entre o fato de que esses

subversivos faleceram e o fato de que o programa anunciado nestes Protocolos está sendo constantemente executado, não apenas na França, mas em toda a Europa e muito visivelmente nos Estados Unidos.

Em sua forma atual, que traz evidências de ser sua forma original, não há contradição. A alegação de autoria judaica parece essencial para a consistência do plano.

Se esses documentos fossem as falsificações que os apologistas judeus alegam que são, os falsificadores provavelmente teriam se esforçado para deixar a autoria judaica tão clara que seu propósito antissemita poderia facilmente ter sido detectado. Mas apenas duas vezes o termo “judeu” é usado neles. Depois de ler muito mais do que o leitor médio normalmente se importa em entrar em tais assuntos, chega-se aos planos para o estabelecimento do Autocrata Mundial, e só então fica claro de qual linhagem ele deve ser.

Mas em todos os documentos não há dúvidas quanto às pessoas contra as quais o plano é direcionado. Ele não é direcionado contra a aristocracia como tal. Ele não é direcionado contra o capital como tal. Ele não é direcionado contra o governo como tal. Provisões muito definidas são feitas para o alistamento da aristocracia, capital e governo para a execução do plano. Ele é direcionado contra as pessoas do mundo que são chamadas de “gentios”. É a menção frequente de “gentios” que realmente decide o propósito dos documentos. A maioria do tipo destrutivo de planos “liberais” visa o alistamento das pessoas como ajudantes; este plano visa a degeneração das pessoas para que elas possam ser reduzidas à confusão mental e, assim, manipuladas. Movimentos populares de tipo “liberal” devem ser encorajados, todas as filosofias disruptivas na religião, economia, política e vida doméstica devem ser semeadas e regadas, com o propósito de desintegrar a solidariedade social de tal forma que um plano definido, aqui estabelecido, possa ser implementado sem aviso prévio, e as pessoas então moldadas a ele quando a falácia dessas filosofias for demonstrada.

A fórmula do discurso não é: “Nós, judeus, faremos isso”, mas “Os gentios serão levados a pensar e fazer essas coisas”. Com exceção de algumas instâncias nos Protocolos de encerramento, o único termo racial distintivo usado é “gentios”.

Para ilustrar: a primeira indicação deste tipo vem no primeiro Protocolo desta forma:

“As grandes qualidades do povo — honestidade e franqueza — são essencialmente vícios na política, porque destronam mais seguramente e mais certamente do que o inimigo mais forte. Essas qualidades são atributos seguros do governo gentio; certamente não devemos ser guiados por elas.”

E novamente:

“Sobre as ruínas da aristocracia hereditária dos gentios, nós estabelecemos a aristocracia de nossa classe educada, e acima de tudo a aristocracia do dinheiro. Nós estabelecemos a base desta nova aristocracia com base nas riquezas, que nós controlamos, e na ciência guiada por nossos sábios.”

Novamente:

“Nós forçaremos o aumento dos salários, o que, no entanto, não será de nenhum benefício para os trabalhadores, pois ao mesmo tempo causaremos um aumento nos preços das necessidades primárias, fingindo que isso é devido ao declínio da agricultura e da criação de gado. Nós também iremos habilmente e profundamente minar as fontes de produção, incutindo nos trabalhadores ideias de anarquia e encorajando-os no uso de uma, ao mesmo tempo tomando medidas para expulsar todas as forças dos gentios da terra.’’

(Um falsificador com malícia antissemita poderia ter escrito isso a qualquer momento nos últimos cinco anos, mas essas palavras foram impressas há pelo menos 14 anos, de acordo com evidências britânicas, uma cópia estava no Museu Britânico desde 1906 e elas circularam na Rússia alguns anos antes.)

O ponto acima continua: “Para que a verdadeira situação não seja notada pelos gentios prematuramente, nós a mascararemos por um esforço fingido de servir às classes trabalhadoras e promover grandes princípios econômicos, para os quais uma propaganda ativa será realizada por meio de nossas teorias econômicas.”

Essas citações ilustrarão o estilo dos Protocolos ao fazer referência às partes envolvidas. É “nós” para os escritores, e “gentios” para aqueles sobre os quais se escreve. Isso é trazido muito claramente no Décimo Quarto Protocolo:

“Nessa divergência entre os gentios e nós mesmos na capacidade de pensar e raciocinar deve ser visto claramente o selo de nossa eleição como o povo escolhido, como seres humanos superiores, em contraste com os gentios que têm mentes meramente instintivas e animais. Eles observam, mas não prevêem, e não inventam nada (exceto talvez coisas materiais). Fica claro a partir disso que a própria natureza nos predestinou para governar e guiar o mundo.”

Este, é claro, tem sido o método judaico de dividir a humanidade desde os primeiros tempos. O mundo era apenas judeu e gentio; tudo o que não era judeu era gentio.

O uso da palavra judeu no Protocolo pode ser ilustrado por esta passagem na oitava seção:

“Por enquanto, até que seja seguro dar cargos governamentais de responsabilidade aos nossos irmãos judeus, nós os confiaremos a pessoas cujo passado e cujos caracteres são tais que há um abismo entre eles e o povo.”

Esta é a prática conhecida como uso de “frentes gentias”, que é amplamente praticada no mundo financeiro hoje para encobrir as evidências do controle judaico. Quanto progresso foi feito desde que estas palavras foram escritas é indicado pela ocorrência na convenção de São Francisco quando o nome do Juiz Brandeis foi proposto para Presidente. É razoavelmente esperado que a mente pública se torne cada vez mais familiarizada com a ideia de

ocupação judaica — que será realmente um pequeno passo do atual grau de influência que os judeus exercem — do mais alto cargo no governo. Não há função da Presidência Americana na qual os judeus não tenham secretamente auxiliado em um grau muito importante. A ocupação real do cargo não é necessária para aumentar seu poder, mas para promover certas coisas que são muito paralelas aos planos delineados nos Protocolos agora diante de nós.

Outro ponto que o leitor dos Protocolos notará é que o tom de exortação está totalmente ausente desses documentos. Eles não são propaganda. Não são esforços para estimular as ambições ou atividades daqueles a quem são endereçados. Eles são tão legais quanto um documento legal e tão práticos quanto uma tabela de estatísticas. Não há nada do tipo "Vamos nos levantar, meus irmãos" sobre eles. Não há nenhuma histeria de "Abaixo os gentios". Esses Protocolos, se de fato foram feitos por judeus e confiados a judeus, ou se eles contêm certos princípios de um Programa Mundial Judaico, certamente não foram destinados aos incendiários, mas aos iniciados cuidadosamente preparados e testados dos grupos superiores.

Os apologistas judeus perguntaram: "É concebível que, se houvesse tal programa mundial por parte dos judeus, eles o reduziriam à escrita e o publicariam?" Mas não há evidências de que esses Protocolos tenham sido proferidos de outra forma que não em palavras *faladas* por aqueles que os apresentaram. Os Protocolos, como os temos, são aparentemente as notas de palestras que foram feitas por alguém que os ouviu. Alguns deles são longos; alguns deles são breves. A afirmação que sempre foi feita em conexão com os Protocolos desde que se tornaram conhecidos é que eles são as notas de palestras proferidas a estudantes judeus, presumivelmente em algum lugar na França ou na Suíça. A tentativa de fazê-los parecer de origem russa é absolutamente impedida pelo ponto de vista, as referências aos tempos e certas indicações gramaticais.

O tom certamente se encaixa na suposição de que eram originalmente palestras dadas a estudantes, pois seu **propósito claramente** *não é fazer com que um programa seja aceito*, mas *dar informações* sobre um programa que é representado como já em processo de cumprimento. Não há convite para unir forças ou oferecer opiniões. Na verdade, é anunciado especificamente que nem discussão nem opiniões são desejadas. (‘‘Enquanto pregamos o liberalismo aos gentios, manteremos nosso próprio povo e nossos próprios agentes em obediência inquestionável.’’ “O esquema de administração deve emanar de um único cérebro * * * Portanto, podemos conhecer o plano de ação, mas não devemos *discuti-lo*, apenas destruímos seu caráter único. * * * O trabalho inspirado de nosso líder, portanto, não deve ser jogado diante de uma multidão para ser despedaçado, ou mesmo diante de um grupo limitado.’’)

Além disso, tomando os Protocolos pelo seu valor nominal, é evidente que o programa delineado nessas notas de aula não era novo na época em que as aulas foram dadas. Não há evidências de que seja de arranjo recente. Há quase o tom de uma tradição, ou de uma religião, em tudo isso, como se tivesse sido transmitido de geração em geração por meio de homens especialmente confiáveis e iniciados. Não há nenhuma nota de nova descoberta ou entusiasmo fresco nisso, mas a certeza e a calma de fatos há muito conhecidos e políticas há muito confirmadas por experimentos.

Este ponto da idade do programa é abordado pelo menos duas vezes nos próprios Protocolos. No Primeiro Protocolo, este parágrafo ocorre:

“Já nos *tempos antigos* fomos os primeiros a gritar as palavras, ‘Liberdade, Igualdade, Fraternidade,’ entre o povo. Essas palavras foram repetidas muitas vezes desde então por papagaios de papoula inconscientes, reunindo-se de todos os lados para essa isca, com a qual eles arruinaram a prosperidade do mundo e a verdadeira liberdade pessoal * * * Os gentios presumivelmente espertos e inteligentes não entenderam o simbolismo das

palavras proferidas; não observaram sua contradição de significado; não notaram que na natureza não há igualdade * * *”

A outra referência à finalidade do programa encontra-se no Décimo Terceiro Protocolo:

“Questões de política, no entanto, não são permitidas a ninguém, exceto àqueles que originaram a política e a dirigiram *por muitos séculos.*”

Isso pode ser uma referência a um Sinédrio judaico secreto, que se autoperpetua dentro de uma certa casta judaica de geração em geração?

Novamente, deve ser dito que os originadores e diretores aqui mencionados não podem ser, no momento, nenhuma casta dominante, pois tudo o que o programa contempla é diretamente oposto aos interesses de tal casta. Ele não pode se referir a nenhum grupo aristocrático nacional, como os Junkers da Alemanha, pois os métodos que são propostos são exatamente os que tornariam tal grupo impotente. Ele não pode se referir a ninguém além de um povo que não tem governo, que tem tudo a ganhar e nada a perder, e que pode se manter intacto em meio a um mundo em ruínas. Há apenas um grupo que responde a essa descrição.

Novamente, uma leitura dos Protocolos deixa claro que o próprio orador não estava buscando honra. Há uma completa ausência de ambição pessoal em todo o documento. Todos os planos, propósitos e expectativas estão fundidos no futuro de Israel, futuro que, ao que parece, só pode ser garantido pela sutil quebra de certas ideias de mundo mantidas pelos gentios. Os Protocolos falam do que foi feito, do que estava sendo feito na época em que essas palavras foram dadas e do que restava a ser feito. Nada parecido com eles em completude de detalhes, em amplitude de plano e em profunda compreensão das fontes ocultas da ação humana jamais foi conhecido. Eles são realmente terríveis em seu domínio dos segredos da vida, igualmente terríveis em sua consciência desse domínio. Verdadeiramente, eles mereceriam a opinião que

os judeus recentemente lançaram sobre eles, de que eram o trabalho de um louco inspirado, não fosse que o que está escrito nos Protocolos em palavras também está escrito na vida de hoje em atos e tendências.

As críticas que esses Protocolos fazem aos gentios por sua estupidez são justas. É impossível discordar de um único item na descrição dos Protocolos sobre a mentalidade e venialidade gentia. Até mesmo os pensadores gentios mais astutos foram enganados a receber como moções de progresso o que foi apenas insinuado na mente humana comum pelos sistemas de propaganda mais insidiosos.

É verdade que aqui e ali um pensador surgiu para dizer que a chamada ciência não era ciência de forma alguma. É verdade que aqui e ali um pensador surgiu para dizer que as chamadas leis econômicas tanto dos conservadores quanto dos radicais não eram leis de forma alguma, mas invenções artificiais. É verdade que ocasionalmente um observador atento afirmou que a recente devassidão de luxo e extravagância não foi devida aos impulsos naturais das pessoas, mas foi sistematicamente estimulada, imposta a elas por desígnio. É verdade que alguns discerniram que mais da metade do que passa por “opinião pública” é mero aplauso e vaias contratados e nunca impressionou a mente pública.

Mas mesmo com essas pistas aqui e ali, em sua maioria desconsideradas, nunca houve continuidade e colaboração suficientes entre aqueles que estavam acordados, para seguir todas as pistas até sua fonte. A principal explicação do domínio que os Protocolos tiveram sobre muitos dos principais estadistas do mundo por várias décadas é que eles explicam de onde vêm todas essas falsas influências e qual é seu propósito. Eles dão uma pista para o labirinto moderno. Agora é hora de o povo saber. E se os Protocolos são julgados como provando algo sobre os judeus ou não, eles constituem uma educação na maneira como as massas são transformadas como ovelhas por influências que elas não entendem. É quase certo que,

uma vez que os princípios dos Protocolos sejam amplamente conhecidos e compreendidos pelo povo, a crítica que eles agora fazem corretamente à mente gentia não será mais válida.

O objetivo dos próximos artigos desta série é estudar esses documentos e responder a partir de seu conteúdo todas as questões que possam surgir a respeito deles.

Antes que esse trabalho seja iniciado, uma pergunta deve ser respondida: “Há probabilidade de o programa dos Protocolos ser levado adiante com sucesso?” O programa já é bem-sucedido. Em muitas de suas fases mais importantes, ele já é uma realidade. Mas isso não precisa causar alarme, pois a principal arma a ser usada contra tal programa, tanto em suas partes concluídas quanto incompletas, é a publicidade clara. Deixe o povo *saber*. Despertar o povo, alarmar o povo, apelar às paixões do povo é o método do plano delineado nos Protocolos. O antídoto é meramente *esclarecer* o povo.

Esse é o único propósito desses artigos. O esclarecimento dissipa o preconceito. É tão desejável dissipar o preconceito do judeu quanto do gentio. Os escritores judeus frequentemente assumem que o preconceito está todo de um lado. Os próprios Protocolos devem ter a mais ampla circulação entre o povo judeu, para que eles possam verificar aquelas coisas que estão trazendo suspeitas sobre seu nome.

Edição de 24 de julho de 1920.

XI.

Estimativa “Judaica” da ‘Natureza Humana Gentia’

“Ao concluir este programa de nossas ações presentes e futuras, lerei para vocês os princípios dessas teorias.” — Protocolo 16.

“Em tudo o que discuti com vocês até aqui, *procurei indicar cuidadosamente os segredos dos eventos passados e futuros e daquelas ocorrências importantes do futuro próximo para as quais nós estamos* correndo em uma torrente de grandes crises, antecipando os princípios ocultos de relacionamentos futuros com os gentios e de nossas operações financeiras.”—Protocolo 22.

Os Protocolos, que se dizem um esboço do Programa Mundial Judaico, são analisados e contêm quatro divisões principais. Estas, porém, não estão marcadas na estrutura dos documentos, mas no pensamento. Há um quinto, se o objeto de tudo isso estiver incluído, mas esse objeto é assumido ao longo dos Protocolos, sendo apenas aqui e ali definido em termos. E as quatro principais divisões são grandes troncos dos quais há numerosos ramos.

Primeiro, há o que se alega ser a concepção judaica da natureza humana, que significa a natureza gentia. É inconcebível que um plano como o que os Protocolos estabelecem pudesse ter sido desenvolvido por uma mente que não tivesse previamente baseado a probabilidade de sucesso em uma certa estimativa da ignomínia e corruptibilidade da natureza humana — que em todos os Protocolos é referida como natureza gentia.

Em segundo lugar, há o relato do que já foi realizado na concretização do programa — coisas realmente feitas.

Em terceiro lugar, há uma instrução completa sobre os métodos a serem usados para que o programa seja ainda mais cumprido — métodos que forneceriam a estimativa da natureza humana sobre a qual toda a estrutura é baseada, se não houvesse nada mais para indicá-la.

Quarto, os Protocolos contêm em detalhes algumas das realizações que, na época em que essas palavras foram

proferidas, ainda estavam por ser feitas. Algumas dessas coisas desejadas foram alcançadas nesse meio tempo, pois deve-se ter em mente que entre o ano de 1905 e o ano de 1920 houve tempo para colocar muitas influências em movimento e atingir muitos fins. Como a segunda citação no cabeçalho deste artigo indicaria, o orador sabia que os eventos estavam "'correndo em uma corrente de grandes crises", um conhecimento que é amplamente atestado por fontes judaicas fora dos Protocolos.

Se esta série de artigos representasse uma defesa especial sobre a Questão Judaica, o presente artigo buscaria ganhar a confiança do leitor apresentando primeiro o conjunto de fatos que são descritos em ''segundo lugar'' na lista acima de divisões principais. Começar com a estimativa da natureza humana aqui revelada é cortejar a alienação do interesse do leitor, especialmente se o leitor for um gentio. Sabemos de fontes abundantes qual é a estimativa judaica da natureza humana, e ela coincide em todos os aspectos com o que é divulgado nos Protocolos, mas sempre foi uma das falácias do pensamento gentio que a natureza humana é, agora, cheia de dignidade e nobreza. Há pouca dúvida, **quando o assunto é considerado em todas as suas luzes**, que a concepção judaica está certa. E no que diz respeito a esses Protocolos, sua baixa estimativa da humanidade, embora dura ao orgulho e à presunção humanos, é em grande parte verdadeira.

Apenas percorrer os Protocolos e selecionar as passagens mais importantes nas quais essa visão é expressa é encontrar uma filosofia bastante completa dos motivos e qualidades dos seres humanos.

Tome estas palavras do Primeiro Protocolo:

"Deve-se notar que pessoas com instintos malignos são mais numerosas do que aquelas com bons; portanto, os melhores resultados em governá-los são obtidos por intimidação e violência, e não por argumento acadêmico. Todo homem almeja poder; todos desejam ser um ditador,

se possível; além disso, poucos não sacrificariam o bem dos outros para atingir seus próprios fins.”

“Pessoas em massas e pessoas das massas são guiadas por paixões, crenças, costumes, tradições e teorias sentimentais excepcionalmente superficiais e são inclinadas a divisões partidárias, um fato que impede qualquer forma de acordo, mesmo quando este é fundado em uma base completamente lógica. Toda decisão da multidão depende de uma maioria acidental ou pré-arranjada, que, devido à sua ignorância dos mistérios dos segredos políticos, dá expressão a decisões absurdas que introduzem anarquia no governo.”

“Ao elaborar um plano de ação conveniente, é necessário levar em consideração a mesquinharia, a vacilação, a mutabilidade da multidão * * * É necessário perceber que a força das massas é cega, irracional e pouco inteligente, propensa a ouvir ora a direita, ora a esquerda * * *”

“Nosso triunfo também foi facilitado porque, em nossas relações com as pessoas necessárias a nós, sempre tocamos nas cordas mais sensíveis da mente humana — no cálculo, na ganância e nos desejos materiais insaciáveis dos homens. Cada uma dessas fraquezas humanas, tomadas separadamente, é capaz de paralisar a iniciativa e colocar a vontade do povo à disposição do comprador de suas atividades.”

No Quinto Protocolo, esta observação astuta sobre a natureza humana pode ser encontrada:

“Em todos os tempos, nações e indivíduos aceitaram palavras como atos. Eles ficaram satisfeitos com o que lhes foi mostrado, raramente notando se a promessa foi seguida de cumprimento. Por essa razão, organizaremos instituições de ‘show’ que exibirão conspicuamente sua devoção ao progresso.”

E isto do Décimo Primeiro Protocolo:

“Os gentios são como um rebanho de ovelhas * * * Eles fecharão os olhos para tudo porque prometeremos a

eles devolver todas as liberdades tiradas, depois que os inimigos da paz forem ‘subjugados e todas as partes pacificadas. Vale a pena falar sobre quanto tempo eles terão que esperar? Para que concebemos todo esse programa e instilamos suas medidas nas mentes dos gentios sem dar a eles a possibilidade de examinar seu lado inferior, se não for com o propósito de atingir por métodos tortuosos o que é inatingível para nossa raça dispersa por uma rota direta?”

Observe também esta observação muito astuta sobre os “participantes” de sociedades secretas — esta estimativa sendo feita pelos Protocolos para indicar quão facilmente essas sociedades podem ser usadas para promover o plano:

“Normalmente são os alpinistas, os carreiristas e as pessoas, falando de modo geral, que não são sérias, que mais prontamente se juntam às sociedades secretas, e nós os acharemos fáceis de lidar e, por meio deles, operaremos o mecanismo de nossa máquina projetada.”

As observações sob este título são reduzidas pelo presente escritor, porque os Protocolos fazem referência a uma ordem secreta muito importante, cuja menção de nome nesta conexão pode levar a mal-entendidos, e que, portanto, é reservada para atenção futura e mais completa. No entanto, será de interesse para os membros dessa ordem ver o que os Protocolos têm a dizer sobre isso, e então verificar os fatos e ver até que ponto eles correspondem às palavras.

Para continuar: ‘‘Os gentios se juntam a lojas por curiosidade ou na esperança de que através delas eles possam abrir caminho para a distinção social * * * Portanto, damos a eles esse sucesso para que possamos tirar vantagem da presunção que ele dá à luz e por causa da qual as pessoas inconscientemente aceitam nossas sugestões sem exame * * * Você não pode imaginar até que ponto os gentios mais inteligentes podem ser levados a um estado de ingenuidade inconsciente sob condições de autoengano, e quão fácil é desencorajá-los pelo menor

fracasso, até mesmo a interrupção dos aplausos, ou trazê-los a um estado de submissão servil para recuperá-lo. Os gentios estão tão prontos para sacrificar seus planos em prol do sucesso popular quanto nosso povo está para ignorar o sucesso em prol da execução de nossos planos. Essa psicologia deles facilita a tarefa de direcioná-los."

Estas são algumas das passagens em que esta estimativa da natureza humana ou gentia é feita em palavras. Mas mesmo que não fosse tão abertamente declarada, poderia ser facilmente inferida de vários itens no programa que dependia para quebrar a solidariedade e a força gentias.

O método é de desintegração. Divida as pessoas em partidos e seitas. Semeie as ideias mais promissoras e utópicas e você fará duas coisas: sempre encontrará um grupo para se agarrar a cada ideia que você lançar; e você verá esse partidarismo dividindo e afastando os vários grupos. Os autores dos Protocolos mostram em detalhes como isso deve ser feito. Não uma ideia, mas uma massa de ideias deve ser lançada, e não deve haver unidade entre elas. O propósito *não* é fazer as pessoas pensarem uma coisa, mas pensar tão diversamente sobre tantas coisas diferentes que não haverá unidade entre elas. O resultado disso será uma vasta desunião, uma vasta inquietação — e esse é o resultado almejado.

Quando a solidariedade da sociedade gentia é quebrada — e o nome ‘‘sociedade gentia’’ é perfeitamente correto, pois a sociedade humana é esmagadoramente gentia — então essa cunha sólida de outra ideia que não é afetada pela confusão prevalecente pode abrir caminho sem suspeitas para o lugar de controle. É bem sabido que um corpo de 20 policiais ou soldados treinados pode realizar mais do que uma multidão desordenada de mil pessoas. Então a minoria iniciada no plano pode fazer mais com uma nação ou um mundo dividido em mil partidos antagônicos do que qualquer um dos partidos poderia fazer. ‘‘Dividir para reinar’’ é o lema dos Protocolos.

A divisão da sociedade é perfeitamente fácil, de acordo com a estimativa da natureza humana feita nesses documentos. É da natureza humana aceitar promessas por atos. Ninguém que considerou a lista de sonhos, caprichos e teorias que influenciaram as pessoas ao longo dos séculos pode duvidar disso. Quanto mais utópica, mais parecida com uma borboleta a teoria, mais ela comanda a adesão pública. Assim como dizem os Protocolos, a sociedade gentia não examina a origem ou as consequências das teorias que adota. Quando uma teoria faz seu apelo à mente, a tendência é acreditar que a mente que a recebe sempre a teve em essência e, portanto, a experiência tem todo o brilho da descoberta original.

Dessa maneira, teoria após teoria foi explorada entre as massas, teoria após teoria foi considerada impraticável e descartada, mas o resultado é precisamente o que o programa dos Protocolos almeja — com o descarte de cada teoria, a sociedade está um pouco mais quebrada do que antes. Está um pouco mais desamparada diante de seus exploradores. Está um pouco mais confusa sobre onde procurar liderança. Como consequência, a sociedade cai novamente como vítima fácil de uma teoria que lhe promete o bem que busca, e o fracasso dessa teoria a deixa ainda mais quebrada. Não existe mais opinião pública.

Desconfiança e divisão estão em todo lugar. E **no meio da confusão, todos estão vagamente** cientes de que há um grupo superior que não está dividido de forma alguma, mas está obtendo exatamente o que quer por meio da confusão que se instala por toda parte. Será mostrado, como alegado pelos Protocolos, que a maioria das teorias disruptivas no exterior no mundo hoje são de origem judaica; também será mostrado que o único grupo sólido e ininterrupto no mundo hoje, o grupo que sabe para onde quer ir e está indo para lá independentemente da condição da sociedade, é o grupo judeu.

A teoria mais perigosa de todas é aquela que explica o surgimento de teorias e a ruptura social que as segue. Todos esses são “sintomas de progresso”, nos dizem. Se for

assim, então “progresso” é em direção à dissolução. Ninguém pode predizer o fato de “progresso” com base no fato de que, enquanto nossos pais fizeram rodas para girar com o vento soprando ou a água corrente, nós as fazemos girar por pequenas explosões sucessivas de gasolina. A questão do “progresso” é: para onde as rodas estão nos levando? A sociedade do moinho de vento e da roda d'água era melhor ou pior do que a sociedade atual? Era mais unificada em sua moralidade? Respeitava mais a lei, produzia um tipo de caráter mais elevado e robusto?

A teoria moderna de “fermento”, de que de toda a inquietação, mudança e transvaloração de valores uma nova e melhor humanidade deve evoluir, não é confirmada por nenhum fato no horizonte. É palpavelmente uma teoria cujo propósito é fazer um bem aparente daquilo que é um mal inegável. As teorias que *causam a ruptura* e a teoria que *explica a ruptura como algo bom* vêm da mesma fonte. Toda a ciência da economia, conservadora e radical, capitalista e anarquista, é de origem judaica. Este é outro dos anúncios dos Protocolos que os fatos confirmam.

Agora, tudo isso é realizado, não por atos, mas por palavras. Os *corretores de palavras* do mundo, aqueles que desejam que as palavras cumpram o dever pelas coisas, em suas relações com o mundo fora de sua classe, são, sem dúvida, o grupo judeu — os judeus internacionais com os quais esses artigos lidam — e sua filosofia e prática são precisamente estabelecidas nos Protocolos.

Tomemos como ilustração estas passagens: A primeira é do Primeiro Protocolo:

“A liberdade política é uma *ideia, não um fato*. É necessário saber como aplicar essa ideia quando há necessidade de uma isca inteligente para ganhar o apoio do povo para o partido de alguém, se tal partido se comprometeu a derrotar outro partido já no poder. Essa tarefa é facilitada se o próprio oponente foi infectado por princípios de liberdade ou o chamado liberalismo, e por causa da ideia cederá parte de seu próprio poder.”

Ou considere isto do Quinto Protocolo:

“Para obter controle sobre a opinião pública, *é necessário primeiro confundi-la pela expressão de vários lados de tantas opiniões conflitantes* que os gentios se perderão no labirinto e chegarão a entender que é melhor não ter opinião sobre questões políticas, que não é dado à sociedade em geral entender, mas apenas ao governante que dirige a sociedade. Este é o primeiro segredo.

“O segundo segredo consiste em aumentar e intensificar tanto as deficiências das pessoas em seus hábitos, paixões e modo de vida que ninguém será capaz de se recompor no caos e, consequentemente, as pessoas perderão todo o entendimento mútuo. Esta medida nos servirá também para gerar desacordo em todas as partes, para desintegrar todas aquelas forças coletivas que ainda não estão dispostas a se submeter a nós e para desencorajar toda iniciativa pessoal que possa de alguma forma interferir em nosso empreendimento.”

E isto do Décimo Terceiro Protocolo:

“* * * e você também pode notar que *buscamos aprovação, não para nossos atos, mas para nossas palavras* proferidas em relação a uma ou outra questão. Nós sempre anunciamos publicamente que somos guiados em todas as nossas medidas pela esperança e pela convicção de que estamos servindo ao bem geral.

“Para desviar pessoas excessivamente inquietas de discutir questões políticas, agora apresentaremos novos problemas aparentemente conectados com o povo — problemas da indústria. Neles, deixe-os se perderem o quanto quiserem. Sob tais condições, faremos com que pensem que as novas questões também têm um peso político.”

(Espera-se que o leitor, ao passar seus olhos por esses detalhes do Programa, também permita que sua mente passe pela tendência dos eventos, para ver se consegue detectar por si mesmo esses mesmos desenvolvimentos na vida e no pensamento dos últimos anos.)

“Para evitar que eles realmente pensem em algo por si mesmos, desviaremos sua atenção para diversões, jogos, passatempos, excitações e palácios do povo. Tais interesses distrairão suas mentes completamente de questões sobre as quais poderíamos ser obrigados a lutar com eles. Tornando-se cada vez menos acostumados ao pensamento independente, as pessoas se expressarão em uníssono conosco porque somente nós oferecemos novas linhas de pensamento — é claro, por meio de pessoas que eles não consideram de forma alguma conectadas a nós.”

Neste mesmo Protocolo é claramente declarado qual é o propósito da produção de teorias “liberais”, das quais escritores, poetas, rabinos, sociedades e influências judaicas são as fontes mais prolíficas:

“O papel dos utópicos liberais será completamente desempenhado quando nosso governo for reconhecido. Até lá, eles prestarão um bom serviço. Por essa razão, *continuaremos a direcionar o pensamento para todas as complexidades de teorias fantásticas, novas e supostamente progressivas.* Certamente fomos completamente bem-sucedidos em virar as cabeças estúpidas dos gentios com a palavra ‘progresso’.”

Aqui está todo o programa de confundir, enervar e trivializar a mente do mundo. E seria um pensamento muito estranho colocar em palavras, se não fosse possível mostrar que isso é exatamente o que foi feito, e ainda está sendo feito, por agências que são altamente elogiadas e fáceis de serem identificadas entre nós.

Um escritor recente em uma revista proeminente apontou o que ele chama de impossibilidade do grupo dominante judeu estar aliado em um Programa Mundial comum porque, como ele mostrou, havia judeus agindo como as mentes líderes em todas as divisões da opinião atual. Havia judeus à frente dos capitalistas, judeus à frente dos sindicatos e judeus à frente daquelas organizações mais radicais que acham até os sindicatos muito mansos. Há um judeu à frente do judiciário da Inglaterra e um judeu à frente do sovietismo na Rússia.

Como você pode dizer, ele perguntou, que eles estão unidos, quando eles representam tantos pontos de vista?

A unidade comum, o possível propósito comum de tudo isso, é assim expresso no Nono Protocolo:

“Pessoas de todas as opiniões e doutrinas estão a nosso serviço, restauradores da monarquia, demagogos, socialistas, comunistas e outros utópicos. Nós os colocamos todos para trabalhar. Cada um deles, de seu ponto de vista, está minando o último resquício de autoridade, está tentando derrubar toda a ordem existente. Todos os governos foram atormentados por essas ações. Mas não lhes daremos paz até que reconheçam nosso supergoverno.”

A função da *ideia* também é mencionada no Décimo Protocolo:

“Quando introduzimos o *veneno do liberalismo* no organismo governamental, toda a sua aparência política mudou.”

Toda a perspectiva desses Protocolos sobre o mundo é que a *ideia* pode se tornar um veneno muito potente. Os autores desses documentos não acreditam no liberalismo, eles não acreditam na democracia, mas eles fazem planos para a pregação constante dessas ideias por causa de seu poder de quebrar a sociedade, dividi-la em grupos, destruir o poder da opinião coletiva por meio de uma variedade de convicções. O veneno de uma ideia é sua arma mais confiável.

O plano de usar ideias se estende à educação:

“Nós enganamos, entorpecemos e desmoralizamos a juventude dos gentios por meio da educação em princípios e teorias, patentemente falsos para nós, mas que nós inspiramos.” — Protocolo 9.

Ela se estende também à vida familiar:

“Tendo assim inspirado a todos com o pensamento de sua própria importância, destrincharemos a influência da

vida familiar entre os gentios e sua importância educacional.’’ — Protocolo 10.

E em uma passagem que bem poderia fornecer o material para um longo exame e contemplação pelo leitor pensativo, isto é dito:

“Até que o tempo esteja maduro, deixe-os se divertirem * * * Deixe *que aquelas teorias da vida que nós os induzimos a considerar como os ditames da ciência* desempenhem o papel mais importante para eles. Para este fim, nos esforçaremos para inspirar confiança cega nessas teorias por meio de nossa Imprensa * * *

“Observe os sucessos que arranjamos no *darwinismo*, *marxismo* e *nietzscheísmo*. O efeito desmoralizante dessas doutrinas sobre as mentes dos gentios deveria ser evidente, pelo menos para nós.” — Protocolo 2.

Que essa desintegração e divisão da sociedade gentia estava ocorrendo em uma taxa favorável quando os Protocolos foram proferidos é evidente em cada linha deles. Pois deve ser lembrado que os Protocolos não estão pedindo apoio para um programa proposto, mas estão anunciando progresso em um programa que está em processo de cumprimento por “séculos” e “desde os tempos antigos”. Eles contêm uma série de declarações sobre coisas realizadas, bem como uma previsão de coisas ainda a serem realizadas. A divisão da sociedade gentia estava ocorrendo muito satisfatoriamente em 1896, ou por aí, quando esses oráculos foram proferidos.

Deve-se notar que o propósito em nenhum lugar é declarado como sendo o extermínio dos gentios, mas sua subjugação, a princípio sob o governo invisível que é proposto nestes documentos, por fim sob o governo de alguém a quem as forças invisíveis seriam capazes de colocar no controle do mundo por meio de mudanças políticas que criariam um cargo de Presidente Mundial ou Autocrata. Os gentios devem ser subjugados, primeiro intelectualmente, como mostrado aqui, e depois economicamente. Em nenhum lugar é sugerido que eles devem ser privados da terra, mas apenas de sua

independência daqueles que os Protocolos representam como judeus.

Até que ponto a divisão da sociedade havia prosseguido quando esses Protocolos foram dados pode ser deduzido do Quinto Protocolo:

"Uma coalizão mundial de gentios poderia lidar conosco temporariamente, mas estamos seguros contra isso por raízes de dissensão entre eles tão profundas que não podem ser arrancadas. Criamos antagonismo entre os interesses pessoais e nacionais dos gentios ao despertar ódios religiosos e raciais que nutrimos em seus corações por vinte séculos."

No que diz respeito às dissensões dos gentios ou do mundo cristão, é absolutamente verdade. E vimos em nossa própria nação como "o antagonismo entre interesses pessoais e nacionais" repousava em "ódios religiosos e raciais". Mas quem suspeitou de uma fonte comum para isso? Mais surpreendente ainda, quem esperaria que qualquer homem ou grupo se declarasse a fonte? No entanto, está escrito nos Protocolos — "*nós* criamos o antagonismo — assim *nos* asseguramos contra a possibilidade de uma coalizão gentia contra nós". E sejam esses Protocolos de origem judaica ou não, representem ou não interesses judaicos, esse é exatamente o estado do mundo, do mundo gentio, hoje.

Mas uma divisão ainda mais profunda é almejada, e há sinais de que até isso está acontecendo. De fato, na Rússia isso já aconteceu, *o espetáculo de uma classe inferior gentia liderada por líderes judeus contra uma classe superior gentia!* No Primeiro Protocolo, descrevendo os efeitos de um sistema industrial especulativo sobre o povo, é dito que esse tipo de loucura econômica —

"* * * já criou e continuará a criar uma sociedade desiludida, fria e sem coração. Tal sociedade está completamente afastada da política e da religião. A luxúria pelo ouro será o único guia do povo * * * ENTÃO, não por causa do bem, nem mesmo por causa das riquezas, mas somente por causa de seu ódio às classes privilegiadas, as

classes mais baixas dos gentios nos seguirão na luta contra nossos rivais pelo poder, os gentios das classes intelectuais."

"*As classes baixas dos gentios nos seguirão contra * * * os gentios das classes intelectuais.*"

Se essa luta ocorresse hoje, os líderes dos insurgentes gentios contra a sociedade gentia seriam líderes judeus. Eles estão no lugar do líder agora — não apenas na Rússia, mas também nos Estados Unidos.

"Há toda a diferença do mundo", disse um jovem filósofo judeu, "entre um judeu americano e um judeu americano. Um judeu americano é um mero gentio amador, condenado a ser um parasita para sempre."

—'The Conquering Jew,' p. 91.

Edição de 31 de julho de 1920.

XII.

“Protocolos Judaicos” Reivindicam Cumprimento Parcial

“Com a instabilidade atual de toda autoridade, nosso poder será mais inatacável do que qualquer outro, porque será invisível até que tenha ganhado tal força que nenhuma astúcia possa miná-lo.” — Protocolo 1.

“É indispensável para nossos propósitos que, na medida do possível, as guerras não tragam vantagens territoriais. Isso mudará a guerra para uma base econômica... Tal condição de coisas colocará ambos os lados sob o controle de nossos agentes internacionais com seus milhões de olhos, cuja visão não é impedida por nenhuma fronteira. Então, nossos direitos internacionais eliminarão os direitos nacionais no sentido estrito, e governarão os governos como eles governam seus súditos.” — Protocolo 2.

Como mera curiosidade literária, esses documentos chamados “Os Protocolos dos Sábios de Sião” exerceriam fascínio devido à terrível completude do Plano Mundial que eles revelam. Mas eles desencorajam a todo momento a visão de que são literatura; eles pretendem ser estadistas, e fornecem dentro de suas próprias linhas a pista pela qual seu status pode ser determinado. Além das coisas que eles esperam fazer, eles anunciam as coisas que fizeram e estão fazendo. Se, ao olhar ao redor do mundo, for possível ver tanto as condições estabelecidas quanto as fortes tendências às quais esses Protocolos aludem, não será estranho se o interesse em uma mera curiosidade literária der lugar a algo como alerta, e pode ser alarme.

Algumas citações gerais servirão para ilustrar o elemento de realização atual nas afirmações desses documentos e, para que o ponto fique claro para o leitor, as palavras-chave serão enfatizadas.

Veja isso no Protocolo Nove:

“Na realidade, não há obstáculos diante de nós. Nosso supergoverno *tem* um status extralegal que pode ser chamado pela palavra energética e forte — ditadura. Posso dizer conscientemente que, no momento presente, somos os legisladores. *Nós criamos* tribunais e jurisprudência.

Nós governamos com uma vontade forte porque *nós temos* em nossas mãos os restos de um partido outrora forte, agora subjugado por nós."

E isto do Oitavo Protocolo:

"Cercaremos nosso governo com um mundo inteiro de economistas. É por essa razão que a *ciência da economia é o principal assunto de instrução ensinado pelos judeus*. Seremos cercados por uma galáxia inteira de banqueiros, industriais, capitalistas e, especialmente, por milionários porque, na verdade, tudo será decidido por um apelo a números."

Essas são alegações fortes, mas não fortes demais para os fatos que podem ser reunidos para ilustrá-las. Elas são, no entanto, apenas uma introdução a outras alegações que são feitas e igualmente paralelas aos fatos. Em todos os Protocolos, como nesta citação do Oitavo, a preeminência dos judeus no ensino de economia política é insistida, e os fatos confirmam isso. Eles são os principais autores daqueles caprichos que levam a multidão atrás de impossibilidades econômicas, e eles também são os principais professores de economia política em nossas universidades, os principais autores daqueles livros didáticos populares no assunto, que prendem as classes conservadoras à ficção de que *teorias* econômicas são *leis* econômicas. A *ideia*, a *teoria*, como instrumentos de desintegração social são comuns tanto ao judeu universitário quanto ao judeu bolchevique. Quando tudo isso é mostrado em detalhes, a opinião pública sobre a importância da economia acadêmica e radical pode sofrer uma mudança.

E, como alegado na citação dada do Nono Protocolo, o poder mundial judaico constitui hoje um supergoverno. É a própria palavra do Protocolo, e nenhuma é mais adequada. Nenhuma nação pode obter tudo o que quer, mas o Poder Mundial Judaico pode obter tudo o que quer, mesmo que suas demandas excedam a igualdade dos gentios. "*Nós somos* os legisladores", dizem os Protocolos, e as influências judaicas têm sido legisladoras em um grau

maior do que qualquer um, exceto os especialistas, percebe. Nos últimos dez anos, o governo internacional judaico, ou o poder do grupo de judeus internacionais, dominou bastante o mundo. Mais do que isso, foi poderoso o suficiente para impedir a aprovação de leis salutares, e onde uma lei pode ter escapado para um lugar nos livros de estatutos, foi poderoso o suficiente para fazê-la ser interpretada em um sentido que a tornou inútil para seu propósito. Isso também pode ser ilustrado por uma grande coleção de fatos. Além disso, o método pelo qual isso é feito foi delineado há muito tempo no programa do qual os Protocolos pretendem ser um esboço. "*Nós criamos* tribunais," continua a citação, e é seguido em outros Protocolos por inúmeras referências a "nossos juízes." Há um tribunal judeu se reunindo em um prédio público na cidade de Nova York toda semana, e outros tribunais, para a única vantagem e uso deste povo cujos porta-vozes negam que eles sejam um "povo separado," estão em formação em todos os lugares. O plano sionista já foi usado em alguns dos países europeus menores para conferir uma extra-cidadania aos judeus que já desfrutam de cidadania nas terras de sua residência, e, além disso, um grau de autogoverno sob os próprios governos que eles exigem para protegê-los. Onde quer que as tendências judaicas sejam permitidas a trabalhar sem impedimentos, o resultado não é "Americanização", nem "Anglicização" nem qualquer outro nacionalismo distintivo, mas uma reversão forte e dominante de volta à essencial "Judaização".

Os "agentes" mencionados na primeira citação receberão atenção em outro artigo. Para retomar as reivindicações dos Protocolos: Isto do Décimo Sétimo Protocolo:

"*Nós tomamos* muito cuidado há muito tempo para desacreditar o clero gentio e, assim, destruir sua missão, o que no momento pode nos atrapalhar consideravelmente. Sua influência sobre o povo diminui diariamente.

"A liberdade de consciência foi proclamada em todos os lugares. Consequentemente, é apenas uma questão de

tempo até que ocorra o colapso completo da religião cristã. Será ainda mais fácil acender velas nas outras religiões, mas é muito cedo para discutir essa fase do assunto.”

Isso será de considerável interesse, talvez, para aqueles clérigos que estão trabalhando com rabinos judeus para trazer algum tipo de união religiosa. Tal união necessariamente descartaria Cristo como um profeta judeu bem-intencionado, mas totalmente equivocado, e assim o cristianismo distinto deixaria de existir na medida em que a “união” fosse efetiva. A principal aversão religiosa dos Protocolos, no entanto, até onde é expressa, é contra a igreja católica em geral e o ofício pontifício em particular.

Um parágrafo curioso neste Protocolo reivindica para a raça judaica uma habilidade particular na arte do insulto:

“Nossa imprensa contemporânea exporá assuntos governamentais e religiosos e a incapacidade dos gentios, sempre usando expressões tão depreciativas que se aproximam do insulto, a faculdade de empregar que é tão bem conhecida por nossa raça.”

Isto do Quinto Protocolo:

“Sob nossa influência, a execução das leis dos gentios *é* reduzida ao mínimo. O respeito pela lei *é* minado pela interpretação liberal que introduzimos nesta esfera. Os tribunais *decidem* conforme ditamos, mesmo nos casos mais importantes em que estão envolvidos princípios fundamentais ou *questões* políticas, os *vemos* à luz em que *nós apresentamos* à administração gentia por meio de agentes com os quais aparentemente não temos nada em comum, por meio da opinião de jornais e outras vias.

“Na sociedade gentia, onde *nós plantamos* discórdia e protestantismo * * * *”

A palavra ‘‘protestantismo’’ evidentemente não é usada no sentido religioso ou sectário, mas para denotar um temperamento de crítica queixosa destrutiva da opinião coletiva harmoniosa.

Isto do Décimo Quarto Protocolo:

“Em países chamados avançados, *nós criamos* uma literatura sem sentido, imunda e repugnante. Por um curto período após nossa entrada no poder, encorajaremos sua existência para que possa realçar com maior relevo o contraste entre ela e os anúncios escritos e falados que emanarão de nós.”

Ao discutir no Décimo Segundo Protocolo o controle da Imprensa — um assunto que deve ser tratado mais extensivamente em outro artigo — a alegação é feita:

“*Nós alcançamos isso no momento presente* na medida em que todas as notícias são recebidas por meio de várias agências nas quais elas são centralizadas de todas as partes do mundo. Essas agências serão então, para todos os efeitos, nossas próprias instituições e publicarão apenas o que permitirmos.”

Este trecho do Sétimo Protocolo aborda o mesmo assunto:

“Devemos forçar os governos gentios a adotar medidas que promovam nosso plano amplamente concebido, já se aproximando de seu objetivo triunfante, trazendo à tona a pressão da opinião pública estimulada, *que foi organizada por nós* com a ajuda do chamado ‘grande poder’ da imprensa. Com algumas exceções que não valem a pena considerar, *já está* em nossas mãos.”

Para retomar o Décimo Segundo Protocolo:

“Se *nós já conseguimos* dominar a mente da sociedade gentia a tal ponto que quase todos veem os assuntos do mundo através das lentes coloridas dos óculos que *nós colocamos* diante de seus olhos, e *se agora não há um governo com barreiras erguidas contra nosso acesso* àquilo que pela estupidez gentia é chamado de *segredos de estado*, o que será então quando formos os mestres reconhecidos do mundo na pessoa de nosso governante universal?”

A nação judaica é a única nação que possui os segredos de todas as outras. Nenhuma nação protege por muito tempo um segredo que diz respeito diretamente a

outra nação, mas mesmo assim, nenhuma nação tem todos os segredos de todas as outras nações. No entanto, não é demais dizer que os judeus internacionais têm esse conhecimento. Muito disso, é claro, não equivale a nada e sua posse não acrescenta materialmente ao seu poder, mas o fato de que eles têm *acesso*, que podem obter o que quiserem quando quiserem é o ponto importante — como muitos jornais secretos poderiam testemunhar se pudessem falar, e muitos guardiões de jornais secretos poderiam dizer se quisessem. A verdadeira diplomacia secreta do mundo é aquela que entrega os chamados segredos do mundo a alguns homens que são membros de uma raça. A superfície da diplomacia, aquelas atividades que são escritas nas memórias de estadistas confortavelmente envelhecidos, aqueles golpes e tratados que recebem fama altissonante como se fossem realmente importantes — isso é incomparável com a diplomacia de Judá e sua incomparável maquinaria para extrair o conhecimento oculto de cada grupo governante. Os Estados Unidos estão incluídos em todas essas declarações. Talvez não haja governo no mundo tão completamente a serviço deles quanto o nosso no momento, seu controle tendo sido conquistado durante os últimos cinco ou seis anos.

Os Protocolos não consideram a dispersão dos judeus pela face da Terra como uma calamidade, mas como um arranjo providencial pelo qual o Plano Mundial pode ser executado com mais certeza, como vemos nestas palavras do Décimo Primeiro Protocolo:

“Deus nos deu, Seu Povo Escolhido, como uma bênção, a dispersão, e *isso que pareceu a todos ser nossa fraqueza tem sido toda nossa força*. *Agora nos trouxe* ao limiar do governo universal.”

As reivindicações de realização apresentadas no Nono Protocolo seriam muito grandes para serem expressas em palavras se fossem muito grandes para uma realização concreta, mas há um ponto em que a palavra e a realidade se encontram e coincidem.

“Para não destruir prematuramente as instituições gentias, *nós* colocamos nossas mãos eficientes sobre elas e raspamos as molas de seu mecanismo. Elas estavam anteriormente em ordem estrita e justa, mas *nós* as substituímos por uma administração liberal desorganizada e arbitrária. *Nós* adulteramos a jurisprudência, o sufrágio, a imprensa, a liberdade da pessoa e, o mais importante de tudo, a educação e a cultura, a pedra angular da existência livre.

“*Nós* enganamos, entorpecemos e desmoralizamos a juventude dos gentios por meio da educação em princípios e teorias: patentemente falsos para nós, mas que *nós* inspiramos.

“Acima das leis existentes, sem mudanças reais, mas distorcendo-as por meio de interpretações contraditórias, *nós* criamos algo estupendo em termos de resultados.”

Todos sabem que, apesar do fato de que o ar nunca esteve tão cheio de teorias de liberdade e declarações selvagens de “direitos”, houve uma redução constante da “liberdade pessoal”. Em vez de ser socializada, o povo, sob uma capa de frases socialistas, está sendo submetido a uma escravidão incomum ao estado. A Saúde Pública é um apelo. Várias formas de Segurança Pública são outros apelos. As crianças dificilmente são livres para brincar hoje em dia, exceto sob mestres de brincadeira nomeados pelo Estado, entre os quais, curiosamente, uma proporção surpreendente de judeus consegue encontrar um lugar. As ruas não são mais tão livres quanto eram; leis de todos os tipos estão protegendo as liberdades inofensivas do povo. Uma tendência constante em direção à sistematização, cada fase da tendência baseada em algum “princípio” muito erudito, se instalou e, curiosamente, quando o investigador segue seu caminho até o centro autoritário desses movimentos para a regulamentação da vida do povo, ele encontra judeus no poder. As crianças estão sendo atraídas para longe do “centro social” do lar para outros “centros”; elas estão sendo levadas para longe (e estamos falando de crianças gentias — nenhum gentio tem

permissão para regular a vida de crianças judias) de seus líderes naturais em casa, igreja e escola, para ‘‘centros’”’ institucionalizados e “locais de brincadeira” científicos, sob “líderes treinados”? cujo efeito total, consciente ou inconscientemente, é levar a criança moderna a olhar para o Estado, em vez de seu ambiente natural, para liderança. Tudo isso se concentra no Plano Mundial para a subjugação dos gentios, e se não é o Plano Mundial Judaico, seria interessante saber por que o material para isso é tão amplamente crianças gentias e os líderes dele tão frequentemente da raça judaica.

As liberdades judaicas são as mais bem protegidas nos Estados Unidos. Os gentios se arriscam com questões públicas, mas toda comunidade judaica é cercada por protetores especiais que ganham reconhecimento especial por vários dispositivos — ameaças políticas e comerciais não são as menores delas. Nenhum gentio de espírito público é bem-vindo à tarefa de regular a vida de crianças judias. A comunidade judaica em cada cidade é autossuficiente em si mesma no que diz respeito a tais atividades. As mais secretas de todas as escolas paroquiais são as escolas judaicas, cujas próprias localizações não são todas conhecidas pelos funcionários das grandes cidades. O judeu é quase ansioso em seus esforços para moldar a mente gentia; ele insiste em ter permissão para dizer ao gentio o que pensar, especialmente sobre o judeu; ele não é avesso a influenciar o pensamento geral gentio de uma maneira que, embora surja em círculos amplos, funciona em última análise no esquema judaico das coisas. A ansiedade e a insistência, tão bem conhecidas por todos que as observaram, são apenas reflexos da convicção do judeu de que sua raça é superior e é capaz de dirigir a raça inferior — da qual há apenas uma, incluindo todo o mundo não judeu.

Toda influência que leva à leveza e à frouxidão na juventude gentia hoje tem origem em uma fonte judaica. Os jovens do mundo inventaram as “roupas esportivas”? que tiveram um efeito tão deletério na juventude da época que todo publicitário achou que valia a pena mencionar?

Esses estilos surgem de preocupações com roupas judaicas, onde certamente a arte não é a regra nem a influência moral a principal consideração. O cinema é um desenvolvimento interessante da fotografia aliada ao show business, mas de quem é a responsabilidade por seu desenvolvimento ao longo de linhas que o tornam uma ameaça às mentes de milhões — uma ameaça tão séria que não escapou da observação e condenação em todos os lugares? Quem são os mestres do jazz musical no mundo? Quem dirige todas as joalherias baratas, os parques de espetáculos de cabeça de ponte, as "coney islands", os centros de emoções nervosas e frouxidão? É possível pegar o jovem e a jovem exibicionistas de perspectiva trivial e senso de responsabilidade frouxo e marcá-los externa e internamente, desde suas roupas e ornamentos até suas ideias e esperanças agitadas, com a mesma etiqueta: "Feito, introduzido e explorado por um judeu".

Há, portanto, algo muito sinistro na luz que os acontecimentos lançam sobre esse parágrafo:

"*Nós* enganamos, entorpecemos e desmoralizamos a juventude dos gentios por meio da educação em princípios e teorias, patentemente falsos para nós, mas que nós inspiramos."

"Princípios e teorias" não implicam necessariamente qualidades intelectuais elevadas ou mesmo modestas. O jovem que passa suas horas do meio-dia e noites no cinema está recebendo seus "'princípios e teorias" assim como o jovem mais intelectual de um nível mais alto da sociedade que ouve um judeu "liberal" expor "liberdade sexual" e o "controle da população" está recebendo os seus. A frouxidão que é inerente a esses "princípios e teorias" não emana do lar gentio, ou da igreja gentia, ou de qualquer linha de ganho de dinheiro que seja preenchida principalmente com gentios, mas de teorias, movimentos e linhas de ganho de dinheiro principalmente imaginadas por judeus. Essa linha de acusação poderia ser muito mais profunda, mas é preferível restringi-la ao que é observável por olhos decentes em todos os lugares.

E que “a juventude dos gentios” são as principais vítimas, e não a juventude dos judeus, também é observável. Enquanto uma certa porcentagem da juventude judaica em si é superada por esse veneno social, a porcentagem é quase nada comparada aos resultados entre a juventude dos gentios. É um fato significativo que os judeus que vinculam esse processo de enfraquecimento dos gentios com grandes lucros não são eles próprios, nem seus filhos e filhas, as vítimas desse enfraquecimento: a juventude judaica passa por isso com mais orgulho e mais limpeza do que a massa de jovens gentios.

Muitos pais e mães, muitos jovens de mente esquálida e incorruptos, e milhares de professores e publicitários clamaram contra a *luxo*. Muitos financistas, observando a maneira como as pessoas ganhavam e jogavam fora seu dinheiro, alertaram contra o *luxo*. Muitos economistas, sabendo que as indústrias não essenciais estavam consumindo homens e materiais que eram necessários para a estabilização das indústrias essenciais; sabendo que os homens estão fazendo bugigangas que deveriam estar fazendo aço; sabendo que os homens estão envolvidos na fabricação de bugigangas que deveriam estar trabalhando na fazenda; que os materiais estão indo para artigos que são feitos apenas para *vender* e nunca para *usar*, e que os materiais são, portanto, desviados das indústrias que sustentam a vida das pessoas — todo observador que conhece essa insistência louca em itens não essenciais luxuosos levantou uma voz forte contra isso.

Mas, de acordo com esses Protocolos, começamos do lado errado. As pessoas, é verdade, compram essas coisas sem sentido e *não essenciais* que são chamadas de *luxos*. Mas as pessoas não as inventam. E as pessoas se cansam delas uma a uma. Mas o fluxo de variedades continua — sempre algo mais sendo empurrado para as pessoas, balançando diante de seus olhos, balançando pela avenida em manequins suficientes para dar a impressão de que é "estilo"; impressão de jornal e fotos de jornal; fotos de filme; figurinos de palco o suficiente para forçar a novidade

a entrar na "moda" com um tipo de força e compulsão que nenhuma coisa essencial realmente digna pode comandar.

De onde vem? Que poder existe cuja longa experiência e intenção deliberada o permitem frivolizar as mentes e os gostos das pessoas e obrigá-las a pagar a maior parte do seu dinheiro por isso também? Por que esse espasmo de luxo e extravagância pelo qual acabamos de passar? Como ocorreu que antes que o luxo e a extravagância fossem aparentes, todo o material para provocá-los e inflamá-los havia sido preparado de antemão e enviado de antemão, pronto para a debandada que também havia sido preparada?

Se o povo dos Estados Unidos parasse para considerar, quando a coisa inútil e cara lhes é oferecida — se eles rastreassem sua origem, rastreassem o curso dos enormes lucros obtidos com isso, rastreassem todo o movimento para inundar o mercado com inutilidade e extravagância e, assim, desmoralizar o público gentio financeiramente, intelectualmente e socialmente — se, em suma, pudesse ficar claro para eles que os interesses financeiros judaicos não estão apenas bajulando os elementos mais frouxos da natureza humana, mas na verdade engajados em um esforço calculado para torná-los frouxos em primeiro lugar e mantê-los frouxos — isso faria mais do que qualquer outra coisa para impedir esse desperdício sêxtuplo — o desperdício de material, o desperdício de trabalho, o desperdício de dinheiro gentio, o desperdício da mente gentia, o desperdício de talento judaico e o pior que o desperdício da real utilidade de Israel para o mundo.

Dizemos que o *público gentio* é a vítima desse comércio estimulado de luxos inúteis. Você já viu judeus tão vitimizados? Eles podem usar roupas muito chamativas, mas seu preço e sua qualidade concordam. Eles podem usar diamantes bem grandes, mas são diamantes. O judeu não é vítima do judeu, a mania por luxos é como a multidão de “coney island” para ele; ele sabe o que os atrai e a inutilidade disso.

E não é tanto a perda financeira que deve ser lamentada, nem ainda as atrocidades cometidas contra o bom gosto, mas o fato de que as tolas multidões gentias entram na rede de bom grado, até mesmo alegremente, supondo que a mudança da moda seja tão inevitável quanto a chegada da primavera, supondo que a nova demanda sobre seus ganhos seja tão necessária e natural quanto os impostos. As multidões pensam que de alguma forma têm parte nisso, quando sua única parte é pagar, e então pagar novamente pela nova extravagância quando a atual se torna monótona. Há homens neste país que sabem dois anos antes quais serão as frivolidades e extravagâncias do povo, porque decretam o que elas serão. Essas coisas são todas estritamente comerciais, desmoralizantes para a maioria gentia, enriquecedoras para a minoria judaica.

Veja o Sexto Protocolo para uma visão geral de tudo isso:

Este é um trecho de uma passagem mais longa que trata dos planos pelos quais o interesse do povo poderia ser desviado de questões políticas para questões industriais, como a indústria poderia se tornar insegura e injusta pela introdução de especulação em sua gestão e, finalmente, como contra essa condição o povo poderia se tornar inquieto e desamparado. O luxo seria o instrumento:

“Para destruir a indústria gentia, nós, como um incentivo a essa especulação, *encorajaremos entre os gentios uma forte demanda por luxos — todos os luxos atraentes.*”

E no Primeiro Protocolo:

“Certamente não podemos permitir que nosso próprio povo chegue a isso. O povo dos gentios está estupefato com bebidas espirituosas * * *”

—incidentalmente, os lucros de bebidas espirituosas fluem em grandes quantidades para os bolsos judeus. A história do anel do uísque neste país mostrará isso. Historicamente, *todo o movimento de proibição pode ser descrito como uma disputa entre capitais gentios e judeus*

e, neste caso, graças à maioria gentia, os gentios venceram.

A diversão, o jogo, a música jazz, a ficção escarlate, o espetáculo paralelo, as modas baratas e caras, as joias chamativas e todas as outras atividades que viviam em razão de uma pressão invisível sobre o povo, e que trocavam as mercadorias mais inúteis pelos preços que apenas esgotariam o excedente de dinheiro do povo e nada mais — todas essas atividades estavam sob o domínio dos judeus.

Eles podem não estar conscientes de sua participação em qualquer desmoralização generalizada do povo. Eles podem estar conscientes apenas do “dinheiro fácil”. Eles podem, às vezes, ceder à surpresa ao contrastar os gentios tolos com seus próprios judeus sábios em dinheiro, tecidos e metais. Mas, seja como for, há a concepção de um programa pelo qual um povo pode ser deliberadamente devastado material e espiritualmente, e ainda assim mantido agradável o tempo todo — e também há o mesmo programa traduzido em termos de transações diárias e, na maior parte, talvez totalmente sob o controle dos membros de uma raça.

Edição de 7 de agosto de 1920.

XIII.

Plano “Judaico” para Dividir a Sociedade por “Ideias”

O método pelo qual os Protocolos trabalham para o colapso da sociedade deve agora ser bastante evidente para os leitores destes artigos. Uma compreensão do *método* é necessária se alguém quiser encontrar o significado das correntes e contracorrentes que fazem uma miscelânea tão desesperançosa dos tempos atuais. Pessoas que estão confusas e desencorajadas pelas várias vozes e teorias discordantes de hoje, cada uma parecendo plausível e promissora, podem encontrar uma pista clara para o valor das vozes e o significado das teorias se entenderem que sua *confusão* e *desencorajamento* compreendem o próprio objetivo que é buscado. A incerteza, hesitação, desesperança, medo; a ânsia com que cada plano promissor e solução oferecida é apreendido — essas são as próprias reações que o programa delineado nos Protocolos visa produzir. A condição é prova da eficácia do programa.

É um método que leva tempo, e os Protocolos declaram que *levou* tempo, de fato, séculos. Estudantes do assunto encontram o programa idêntico dos Protocolos, anunciado e operado pela raça judaica, do primeiro século em diante.

Levou 1900 anos para levar a Europa ao seu atual grau de subjugação — subjugação violenta em alguns países, subjugação política em alguns, subjugação econômica em todos — mas na América o mesmo programa, com quase o mesmo grau de sucesso, exigiu cerca de 50 anos. Certas *ideias* equivocadas de liberalismo, certas ideias flácidas de tolerância, todas elas originárias de fontes europeias que os protocolistas poluíram completamente, foram transportadas para a América, e aqui, sob a cobertura da cegueira e inocência de um falso liberalismo e tolerância, juntamente com aparelhos modernos para a rápida aceleração da opinião, foi operada uma subjugação de nossas instituições e pensamento

público que é o espanto dos observadores europeus. É um fato que alguns dos importantes estudiosos da Questão Judaica, a quem os publicitários judeus têm o prazer de amaldiçoar com o termo “antissemitas”, foram despertados para a existência da Questão não pelo que observaram na Europa, mas pelo que viram no rápido e distinto “close-up” que foi proporcionado nos assuntos americanos.

O centro do poder judaico, os principais patrocinadores do programa judaico, residem na América, e a alavanca que foi usada na Conferência de Paz para fixar o poder judaico mais seguramente sobre a Europa, foi a alavanca americana exercida a mando da forte pressão judaica que foi trazida dos Estados Unidos para esse propósito. E essas atividades não terminaram com a Conferência de Paz.

Todo o *método* dos Protocolos pode ser descrito em uma palavra, *Desintegração*. O desfazer do que foi feito, a criação de um longo e desesperador interim no qual as tentativas de reconstrução serão frustradas, e o desgaste gradual da opinião pública e da confiança pública, até que aqueles que estão fora do caos criado insiram sua mão forte e calma para tomar o controle — esse é todo o método do procedimento.

Juntando a estimativa da natureza humana que obtém nestes Protocolos, e suas reivindicações para um cumprimento bastante definido, embora ainda incompleto, do Programa Mundial (estes dois compreendendo os temas dos dois artigos anteriores), alguns dos aspectos desta propaganda de desintegração se tornaram claros. Mas não todos eles. Há ainda outros aspectos destes métodos, que serão tratados no presente artigo, e há ainda alcances futuros do programa que serão considerados mais tarde.

O primeiro ponto de ataque é a Opinião Coletiva, aquele corpo de ideias que, por meio do acordo dos homens com elas, mantém grandes grupos unidos em unidade política, racial, religiosa ou social. Às vezes, nós os chamamos de “padrões”, às vezes, nós os chamamos de “ideais”; não importa como sejam chamados, eles são os

laços invisíveis da unidade, eles são a fé comum, eles são a grande razão abrangente para a unidade e lealdade do grupo.

Os Protocolos afirmam que aqui o primeiro ataque *foi* feito. A história da propaganda judaica no mundo mostra isso também.

A primeira onda de ataque é *corromper* a Opinião Coletiva. Agora, "corromper" no sentido real não significa nada desagradável ou impuro. O poder total de toda heresia é sua atratividade para a mente boa. Toda a explicação da forte influência que a mentira ganhou sobre o mundo de nossos dias é que a mentira é razoável, inspiradora e aparentemente boa. É somente após uma longa disciplina em falsos ideais — que são razoáveis, inspiradores e bons — que os frutos malignos aparecem em atos e condições que são irracionais, destrutivos e totalmente malignos. Se você traçar a ideia de Liberdade como ela apareceu na história russa, desde seu início filosófico (um início judaico, a propósito) até seu final atual (um final judaico também), você verá o processo.

Os Protocolos alegam que os gentios não são pensadores, que ideias atraentes foram lançadas a eles de forma tão estratégica e persistente que o poder do pensamento é quase destruído deles. Felizmente, esta é uma questão na qual qualquer gentio pode aplicar seu próprio teste. Se ele segregar suas ideias dominantes, especialmente aquelas que se concentram em torno do pensamento de "democracia", ele descobrirá que está sendo governado em sua mente por toda uma companhia de ideias cuja autoridade sobre ele ele não indagou de forma alguma. Ele é governado por "diga assim"? cuja origem ele não rastreou. E quando, perseguindo essas ideias, ele descobre que elas não são praticáveis, ele é recebido pela explicação de que "ainda não estamos suficientemente avançados". No entanto, quando ele vê homens que são suficientemente "avançados" para colocar essas mesmas ideias em operação, ele recua do que os vê fazer, porque ele sabe que "avanço" como esse é

deterioração - uma forma de desintegração. No entanto, cada uma das ideias era “boa”, “razoável”, “inspiradora”, “humana”, para começar. E, se esse gentio observar um pouco mais, verá que elas são as ideias mais persistentemente pregadas no mundo; ele também verá quem são os pregadores.

Os Protocolos declaram distintamente que é por meio do conjunto de ideias que se agrupam em torno da “democracia” que sua primeira vitória sobre a opinião pública foi obtida. A *ideia* é a arma. E para ser uma arma, deve ser uma *ideia* em desacordo com a tendência natural da vida. Deve, de fato, ser uma teoria oposta aos fatos da vida. E nenhuma teoria tão oposta pode ser esperada para criar raízes e se tornar o fator dominante, a menos que apele à mente como razoável, inspiradora e boa. A Verdade frequentemente parece irracional; a Verdade frequentemente é deprimente; a Verdade às vezes parece ser má; mas tem esta vantagem eterna, é a Verdade, e o que é construído sobre ela não traz nem cede à *confusão*.

Este primeiro passo não dá o controle da opinião pública, mas leva a ele. Vale a pena notar que é essa semeadura do “veneno do liberalismo”, como os Protocolos o chamam, que vem primeiro na ordem nesses documentos. Então, seguindo isso, os Protocolos dizem:

“Para obter controle sobre a opinião pública é necessário primeiro *confundi*-la.”

A verdade é uma e não pode ser confundida, mas esse falso e atraente liberalismo que foi semeado e transmitido, e que está amadurecendo mais rápido sob a educação judaica na América do que nunca na Europa, é facilmente confundido porque não é verdade. É um erro, e o erro tem mil formas. Pegue uma nação, um partido, uma cidade, uma associação na qual “o veneno do liberalismo” foi semeado, e você pode dividi-la em tantas facções quantos indivíduos houver, simplesmente jogando entre eles certas modificações da ideia original. Esta é uma parte da estratégia bem conhecida pelas forças que controlam invisivelmente o pensamento de massa. Theodor Herzl, o

arqui-judeu, um homem cuja visão era mais ampla do que a de qualquer estadista e cujo programa era paralelo aos Protocolos, sabia disso muitos anos atrás quando disse que o estado sionista (criptografado para “judeu”) viria antes que o estado socialista pudesse vir; ele sabia com quais divisões infinitas o “liberalismo” que ele e seus predecessores haviam plantado seria acorrentado e aleijado.

O processo do qual todos os gentios foram os cormos, mas nunca os judeus — nunca os judeus! — é apenas isto:

Primeiro, criar um ideal de “mente aberta”. Essa é a frase que aparece em toda reclamação judaica contra a menção pública do judeu e seu suposto Programa Mundial: “Nós pensamos que você era um homem de mente aberta demais para expressar tais pensamentos;” “nós pensamos que o Sr. Fulano de Tal era um homem de mente aberta demais para suspeitar dos judeus disto;” “nós pensamos que o jornal diário, semanal ou mensal tal e tal era editorialmente aberto demais para considerar tal material.” É uma espécie de palavra-chave, indicativa do estado de espírito em que se deseja que os gentios sejam mantidos. É um estado de tolerância flácida. Um estado de espírito que profere frases sem sentido sobre a Liberdade, frases que agem como um ópio na mente e na consciência e que permitem que todos tipos de coisas sejam feitas secretamente. A frase, o slogan, é uma arma judaica muito confiável. (“Em todos os tempos as pessoas aceitaram palavras por atos.” — Protocolo 5.) A realidade por trás da frase que os Protocolos francamente admitem ser inexistente.

Nada serviu para criar uma “mente aberta”, um estado de espírito cuja amplitude indica sua falta de profundidade, tanto quanto as ideias do liberalismo que os judeus estão constantemente ensinando aos gentios e sobre as quais eles próprios nunca agem. Precisamos de um novo tipo de fidelidade à realidade da vida, aos fatos como eles são, o que nos permitirá resistir a todas as bajulações à “mente aberta” e afirmar uma nova

intolerância a tudo, exceto à verdade. Os termos “estreito” e “amplo”, como são usados hoje, representam mentiras. O homem liberal deve acreditar mais, ele deve ser profundo e amplo em suas crenças para merecer esse nome; mas, como de costume, ele não acredita em nada. Ele não é liberal de forma alguma. Quando você busca crença, crença com fundamento, crença com vitalidade, você deve buscá-la entre homens que são ridicularizados, sob essa falsa noção de liberalidade promovida pelos judeus, como “homens estreitos”. A propaganda judaica, em comum com os Protocolos, é contra homens que cavaram até a rocha; eles querem “homens de mente aberta” que podem ser facilmente deslocados sobre a superfície, e assim servir ao esquema invisível de qualquer maneira desejada. Este tipo de homens, por sua vez, nunca imaginam que sua “mente aberta” seja uma marca de sua superioridade e independência.

Agora, veja o que se segue. Os homens nascem crentes. Por um tempo, eles podem acreditar na “mente aberta” e, sob a terrível pressão social que foi criada em seu favor, eles a abraçarão abertamente. Mas é muito superficial para satisfazer quaisquer raízes crescentes da vida. Eles devem acreditar, profundamente, em algo. Para provar isso, observe a força inegável das crenças negativas que são mantidas por homens que imaginam não acreditar em nada. Portanto, alguns que são altamente dotados de independência de espírito, enraízam-se naqueles assuntos proibidos que em algum ponto tocam nas preocupações judaicas — esses são os homens “estreitos”. Mas outros acham mais conveniente cultivar aqueles departamentos que prometem uma rodovia onde não haverá conflitos de opinião vital, nenhuma chance de acusação de “intolerância”; em suma, eles transferem todos os seus poderes contemplativos para a vida ativa, assim como está escrito nos Protocolos —

“Para desviar o pensamento e a observação dos gentios, o interesse deve ser desviado para a indústria e o comércio.”

É incrível olhar ao redor e ver o número de homens que foram realmente intimidados a comprometer suas vidas inteiras com essas coisas secundárias ou mesmo terciárias, enquanto olham com grande timidez e aversão para as coisas vitais que realmente governam o mundo e da questão da qual o mundo realmente depende.

Mas é justamente esse desvio para a base materialista que oferece aos protocolistas, e propagandistas judeus semelhantes, seu melhor apoio. “Amplitude de mente” hoje consiste em deixar as questões vitais severamente sozinhas. Ela desce rapidamente para a mentalidade materialista. Dentro dessa esfera inferior, toda a discórdia que aflige o mundo hoje pode ser encontrada.

Primeiro, há a ruína dos círculos superiores da indústria e do comércio:

“Para tornar possível que a liberdade definitivamente se desintegre e arruíne a sociedade gentia, a indústria deve ser colocada em uma base especulativa.”

Ninguém precisa ser informado sobre o que isso significa. Significa, como tudo sobre nós grita, a prostituição do serviço aos lucros e o eventual desaparecimento dos lucros. Significa que a alta arte da administração degenera em exploração. Significa confusão imprudente entre os gerentes e inquietação perigosa entre os trabalhadores.

Mas significa algo pior: significa a divisão da sociedade gentia. Não uma divisão entre “Capital” e “Trabalho”, mas a divisão entre os gentios em ambas as pontas do esquema de trabalho. Os gerentes e fabricantes gentios não são os “capitalistas” dos Estados Unidos. A maioria deles tem que ir aos “capitalistas” para obter os fundos com os quais trabalham — e os “capitalistas” são judeus, judeus internacionais.

Mas com o capital judeu em uma ponta do esquema de trabalho gentio colocando os parafusos nos fabricantes, e com agitadores, desordeiros e subversivos judeus na outra ponta do esquema de trabalho gentio colocando os

parafusos nos trabalhadores, temos uma condição na qual os gerentes mundiais do programa do Protocolo devem estar imensamente satisfeitos.

“Podemos temer a força combinada dos gentios de visão com a força cega das massas, *mas tomamos todas as medidas* contra tal possível contingência, *levantando um muro* de *antagonismo mútuo entre essas duas forças*. Assim, a força cega das massas continua sendo nosso apoio. Nós, e somente nós, serviremos como seus líderes. Naturalmente, direcionaremos sua energia para atingir nosso fim.” — Protocolo 9.

A indicação de que eles estão altamente satisfeitos é que eles não estão apenas não fazendo nada para aliviar a situação, mas estão aparentemente dispostos a piorá-la, e se for possível para eles fazerem isso, eles gostariam de ver este inverno que se aproxima, e as privações que estão programadas para ele (a menos que a flacidez dos gentios diante do poder judaico, alto e baixo, receba uma nova espinha dorsal), levar os Estados Unidos à beira do, se não cruzar a linha do bolchevismo. Eles conhecem todo o método de escassez artificial e preços altos. Foi praticado na Revolução Francesa e na Rússia. Todos os sinais disso estão neste país também.

Problemas industriais para seu alimento mental e diversão leve para suas horas de lazer, estes são o método dos Protocolos’ com relação à mente gentia, e sob a cobertura destes o trabalho deve ser feito — o trabalho que é melhor expresso pelo lema, “Dividir para Governar”.

Leia isto:

“Para desviar pessoas excessivamente inquietas de discutir questões políticas, *agora apresentaremos* novos problemas aparentemente conectados a elas — problemas da indústria.” — Protocolo 13.

Não ficaram todos impressionados com o divórcio que existe neste país entre o pensamento de massa que é quase exclusivamente devotado a questões industriais e o pensamento partidário que está se esforçando para manter

o campo da política pura? E não é um fato que nossos amigos, os judeus, estão fortemente entrincheirados em ambos os campos — na política para mantê-la reacionária e nos círculos industriais para mantê-la radical — e assim ampliar a divisão? E o que é essa divisão senão uma divisão dos gentios? — pois a sociedade é gentia e as influências disruptivas são judaicas.

Leia isto:

"*Nós incluímos* na constituição direitos para o povo que são fictícios e não direitos reais. Todos os chamados 'direitos do povo' só podem existir no abstrato e nunca podem ser realizados na prática * * * O proletário não ganha mais com a constituição do que as migalhas miseráveis *jogadas de nossa mesa* em troca de seus votos para eleger *nossos* agentes e aprovar *nossas* medidas. Os direitos republicanos são uma amarga ironia para o homem pobre, pois a pressão do trabalho diário o impede de usá-los e, ao mesmo tempo, o priva da garantia de um sustento permanente e certo, tornando-o dependente de *greves*, organizadas por seus *empregadores* ou seus *camaradas*." — Protocolo 3.

Esta observação sobre greves não é nem um pouco intrigante para quem estudou os diferentes tipos de greves neste país. O número fomentado de cima da classe trabalhadora é espantosamente grande.

Leia também:

"*Nós forçaremos o aumento dos salários*, o que, no entanto, não será de nenhum benefício para os trabalhadores, pois ao mesmo tempo *nós causaremos um aumento nos preços das necessidades*, fingindo que isso é devido ao declínio da agricultura e da pecuária... *Nós também iremos minar astuta e profundamente as fontes de produção, incutindo nos trabalhadores ideias de anarquia*." — Protocolo 6.

E isto:

"Nós nos apresentaremos como os salvadores da classe trabalhadora que vieram para libertá-los dessa

opressão, sugerindo que eles se juntem ao nosso exército de socialistas, anarquistas, comunistas, a quem sempre estendemos nossa ajuda sob o disfarce dos princípios fraternais da solidariedade humana universal." — Protocolo 3.

"Mente aberta" de novo! Nesta conexão é sempre bom lembrar as palavras de Sir Eustace Percy, citadas anteriormente, palavras que são patrocinadas pelos próprios judeus — "Não porque o judeu se importe com o lado positivo da filosofia radical, não porque ele deseja ser um participante do nacionalismo gentio ou da democracia gentia, mas porque nenhum sistema de governo gentio existente é algo além de desagradável para ele."

Ou, como diz o autor de "The Conquering Jew": "Ele é democrático em seus sentimentos, mas não em sua natureza. Quando ele proclama a fraternidade comum do homem, ele está pedindo que o portão social agora fechado contra ele em tantos quadrantes seja aberto para ele; não porque ele queira igualdade, mas porque ele deseja ser mestre no mundo social, como ele está se mostrando em tantas outras esferas. Muitos judeus honrados irão, não duvido, contestar a precisão desta distinção; mas se ele o fizer, será porque ele viveu tanto tempo na atmosfera do Ocidente que ele é inconsciente do que é criado no osso de sua raça oriental."

Não é difícil, portanto, ver a genealogia das ideias judaicas do liberalismo desde sua origem até seus últimos efeitos sobre a vida gentia. A *confusão* almejada está aqui. Não há um leitor destas linhas que não tenha sentido em sua própria vida o peso disso. A perplexidade caracteriza todo o clima mental das pessoas hoje. Elas não sabem em que acreditar. Primeiro, um conjunto de fatos é dado a elas, depois outro. Primeiro, uma explicação das condições é dada a elas, e depois outra. A escassez de fatos é aguda. Há todo um mercado cheio de explicações que não explicam nada, mas apenas aprofundam a *confusão*. O próprio governo parece estar embaraçado, e sempre que começa uma linha de investigação se vê misteriosamente

enredado, de modo que o procedimento é difícil. Esse aspecto governamental também é estabelecido nos Protocolos.

Adicione a isso o ataque à tendência humana em direção à religião, que geralmente é a última barreira a cair antes que a violência e o roubo desavergonhados se apresentem. Para trazer a condição que este Programa Mundial almeja, o Quarto Protocolo Diz:

"É por esta razão que devemos minar a fé, erradicar das mentes dos gentios os próprios princípios de Deus e da Alma, e substituir essas concepções por cálculos matemáticos e desejos materiais."

"Quando *nós privamos* as massas de sua crença em Deus, a autoridade governante foi jogada na sarjeta, onde se tornou propriedade pública, e *nós a confiscamos.*" — Protocolo 5.

"*Há muito tempo tomamos muito cuidado* para desacreditar o clero gentio." — Protocolo 17.

"Quando nos tornarmos governantes, consideraremos indesejável a existência de qualquer religião, exceto a nossa, proclamando Um Deus com Quem nosso destino está ligado como O Povo Escolhido, e por Quem nosso destino foi feito um com o destino do mundo. Por esta razão, devemos destruir todas as outras religiões. Se por meio disso surgirem ateus contemporâneos, então, *como um passo de transição*, isso não interferirá em nossos objetivos.'' — Protocolo 14.

Isto provavelmente oferecerá assunto para reflexão por parte dos "de mente aberta".

É curioso notar como esse programa religioso funcionou na Rússia, onde Trotsky (como amplamente anunciado na imprensa judaica americana) é considerado não religioso, e onde comissários judeus dizem aos russos moribundos que pedem padres: "Nós abolimos o Todo-Poderoso". A Srta. Katherine Dokoochief teria dito, sob uma data da Filadélfia, ao Near East Relief que as igrejas cristãs russas foram submetidas às mais vis indignidades

pelos bolcheviques, detalhes dos quais ela dá; mas “as sinagogas permanecem intocadas, sem sofrer danos”.

Todas essas linhas de ataque, cujo objetivo é a destruição dos pontos de encontro naturais do pensamento gentio, e a substituição de outros pontos de encontro de natureza prejudicial e destrutiva, são auxiliadas, como vimos no último artigo, pela propaganda do luxo. O luxo é reconhecidamente uma das influências mais enervantes. Seu curso vai da facilidade, passando pela suavidade, até a flacidez e a degeneração mental, física e moral. Seus começos são atraentes, seu fim é lascívia de alguma forma, testemunhando o colapso completo de toda a fibra forte da vida. Pode ser um tema para um estudo mais completo algum dia, essa atração à lascívia através do luxo, e a identidade das forças que definem a atração.

Mas agora, para concluir esta visão geral do método, em vez desta parte do método, a confusão em si, que todas essas influências convergem para produzir, espera-se que produza outro estado mais profundamente desamparado. E esse estado é, *Exaustão*.

Não é preciso imaginação para ver o que isso significa. A exaustão é hoje uma das condições que ameaçam o povo. As recentes convenções políticas e seus efeitos sobre o público ilustram isso completamente. Ninguém parecia se importar. Os partidos podem fazer suas declarações e os candidatos suas promessas — ninguém se importava. A guerra e sua tensão começaram a exaustão; a “paz” e sua confusão quase a completaram. O povo acredita pouco e espera menos ainda. A confiança se foi. A iniciativa quase se foi. O fracasso de movimentos falsamente anunciados como “movimentos populares” foi longe o suficiente para fazer o povo pensar que nenhum movimento popular é possível.

Assim dizem os Protocolos:

“Para *esgotar a todos* por meio de dissensões, animosidades, rixas, fome, inoculação de doenças, carência, até que os gentios não vejam outra saída a não ser apelar para nosso dinheiro e poder.” — Protocolo 10.

“Nós *desgastaremos e esgotaremos tanto os gentios* com tudo isso que eles serão compelidos a nos oferecer uma autoridade internacional, que por sua posição nos permitirá absorver sem perturbação todas as forças governamentais do mundo e assim formar um supergoverno.

“Devemos direcionar a educação da sociedade gentia de tal forma que suas mãos caiam na fraqueza do desânimo diante de qualquer empreendimento em que a iniciativa seja necessária.” — Protocolo 5.

Os judeus nunca ficaram esgotados ou exaustos. Eles nunca ficaram perplexos. Esta é a verdadeira característica psíquica daqueles que têm uma pista para o labirinto. É o desconhecido que esgota a mente, a constante perambulação entre tendências e influências cuja fonte não é conhecida e cujo propósito não é compreendido. Andar no escuro é um trabalho desgastante. Os gentios têm feito isso por séculos. Os outros, tendo uma ideia bastante precisa do que se tratava, não sucumbiram. Até mesmo a perseguição é suportável se for compreensível, e os judeus do mundo sempre souberam exatamente onde ela se encaixava no esquema das coisas. Os gentios sofreram mais com as perseguições judaicas do que os judeus, pois depois que as perseguições acabaram, os gentios estavam tão no escuro quanto sempre; enquanto o judaísmo simplesmente retomou sua marcha de um século em direção a uma meta na qual ele implicitamente acredita, e que, alguns dizem que têm profundo conhecimento das raízes judaicas no mundo e que também podem ser tocados pela exaustão, eles alcançarão. Seja como for, a revolução que seria necessária para soltar o sistema judaico internacional de seu controle sobre o mundo, provavelmente teria que ser tão radical quanto quaisquer tentativas que os judeus fizeram para atingir esse controle. Há aqueles que expressam sérias dúvidas de que os gentios sejam competentes para fazê-lo; talvez não. Que eles pelo menos saibam quem são seus conquistadores.

Edição de 14 de agosto de 1920.

XIV.

Os judeus previram a Primeira Guerra Mundial?

Antes de prosseguir com um estudo mais detalhado da conexão entre o programa *escrito* dos documentos chamados "Os Protocolos dos Sábios de Sião" e o programa *real*, conforme pode ser rastreado na vida real, agora veremos aqueles planos que eram futuros quando os Protocolos foram pronunciados. Deve-se ter em mente, no entanto, que o que era *futuro* em 1896 e 1905 pode ser *passado* hoje, o que era *plano* naquela época pode ser uma *realização* agora. Ter isso em mente estará em exata concordância com a expressão do Protocolo 22: “Esforcei-me para indicar cuidadosamente os segredos dos eventos passados e futuros, *e daqueles acontecimentos de grande importância do futuro próximo para os quais estamos nos precipitando em um fluxo de grandes crises.*” Alguns desses "acontecimentos importantes" já ocorreram, e com eles, uma luz mais brilhante sobre a Questão que estamos estudando.

Uma ilustração disso, que está fresca na mente de todos, foi fornecida pela Grande Guerra. O comentário judaico sobre esta série de artigos deu grande destaque ao fato de que um dos artigos foi dedicado à então proeminência da Questão Judaica na Alemanha, e tentou-se enganar o povo para pensar que esta série (O Judeu Internacional foi publicado inicialmente em formato de artigos semanais) era realmente uma parte da sutil propaganda alemã pós-guerra. O fato é que artigos sobre a Questão em vários países foram deixados de lado para trazer a Questão em si de forma proeminente às mentes dos americanos com o mínimo de atraso. Os artigos adiados aparecerão no seu devido tempo, embora fora de sua ordem. A Alemanha é hoje, com talvez a possível exceção dos Estados Unidos, o país mais controlado por

judeus no mundo — controlado internamente e externamente — e um conjunto muito mais forte de fatos poderia ser apresentado agora do que o que foi apresentado no artigo original (cujo conteúdo foi inicialmente negado e depois admitido pelos porta-vozes judeus nos Estados Unidos). Pois, desde que esse artigo foi escrito, o sentimento público na Alemanha varreu os judeus de grande parte dos cargos públicos. A opinião pública alemã se empenhou ao máximo para colocar a administração política alemã de volta nas mãos alemãs. Mas isso libertou a Alemanha dos judeus? De forma alguma. Pois suas fortalezas se estendiam mais e mais profundamente do que a mera exibição de poder oficial. O controle que têm nas indústrias básicas, nas finanças, no futuro da Alemanha não foi minimamente afrouxado. Ele está lá, inabalável. Sobre o que esse controle consiste, o leitor será informado em momento oportuno.

A Alemanha é mencionada agora, em conexão com os judeus, para este propósito: Lembrar-se-á que foi da Alemanha que o primeiro grito de “anexações” veio, e isso ocorreu em um momento em que todas as atividades de guerra e o sentimento de guerra alemães estavam admitidamente sob controle judeu. “Anexações” foi o grito que atravessou o mundo em um dia. E de volta ao mundo, dos Estados Unidos, um país que nem mesmo era parte da guerra na época, a palavra voltou, “Sem anexações.” Assim, por uma jogada dramática, toda a questão foi colocada diante do mundo.

Logo, o povo de todos os países havia esquecido o sangue da batalha, os lucros da guerra e todos os outros pontos vitais, e estava discutindo uma questão que pertencia ao fim da guerra e não ao início, a questão das “anexações.” Agora, quando se sabe quem estava controlando a formulação dos objetivos de guerra na Alemanha e quem eram os principais conselheiros da política externa dos Estados Unidos na mesma época, a

projeção dessa questão de “anexações” na mente do mundo se torna interessante; interessante, mas não completamente inteligível.

Só quando você ler os Protocolos é que terá uma luz completa sobre isso — e este relatório dos Protocolos, que agora é dado ao mundo, provavelmente data de 1896: Há uma prova absolutamente irrefutável da data de 1905.

O Segundo Protocolo começa com a nota de guerra, e suas palavras de abertura são estas:

“*É indispensável para o nosso propósito que, tanto quanto possível, as guerras não tragam vantagens territoriais. Isso mudará a guerra para uma base econômica, e as nações perceberão a força de nossa superioridade na ajuda que prestamos.*”

Quem, entre 1896 e 1905, pensava na nova regra de “sem anexações” a ser aplicada à guerra? Você pensava? Conhece algum estadista que tenha pensado nisso? Sabemos que os militares estavam preocupados com os equipamentos e operações de qualquer guerra futura que pudesse ocorrer. Sabemos que estadistas, dos mais responsáveis, estavam trabalhando para consolidar um equilíbrio de interesses que tornaria a guerra extremamente improvável. Quem os superou a todos em visão e planejamento suficientemente para estabelecer um programa definitivo de “sem anexações?”

Felizmente, a pista para a resposta nos é fornecida por fontes judaicas inquestionáveis. O *American Jewish News*, de 19 de setembro de 1919, trouxe um anúncio em sua primeira página que dizia o seguinte:

“**QUANDO OS PROFETAS FALAM**

por Litman Rosenthal
Anos atrás, Nordau profetizou a Declaração de Balfour.
Litman Rosenthal, seu amigo íntimo, relata este incidente
em uma fascinante memória.”

O artigo, na página 464, começa: "Foi no sábado, no dia após o encerramento do Sexto Congresso, quando recebi uma mensagem telefônica do Dr. Herzl pedindo para que eu fosse visitá-lo."

Isso fixa o tempo. O Sexto Congresso Sionista foi realizado em Basileia, em agosto de 1903.

As memórias continuam:"Ao entrar no saguão do hotel, encontrei a mãe de Herzl, que me recebeu com sua habitual simpatia e me perguntou se os sentimentos dos sionistas russos estavam agora mais calmos."

"Por que apenas os sionistas russos, Frau Herzl?" Eu perguntei. "Por que você só pergunta sobre eles?"

"Porque meu filho", ela explicou, "está mais interessado nos sionistas russos. Ele os considera a quintessência, a parte mais vital do povo judeu."

Neste Sexto Congresso, o governo britânico ("Herzl e seus agentes mantiveram contato com o governo inglês" — *Enciclopédia Judaica*, Vol. 12, página 678) havia oferecido aos judeus uma colônia em Uganda, na África Oriental. Herzl era a favor de aceitá-la, não como substituto para a Palestina, mas como um passo em direção a ela.

Foi isso que formou o principal tema de conversa entre Herzl e Litman Rosenthal naquele hotel em Basileia. Herzl disse a Rosenthal, conforme relatado neste artigo: “Há uma diferença entre o objetivo final e os caminhos que temos que percorrer para atingir esse objetivo.”

De repente, Max Nordau, que parece, na conferência realizada no mês passado em Londres, ter se tornado o sucessor de Herzl, entrou na sala, e a entrevista com Rosenthal foi encerrada.

Agora, deixe o leitor seguir atentamente a parte importante dessa história de Rosenthal:--- *(as itálicas são nossas)*

“Cerca de um mês depois, fui a uma viagem de negócios para a França. No caminho para Lyon, parei em Paris e lá visitei, como de costume, nossos amigos sionistas. Um deles me disse que naquela mesma noite, o Dr. Nordau faria um discurso sobre o Sexto Congresso, e eu, naturalmente, interrompi minha viagem para estar presente nesta reunião e ouvir o relato de Dr. Nordau. Quando chegamos ao salão à noite, encontramos o local lotado e todos estavam esperando ansiosamente *pelo grande mestre*, Nordau, que, ao entrar, recebeu uma enorme ovação. Mas Nordau, sem prestar atenção na ovacionada recepção, começou seu discurso imediatamente e disse:

“‘Todos vocês vieram aqui com uma pergunta ardente em seus corações e tremendo em seus lábios, e a pergunta é, de fato, uma grande, e de vital importância. Estou disposto a respondê-la. O que vocês querem perguntar é: Como eu — eu que fui um dos que formulei o programa de Basileia — como poderia eu ousar falar a favor da proposta inglesa sobre Uganda, como Herzl e eu poderíamos trair nosso ideal da Palestina, porque certamente vocês pensam que nós o traímos e o esquecemos. Mas ouçam o que eu tenho a dizer a vocês. Falei a favor de Uganda após uma longa e cuidadosa consideração; deliberadamente aconselhei o Congresso a considerar e aceitar a proposta do Governo Inglês, uma proposta feita à nação judaica através do Congresso Sionista, e meus motivos — mas, em vez de meus motivos, deixem-me contar uma história política como uma espécie de alegoria.

“Quero falar sobre uma época que agora está quase esquecida, uma época em que as potências europeias haviam decidido enviar uma frota contra a fortaleza de Sebastopol. Naquela época, a Itália, o Reino Unido da Itália, não existia. A Itália era, na verdade, apenas um pequeno principado da Sardenha, e a grande, livre e unificada Itália era apenas um sonho, um desejo fervente,

um ideal distante de todos os patriotas italianos. Os líderes da Sardenha, que estavam lutando e planejando essa Itália livre e unificada, eram os três grandes heróis populares: Garibaldi, Mazzini e Cavour.

"'As potências europeias convidaram a Sardenha para se juntar à demonstração em Sebastopol e enviar também uma frota para ajudar no cerco desta fortaleza, e essa proposta gerou uma dissensão entre os líderes da Sardenha. Garibaldi e Mazzini não queriam enviar uma frota para ajudar a Inglaterra e a França e disseram: "Nosso programa, o trabalho ao qual estamos comprometidos, é uma Itália livre e unificada. O que temos a ver com Sebastopol? Sebastopol não significa nada para nós, e devemos concentrar todas as nossas energias em nosso programa original para que possamos realizar nosso ideal o mais rápido possível."'

"Mas Cavour, que mesmo naquela época era o estadista mais proeminente, o mais capaz e o mais visionário da Sardenha, insistiu que seu país enviasse uma frota e se unisse aos outros poderes no cerco de Sebastopol, e, por fim, ele conseguiu seu ponto. *Talvez interesse a vocês saber que a mão direita de Cavour, seu amigo e conselheiro, era seu secretário, Hartum, um judeu*, e nesses círculos, que estavam em oposição ao governo, falava-se fulminantemente da traição judaica. E uma vez, em uma assembleia de patriotas italianos, alguém clamou furiosamente pelo secretário de Cavour, Hartum, e exigiu que ele defendesse suas ações políticas perigosas e traiçoeiras. E foi isso o que ele disse: "Nosso sonho, nossa luta, nosso ideal, um ideal pelo qual já pagamos com sangue e lágrimas, com tristeza e desespero, com a vida de nossos filhos e a angústia de nossas mães, nosso único desejo e objetivo é uma Itália livre e unificada. *Todos os meios são sagrados se conduzirem a este grande e glorioso objetivo*. Cavour sabe muito bem que, após a luta diante de Sebastopol, *mais cedo ou mais tarde uma conferência de*

paz terá que ser realizada, e nesta conferência de paz *participarão as potências que se uniram na luta.* É verdade que a Sardenha não tem interesse imediato, nenhum interesse direto em Sebastopol, mas se ajudarmos agora com nossa frota, *estaremos na futura conferência de paz, gozando dos mesmos direitos que as outras potências*, e nesta conferência de paz Cavour, como representante da Sardenha, proclamará a Itália livre e unificada. Assim, nosso sonho, pelo qual sofremos e morremos, se tornará, finalmente, uma maravilhosa e feliz realidade. E se agora vocês me perguntarem novamente, o que a Sardenha tem a ver com Sebastopol, então deixem-me dizer a vocês as seguintes palavras, *como os degraus de uma escada*: Cavour, Sardenha, o cerco de Sebastopol, a futura conferência de paz europeia, a proclamação de uma Itália livre e unificada.”’

“A assembleia toda estava sob o feitiço da bela, verdadeiramente poética e exaltada dicção de Nordau, e seu francês requintado e musical encantou os ouvintes com um prazer quase sensual. Por alguns segundos, o orador fez uma pausa, e o público, absolutamente intoxicado por sua esplêndida oratória, aplaudiu freneticamente. Mas logo Nordau pediu silêncio e continuou:

“‘Agora, esta grande potência mundial progressiva, a Inglaterra, depois dos pogroms de Kishineff, em sinal de sua simpatia por nosso pobre povo, ofereceu, através do Congresso Sionista, a colônia autônoma de Uganda para a nação judaica. Claro, Uganda está na África, e a África não é Sião e nunca será Sião, para citar as próprias palavras de Herzl. Mas Herzl sabe muito bem que *nada é tão valioso para a causa do sionismo quanto manter relações políticas amigáveis* com uma potência como a Inglaterra, e muito mais valioso porque o principal interesse da Inglaterra está concentrado no Oriente. Em nenhum outro lugar o precedente é tão poderoso quanto na Inglaterra, e portanto, é de extrema importância aceitar uma colônia

das mãos da Inglaterra e criar assim um precedente em nosso favor. Mais cedo ou mais tarde, a questão do Oriente terá que ser resolvida, e a questão do Oriente significa, naturalmente, também a questão da Palestina. A Inglaterra, que havia enviado uma nota formal e política ao Congresso Sionista — o Congresso Sionista que está comprometido com o programa de Basileia, a Inglaterra terá a voz decisiva na solução final da questão do Oriente, e Herzl considerou seu dever manter relações valiosas com essa grande e progressiva potência. *Herzl sabe que estamos diante de uma tremenda reviravolta em todo o mundo. Em breve, talvez, algum tipo de congresso mundial tenha que ser convocado*, e a Inglaterra, a grande, livre e poderosa Inglaterra, continuará o trabalho que iniciou com sua generosa oferta ao Sexto Congresso. E se vocês me perguntarem agora o que Israel tem a ver com Uganda, então deixem-me dizer como resposta as palavras dos estadistas da Sardenha, aplicadas ao nosso caso e dadas em nossa versão; deixem-me dizer as seguintes palavras como se estivesse mostrando *os degraus de uma escada que leva para cima, cada vez mais alto: Herzl, o Congresso Sionista*, a proposta inglesa sobre Uganda, *a futura guerra mundial, a conferência de paz* onde, com a ajuda da Inglaterra, uma Palestina livre e judaica será criada."

"Como um poderoso trovão, essas últimas palavras nos atingiram, e todos nós trememos e ficamos assombrados como se tivéssemos visto uma visão do passado. E em meus ouvidos soavam as palavras do nosso grande irmão Achad Haam, que disse sobre o discurso de Nordau no Primeiro Congresso:"

"Eu senti que um dos grandes profetas antigos estava falando conosco, que sua voz descia das colinas livres da Judeia, e nossos corações estavam ardendo dentro de nós quando ouvimos suas palavras, cheias de maravilha, sabedoria e visão.

A coisa mais surpreendente é que este artigo de Litman Rosenthal recebeu a permissão para ser publicado. Mas ele não foi publicado até a Declaração de Balfour sobre a Palestina, e nunca teria sido publicado se os judeus não acreditassem que uma parte de seu programa já havia sido cumprida.

O judeu nunca se trai até acreditar que o que ele busca já foi conquistado, então ele se deixa levar. Foi apenas para os judeus que o "programa da escada" de 1903 — *a futura guerra mundial — a conferência de paz — o programa judaico* — foi comunicado. Quando a ascensão dessa escada parecia ter sido concluída, então veio o discurso público.

Uma ilustração semelhante disso pode ser encontrada na queda do czar. Quando esse evento ocorreu, foi uma ocasião de grande júbilo em Nova York, e um gentio de fama mundial fez um discurso no qual elogiava um judeu americano de reputação nacional por ter iniciado a queda do czar, fornecendo o dinheiro com o qual a propaganda foi feita entre prisioneiros russos no Japão durante a guerra russo-japonesa. A história só veio à tona depois do sucesso do plano. Não é de todo incoerente que os últimos homens a ver o último ato do plano sendo realizado, o assassinato real de Nicolau Romanovitch, sua esposa, suas jovens filhas e seu filho inválido, tenham sido "cinco deputados soviéticos, todos judeus". O que começou com a ajuda de um financista americano, terminou com deputados soviéticos.

Os judeus internacionais de 1903 previram a guerra? Esta confissão de Rosenthal é apenas uma das evidências de que eles previram. E eles não fizeram nada além de prever? Seria bom se os fatos parassem na previsão e não passassem para a provocação.

Para o momento, o leitor é convidado a reter em sua mente dois pontos deste artigo de Rosenthal: “Talvez seja interessante saber que a mão direita de Cavour, seu amigo

e conselheiro, era seu secretário, Hartum, um judeu." É assim que a imprensa judaica fala de seus próprios. Se este jornal, ou um jornal de Chicago, ou um jornal de Nova York passasse pela lista dos secretários dos homens de poder no mundo hoje e fizesse a anotação após os nomes – "Seu secretário, um judeu", a Sociedade Judaica Anti-Defamação (ADL) enviaria cartas de protesto. Existe uma regra para o gentio e outra para o judeu, na mente judaica. Escrevendo na imprensa pública sobre Hartum, ele seria descrito como um "italiano."

Os secretários judeus que abundavam antes da guerra, durante a guerra e ao longo da Conferência de Paz eram de menos brilho que Hartum? Não havia Hartums na Inglaterra, na França, na Alemanha, sim, e na Rússia também (nos Estados Unidos havia muitos) que viam o "programa da Escada"? Max Nordau, que o viu tão claramente em 1903, esqueceu-se dele em 1914 e 1918?

Sabemos disso: os judeus em seu Congresso em Basileia em 1903 previram a "futura guerra mundial." Como sabiam que seria uma "*guerra mundial*"?

Sabemos também disso: os Protocolos, talvez já em 1896, certamente não mais tarde que 1905, previram a política de "nenhuma anexação."

A Primeira Guerra Mundial aconteceu. "Sem anexações" aconteceu. O que então era futuro no programa mundial judaico, agora é passado.

Nos Protocolos, há duas formas de declaração. Uma é "nós temos." A outra é "nós teremos." Se, em algum lugar do mundo, neste verão, o alto porta-voz secreto do Programa Mundial estiver se dirigindo à sua classe de Iniciados Internacionais, ele terá que dizer "nós temos" em muitos lugares onde o porta-voz de 1896 disse "nós teremos." As coisas foram realizadas.

"Nos representaremos como os salvadores das classes trabalhadoras." Isso foi e está sendo feito. "Desviaremos os

pensamentos dos gentios para a indústria e o comércio.” Isso foi feito. “Criamos uma administração fortemente centralizada para agarrar todas as forças sociais firmemente em nossas mãos.” Isso foi feito. “Adotaremos para nós o lado liberal de todos os partidos e movimentos e forneceremos oradores.” Isso foi feito. “Forçaremos o aumento dos salários.” Isso foi feito. “Ao mesmo tempo, causaremos uma elevação no preço das necessidades essenciais.” Isso foi feito. “Também minaremos as fontes de produção, instilando nos trabalhadores ideias de anarquia.” Isso foi feito.

“*Para demonstrar nossa escravização dos governos gentios da Europa, mostraremos nosso poder por meio de crimes de violência, ou seja, por um reinado de terror.*” — Protocolo 7.

Quem vê a Rússia e observa a atitude dos primeiros-ministros da Inglaterra, França e Itália em relação aos soviéticos, a “escravização” da política por uma condição que se emaranha mais quanto mais se tenta lidar com ela — quem vê a prostração da Europa diante de uma ferida que é deliberadamente mantida sem cicatrizar, pode deixar de dizer: Isso também foi feito!

“Nosso planos não irão derrubar imediatamente as instituições contemporâneas. Sua administração será apenas alterada e, consequentemente, todo o procedimento de sua atividade será assim dirigido de acordo com os planos estabelecidos por nós.” Isso foi feito.

"Nós vamos dominar a imprensa e manter um controle rigoroso sobre ela." Isso foi feito. O controle está sendo intensamente forçado nos Estados Unidos neste momento. Muitos editores podem testemunhar.

“Mesmo que haja aqueles que desejem escrever contra nós, ninguém imprimirá seus escritos.” Em grande parte, isso foi feito. Foi feito completamente com a imprensa voltada para o lucro.

“Nós vamos, como incentivo à especulação, encorajar entre os gentios uma forte demanda por luxos, luxos irresistíveis.” Isso foi feito.

“Para cada ato de oposição, devemos estar em posição de responder provocando uma guerra através dos vizinhos de qualquer país que se atreva a nos opor, e se esses vizinhos planejarem se opor coletivamente a nós, devemos liberar uma guerra mundial.” (Protocolo 7). O termo “guerra mundial” é o mesmo usado por Rosenthal e Nordau. “Herzl sabe,” disse Nordau em 1903, “*que estamos diante de uma tremenda revolução de todo o mundo.*”

“Devemos criar agitação, dissensão e animosidades mútuas em toda a Europa e, com a ajuda de seus relacionamentos, em outros continentes.” Isso foi feito. Esta passagem continua: “Há uma dupla vantagem nisso. Primeiro, iremos comandar o respeito de todos os países por esse método, pois eles perceberão que temos o poder de criar desordem ou estabelecer ordem à vontade.” Isso também foi feito.

Realmente, o porta-voz de 1896 falou sobre “aqueles eventos importantes do futuro próximo em direção aos quais estamos nos apressando em um fluxo de grandes crises.”

Não apenas “sem anexações” foi alcançado “o máximo possível,” assim como os Protocolos delinearam, mas uma série de outros planos amadureceram em realização juntamente com ele. “Sem anexações” como uma questão de moralidade política é uma coisa; e “sem anexações” pela razão de que “isso colocará a guerra em uma base econômica e as nações perceberão a força de nossa superioridade na ajuda que prestamos” é algo bem diferente. “O mundo estava com o programa ‘sem anexações’” como uma questão de moralidade política; o outro programa, que usou essa moralidade como seu veículo, estava oculto.

Há ainda outras questões neste grupo que devem receber atenção, mas será necessário outro artigo para isso. Enquanto isso, é natural perguntar-se se, com o programa conforme delineado neste relatório dos Protocolos tendo sido cumprido em tantos detalhes, um novo Protocolo, ou um desdobramento adicional da Escada foi feito pelos Sábios para seus Iniciados; e se algum outro desvelamento jamais chegará ao conhecimento do mundo. Parece que uma avaliação adequada do conhecimento agora disponível levaria a um despertar tal que anularia o programa atual e tornaria todos os futuros impossíveis. Mas os gentios gostam de seu conforto, e Judá é atraída por uma estrela brilhante.

XV

O ‘‘Kahal’’ judeu é o ‘‘Soviete’’ moderno?

O Soviete não é uma instituição russa, mas uma instituição judaica. Tampouco é uma invenção dos judeus russos do presente, um novo dispositivo político que foi criado como um veículo das ideias de Lenin e Trotsky; é de origem judaica antiga, um dispositivo que os próprios judeus inventaram para manter sua vida racial e nacional distinta após a conquista da Palestina pelos romanos.

O Bolshevismo moderno, que agora se sabe ser apenas a capa externa de um *golpe* há muito planejado para estabelecer a dominação de uma raça, imediatamente estabeleceu a forma de governo soviética porque os judeus de todos os países que contribuíram para o bolchevismo russo já haviam sido amplamente treinados na natureza e estrutura do Soviete.

O Soviete aparece nos ‘‘Protocolos dos Sábios de Sião’’ sob o nome antigo de KAHAL. No Décimo Sétimo Protocolo ocorre esta passagem:

“Mesmo agora, nossos irmãos têm a obrigação de denunciar os apóstatas de sua própria família ou qualquer pessoa conhecida por ser oposta ao *Kahal*. Quando *nosso reino chegar*, será necessário que todos os súditos sirvam ao estado de maneira similar.”

Qualquer pessoa familiarizada com a vida judaica contemporânea sabe o que significa essa denúncia de apóstatas. “A amargura da perseguição, que recai sobre um convertido ao cristianismo, ou sobre o filho ou filha judia de uma família ortodoxa que escolhe casar-se com um gentio, é sem paralelo entre os homens. Muito recentemente, em um estado ocidental, uma bela jovem judia escolheu casar-se com um gentio, que era um jornalista. Desde o momento do anúncio de sua intenção, a jovem foi tratada como uma apóstata. Se ela tivesse morrido de uma morte miserável, se tivesse descido a um status de vergonha ignominiosa, os sentimentos que seu destino teria provocado não poderiam ser mais terríveis. Um serviço funerário sombriamente solene foi realizado para ela, e no dia de seu casamento ela foi declarada morta para seu povo.”

O caso está muito longe de ser incomum. Talvez uma das descrições mais comoventes disso seja encontrada na vida de Spinoza, o grande filósofo que os judeus modernos adoram exibir como um grande ornamento de seu povo. Os estudos de Spinoza o levaram a questionar muitos dos dogmas que os rabinos ensinavam, os “mandamentos dos homens” dos quais o Novo Testamento fala, e como Spinoza já era uma pessoa influente, a tática judaica muito comum de suborno foi tentada contra ele.

Haveria alguma hesitação em usar as palavras aqui escritas — “a tática muito comum de suborno dos judeus” — se não fosse sabido que são verdadeiras. Não há desejo de lançar calúnias que venham da malícia. Mas a história judaica, conforme escrita pelos próprios judeus, fornece montanhas de provas de que o suborno foi, enquanto o

conhecimento atual testemunha amplamente que ainda é, a arma favorita e mais confiável dos judeus. Um escritor judeu, Jacob Israel De Haan, um advogado holandês residente em Jerusalém, afirmou recentemente que uma das esperanças para a resolução da agitação árabe na Palestina é a facilidade com que a imprensa árabe pode ser subornada. Suas palavras são: “Há uma forte agitação aqui entre os árabes contra o que eles chamam de perigo sionista. Mas os árabes, especialmente os jornais árabes, estão abertos ao suborno. Essa fraqueza fará com que, no final das contas, eles percam contra nós.”

Então, o jovem Spinoza foi oferecido um estipêndio anual de 1.000 florins se ele permanecesse em silêncio sobre suas convicções e, de tempos em tempos, se mostrasse na sinagoga. Ele recusou isso com escárnio altivo. Preparou-se para ganhar o pão polindo lentes para instrumentos ópticos. Diante disso, ele foi excomungado, um procedimento que é descrito da seguinte forma:

“O dia da excomunhão finalmente chegou, e uma grande multidão se reuniu para testemunhar a terrível cerimônia. Começou com a silenciosa e solene acendimento de várias velas de cera preta, e pela abertura do tabernáculo onde estavam depositados os livros da Lei de Moisés. Assim, as imaginações dos fiéis foram preparadas para todo o horror da cena. O rabino chefe, o antigo amigo e mestre, agora o mais feroz inimigo, do condenado, iria ordenar a execução. Ele estava ali, dolorido, mas implacável; o povo fixava seus olhos ávidos sobre ele. Bem acima, o cantor se ergueu e entoou em tons lúgubres e altos as palavras de execramento; enquanto do lado oposto, outro misturava essas maldições com os sons emocionantes da trombeta. E agora, as velas negras foram invertidas, sendo feitas para derreter gota a gota em um enorme recipiente cheio de sangue.” (Lewes: Biographical History of Philosophy.)

Então veio a anátema final. “Com o julgamento dos anjos e dos santos, excomungamos, cortamos, amaldiçoamos e anatematizamos Baruch de Espinoza, com o consentimento dos anciãos e de toda esta congregação santa, na presença dos livros sagrados: pelos 613 preceitos que estão escritos neles, com a anátema com a qual Josué amaldiçoou Jericó, com a maldição que Eliseu impôs sobre as crianças, e com todas as maldições que estão escritas na lei. Maldito seja ele de dia, e maldito seja ele de noite. Maldito seja ele ao dormir, e maldito seja ele ao acordar, maldito ao sair, e maldito ao entrar. O Senhor não o perdoará, a ira e a fúria do Senhor se acenderão contra este homem, e lhe impô-la-ão todas as maldições escritas no Livro da Lei. O Senhor destruirá seu nome sob o sol, e o cortará por sua perversidade de todas as tribos de Israel, com todas as maldições do firmamento que estão escritas na Lei... E nós o advertimos para que ninguém fale com ele de palavra ou por escrito, nem lhe mostre qualquer favor, nem esteja sob o mesmo teto com ele, nem se aproxime a menos de quatro côvados dele, nem leia qualquer papel composto por ele.” (Pollock: Life of Spinoza.)

“À medida que as palavras de maldição foram proferidas, as luzes foram subitamente mergulhadas no sangue, um grito de horror religioso e execramento irrompeu de todos; e naquela escuridão solene, e com aquelas maldições solenes, gritaram Amém, Amém!” (Professor J. K. Hosmer: The Jews.)

Este é um comentário sobre o decreto de denúncia. Ele também lança uma luz muito forte sobre a pressão que é exercida contra muitos judeus que gritam contra as ideias anti-sociais de seu povo, mas que não ousam fazê-lo devido às penalidades que isso traria.

Essa denúncia, conforme ordenado no Protocolo Dezessete, deve ser feita contra qualquer um que seja "conhecido por ser oposto ao Kahal" ou ao antigo sistema soviético dos judeus.

Após a destruição do estado judeu pelos romanos, os judeus mantiveram um centro no Patriarca; e depois da dispersão dos judeus da Palestina, esse centro de nacionalidade foi preservado no Príncipe do Exílio, ou Exilarch, um cargo que se acredita persistir até os dias de hoje, e que alguns acreditam ser atualmente ocupado por um judeu americano. Apesar de todas as afirmações em contrário, os judeus nunca deixaram de ser "um povo"; ou seja, um grupo racial conscientemente unido, diferente de todos os outros, com propósitos e ideais que são estritamente dos judeus, pelos judeus e para os judeus, em distinção do resto do mundo. Que eles constituem uma nação dentro das nações, os pensadores judeus mais responsáveis não só declaram, mas insistem. E isso está totalmente de acordo com os fatos observados. O judeu não apenas deseja viver separado de outras pessoas, mas trabalha com seu próprio povo contra os outros, e deseja, tanto quanto possível, viver sob suas próprias leis. Na cidade de Nova York hoje, os judeus conseguiram — estabelecer seu próprio tribunal para a resolução de suas próprias questões de acordo com suas próprias leis. E esse é precisamente o princípio do Soviete-Kahal.

Desde o primeiro século, como qualquer leitor pode ver ao consultar a Enciclopédia Judaica, a "comunidade," "assembleia" ou "Kahal" tem sido o centro da vida judaica. Foi assim antes, na época do cativeiro babilônico. E a última aparição oficial dele foi na Conferência de Paz, onde os judeus, de acordo com seu Programa Mundial, *o único programa que passou com sucesso e sem mudanças pela Conferência de Paz*, garantiram para si o *direito* ao Kahal para fins administrativos e culturais, além de muitos outros privilégios nos países onde suas atividades haviam sido motivo de protesto. A questão polonesa é puramente uma questão judaica, e o fracasso de Paderewski como estadista foi inteiramente devido à sua dominação por influências judaicas. A questão romena é igualmente uma questão judaica, e todos os romenos falam dos Estados Unidos

como “O País dos Judeus” porque sabem, por meio de seus estadistas, da terrível pressão que foi exercida pelos judeus americanos contra seu país, uma pressão que se estendeu até as necessidades mais básicas da vida, e que forçou a Romênia a assinar acordos que são tão humilhantes quanto os que a Áustria pediu à Sérvia, dos quais a Primeira Guerra Mundial surgiu. A Questão Judaica está escrita sobre as forças que provocaram a guerra, e sobre todos os obstáculos à paz que o mundo viu desde então.

Sob o Kahal ou antigo Soviete, os judeus viviam por si mesmos e governavam a si mesmos, fazendo negócios com o governo exclusivamente por meio de seus representantes. Era o comunismo em uma forma mais drástica do que foi visto em qualquer lugar do mundo fora da Rússia. Educação, saúde, impostos, assuntos internos, tudo estava sob o controle absoluto de alguns homens que constituíam a diretoria governante. Essa diretoria, como a hierarquia judaica contemporânea se supõe ser, era auto-perpetuante, com o cargo frequentemente passando em uma linha ininterrupta de sucessão hereditária por várias gerações. Toda a propriedade era comum, o que, no entanto, não impediu que os líderes se tornassem ricos. Esses Kahals ou Soviets existiram em Roma, França, Holanda, Alemanha, Áustria, Rússia, Dinamarca, Itália, Romênia, Turquia e Inglaterra. Nos Estados Unidos, a ideia se desenvolveu em torno da sinagoga e de sociedades secretas nacionais e internacionais de judeus, sobre as quais mais será dito em artigos subsequentes.

O Kahal é a instituição política tradicional judaica durante a dispersão da raça entre as nações. Seu aspecto internacional pode ser visto nos conselhos superiores. Esses conselhos se ampliaram à medida que os judeus se espalhavam pelo mundo. A Enciclopédia Judaica cita o Conselho das Três Terras, o Conselho das Quatro Terras e o Conselho das Cinco Terras, mostrando uma relação

internacional em anos anteriores. Mas, como todos esses registros, a visão pública sobre eles não é facilmente acessível no que diz respeito aos tempos modernos. O recente Congresso Sionista em Londres, onde certamente muitos negócios foram feitos que diziam respeito ao povo judeu em todo o mundo, embora não em salões públicos de maneira alguma, pode ser chamado de Conselho das Trinta e Sete Terras, pois os delegados desse congresso vieram de todas as partes do mundo, de lugares remotos como Lapônia e África do Sul, Pérsia e Nova Zelândia. O propósito desses Conselhos Mundiais era a unificação dos judeus, e os registros de suas assembleias remontam aos séculos passados.

Portanto, não é algo novo que surgiu na Rússia. É a imposição pelos revolucionários judeus sobre a Rússia gentia de uma forma de controle na qual o judaísmo tem sido educado desde os primeiros tempos de seu contato com o mundo. A Rússia Soviética não poderia ter sido possível se 90% dos comissários não fossem judeus. A Hungria Soviética não poderia ter sido possível se Bela Kun, o chefe dos vermelhos, não fosse judeu, e se 18 de seus 24 comissários não fossem judeus. Os judeus são o único grupo educado na criação e administração do Kahal.

Uma matéria da Associated Press, datada de 12 de agosto, lança luz sobre a congenialidade do sistema soviético e da mente judaica. Falando das cidades e vilarejos poloneses ocupados pelas forças bolcheviques em sua recente ofensiva, a matéria diz:

“As populações locais de judeus já estão, segundo dizem, montando governos soviéticos e comunistas.”

Claro. No entanto, isso está em estranho contraste com o que constantemente nos é dito pela imprensa sobre os sofrimentos dos judeus sob a forma soviética e sua aversão aos vermelhos. No entanto, a maioria do que lemos sobre isso na imprensa pública é propaganda judaica, pura e simples, e os relatos dos homens no local contradizem

tudo isso. Um trabalhador de assistência testemunha que o trabalho de socorro na Polônia é frequentemente "interrompido porque algum senhorio judeu pede um aluguel exorbitante por suas instalações," enquanto outro testemunha que, embora as tarifas de trem nas áreas supostamente atingidas pela fome tenham subido 1.000%, os melhores e mais caros trens estão "exclusivamente ocupados por judeus." Ele acrescenta, sobre sua viagem pela Hungria, "Os húngaros não têm mais dinheiro, mas os judeus têm."

"Mas os judeus americanos abominam Trotsky e o sovietismo," é o argumento que às vezes é apresentado.

Será?

Na página 9 do American *Jewish World*, de 30 de julho, aparece uma carta assinada ''Sra. Samuel Rush''. Ela tem o título: ''Estamos realmente envergonhados de Trotsky?'' Leia alguns trechos dela:

"Recentemente, li várias lamentações de editores de publicações judaicas dizendo que o judeu agora está sendo caluniado como um radical.

É verdade que muitos judeus são radicais. Também é verdade que alguns dos líderes radicais são judeus.

Mas antes de chorarmos pela queda da raça, vamos pensar um pouco...

Trotsky em si nunca foi representado como algo além de um homem cultuado, um estudioso da economia mundial, um líder poderoso e eficiente e um pensador que certamente passará à história como um dos grandes homens que nossa raça deu ao mundo.

"* * * Muito poucos de nós duvidam mais que, por trás das absurdidades escritas sobre a Rússia, está a grande verdade de que a Rússia está naquele estado de instabilidade que sempre acompanha a reconstrução. Há um plano por trás dessa aparente desordem, e da

turbulência virá a ordem. Não será uma utopia, mas um governo tão bom quanto os idealistas práticos, sem dúvida de alta moral, que estão construindo a Rússia podem criar com o material imperfeito – os seres humanos – com os quais precisam trabalhar.

"E um dos líderes é Leon Trotsky!

"Estamos realmente envergonhados de Trotsky?"

A senhora evidentemente não está envergonhada de Trotsky, ou do Sr. Braunstein, como seu verdadeiro nome é.

Ou pegue o juiz Harry Fisher, de Chicago. Enquanto "recebia um salário por seu trabalho no tribunal, o juiz Fisher foi para o exterior em uma missão de assistência judaica. Seus planos foram um pouco alterados após sua partida e ele acabou na Rússia. Ele afirma em várias entrevistas que foi permitido chegar à Rússia com a condição de que deixasse os assuntos políticos de lado. Nenhuma restrição foi colocada sobre ele desde seu retorno aos Estados Unidos, pois ele aparece como um defensor aberto das relações comerciais completas com o Governo Soviético da Rússia."

O Chicago *Tribune* assim o cita:

"'Devemos deixar a Rússia em paz', disse ele ao resumir seus pontos de vista. 'Devemos retomar o comércio com o Soviete. O Governo Bolchevique é permanente. * * * Embora haja apenas 700.000 membros do Partido Comunista, os camponeses, que representam quase 100.000.000 de pessoas, estão solidamente apoiando o regime de Lenin.'"

Entre os dispositivos soviéticos que os 100.000.000 de camponeses da Rússia supostamente "apoiam solidamente," está o seguinte (é particularmente interessante, tendo em vista o fato de que o Juiz Fisher é juiz da Corte de Moralidade de Chicago):

“Há algum tempo, foi publicado que as mulheres da Rússia haviam se tornado propriedade nacional”, ele disse. “Isso é falso, mas a facilidade com que o casamento e o divórcio podem ser realizados facilita mudanças rápidas. Quem quiser se casar vai ao que chamaríamos de cartório e se registra.

‘“Os incentivos para se casar são grandes. Quando as pessoas estão com dificuldades para conseguir roupas e comida, às vezes fazem um pacto para se casar por um dia.

“‘No dia seguinte, eles vão novamente ao cartório e se registram. Desta vez, seus nomes são colocados lado a lado no livro de divórcios. Isso é tudo o que é necessário para se divorciar, e eles ainda tiveram um bom banquete na barganha.’”

O Juiz Harry Fisher, de Chicago, que retornou do trabalho de assistência judaica no exterior, evidentemente está em sintonia com os outros ao não ter vergonha de Trotsky.

Além disso, Max Pine, por muitos anos secretário dos United Hebrew Trades de Nova York, esteve no exterior, na Rússia Soviética, como “delegado de trabalho.” Ele também teve muitas coisas boas a dizer sobre os soviéticos, entre outras coisas, a estranha contradição de que os judeus estão indo muito bem na Rússia, mas não são pró-Bolcheviques!

Aqui estão três pessoas de esferas de vida amplamente diferentes, ainda assim cada uma delas indica uma simpatia natural pelo Kahal ou Soviete, uma admiração por seus métodos e um sentimento distinto de bem-estar em relação aos seus governantes. Pois o Soviete é a forma mais crassa de autocracia, e as leis de casamento da Rússia Soviética estão totalmente em harmonia com o programa declarado nos Protocolos —

“Nós quebraremos a influência da vida familiar entre os gentios.”

Se os Kahals-Sovietes da Rússia conseguirão minar completamente a vida familiar russa, é extremamente duvidoso. A fraqueza do regime soviético é a mesma dos Protocolos — uma fraqueza moral que deve se expandir como um câncer até destruir as instituições que infesta.

A Rússia de hoje, vista à luz dos Protocolos, não representa o estado judaico, mas representa o estado gentio tomado pelas forças judaicas. Existem três graus de ação estabelecidos nos Protocolos. Primeiro, há o processo secreto de destruição da integridade da sociedade pela mistura de ideias atraentes, mas destrutivas. Este é um trabalho no qual agitadores gentios são usados. Quando as ideias já tiverem atuado o suficiente para destruir a sociedade e explodirem em uma crise, então, como na Alemanha, as forças que trabalharam secretamente vêm rapidamente à frente para pegar as rédeas e guiar o caos. Na Alemanha, isso aconteceu imediatamente após o colapso que seguiu o armistício, mas os alemães foram espertos o suficiente para entender o significado da afluência de judeus para todos os cargos oficiais do antigo império, e não demorou muito para que eles fossem politicamente afastados. Na Rússia, no entanto, os judeus saltaram imediatamente para cargos oficiais e conseguiram se manter lá. Começou com Kerensky forçando o czar a largar sua coroa; continua com Trotsky e seus exércitos no pescoço da Europa.

Mas essa tomada de um país, como foi tentado na Alemanha, e como foi não apenas tentado, mas sucedido na Rússia, não é o fim do Programa. É apenas o começo de sua fase aberta ou pública. O Kahal-Soviete propicia a completa destruição da sociedade, o total corte de cooperação e comunicação, a administração de cada

pequena seção da maneira desejada, até que todo o país fique indefeso em pedaços isolados. O processo inclui, é claro, a desintegração da indústria também, a concentração de gentios em um exército e uma destruição geral da moralidade e da ordem. É o programa dos Protocolos em seu estágio final antes que a reconstrução comece, o que tornará o país conquistado um estado judeu.

O mundo ainda não viu esse último estágio. Ele ainda não chegou, nem na Rússia. Se o povo russo acordar do torpor em que foi lançado, ele não chegará. As vozes judaicas proclamam em alto e bom som que a Rússia Soviética veio para ficar. A única voz autoritária sobre esse assunto é a voz da Rússia, e a Rússia ainda não falou. Hoje o mundo está tremendo à beira do despertar da Verdadeira Rússia, e com isso uma retribuição terrível sobre os sovietistas.

O programa dos Protocolos quase chegou ao sucesso na Revolução Francesa, mas sua imoralidade essencial se sobrepôs. Ele chegou um passo mais perto do sucesso na Rússia, mas lá também sua desafiança à lei moral será sua ruína. A Questão Judaica de hoje está sendo disputada na Rússia e na Polônia, e a força das forças judaicas é em grande parte e principalmente fornecida pelos Estados Unidos da América. Não é de se admirar que aquelas pequenas independências da Europa Oriental que estão lutando por suas vidas se refiram ao nosso país como “A Terra dos Judeus.”

“Nós mostraremos nosso poder a um,” dizem os Protocolos. **“Para demonstrar nossa escravização dos governos gentios da Europa, nós “mostraremos nosso poder a um deles por crimes de violência, ou seja, por um reinado de terror.” (Protocolo Sete.)

Uma por uma, as nações gentias da Europa foram obrigadas a retirar suas tropas da Rússia. Uma por uma, os primeiros-ministros da Europa se submeteram ao forte amarrar de suas mãos oficiais no que diz respeito à

questão russa. E hoje o mundo observa enquanto a pequena Polônia, aparentemente o segundo país na lista das vítimas soviéticas, é forçada a sentir uma pesada vingança por ousar ser independente do poder judaico. A Rússia foi feita para pagar por sua tentativa de independência do judeu; a Polônia agora está sendo feita para pagar. É uma chama, que os judeus da Europa Oriental esperam, e muitos judeus da América também, que varrerá o mundo.

Se os judeus governantes do mundo quisessem libertar o povo russo, se quisessem que as chamas do bolchevismo fossem apagadas, se quisessem que a participação judaica nos movimentos revolucionários fosse retirada, poderiam fazê-lo em uma semana. O que está acontecendo hoje está acontecendo com a permissão das potências judaicas mundiais.

Parece não haver desejo de restringir um movimento que largamente se originou na comunidade judaica americana. Este é o programa de "mostrar nosso poder a um", e o programa será seguido. A "mostração", no entanto, é dupla; é uma exibição de *poder*, mas também é uma exibição do *povo* que exerce o poder, e, no final, teria sido melhor se o poder nunca tivesse sido cobiçado, alcançado ou utilizado.

Qualquer pessoa que deseje testar a exatidão da estimativa dos Protocolos sobre a natureza humana pode fazer isso observando suas próprias reações à situação bolchevique russa. É inegável que existe, entre todas as classes de gentios na América, uma espécie de admiração pelo *golpe* que Lenin e Trotsky conseguiram realizar em uma escala tão massiva. A audácia disso, a habilidade de se manter à tona por tanto tempo desafiando tantas leis, conspiraram para extrair um aplauso involuntário.

Considere então esta passagem do Décimo Protocolo:

“O povo sente um amor e respeito especiais pelo gênio que exerce o poder político, e eles dizem de todas as suas ações autoritárias: ‘É mesquinho, mas inteligente! É um truque, mas como ele o fez! Tão majestoso! Tão impertinente!’

“Contamos com atrair todas as nações para o trabalho construtivo de lançar as bases para a estrutura planejada por nós. É necessário que adquiramos antes de tudo os serviços de agentes ousados e destemidos, que superarão todos os obstáculos em nosso caminho.

“Quando realizarmos nosso *golpe de estado* governamental, diremos ao povo: ‘Tudo deu errado, todos sofreram. Vamos eliminar as causas de seus sofrimentos — nacionalidade, fronteiras e diversidade de moedas. Claro, vocês são livres para pronunciar sentença sobre nós, mas isso dificilmente seria justo se o fizerem antes de darem uma chance ao que nós lhes oferecemos.’”

Isso está muito bem concebido, e foi assim que, até agora, as coisas se desenrolaram. Mas uma forte reação se instalará. Promessas falsas, como galinhas, voltam para casa para serem cobradas. Os verdadeiros originadores, o verdadeiro propósito do movimento oculto por trás do bolchevismo se tornarão evidentes. E então o mundo esmagará novamente o Programa Mundial, que por vezes pareceu tão próximo do sucesso.

Provavelmente haverá mais luz sobre esse Programa Mundial como resultado do sistema Kahal-Soviete russo do que de qualquer outra tentativa de realizá-lo. Durante cinco gerações, o mundo viveu em uma falsa luz supostamente iluminada pela Revolução Francesa. Agora se sabe que essa revolução não foi a Revolução do Povo Francês, mas as desordens de uma minoria que tentou impor ao Povo Francês o próprio Plano que agora está sendo considerado. Foi o Povo Francês que, finalmente, esmagou a chamada Revolução Francesa. E a França,

como resultado dessa agitação de uma minoria bem organizada, tem estado sob controle judaico desde então.

A Revolução Russa descerá para a história sem esse falso halo de romance ao seu redor. O mundo agora sabe o que ela é. O mundo logo saberá quem foi o dinheiro e quem foram as mentes que a fomentaram, e de que parte do mundo veio o principal impulso. A agitação russa é racial, não política nem econômica. Ela esconde sob todo o seu falso socialismo e seus discursos vazios de “irmandade humana” um plano bem definido de imperialismo racial, que não é russo, e que o senso comum e o interesse mundial rapidamente eliminarão.

Edição de 28 de agosto, 1920

XVI.

Como a "Questão Judaica" Afeta as Fazendas

As especulações imobiliárias dos judeus são familiares a todos, mas infelizmente não constituem todo o seu programa de terras. Muitas cidades americanas mudaram completamente de caráter nos últimos 15 anos devido à especulação judaica em propriedades residenciais, e é um fato estabelecido nas grandes cidades do leste que o recente aumento exorbitante e extorsivo dos aluguéis foi amplamente uma questão do senhorio judeu. O governador de um dos estados mais importantes de nossa união estava relutante em assinar um projeto de lei regulando os aluguéis. Sua hesitação foi incentivada por uma pressão

muito forte exercida sobre ele pelos mais importantes interesses financeiros judeus de seu estado e de estados vizinhos. Ele finalmente decidiu que assinaria o projeto de lei e daria efeito à lei, e o fato que o decidiu foi sua investigação pessoal e a investigação de seus agentes pessoais em centenas de casos de abuso, onde ele descobriu que era uma prática comum entre os senhores de terras judeus transferir o mesmo imóvel de um membro da família para outro, cada "transferência" sendo a desculpa para um novo aumento no aluguel. Os homens têm seus olhos abertos para a Questão Judaica de várias maneiras: esta foi a maneira como um governador teve seus olhos abertos.

No entanto, isso não é peculiaridade apenas dos senhores de terras judeus; os senhores de terras gentios também desempenharam o mesmo truque. Mas o senhorio é uma ambição e uma distinção peculiares dos judeus; o judeu é o Senhor da Terra da América. Qualquer grupo de inquilinos em quase qualquer lugar da América, exceto no Oeste, poderia testemunhar isso.

E o senhorio em si não é repreensível, sendo as coisas como são, a menos que seja anti-social e anti-americano. E é aqui que o ponto é atingido. Alguns dos mais antigos e sagrados santuários do americanismo no leste perderam completamente seu caráter como tal pela invasão — não de "estrangeiros" — mas de judeus.

Quanto mais se observa essa invasão, mais se desconfia completamente das estatísticas fornecidas pelos judeus sobre a população judaica dos Estados Unidos.

Você sabia que a única nacionalidade sobre a qual o Governo dos Estados Unidos está impedido de fazer perguntas, seja para imigração ou estatísticas do censo, é a judaica?

Você sabia que, quando o Governo dos Estados Unidos quer saber algo sobre os judeus, ele deve recorrer a estatísticos que são financiados pelos próprios judeus?

Se uma nação afirma que não é uma nação em relação ao Governo dos Estados Unidos, como os judeus afirmam, e não tem estatísticas nacionais que permita ao governo coletar de forma oficial, por que ela deveria se tratar como uma nação e manter seus próprios registros?

Os judeus dos Estados Unidos, como os judeus de todos os países europeus, são uma nação entre si, com seu próprio governo, sua própria política, seus próprios registros; e o Governo dos Estados Unidos faz negócios com o Governo Judaico na América através de judeus escolhidos — não há dúvida disso.

No entanto, isso é uma digressão. A questão das estatísticas judaicas será abordada novamente. Enquanto isso, um olhar sobre a rápida transformação de tantas cidades americanas em todas as partes do país leva à crença de que as estatísticas judaicas fornecidas pelos judeus para consumo gentio distorcem completamente os fatos, e essa crença é reforçada pelo conhecimento de que as estatísticas fornecidas pelos judeus para o consumo judeu são muito diferentes daquelas fornecidas para o mundo exterior.

O senhorio pode ser explicado pela inclinação do judeu para a especulação, e sabemos que os imóveis se tornaram uma das ocupações mais especulativas, vergonhosamente, quase desastrosamente assim. O judeu não pode ser condenado por se tornar um senhorio, por se tornar o senhorio mais conspícuo na América; ele não pode ser condenado separadamente de seus co-offenders gentios pelo abuso que fez de sua vantagem como senhorio. Mas é uma questão de preocupação americana que as cidades para as quais, nos livros escolares, nossos filhos são ensinados a olhar como os berços da liberdade e como ainda os porta-vozes do americanismo, se tornem cidades

semitas, financeira e politicamente, e os campos de recrutamento do bolchevismo mundial.

Até recentemente, no entanto, o judeu na América não se importava com a terra. Isso é característico. O judeu não é um agricultor. Fortunas generosas foram gastas para torná-lo assim, mas o trabalho produtivo da agricultura não teve e não tem apelo para ele. Sua escolha em relação à terra é esta: terra que produz ouro da mina e terra que produz aluguéis. Terra que produz apenas batatas e trigo nunca o interessou diretamente.

É verdade, é claro, que a questão da terra tem sido distintamente judaica em países como a Polônia e a Romênia. Nenhuma lei contra a posse de terra por judeus nesses países jamais foi eficaz em impedir seu controle de províncias inteiras. Não porque os judeus exigissem o direito de cultivar a terra, sua escolha era cultivar os camponeses. Por meios indiretos e o uso de "frentes gentias", eles sempre conseguiam garantir o controle da terra, e assim, dominando os camponeses, podiam criar quase qualquer condição que desejassem. Isso é o que eles realmente fizeram. Essa é a Questão Judaica nessas partes do mundo. Não para fins agrícolas, deve-se entender, mas com o propósito de controlar a principal fonte de riqueza nos países agrícolas e para tirar o controle do povo de seus líderes gentios naturais.

Essas duas coisas sempre andam juntas em países onde há uma aristocracia intelectual ou fundiária à qual o povo olha em busca de liderança: o programa judaico é destruir essa liderança ganhando o controle da terra. É lucrativo, é claro, mas quando se observa o desdobramento do plano, sempre se vê algo além de lucros envolvidos. A perfeição consumada do plano judaico para o Controle Mundial é que ele não envolve sacrifício, como outros planos, é imensamente lucrativo em cada estágio, e quanto maior o lucro, mais certamente o propósito está sendo alcançado.

Na América, não havia aristocracia a ser destruída pelo ganho de controle sobre a terra. A atividade judaica nos Estados Unidos, até recentemente, se restringiu ao controle dos produtos da terra depois que foram produzidos: ou seja, por assim dizer, os interesses judaicos não se envolvem na caça, mas controlam o comércio de peles.

Falando em peles, é muito engraçado ver como alguns assuntos se desenrolam. Durante a guerra, houve um grande alarde sobre o controle alemão do comércio de peles americano. Era verdade que o comércio de peles estava sob o controle da Alemanha, mas não por alemães—por judeus! E então foi feito um grande alarde sobre apreender, confiscar e vender completamente aquele negócio de peles “alemão” para os americanos, e os “americanos” que compraram eram — judeus! O controle real nunca mudou; os lucros ainda encontram seu caminho para o bolso “Internacional”.

Mas peles são apenas um exemplo. Os interesses judeus não se envolvem em cultivar grãos, mas controlam os grãos que outros produzem. A necessidade dos Estados Unidos é um "Quem é Quem dos Financiadores Judeus", para que o povo possa identificar os homens sobre os quais lê nos jornais, como aqueles que fizeram esse “corner” ou deram aquele “golpe”. Esses interesses, que simplesmente agarraram a riqueza produzida na América e fizeram os consumidores americanos pagar e pagar, têm sido capazes de operar quase abertamente devido à cegueira total do povo americano enquanto leem seus jornais. E, claro, enquanto o jornal americano com prazer informará que este homem é italiano, aquele é polonês e o outro é britânico, nunca dirá que o quarto homem é judeu. Existe uma organização judaica em cada cidade, grande e pequena, para impedir isso—e elas impedem por métodos que são violentos e completamente subversivos do ideal americano de liberdade.

Então, até recentemente, o plano nos Estados Unidos tem sido tomar a mercadoria exatamente naquele ponto de sua passagem do produtor para o consumidor, onde o peso mais pesado de lucro pode ser extraído—no gargalo da garrafa, por assim dizer—e controlá-la ali. Não é o serviço pelo qual o povo paga; eles pagam pela apreensão.

Mas um novo movimento começou nos Estados Unidos. Milhões de judeus estão agora sendo usados para garantir imensas áreas de terras americanas. Antigamente, era suficiente controlar o algodão, assim como o pão era controlado, mas agora o movimento é no sentido de controlar as terras do algodão. As operações são cuidadosamente guardadas; “frentes gentias” são usadas quase exclusivamente; mas siga o rastro por todos os “disfarces” e “falsos sinais”, e você chegará finalmente ao Judeu Internacional, cujo trono está estabelecido em Londres.

Muitos judeus escreveram ao *THz Drarporn INDEPENDENT* dizendo que não sabem sobre esses planos raciais para o controle mundial. Pode-se acreditar que eles realmente não sabem. Um dos objetivos desses artigos é contar a eles sobre isso. Mas todos os judeus se regozijam com isso — o movimento de seu povo em direção ao poder. E é esse sentimento que o Judeu Internacional implicitamente confia, e porque esse sentimento existe, o Programa Internacional garante um máximo de sucesso com um mínimo de risco de exposição. O judaísmo não é uma democracia, mas uma autocracia. Claro que o judeu comum não sabe! A questão é: Por que ele deveria difamar o gentio que tenta contar-lhe? Se um judeu não selar sua mente contra as declarações feitas nestes artigos, ele encontrará em seu próprio conhecimento uma corroboracão suficiente de suas características principais, e ele estará em uma posição melhor para ajudar na solução da Questão Judaica.

É com espanto na concepção de honestidade editorial de certos homens que *THz Drarporn INDEPENDENT* leu alguns dos relatórios feitos sobre esses artigos. Sob o disfarce, principalmente do Yiddish, alegadas traduções desses artigos foram espalhadas entre os judeus não falantes de inglês, traduções que não apenas não têm semelhança com o original, mas inserem realmente parágrafos inteiros de conteúdo que nunca apareceram no original. Há um medo de permitir que o judeu comum leia esta série? Nada é mais desejado por aqueles cujo propósito é estabelecer as fundações para a solução da Questão Judaica na América do que que cada judeu nos Estados Unidos saiba exatamente o que está sendo impresso aqui, semana após semana. O judeu tem sido enganado por seus líderes por tempo suficiente.

O fato é, então, que há um movimento definido e já bem encaminhado para o controle das terras de algodão nos Estados Unidos. O primeiro passo foi depreciar o valor de mercado dessas terras o máximo possível. Pressão foi exercida através de certos bancos para limitar os esforços dos fazendeiros de algodão. Disseram-lhes que, se plantassem mais área com algodão do que lhes era dito, não seriam financiados.

A produção de algodão deveria diminuir enquanto os preços do algodão aumentavam, e os lucros não seriam dos fazendeiros, mas daqueles que controlam o curso do algodão desde o primeiro mercado até o consumidor. A agricultura de algodão deveria ser tornada menos lucrativa, enquanto a especulação com algodão deveria se tornar mais lucrativa. O público estava sendo forçado a fornecer o dinheiro pelo qual os controladores judeus comprariam a terra. Em resumo, deveria ser mais lucrativo vender terras de algodão do que vender algodão.

Essas afirmações estão sendo deliberadamente restritas ao comércio de terras de algodão. Os financiadores judeus em

Nova York e Londres sabem dessas coisas, mesmo que editores e rabinos judeus não saibam.

Esse movimento tem sido do conhecimento de certas classes de empresários há muito tempo, de fato, alguns foram forçados pelo que costumava ser chamado de “pressão das circunstâncias”, a servir ao movimento. Mas eles não foram capazes de interpretar seu significado. Só recentemente, os empresários gentios mais importantes dos Estados Unidos conseguiram interpretar certas coisas. A guerra foi um poderoso despertador de consciências.

Aqueles maravilhosos documentos conhecidos como “Protocolos”, com sua forte compreensão de todos os elementos da vida, não negligenciaram a Terra. O Programa da Terra é encontrado no Sexto Protocolo, que é um dos mais curtos desses documentos e pode ser citado na íntegra para mostrar a relação que ele tem com certos trechos feitos nos artigos anteriores:

Protocolo VI.

“Em breve começaremos a estabelecer enormes monopólios, reservatórios colossais de riqueza, sobre os quais até mesmo as grandes propriedades gentias dependerão a tal ponto que todas elas cairão junto com o crédito do governo no dia seguinte à catástrofe política. Os economistas aqui presentes devem ponderar cuidadosamente o significado dessa combinação. Devemos desenvolver por todos os meios a importância do nosso super-governo, representando-o como o protetor e benfeitor de todos aqueles que se submeterem voluntariamente a nós. — "A aristocracia dos gentios como uma força política passou. Não precisamos levá-los em consideração. Mas, como proprietários da terra, eles são prejudiciais a nós, pois são independentes em suas fontes de subsistência. Portanto, a todo custo, devemos privá-los de sua terra.

“O melhor meio para alcançar isso é aumentar os impostos e a dívida hipotecária. Essas medidas manterão a posse da terra em um estado de subordinação incondicional. Incapazes de satisfazer suas necessidades com pequenas heranças, os aristocratas entre os gentios se extinguirão rapidamente.

“Ao mesmo tempo, é necessário incentivar vigorosamente o comércio e a indústria, especialmente a especulação, cuja função é agir como um contrapeso à indústria. Sem especulação, a indústria fará com que o capital privado aumente e tende a melhorar a condição da Agricultura, LIBERTANDO A TERRA DA DÍVIDA DOS EMPRÉSTIMOS pelos bancos de terras. É necessário que a indústria esgote a terra tanto de trabalhadores quanto de capital, e, por meio das especulações, transfira todo o dinheiro do mundo para nossas mãos, colocando os gentios nas fileiras do proletariado. Os gentios então se curvarão diante de nós para obter o direito à existência.

“Para destruir a indústria gentia, como incentivo a essa especulação, encorajaremos entre os gentios uma forte demanda por luxos, luxos irresistíveis.

“Forçaremos o aumento dos salários, que, no entanto, não trará benefícios aos trabalhadores, pois ao mesmo tempo causaremos um aumento nos preços das necessidades essenciais, fingindo que isso se deve ao declínio da agricultura e da criação de gado. Também, astutamente e profundamente, minaremos as fontes de produção ao incutir nos trabalhadores ideias de anarquia, e os incentivaremos ao uso de álcool, ao mesmo tempo em que tomaremos medidas para expulsar todas as forças intelectuais dos gentios da terra.

“Para que a verdadeira situação não seja percebida pelos gentios prematuramente, mascararemos isso com um suposto esforço para servir as classes trabalhadoras e promover grandes princípios econômicos, para os quais

uma propaganda ativa será conduzida por meio de nossas teorias econômicas.”

O elemento local e passageiro aqui é "a aristocracia dos gentios." Ou seja, o programa não é inteiramente cumprido com a passagem dos aristocratas. O judaísmo continua do mesmo jeito. Seu programa é extenso. O judaísmo reterá os reis que desejar, enquanto os desejar. Provavelmente, o último trono a ser desocupado será o trono britânico, porque o que, na mente britânica, é a honra de ser o protetor do judaísmo e, portanto, o herdeiro da bênção que essa atitude traz, para a mente judaica é a boa sorte de poder usar um império mundial para o avanço do propósito judaico. Cada um serviu ao outro e a parceria provavelmente durará até que o judaísmo esteja pronto para abandonar a Grã-Bretanha, o que o judaísmo pode fazer a qualquer momento. Há indicações de que já começou essa última tarefa.

Mas os elementos permanentes neste Protocolo são a Terra, os Judeus e os Gentios. Uma palavra de explicação pode ser necessária sobre essa inclusão dos gentios como permanentes: os Protocolos não contemplam o extermínio dos gentios, nem a criação de um mundo completamente povoado por judeus. Os Protocolos contemplam um mundo gentio governado pelos judeus—os judeus como mestres, os gentios como cortadores de lenha e carregadores de água, uma política que todo leitor do Antigo Testamento sabe ser tipicamente judaica e a fonte do juízo divino sobre Israel repetidamente.

Agora, olhe para todo este Programa no que diz respeito à terra.

“Proprietários da terra * * * são prejudiciais para nós, pois são independentes em suas fontes de subsistência.”

Este é um princípio fundamental dos Protocolos. Não importa se os proprietários são a “aristocracia gentia”, os camponeses da Polônia ou os fazendeiros dos Estados

Unidos—possuidores de terra fazem com que os proprietários sejam “independentes em suas fontes de subsistência.” E qualquer forma de independência é fatal para o sucesso do Programa Mundial, que é escrito de forma tão abrangente nos Protocolos e que está avançando de maneira tão abrangente sob a orientação judaica no mundo dos assuntos reais hoje.

Não “lavradores” da terra, não “moradores” da terra, não “inquilinos,” não uma “camponeses agrícolas,” mas “proprietários da terra”—essa é a classe destacada para atenção neste Sexto Protocolo, PORQUE eles são “independentes em suas fontes de subsistência.”

Agora, não houve tempo na história dos Estados Unidos em que aparentemente fosse mais fácil para o fazendeiro possuir sua terra do que agora. Hipotecas deveriam ser uma coisa do passado. Em toda parte, a propaganda sobre a questão nos diz que os fazendeiros estão ficando “ricos.” E ainda assim, nunca houve tantas fazendas abandonadas!

“Portanto, a todo custo devemos privá-los de sua terra.”

Como? “O melhor meio para alcançar isso é aumentar os impostos sobre a terra e a dívida hipotecária.” Altos impostos para manter a terra, dinheiro emprestado para financiar o cultivo dela.

“Essas medidas manterão a posse da terra em um estado de subordinação incondicional.”

Deixaremos para os fazendeiros dos Estados Unidos dizerem se isso está dando certo ou não.

E, em uma referência futura a este assunto, mostraremos que sempre que uma tentativa é feita para permitir que os fazendeiros tomem empréstimos com taxas decentes, sempre que é proposto aliviar o fardo da “dívida hipotecária” na fazenda, a influência financeira judaica nos Estados Unidos entra em cena para impedir, ou, caso não consiga impedir, atrapalhar toda a operação.

Ao aumentar a incapacidade financeira do fazendeiro por um lado e ao aumentar os atrativos industriais por outro, muita coisa é conseguida. O Protocolo diz: “É necessário que a indústria esgote a terra tanto de trabalhadores quanto de capital.”

Isso foi feito? As fazendas dos Estados Unidos foram esgotadas tanto de trabalhadores quanto de capital? Certamente. O dinheiro é mais difícil para o fazendeiro conseguir do que para qualquer outra pessoa; e quanto à mão de obra, ele não consegue obtê-la de jeito nenhum. Qual é o resultado dessas duas influências, uma atuando na fazenda e a outra nas cidades? É precisamente o que o Protocolo diz que será: Salários aumentados que compram menos dos materiais da vida— “ao mesmo tempo causaremos um aumento nos preços das necessidades essenciais, fingindo que isso se deve ao declínio da agricultura e da criação de gado.”

O judeu que organizou esses Protocolos era um financista, economista e filósofo de primeira linha. Ele sabia do que estava falando. Suas operações no mundo comum dos negócios sempre indicaram que ele sabia exatamente o que estava fazendo. Quão bem este Sexto Protocolo funcionou e ainda está funcionando nos assuntos humanos está diante dos olhos de todos para ver.

Aqui, nos Estados Unidos, um dos movimentos mais importantes em direção à verdadeira independência dos poderes financeiros foi iniciado pelos fazendeiros. A grande vantagem dos fazendeiros é que, possuindo a terra, ele é independente em suas fontes de subsistência. A terra o alimentará, quer ele agrade aos financiadores judeus internacionais ou não. Sua posição é imbatível enquanto o sol brilhar e as estações se sucederem. Portanto, era necessário fazer algo para impedir essa independência que estava começando... Ele foi colocado em uma desvantagem maior do que qualquer outro empresário ao tomar empréstimos. Ele foi colocado, de forma mais impiedosa

que qualquer outro produtor, entre as pedras de um sistema de distribuição ladrão. A mão de obra foi retirada da fazenda. O melodrama controlado pelos judeus fez do fazendeiro um “rube” e a ficção criada pelos judeus o apresentou como um “caipira,” fazendo seus filhos se envergonharem da vida rural. Os sindicatos de grãos que operam contra o fazendeiro são controlados por judeus. Já não há mais possibilidade de duvidar, quando os fatos dos negócios reais são colocados ao lado do Programa escrito, que o fazendeiro dos Estados Unidos tem um interesse nesta Questão.

O que ganharia este Programa Mundial se os trabalhadores fossem escravizados e os fazendeiros fossem deixados de fora? Portanto, o programa de interferência agrícola que foi apenas parcialmente delineado aqui.

Mas isso não é tudo.

Qualquer escritor que tente informar plenamente a mente gentia sobre a Questão Judaica deve muitas vezes sentir que a extensão da Conspiração dos Protocolos é tão grande que faz a mente gentia vacilar. Os gentios não são conspiradores. Eles não conseguem seguir uma pista por longos e tortuosos canais escuros. A completude elaborada do Programa Judaico, a perfeita coordenação de sua massa de detalhes cansa a mente gentia. Isso, realmente, mais do que a ousadia do próprio Programa, constitui o principal perigo de seu cumprimento. A preguiça mental dos gentios é o aliado mais poderoso que o Programa Mundial tem.

Por exemplo: depois de citar a coincidência perfeitamente óbvia e a mais provável conexão entre os Protocolos e os fatos observáveis com relação à situação agrícola, o escritor é compelido a dizer, como acima, “Mas isso não é tudo.” E é uma peculiaridade da psicologia gentia que o leitor gentio sentirá que isso deveria ser tudo porque está tão completo. É aqui que a mente judaica ultrapassa a mente gentia.

Os gentios podem fazer algo por uma razão: o judeu muitas vezes faz a mesma coisa por três ou quatro razões. O gentio pode entender até agora por que os financiadores judeus deveriam buscar o controle da terra para impedir a independência agrícola generalizada que, como diz o Protocolo Seis, “seria prejudicial a nós.” Essa razão está perfeitamente clara.

Mas há outra. Ela está no Décimo Segundo Protocolo. Ela contempla nada menos do que o jogo de colocar Cidade contra Campo no grande jogo que agora está sendo exposto. O controle completo sobre a Cidade por meio da alavancagem industrial, e sobre o Campo por meio da alavancagem da dívida, permitirá aos Jogadores Ocultos mover primeiro o Campo, dizendo que a Cidade exige certas coisas, e depois mover a Cidade, dizendo que o Campo exige certas coisas, dividindo assim Cidadãos e Fazendeiros e usando-os contra uns aos outros.

Veja a clareza e a ousadia, ainda assim a calma com que este plano é apresentado:

**“Nossas cálculos alcançam, especialmente, os distritos rurais. Lá devemos necessariamente despertar aqueles interesses e ambições que sempre podemos virar contra a cidade, representando-os para as cidades como sonhos e ambições de independência por parte das províncias. Está claro que a fonte disso será exatamente a mesma, e virá de nós. Será necessário que, antes de atingirmos o poder total, arrumemos as coisas de modo que, de tempos em tempos, as cidades se vejam sob a influência da opinião nos distritos rurais, ou seja, da maioria pré-arranjada por nossos agentes? * * ”*

Os preliminares do jogo estão aqui apresentados — colocar Cidade e Fazenda uma contra a outra, para que no final os Conspiradores possam usar aquele que se mostrar mais forte para implementar o Plano. Na Rússia, ambos os esquemas foram usados. O regime antigo, estabelecido nas Cidades, foi persuadido a abandonar o poder porque foi

feito para acreditar que os camponeses da Rússia o pediam. Então, quando os bolcheviques tomaram o poder, eles governaram os camponeses com base na ideia de que as Cidades queriam isso. As Cidades ouviram o Campo, agora o Campo ouve as Cidades.

Se você vir qualquer tentativa de dividir Cidade e Fazenda em campos antagônicos, lembre-se deste parágrafo do Décimo Segundo Protocolo. Já o veneno está funcionando. Você nunca ouviu dizer que a Lei Seca foi algo que os distritos rurais forçaram sobre as cidades? Nunca ouviu dizer que o Alto Custo de Vida se devia aos lucros extravagantes dos fazendeiros?—lucros que ele não recebe.

Um grande golpe neste Programa de Controle Mundial poderia ser dado se o Cidadão e o Fazendeiro pudessem entender a mente um do outro, não através de porta-vozes autoproclamados, mas diretamente um do outro. Cidade e Fazenda estão se afastando devido à má representação de forasteiros, e na fenda crescente, a sombra sinistra do Programa Mundial aparece.

Deixem os Fazendeiros olhar além das “frentes gentias” em suas aldeias ou principais pontos comerciais, além delas, para os verdadeiros controladores que estão escondidos.

XVII.

O Poder Judaico Controla a Imprensa Mundial?

O objetivo deste artigo é duplo: expor o que os Protocolos dizem sobre a relação da Imprensa com o Programa Mundial e fazer uma introdução a um estudo da influência judaica sobre a Imprensa. A raça judaica sempre foi consciente das vantagens que poderiam ser obtidas através das notícias. Este foi um dos fatores no seu controle do comércio europeu desde os primeiros tempos cristãos. Estar informado com antecedência, saber o que estava por vir antes que os gentios entre os quais viviam soubessem,

era um privilégio especial dos judeus, possibilitado pela comunicação próxima entre os grupos judaicos amplamente separados. Desde o início, eram correspondentes inveterados. Eles foram os inventores do boletim de notícias. Isso não implica, no entanto, que os judeus foram os pioneiros ou até mesmo os patrocinadores da imprensa moderna: não fazia parte do seu propósito distribuir notícias entre o povo, mas mantê-las para si mesmos como uma vantagem secreta. As notícias políticas, econômicas e comerciais, que circulavam com uma notável facilidade por toda a Europa, de comunidade judaica para comunidade judaica, eram, na realidade, o orçamento oficial pelo qual cada comunidade informava todas as outras sobre o que estava acontecendo, como guerras, correntes comerciais, emergências crescentes ou qualquer que fosse o assunto. Por séculos, os judeus foram o povo mais bem informado do continente; através de suas fontes secretas nas cortes e chancelarias, de judeus privilegiados colocados em cada posição vantajosa, toda a raça estava informada sobre o estado do mundo.

Exploradores eram mantidos em movimento por toda parte. Muito antes das colônias britânicas ou holandesas na América do Norte terem alcançado uma base sólida, havia judeus na América do Sul que serviam como postos avançados para os interesses comerciais europeus. O mundo era espionado nos interesses de sua raça, assim como hoje o planeta inteiro está sob os olhos atentos dos agentes judeus—principalmente gentios, deve-se dizer—em busca de qualquer pista sobre novas descobertas de ouro.

Uma ilustração interessante e histórica da apreciação dos judeus pelas notícias pode ser encontrada na carreira de Nathan Rothschild. Rothschild havia feito todos os seus planos com a suposição de que o Imperador Napoleão, então banido para Elba, estava finalmente eliminado dos assuntos europeus. Napoleão inesperadamente retornou, e

durante os “Cem Dias”, parecia que o edifício financeiro de Rothschild poderia desmoronar. Feverosamente, o financista ajudou tanto a Prússia quanto a Inglaterra, e à medida que a Batalha de Waterloo se aproximava, ninguém estava mais interessado no resultado do que ele.

Rothschild era um homem que se encolhia diante da visão de sangue; ele era fisicamente um covarde, e qualquer sinal de violência o deixava nervoso; mas o interesse dele na batalha, na qual toda sua fortuna parecia depender, era tão intenso que ele apressou-se em ir para a França, seguiu o Exército Britânico e, quando a batalha começou, se escondeu em “algum esconderijo à prova de balas perto de Hougomont”, onde assistiu o fluxo e refluxo da batalha o dia inteiro. Justo antes de Napoleão ordenar a última carga desesperada, Rothschild já havia tomado sua decisão. Ele disse mais tarde que sua exclamação neste ponto foi: “A Casa de Rothschild venceu a batalha.”

Ele se apressou para sair do campo, galopou desesperadamente até Bruxelas, sem dizer uma palavra do que sabia para as pessoas ansiosas que encontrou pelo caminho. Alugando uma carruagem a um preço exorbitante, ele galopou até Ostende. Lá, uma tempestade feroz estava arrasando o oceano e nenhum marinheiro estava disposto a partir para a Inglaterra, a cerca de 20 milhas de distância. Rothschild, sempre com medo de perigo, esqueceu seu medo em suas visões sobre o mercado de ações. Ele ofereceu 500, 800, e finalmente 1.000 francos ao homem que o levaria para lá. Mas ninguém se atrevia. Finalmente, um marinheiro propôs que, se Rothschild pagasse 2.000 francos nas mãos de sua esposa, ele tentaria.

Meio morto, os dois homens chegaram à costa inglesa, mas sem descanso Rothschild pediu correio expresso e se apressou para Londres. Chicote e esporas não foram poupados nessa jornada.

Não havia telegramas naquela época, nem comunicação rápida. A Inglaterra estava ansiosa. Os rumores eram ruins. E na manhã de 20 de junho de 1815, quando Nathan Rothschild apareceu em seu lugar usual na Bolsa de Valores e se encostou na coluna, a Inglaterra nada sabia sobre o que ele sabia. Ele estava pálido e abatido. A visão de seu rosto fez os outros financistas acreditarem que ele havia recebido más notícias da frente. Então, foi visto que ele estava vendendo silenciosamente seus títulos. O quê? Rothschild se desfechando? O mercado despencou desastrosamente, um grande pânico tomou conta dos financistas, o mercado foi inundado com consolos à venda — e tudo o que foi oferecido, os agentes de Rothschild compraram!

Assim continuou, o dia todo no dia 20, e o dia todo no dia 21. Ao final do expediente do segundo dia, os pesados baús de Rothschild estavam abarrotados de títulos. Então, à noite, um mensageiro galopou até Londres com a notícia de que Wellington havia vencido e Napoleão era um fugitivo. Mas Nathan Rothschild havia feito 10.000.000 de dólares e os homens com quem ele fez negócios perderam essa quantia — tudo como um caso de notícias!

Houve um pequeno incidente em Washington durante a guerra — um “vazamento” de notícias, foi chamado. Os sábios de Wall Street às vezes sussurram que até entre 1914-1918 houve homens da raça de Rothschild que demonstraram a mesma apreciação por “notícias,” com os mesmos resultados lucrativos. E não apenas os homens da “raça” de Rothschild, mas também alguns de seus “frentes gentias”.

Houve momentos durante a guerra em que nenhum gentio sabia o que estava acontecendo em certos países. Os líderes judeus sempre sabiam. Algumas testemunhas muito interessantes podem ser apresentadas sobre esse ponto.

Além de seu próprio interesse, esta narrativa de Rothschild ilustra completamente a afirmação de que, enquanto os

judeus eram muito precoces na coleta de notícias, não eram publicitários. Eles usaram as notícias para seu próprio benefício; não as disseminaram. Se dependesse da influência deles, não haveria imprensa pública alguma. Foi na França, que não tinha jornais fora da capital, que a Revolução Francesa foi possível. Não havendo troca confiável de notícias e opiniões, o povo foi mantido na ignorância. Paris não soube que a Bastilha havia caído até o dia seguinte. Onde não há imprensa, as minorias facilmente ganham controle — como ilustra a revolução judaico-bolchevique na Rússia.

Um dos desenvolvimentos mais perigosos do momento é a desconfiança pública em relação à Imprensa. Se algum dia chegar o dia em que a comunicação rápida, confiável e autoritária com todo o povo se torne necessária para a ação pública em prol da segurança pública, a nação poderá se encontrar gravemente incapacitada, a menos que uma nova confiança na Imprensa diária seja reconstruída. Se por nenhum outro motivo, pelo menos porque uma imprensa livre é uma salvaguarda contra a tomada de controle por minorias, leis como as leis de zona, ou quaisquer restrições à comunicação mais livre e plena entre as várias partes do país, devem ser absolutamente abolidas.

Mas, a Imprensa existindo, e sendo uma criação anglo-saxônica, ela é uma força a ser tratada com seriedade, e é nesse ponto que o Programa Mundial e o Controle Judaico entram em contato com ela.

Os Protocolos, que não deixam nada de fora, propõem um plano muito definido em relação à Imprensa. Como em muitos outros assuntos com os quais esses documentos notáveis lidam, há duas fases — “o que fizemos” e “o que faremos.”

Já no Segundo Protocolo, a Imprensa é mencionada. É significativo que ela apareça no mesmo Protocolo no qual o programa de “Não Anexações” foi anunciado 20 anos antes

da Primeira Guerra Mundial, no mesmo Protocolo no qual se anuncia que os governantes gentios serão autorizados a aparecer diante do povo por um curto período, enquanto as influências judaicas estavam se organizando atrás dos assentos de poder, e no mesmo Protocolo onde o Darwinismo, o Marxismo e o Nietzscheismo são mencionados entre as doutrinas “demoralizantes” que a influência judaica disseminou. Essas são declarações muito curiosas, mas não mais estranhas do que a realidade que se concretizou.

Diz o Segundo Protocolo:

“Há uma grande força nas mãos dos governos modernos, que cria movimentos de pensamento entre o povo, ou seja, a Imprensa. O papel presumido da Imprensa é indicar necessidades supostamente indispensáveis, registrar queixas populares e criar descontentamento. O triunfo da ‘liberdade de expressão’ (tagarelice) repousa na Imprensa. Mas os governos são incapazes de andar à margem desse poder, e ele caiu em nossas mãos. Através dele, alcançamos influência enquanto permanecemos nas sombras. Graças a isso, acumulamos ouro, embora tenha nos custado torrentes de sangue e lágrimas.”

No mesmo Protocolo, “nossa Imprensa” é mencionada como a agência através da qual são disseminadas “aquelas teorias da vida que induzimos (os gentios) a considerar como os ditames da ciência.”

“Para isso, certamente nos esforçaremos para inspirar uma confiança cega nessas teorias por meio da nossa Imprensa.”

Em seguida, é feita a afirmação sobre as três teorias mais revolucionárias nos campos físico, econômico e moral, a saber, o Darwinismo, o Marxismo e o Nietzscheismo.

No Terceiro Protocolo, afirma-se que esse controle da Imprensa está sendo usado para destruir o respeito pela autoridade:

“Jornalistas audaciosos e panfletários ousados atacam diariamente o pessoal da administração. Este abuso da autoridade está definitivamente preparando a queda de todas as instituições, e tudo será derrubado por golpes vindos da população enfurecida.”

Novamente, no Sétimo Protocolo, discutindo o progresso já alcançado pelo Programa Mundial, o papel desempenhado pela Imprensa é indicado:

“Devemos forçar os governos gentios a adotar medidas que promovam nosso plano amplamente concebido, já se aproximando de seu objetivo triunfal, trazendo para isso a pressão da opinião pública estimulada, que na realidade foi organizada por nós com a ajuda do chamado ‘grande poder’ da Imprensa. Com poucas exceções, que não vale a pena considerar, já está em nossas mãos.”

Assim, duas vezes é feita a afirmação do controle da Imprensa. “Caiu em nossas mãos,” diz o Segundo Protocolo. “Já está em nossas mãos,” diz o Sétimo. No Segundo Protocolo, a Imprensa é representada como impulsionando filosofias revolucionárias físicas, econômicas e morais; enquanto no Sétimo, é usada para criar a “pressão da opinião pública estimulada” com o objetivo de “forçar os governos gentios a adotar medidas que promovam nosso plano amplamente concebido, já se aproximando de seu objetivo triunfante.”

Uma palavra de comentário pode ser feita aqui sobre a afirmação do Segundo Protocolo de que “graças a ela (a Imprensa), acumulamos ouro, embora tenha nos custado torrentes de sangue e lágrimas.”

Esta é uma afirmação que pode ser ilustrada de várias maneiras. “Embora nos tenha custado torrentes de sangue e lágrimas” é uma admissão sobre a qual os Protocolos lançam luz, uma luz que também incide sobre o argumento judaico em relação à responsabilidade pela guerra recente, a saber, que o Poder Financeiro Mundial Judaico não

poderia ter desejado a guerra, já que os judeus sofreram tanto no Leste Europeu. Os Protocolos reconhecem francamente a possibilidade de os judeus sofrerem durante o estabelecimento do Programa Mundial, mas os consola com o pensamento de que eles caem como soldados para o bem de Israel. A morte de um judeu, nos dizem os Protocolos, é mais preciosa aos olhos de Deus do que a morte de mil “sementes de gado”, que é um dos nomes delicados aplicados aos gentios.

A referência ao acúmulo de ouro é muito clara. Ela não se aplica apenas à posse de publicações e à participação em seus lucros, mas também ao uso que pode ser feito delas através do silêncio ou do clamor para promover os esquemas dos Financiadores Judaicos Internacionais. Os Rothschilds compravam editores assim como compravam legisladores. Foi um preliminar de quase todo esquema que eles lançaram: primeiro "ajustar" os jornais, seja pelo silêncio ou pelo apoio com aplausos. Em questões de guerra e paz; na remoção de administrações prejudiciais aos planos financeiros ou políticos judaicos; na eliminação por exposição pública de “frentes gentias” que seus mestres judeus desejavam ver livres; na construção gradual da reputação e influência de “homens em ascensão” que foram escolhidos para o trabalho futuro — nestes e em assuntos semelhantes, a Imprensa ajudou enormemente a Cabala Internacional a alcançar seu objetivo.

Todos os detalhes do parágrafo anterior podem ser ilustrados amplamente por exemplos que ocorreram nos Estados Unidos nos últimos 15 anos.

Houve uma vez um senador dos Estados Unidos que — mas essa história ilustra outro ponto também, e será reservada até que esse ponto seja abordado nesta série de discussões.

O Décimo Segundo Protocolo, no entanto, contém todo o plano de Controle da Imprensa, abrangendo desde o tempo

presente até o futuro, quando o Governo Mundial Judaico será estabelecido. O leitor é convidado a ler com atenção e reflexão a profundidade e a amplitude deste plano.

Mantenha também em mente a jactância que tem sido feita por gerações de que nenhuma publicação que tenha tratado da Questão Judaica de maneira desagradável para os poderes judeus foi permitida sobreviver.

Qual o papel que a Imprensa desempenha atualmente? Ela serve para inflamar as paixões do partidarismo egoísta que nossos interesses exigem. Ela é superficial, mentirosa e injusta, a maioria das pessoas não entende para que fim ela serve.

Nessa citação, temos a mesma baixa estimativa que foi observada quando estudamos "a estima pela natureza humana" que os Protocolos contêm. Agora, para o Plano de Controle da Imprensa: Separamos os pontos para conveniência: "Nós lidaremos com a Imprensa da seguinte maneira:"

1. "Nós a colocaremos sob nosso controle e manteremos um controle rígido sobre ela. Faremos o mesmo com outras publicações impressas, pois de que serve livrarmo-nos de ataques na Imprensa, se continuarmos expostos a críticas por meio de panfletos e livros?"
2. "Nenhuma notícia chegará ao povo sem nossa supervisão. Alcançamos isso atualmente, até o ponto de toda notícia ser recebida por várias agências nas quais ela é centralizada de todas as partes do mundo."

**Uma luz sobre a primeira sentença acima pode ser obtida a partir desta declaração judaica sobre a Declaração Britânica referente à Palestina: "Esta Declaração foi enviada do Ministério das Relações Exteriores para Lord Walter Rothschild. * * * Pode ter sido uma surpresa para grandes seções do povo judeu * * * Mas para aqueles que estavam ativos nos círculos sionistas, a declaração não foi*

*surpresa. * * * A redação dela veio do Ministério das Relações Exteriores Britânico, mas o texto havia sido revisado nos escritórios sionistas na América, assim como na Inglaterra. A Declaração Britânica foi feita na forma em que os sionistas desejavam." * * " pp. 85-86, "Guia do Sionismo," de Jessie E. Sampter, publicada pela Organização Sionista da América.*

3. "A literatura e o jornalismo são duas das forças educacionais mais importantes, e, consequentemente, nosso governo se tornará o proprietário da maioria dos jornais. * * * Se permitirmos dez jornais privados, organizaremos trinta dos nossos, e assim por diante. Isso não deve ser suspeitado pelo público, razão pela qual todos os jornais publicados por nós serão EXTERNAMENTE de opiniões e tendências mais contrárias, assim evocando confiança neles e atraindo nossos oponentes desavisados, que assim serão pegos em nossa armadilha e tornados inofensivos."

Isso é muito interessante à luz da defesa agora sendo feita por tantos jornais judeus. "Veja os jornais que são propriedade e controlados por judeus," dizem eles; "veja como eles diferem em política! Veja como eles discordam entre si!" Certamente, "externamente," como diz o Protocolo 12, mas a unidade subjacente nunca é difícil de encontrar.

Além disso, uma forma de descobrir quem são as pessoas que têm conhecimento do Problema Mundial Judaico, ou quem pode ser convencido dele, ou quem escreverá sobre isso, é simplesmente começar um jornal que "externamente" pareça ser independente sobre a Questão Judaica. Esse pensamento é tão profundamente compartilhado até mesmo por judeus não educados que um boato está hoje muito espalhado nos Estados Unidos de que a razão para a presente série de artigos no THE DEARBORN INDEPENDENT é o desejo de seu proprietário de promover o Programa Mundial Judaico! Infelizmente,

esse esquema de começar uma falsa oposição para descobrir onde está a verdadeira força opositora não se restringe aos Internacionalistas Judeus, embora haja toda indicação de que foi aprendido com eles.

Essa ideia de uma frente desonesta para certos propósitos secretos é expressa detalhadamente não apenas com referência à Imprensa, mas em outros pontos dos Protocolos em outras relações. Mas no Protocolo 12, ela é totalmente desenvolvida com relação à Imprensa, como mostram as seguintes citações.

(a) Para forçar os escritores a produzirem textos longos que ninguém lerá, é proposta uma taxa sobre a escrita— "nos livros com menos de 30 páginas, uma taxa dobrada." Artigos curtos são os mais temidos. Portanto, dobremos a taxa sobre os panfletos de menos de 30 páginas. Os artigos mais longos, poucos lerão, argumentam os Protocolos, e a taxa dobrada fará com que "os escritores se vejam forçados a criar produções longas que serão pouco lidas, especialmente porque serão caras."

MAS—

"Aquilo que publicarmos para direcionar a mente pública será barato e amplamente lido. A taxa desestimulará a mera ambição literária, enquanto o medo de punição fará com que os escritores se tornem subservientes a nós. Mesmo que haja aqueles que desejem escrever contra nós, ninguém publicará seus escritos." (Quantos escritores americanos sabem disso?)

"Antes de aceitar qualquer trabalho para impressão, o editor ou tipógrafo deve obter permissão das autoridades. Assim, saberemos com antecedência quais ataques estão sendo preparados contra nós e poderemos contra-atacá-los saindo com explicações sobre o assunto."

Essa é, em grande parte, a situação atual. Eles sabem com antecedência o que está sendo feito, e buscam desarmá-lo de antemão.

(b) Aqui estão os Três Graus do Jornalismo Judaico que não são apenas afirmados nos Protocolos, mas são observáveis no mundo cotidiano do presente.

“O lugar de destaque será ocupado por órgãos de caráter oficial. Eles sempre estarão de guarda sobre nossos interesses e, consequentemente, sua influência será relativamente pequena.

“O segundo lugar será ocupado por órgãos semi-oficiais, cujo objetivo será atrair os indiferentes e mornos.

“Na terceira categoria colocaremos órgãos de aparente oposição. Pelo menos um será extremamente antagonista. Nossos verdadeiros opositores confundirão essa aparente oposição como pertencente ao seu próprio grupo e, assim, nos mostrarão suas cartas.

“Peço que notem que entre aqueles que nos atacam haverá órgãos fundados por nós, e eles atacarão exclusivamente aqueles pontos que planejamos mudar ou eliminar.

“Todos os nossos jornais apoiarão opiniões das mais diversas: aristocráticas, republicanas, até anarquistas, claro, enquanto a Constituição viver. * * * Esses tolos que acreditam estar repetindo as opiniões expressas pelos seus jornais partidários estarão, na verdade, repetindo nossas opiniões ou aquelas coisas que desejamos que eles pensem.

“Discutindo sempre e contradizendo nossos escritos de maneira superficial, e sem tocar em sua essência, nossa imprensa manterá um fogo de saturação contra os ‘jornais oficiais’, apenas para nos dar a oportunidade de nos expressarmos em maior detalhe do que poderíamos em nossa primeira declaração. Isso será feito quando for útil para nós.

“Esses ataques também convencerão o povo da plena liberdade da imprensa, e darão a nossos agentes a oportunidade de declarar que os jornais que nos opõem são

meros falastrões, já que não conseguem encontrar argumentos reais para se opor às nossas ordens.”

Sem dúvida, isso seria o caso se todos os jornais fossem controlados. No caso da presente série de artigos, no entanto, as mesas parecem estar viradas. É a Imprensa Judaica que falhou de maneira tão notável em apresentar desmentidos, seja por fatos ou argumentos.

“Quando necessário, publicaremos ideias na terceira seção de nossa Imprensa como sondagens, e então refutaremos vigorosamente na Imprensa semi-oficial.”

“Venceremos nossos opositores sem falhar, porque eles não terão órgãos da Imprensa à sua disposição.”

“O pretexto para suprimir uma publicação será o fato de ela agitar a mente pública sem base razoável” — um pretexto que já foi apresentado várias vezes, mas sem o poder legal para efetivar a supressão, embora sem poder legal os interesses judaicos nos Estados Unidos tenham conseguido efetuar uma supressão bastante completa de tudo o que não desejam.

Até que ponto a influência judaica controla os jornais dos Estados Unidos?

No que diz respeito ao uso da palavra “Judeu”, a Imprensa está quase completamente dominada. O editor que a utiliza certamente ouvirá sobre isso. Ele será visitado e informado —contrariamente a tudo o que o judeu é ensinado—que a palavra “Judeu” denota um membro de uma denominação religiosa e não de uma raça, e que seu uso com referência a qualquer pessoa mencionada na imprensa pública é tão repreensível quanto se “Baptista,” “Católico” ou “Episcopaliano” fossem usados.

O judeu é sempre informado por seus líderes de que, independentemente da religião ou do país de nascimento, ele é um judeu, membro de uma raça em virtude do sangue. Páginas deste jornal poderiam ser preenchidas

com as declarações mais autoritativas dos judeus sobre esse ponto. Mas o que o judeu é ensinado por seus líderes e o que o editor gentio é ensinado pelo comitê judaico são duas coisas diferentes e antagônicas. Um jornal judeu pode gritar aos céus que o Professor Fulano de Tal, o Juiz Fulano de Tal, ou o Senador Fulano de Tal é judeu; mas o jornal secular que fizer isso será visitado por um comitê indignado, trazendo ameaças.

Um certo jornal, como simples questão de notícia, publicou um trecho de um dos artigos do DEARBORN INDEPENDENT. No dia seguinte, várias contas de publicidade desapareceram por falta de conteúdo. A investigação revelou o fato de que os anunciantes reticentes eram todos judeus e a causa de sua ação foi o realmente irrelevante trecho que o jornal publicou. Também se revelou que o agente de publicidade que gerenciava toda a publicidade dessas empresas judaicas era ele mesmo judeu, e também ocupava um cargo em uma sociedade secreta judaica, cargo este que estava exclusivamente relacionado ao controle dos jornais em matéria de publicidade judaica. Foi esse homem que lidou com o editor. Seguiu-se uma retração editorial enfadonha, que timidamente elogiava os judeus. A publicidade foi devolvida ao jornal, e é apenas uma questão de saber se esse editor foi tratado corretamente ou não. Certamente, ele foi feito para sentir o poder. Mas a diplomacia foi ruim. O editor, junto com centenas de outros, foi apenas colocado em uma posição adequada para avaliar o poder judeu em suas vastas dimensões.

Isso não quer dizer que todo editor deva iniciar uma campanha para expor o poder secreto. Isso é uma questão de decisão pessoal. No entanto, todo editor está tão situado que pode ver certas coisas, e ele deveria vê-las, notá-las e digeri-las internamente.

A publicidade judaica em resposta a esses artigos é muito fácil de ser obtida em quase qualquer jornal. Alguns caíram

lamentavelmente por declarações mentirosas. Outros abriram suas colunas para a propaganda enviada de fontes judaicas. Tudo bem. Mas o interesse gentio pela questão tem sido amplamente ignorado, mesmo nos casos em que os editores estão despertos para toda a Questão. Isso também oferece uma vantagem a partir da qual o editor médio pode observar o que está acontecendo neste país.

Se uma lista dos proprietários judeus, detentores de títulos e outros interesses em nossos jornais fosse publicada, a lista seria impressionante. Mas ela não explicaria o controle generalizado da Imprensa como observado neste país. Na verdade, seria injusto, em uma conexão como esta, listar alguns dos jornais de propriedade judaica nos Estados Unidos, porque seus proprietários são servidores justos e públicos do povo.

A posse real não costuma explicar muito em um jornal. A posse no ramo jornalístico nem sempre é sinônimo de controle.

Se você deseja saber o controle do jornal, olhe para seu advogado e os interesses que ele serve; olhe para as conexões sociais de seus editores principais; olhe para os agentes de publicidade que lidam com a maior parte da publicidade judaica; e depois olhe para a questão da parcialidade ou independência política do jornal.

O controle da Imprensa pelos judeus não é uma questão de dinheiro. É uma questão de manter certas coisas fora da mente pública e colocar certas coisas nela.

Uma condição absoluta exigida pela Imprensa diária é que ela não identifique o judeu, mencione-o ou chame a atenção do público para sua existência, exceto da maneira mais favorável.

A primeira justificativa para isso é baseada na “justiça,” na falsa afirmação de que um judeu não é judeu, mas um membro da igreja. Esta é a mesma afirmação que os agentes judeus no Governo dos Estados Unidos usaram por

anos para impedir que o Governo dos Estados Unidos listasse os judeus em qualquer estatística racial. Isso é diretamente contraditório ao que os próprios judeus são ensinados. Uma “justiça” flácida, uma “mente aberta” desleixada, um grito de “preconceito religioso” é a primeira desculpa. A segunda é uma cessação repentina do patrocínio judaico. A terceira é a retirada do patrocínio por cada empresa gentia que está sob o controle de financiadores judeus. É uma mera questão de brutalidade. E o quarto ato, em uma comunidade completamente cega para a Questão Judaica, é o colapso da publicação infratora.

Leia a Enciclopédia Judaica para ver uma lista de alguns dos jornais que ousaram abrir a Questão, e desapareceram!

Quando o velho Barão Moses Montefiore disse em Cracóvia:

“O que você está falando? Enquanto não tivermos a imprensa do mundo inteiro em nossas mãos, tudo o que você fizer será em vão. Precisamos controlar ou influenciar os jornais do mundo todo para cegar e enganar o povo.”

— Ele sabia o que estava dizendo. Ao “cegar” o povo, ele queria apenas que eles não vissem o judeu, e ao “enganar” o povo, ele queria apenas que eles pensassem que certos movimentos mundiais significavam uma coisa quando, na realidade, significavam outra. O povo pode ser informado sobre o que acontece: não pode ser informado sobre o que está por trás disso. O povo ainda não sabe por que certos acontecimentos que afetaram toda a sua vida ocorreram. Mas o “porquê” disso é muito bem conhecido em certos círculos cujos serviços de notícias nunca chegam à impressão, e às vezes nem mesmo à escrita.

Estatísticas sobre o espaço que os jornais dedicam aos judeus sobre as coisas que eles querem ver impressas também seriam reveladoras. Como uma nação minoritária,

eles recebem mais publicidade do que qualquer dez das importantes nações menores da Europa — do tipo de publicidade que eles querem!

O número de colaboradores judeus na Imprensa dos Estados Unidos também faz uma estatística interessante. Seria puro preconceito fazer menção indesejável de muitos jornalistas e escritores judeus, e eles entram no escopo deste estudo apenas porque se mostraram ser os agentes vigilantes e servos ativos do Sistema. É isso que muitos deles são. Não o jovem repórter judeu ambicioso que corre pelas ruas coletando notícias, talvez, mas o jornalista no centro da notícia e no pescoço daqueles dois ou três importantes corredores internacionais pelos quais as notícias do mundo fluem.

Toda a questão, no que diz respeito à extensão do controle, poderia ser visualizada em um mapa dos Estados Unidos, por meio de alfinetes coloridos mostrando o número de jornais de propriedade judaica, comprovadamente controlados por judeus, e o número de escritores judeus que estão dirigindo o pensamento majoritário das várias seções do país. O jornalista judeu que se vende para o descontentamento, cuja ambição literária é manter uma fermentação em seus leitores, cujo humor é sordido e cuja filosofia é de negação; assim como o romancista judeu que exalta seu próprio povo, mesmo enquanto a história semeia sementes sutis de desintegração na vida social ou econômica gentia, deve ser listado como agente desse Programa Mundial que destruiria a sociedade através da agência das “ideias.” E é muito impressionante quantos existem, e como eles disfarçam habilidosamente sua propaganda em seu trabalho.

Aqui e ali nos Estados Unidos, está se tornando possível imprimir a palavra “judeu” nas manchetes de um artigo, e dizer ao comitê judeu que liga no dia seguinte que este ainda é um país livre. De maneira discreta, vários jornais

testaram a força desse controle assumido em suas comunidades e o desconsideraram.

Não há razão para medo por parte do editor que tem seus fatos. Mas o editor que recuar sentirá cada vez mais a pressão sobre ele. O homem que corajosamente e de maneira justa mantiver sua posição logo aprenderá outra coisa que não é tão geralmente conhecida, ou seja, que, com toda a brilhantismo, há muito de bluff, e que a cadeia de controle, uma vez quebrada, é sentida em todo o sistema como um golpe.

Não há nada que o judeu internacional tema tanto quanto a verdade, ou qualquer pista sobre a verdade sobre si mesmo ou seus planos. E, afinal, a rocha de refúgio e defesa, o fundamento da resistência para judeus ou gentios deve ser a Verdade.

Edição de 11 de setembro de 1920.

XVIII.

Isso Explica o Poder Político Judaico?

Pouco se disse até agora neste comentário sobre os Protocolos a respeito do programa político contido neles. É desejável que os pontos sejam tratados separadamente para que, quando nosso estudo se voltar para as condições reais deste país, o leitor esteja em uma posição para julgar se o programa escrito concorda com o programa em ação, como pode ser visto ao nosso redor. O Programa Mundial, conforme delineado nesses estranhos documentos, gira em torno de muitos pontos, alguns dos quais já foram discutidos. Seu sucesso é buscado (a) pelo controle financeiro do mundo, o qual já foi assegurado pela dívida esmagadora de todas as nações através das guerras, e pelo controle capitalista (não o de fabricação ou gestão) da indústria; (b) pelo controle político, que é facilmente ilustrado pela condição de todos os países civilizados hoje; (c) pelo controle da educação, um controle que tem sido

conquistado de forma constante: sob os olhos cegos do povo; (d) pela banalização da mente pública através de um sistema de atração mais completo que acabou nos trazendo para um período que exige a nova palavra “jazz” para descrevê-lo; e (e) pelo plantio de sementes de desintegração em todos os lugares — não sementes de progresso, mas de falácias econômicas e temperamento revolucionário. Todos esses objetivos principais envolvem várias vias de ação, nenhuma das quais foi negligenciada pelos Protocolos.

Para levar àquilo que os Protocolos têm a dizer sobre a seleção e o controle de presidentes, será esclarecedor observar os pontos de vista que esses documentos expressam sobre outras fases da política.

Pode ser muito interessante para aqueles apologistas judeus, que em todas as suas declarações nunca discutem o conteúdo dos Protocolos, saber que, longe de ser um apelo à monarquia, eles são um apelo ao liberalismo mais drástico e irresponsável no governo. “Os poderes por trás dos Protocolos parecem ter total confiança no que podem fazer com o povo, uma vez que o povo seja levado a acreditar que o governo popular realmente chegou.”

Os Protocolos acreditam em mudanças frequentes. Eles gostam de eleições; aprovam revisões frequentes das constituições; aconselham o povo a mudar seus representantes com frequência.

Tome isso do Primeiro Protocolo:

“A concepção abstrata de Liberdade nos possibilitou convencer a multidão de que o governo é apenas a administração para o dono do país, o povo, e que o administrador pode ser trocado como um par de luvas usadas. A possibilidade de mudar os representantes do povo os colocou à nossa disposição e, por assim dizer, os colocou em nosso poder como criaturas de nossos objetivos.”

Note também como este uso da Mudança está enterrado neste parágrafo do Quarto Protocolo, que descreve a evolução de uma República:

“Toda república passa por várias fases. A primeira é a de delírios sem sentido, semelhantes aos de um cego se jogando de um lado para o outro. A segunda é a da demagogia que gera anarquia e inevitavelmente leva ao despotismo, não de um caráter legal, aberto e, portanto, responsável, mas um despotismo invisível e desconhecido, sentido, ainda assim, porque é exercido por uma organização secreta. Tal despotismo age com ainda menos escrúpulos porque está oculto sob disfarce e trabalha nas costas de vários agentes, cuja mudança e troca não prejudicarão seu poder secreto, mas o servirão, já que tais mudanças aliviarão a organização da necessidade de gastar seus recursos com recompensas por longo serviço.”

Essa “mudança” de servos não é desconhecida nos Estados Unidos. Um ex-Senador dos Estados Unidos poderia facilmente testemunhar sobre isso se soubesse quem fez a “mudança.” Houve uma época em que ele foi a ferramenta de todos os lobistas judeus no Senado. Sua língua fluente emprestava charme e plausibilidade a cada argumento que eles desejavam avançar contra as intenções do governo. Secretamente, no entanto, o Senador recebia “favores” de uma fonte muito alta. “Favores” de caráter financeiro. Chegou o momento em que era desejável “desprender” o Senador. O registro escrito de seus “favores” foi retirado de seu local de suposta segredo, um sistema de jornais que sempre foi o órgão pronto da Jewry Americana fez a exposição, e um público indignado fez o resto. Não poderia ter sido feito se o homem não tivesse sido comprometido primeiro; não poderia ter sido feito sem a conivência de certos jornais; nunca teria sido feito se os mestres do Senador não quisessem. No entanto, foi feito.

No Décimo Quarto Protocolo, que começa “Quando nos tornarmos governantes,” é descrito como os povos gentios

terão se tornado desesperançados quanto a qualquer melhoria das condições através de mudanças de governo, e, portanto, aceitarão a promessa de estabilidade que os protocolistas da época estarão preparados para oferecer:

**"As massas se tornarão tão saciadas com as intermináveis mudanças de administração que nós instigamos entre os gentios quando estávamos minando suas instituições governamentais, que elas tolerarão qualquer coisa de nós * * *"*

O oficial que é trocado mais rapidamente neste país é o homem que questiona certas questões que vêm de fontes judaicas. Deve haver um pequeno exército de tais homens nos Estados Unidos hoje. Alguns deles não sabem nem agora como isso aconteceu. Alguns ainda estão se perguntando por que informações perfeitamente legítimas e patrióticas foram perdidas em um silêncio gélido quando foram enviadas, e por que perderam o favor por tê-las enviado.

O Nono Protocolo está cheio das alegações mais surpreendentes, das quais estas podem servir como ilustração:

"Atualmente, se algum governo levanta uma protesto contra nós, é apenas por questão de forma, está sob nosso controle, e é feito sob nossa direção, pois o anti-semitismo deles é necessário para manter a ordem entre nossos irmãos menores. Não vou explicar mais sobre isso, pois já foi o assunto de inúmeras discussões entre nós."

Esta doutrina sobre a utilidade do anti-semitismo e a desirabilidade de criá-lo onde não existe pode ser encontrada nas palavras de líderes judeus, tanto antigos quanto modernos.

"Na realidade, não há obstáculos diante de nós.

Nosso super-governo tem um status tão extra-legal que pode ser chamado pela palavra enérgica e forte — ditadura. Posso conscientemente dizer que, no momento, somos nós os legisladores."

Neste Protocolo, essa alegação é feita:

"De fato, já eliminamos todos os governos, exceto o nosso, embora de jure ainda existam muitos outros."

Isso é simples: os governos ainda existem, sob seus próprios nomes, com autoridade sobre seu próprio povo; mas o super-governo tem influência incontestada sobre todos eles em questões relativas à Nação Judaica e, particularmente, em questões que dizem respeito ao propósito do "Judeu Internacional."

O Oitavo Protocolo mostra como isso pode ser feito:

"Por enquanto, até que seja seguro dar posições de governo responsáveis aos nossos irmãos judeus, os confiaremos a pessoas cujo passado e caráter sejam tais que exista um abismo entre eles e o povo; pessoas, para as quais, em caso de desobediência às nossas ordens, restará apenas julgamento ou exílio (da vida pública), forçando-os a proteger nosso interesse até o último suspiro."

No Nono Protocolo, novamente há esta referência aos fundos de campanha:

"A divisão em partidos os colocou todos à nossa disposição, pois, para conduzir uma luta partidária, é necessário ter dinheiro, e nós temos todo o dinheiro."

Houve muitas investigações sobre os fundos de campanha. Nenhuma delas nunca foi profunda o suficiente para investigar as fontes "internacionais" desses fundos.

Agora, nos Estados Unidos, durante os últimos cinco anos, vimos uma administração quase completamente judaizada controlando todas as atividades de guerra do povo americano. A função do governo organizado regularmente dos Estados Unidos, durante esse período, foi praticamente

limitada à votação de dinheiro. Mas a administração da parte empresarial da guerra estava sob o controle de um governo dentro de um governo, e esse governo interno e extra era judaico.

É claro que, frequentemente, se pergunta por que isso aconteceu. A primeira resposta dada é que os judeus que foram imediatamente colocados no comando da administração empresarial da guerra eram homens competentes, os homens mais competentes que poderiam ser encontrados. Essa foi, de fato, a resposta dada a uma investigação sobre o motivo de uma grande parte da política externa dos Estados Unidos depender do conselho de um determinado grupo de judeus — eles eram os homens que sabiam, ninguém mais sabia tanto, os oficiais escolhidos pelo povo tinham o direito de selecionar o conselho mais eficiente e capaz que poderiam encontrar.

Muito bem, deixemos isso de lado. Deixemos a explicação de que, em todos os Estados Unidos, os judeus eram as únicas pessoas encontradas que poderiam lidar com a emergência com facilidade magistral. Veremos mais dessa fase da questão em outro momento. A guerra não está em discussão neste artigo, apenas o fato de que, em uma emergência, o governo se tornou distintamente judaico.

Mas o Segundo Protocolo parece lançar um pouco de luz sobre a questão:

**"Os administradores escolhidos por nós entre as massas, por sua servilidade, não serão pessoas treinadas para o governo, e, consequentemente, se tornarão facilmente peões em nosso jogo, jogado por nossos conselheiros eruditos e talentosos, especialistas educados desde a infância para administrar os assuntos mundiais. Como sabemos, nossos especialistas têm adquirido o conhecimento necessário para governar * * "*

A linguagem é um pouco crua, como geralmente acontece quando gentios estão em discussão. Mas o mesmo fato, ou

seja, que especialistas judeus vieram em auxílio de administradores gentios em uma emergência, quando dito para consideração do público geral, pode ser muito bem formulado.

O administrador gentio não treinado deve ter ajuda; sua falta de preparo torna isso necessário. E quem sabe disso melhor do que aqueles que têm a ajuda para oferecer? O público gentio foi ensinado a suspeitar do homem que teve experiência em política ou governo. Isso, claro, torna toda a situação ainda mais fácil para aqueles cuja especialidade é dar "ajuda." Os interesses que eles mais ajudam, quando descobertos, lançarão uma forte luz sobre seu zelo.

Mas, em tudo o que os Protocolos dizem sobre o ângulo político do Programa Mundial, nada é tão interessante quanto o que diz respeito à seleção e ao controle dos presidentes. O plano todo é delineado no Décimo Protocolo. O fato de que o Presidente da França parece ter sido o foco é uma localidade; o plano é aplicável em outros lugares; de fato, tem em outros lugares sua ilustração mais perfeita.

Esse Décimo Protocolo, então, leva gradualmente ao assunto, rastreando a evolução dos governantes de autocratas para presidentes, e das nações de monarquias para repúblicas.

A linguagem deste trecho é particularmente reprovável, mas não mais do que a que pode ser encontrada na literatura judaica atual, onde se jacta do poder. Embora toda a atitude seja desagradável, ela é valiosa ao mostrar em que luz os apoiadores do Programa dos Protocolos veem os gentios e suas dignidades. Deve-se ter em mente que o ideal judaico não é um presidente, mas um príncipe e um rei. Os estudantes judeus da Rússia marcharam pelas ruas em 1918 cantando este hino:

"Nós vos demos um Deus; agora vamos vos dar um Rei." A nova bandeira da Palestina, agora permitida para ser

exibida sem impedimentos, carrega insígnias, assim como toda sinagoga, de um rei judeu. A esperança judaica é que o Trono de Davi seja estabelecido novamente, como, sem dúvida, será. Nenhuma dessas coisas deve ser condenada de forma alguma, nem deve ser vista de outra maneira senão com um respeito decente, mas elas devem ser lembradas como uma luz lateral para o desprezo expresso pelos presidentes e legislaturas gentias.

O Décimo Protocolo chega ao tema do Presidente da seguinte forma:

“Então a ascensão da era republicana se tornou possível, e então, no lugar de um soberano, substituímos uma caricatura dele, um presidente escolhido da multidão * * * Tal foi a fundação da mina que colocamos sob o povo gentio, ou mais precisamente, os povos gentios.”

É com um certo choque que se lê que homens com um “passado” são especialmente favorecidos para o cargo presidencial. Homens com um “passado” se tornaram presidentes em vários países, incluindo os Estados Unidos, não há dúvida disso. Em alguns casos, o escândalo específico que constituiu o “passado” foi publicamente conhecido; em outros casos, foi abafado e perdido em um emaranhado de rumores. Em pelo menos um caso, foi feito a propriedade especial de um sindicato de homens que, enquanto protegiam o oficial do conhecimento público, o obrigaram a pagar bem caro por seus serviços. Homens com um “passado” não são incomuns, e nem sempre é o “passado”, mas o seu encobrimento que mais os preocupa, e nesta falta de franqueza, nesta desconfiança na compreensão e misericórdia do povo, eles geralmente caem em outra escravidão, ou seja, a escravidão do chantagem política ou financeira.

“Nós manipularemos a eleição de presidentes cujo passado contenha algum assunto sombrio não revelado, algum ‘Panamá’, então eles serão fiéis executores de nossas ordens por medo de exposição e pelo desejo natural de

todo homem que tenha alcançado uma posição de autoridade de manter os privilégios, emolumentos e a dignidade associados à posição de presidente.”

O uso da palavra “Panamá” aqui se refere aos vários escândalos que surgiram nos círculos políticos franceses sobre os esforços originais para construir o Canal do Panamá. Se a forma atual dos Protocolos tivesse sido escrita em uma data posterior, eles poderiam ter se referido aos escândalos do “Marconi wireless” na Inglaterra — embora, em uma segunda análise, não o fariam porque certos homens estavam envolvidos que não eram gentios. Herzl, o grande líder sionista judeu, usa a expressão em “O Estado Judeu”. Falando sobre a administração dos negócios da Palestina, ele diz que a Sociedade dos Judeus “cuidará para que o empreendimento não se torne um Panamá, mas um Suez.” O fato de a mesma expressão aparecer em Herzl e nos Protocolos é significativo; também tem outro significado que será descrito em outro momento. Deve ficar claro para o leitor, no entanto, que ninguém escrevendo para o público geral hoje se referiria a um “Panamá” no passado de um homem. A referência não seria compreendida.

É esta prática de manter um homem sob obrigação que torna necessário, por parte do verdadeiro publicista, dizer a verdade e toda a verdade sobre os aspirantes ao cargo público. Não basta dizer de um candidato que ele “começou como um garoto pobre” e depois se tornou “bem-sucedido.” Como ele se tornou bem-sucedido? Como explicar o “sucesso” de sua fortuna? Às vezes, a pista leva fundo na vida doméstica do candidato. Pode-se contar de um homem, por exemplo, que ajudou outro a sair de um apuro casando-se com a mulher envolvida, e recebeu uma quantia de dinheiro por isso. Pode-se contar de outro que foi implicado por suas relações excessivamente amistosas com a esposa de outro, mas foi aliviado de sua situação pela astuta diplomacia de poderosos amigos, a quem sentiu

estar eternamente em dívida de honra. É estranho que, pelo menos nos assuntos americanos, a nota feminina seja predominante. Nos nossos cargos mais altos, isso aconteceu com mais frequência do que qualquer outra coisa, mais vezes do que a nota financeira.

Nos países europeus, no entanto, onde o fato de um homem estar envolvido ilicitamente com uma mulher não carrega um peso tão forte de vergonha, os homens controlados têm “passados” de outra natureza.

O assunto todo é extremamente repulsivo, mas a verdade tem seus deveres cirúrgicos a cumprir, e este é um deles. Quando, por exemplo, se estuda uma assembleia fundamental como a da Conferência de Paz, e os homens que estão mais sujeitos à influência judaica são isolados, e sua história passada é cuidadosamente rastreada, não há quase nenhuma dificuldade em determinar o momento preciso em que eles passaram para aquela condição fatídica que, embora não os tenha impedido de receber honras públicas por uma hora, os fez inalteravelmente servos de um poder que o público não via. O espetáculo desconcertante que o observador vê dos grandes líderes das raças anglo-saxônicas, intimamente cercados e continuamente aconselhados pelos príncipes da raça semítica, é explicado apenas por um conhecimento do “passado” desses líderes e aquelas palavras dos Protocolos: “Nós manipularemos a eleição de presidentes cujo passado contenha algum assunto sombrio não revelado.”

E onde essa dominação judaica dos oficiais é claramente aparente, pode-se supor com segurança que a custódia do segredo está quase inteiramente com essa raça. Quando a necessidade surgir, pode ser um serviço público para aqueles que estão em posse dos fatos torná-los públicos — não com o propósito de destruir reputações, mas para condenar para todo o sempre uma prática tão covarde.

Politicamente, como nos dizem os publicistas judeus, os judeus não votam como um grupo. Por isso nos dizem que não têm influência política. Além disso, nos dizem que estão tão divididos entre si que não podem ser levados em uma só direção.

Pode ser verdade que, quando se trata de ser a favor de algo, a comunidade judaica possa mostrar uma opinião de maioria e minoria — uma pequena minoria, provavelmente. Mas, quando se trata de ser contra algo, a comunidade judaica é sempre uma unidade.

Esses são fatos aos quais qualquer político de bairro pode atestar. Qualquer homem na vida política pode testar isso por si mesmo, anunciando que não permitirá ser dominado por judeus ou qualquer outra pessoa. Basta que ele mencione judeus dessa maneira; ele não precisará mais ler sobre a solidariedade judaica; ele a sentirá. Não que, em uma votação, essa solidariedade judaica possa realizar tudo o que deseja; a força política do judeu não está em seu voto, mas no “poder” de, digamos, sete homens no centro do governo. Os judeus, uma minoria política no que diz respeito a votos, foram uma maioria política no que diz respeito à influência, durante os últimos cinco anos. Eles governaram. Eles se vangloriam disso. O marco do seu governo está em todos os lugares.

A nota que todos observam na política, como na Imprensa, é o medo dos judeus. Esse medo é tal que em nenhum lugar os judeus são discutidos como são, digamos, os armênios, os alemães, os russos ou os hindus. O que é esse medo senão um reflexo do conhecimento do poder dos judeus e de sua implacabilidade no uso dele? É possivelmente verdade, como muitos publicistas judeus dizem, que o que se chama de anti-semitismo é apenas um pânico de medo. É um receio do desconhecido. O espetáculo sobrenatural de um povo aparentemente pobre que é mais rico que todos, de uma minoria muito pequena

que é mais poderosa que todos, cria fantasmas diante da mente.

É muito significativo que aqueles que mais assumem representar os judeus estejam bastante contentes que o medo exista. Eles desejam que ele exista. Manter isso delicadamente equilibrado e sempre presente, embora não de forma excessivamente intrusiva, é uma arte que eles praticam. Mas uma vez que o equilíbrio é ameaçado, sua crueza aparece instantaneamente. Então vem a ameaça, com a qual se espera restabelecer o medo novamente. Quando a ameaça falha, vem o lamento do anti-semitismo.

Como é estranho isso, que os judeus não vejam que a forma mais abjeta de anti-semitismo é justamente esse medo que eles estão dispostos a que seus vizinhos sintam por eles. Esse medo é “semtofobia” em sua pior forma. Inspirar medo — o que é mais temido pelo homem normal, e ainda o que mais agrada uma raça inferior?

Agora, um grande serviço é prestado quando o povo é emancipado desse medo. É o processo de emancipação que os publicistas judeus atacam. É isso que eles chamam de anti-semitismo. Não é anti-semitismo de forma alguma; é o único curso que pode evitar o anti-semitismo.

O processo envolve várias etapas. A extensão do poder judeu deve ser mostrada. A isso, é claro, há forte objeção judaica, embora nenhuma refutação forte possa ser feita.

Em seguida, a existência desse poder deve ser explicada. Ela só pode ser explicada pela Vontade de Poder judaica, como pode ser chamada, ou pelo programa deliberado que é seguido na obtenção do poder. Quando o método é explicado, metade do dano é desfeito. O judeu não é um super-homem. Ele é brilhante, ele é intenso, sua filosofia das coisas materiais o deixa livre para fazer muitas coisas das quais seu vizinho recua; mas, dadas as mesmas vantagens, ele não é um super-homem. O ianque é mais do que seu igual a qualquer momento, mas o ianque tem uma

inclinação inata para observar as regras do jogo. Quando o povo souber como esse poder é conquistado — quando for informado de como, por exemplo, o controle político é apreendido, como foi nos Estados Unidos, o próprio método tira todo o glamour do poder e o mostra como uma coisa bastante sórdida, afinal.

Esta série de artigos está tentando tomar essas etapas ordenadas, e acredita-se que o esforço completo justificará a si mesmo para mentes razoáveis, tanto judias quanto gentias.

No artigo atual, um meio importante de poder foi descrito com base na autoridade dos Protocolos. Se o método delineado pelos Protocolos vale a pena ser considerado ou não depende inteiramente de se pode ser encontrado nos assuntos atuais hoje. Pode ser encontrado. Os dois coincidem. O paralelo é completo. Seria bom para o judeu, é claro, se nenhum vestígio dele pudesse ser encontrado nem no programa escrito nem no programa atual. Mas ele está lá, e é ilógico para ele culpar qualquer um, exceto a si mesmo, por estar lá. Certamente, é uma defesa pequena contra o fato lançar abusos sobre quem revela o fato. Concordamos que os judeus são inteligentes, mas não são tão inteligentes a ponto de cobrir seu trabalho. Há um certo elemento de fraqueza neles que revela o assunto inteiro no final. E mesmo a revelação não significaria muito se a coisa revelada não fosse errada. Mas essa é a fraqueza do programa judaico — ele é errado. Os judeus nunca alcançaram um sucesso tão grande que o mundo não possa contestá-lo. O mundo está envolvido em uma grande tática de contestação agora, e se ainda há profetas entre os judeus, eles devem guiar seu povo por outro caminho.

A prova e o fruto de qualquer exposição do Programa Mundial é a remoção do elemento de medo dos povos entre os quais os judeus vivem.

Edição de 18 de setembro de 1920.

“Em um mundo de soberanias territoriais completamente organizadas, ele (o judeu) tem apenas duas possíveis cidades de refúgio; ele deve ou derrubar os pilares de todo o sistema de estado nacional, ou criar uma soberania territorial própria... No Leste Europeu, o bolchevismo e o sionismo parecem crescer lado a lado... não porque o judeu se importe com o lado positivo da filosofia radical, não porque deseje ser um partícipe no nacionalismo gentio ou na democracia gentia, mas porque nenhum sistema gentio existente é, para ele, algo mais do que repulsivo.”

XIX.

A Marca Totalmente Judaica na “Rússia Vermelha”

Agora vamos interromper brevemente o comentário que temos feito sobre os Protocolos, para esclarecer de uma vez por todas certas afirmações errôneas feitas para o consumo gentio.

Para aprender o que os líderes judeus dos Estados Unidos ou de qualquer outro país pensam, não leia seus discursos para os gentios; leia seus discursos para o seu próprio povo. Sobre questões como estas — Se o judeu se considera destinado a governar o mundo; se ele se considera pertencente a uma nação e raça distintas de todas as outras nações e raças; se ele considera o mundo gentio como o campo legítimo de sua exploração por um método moral inferior ao que é permitido entre seu próprio povo; se ele conhece e compartilha os princípios dos Protocolos — sobre questões como estas, o único guia seguro é encontrado nas palavras que os líderes judeus falam aos judeus, não nas palavras que falam aos gentios.

Os nomes judeus notáveis que aparecem com mais frequência na imprensa não representam os porta-vozes do judaísmo, mas apenas um grupo selecionado que representa o Departamento de Propaganda entre os Gentios. Às vezes, essa propaganda assume a forma de

doações para organizações de caridade cristãs; às vezes, ela se apresenta como uma “opinião liberal” sobre questões religiosas, sociais e políticas. Seja qual for a forma, pode-se depender do fato de que as reais atividades da hierarquia judaica acontecem sob o disfarce do que o gentio é convidado a observar e aprovar.

As afirmações oferecidas nesta série nunca são feitas sem a mais rigorosa e completa prova, confirmação e corroboração nas declarações dos líderes judeus. Esta é uma das características estranhas da multitude de ataques judeus a esta série: eles estão atacando o que eles mesmos defendem, e sua única razão para o ataque deve ser a crença de que esta investigação não foi capaz de penetrar no que tem sido mantido oculto do mundo.

As negações mais persistentes foram feitas à afirmação de que o bolchevismo em todos os lugares, na Rússia ou nos Estados Unidos, é judeu. Nessas negações, talvez encontremos um dos exemplos mais descarados da dupla intenção mencionada acima. A negação do caráter judeu do bolchevismo é feita para o gentio; — mas na confiança e no sigilo da comunicação judaica, ou enterrada no dialeto iídiche, ou obscuramente escondida na imprensa nacional judaica, encontramos a orgulhosa afirmação feita — para o seu próprio povo! — de que o bolchevismo é judeu.

A propaganda judaica tem apenas dois palmos a que se apegar na terrível história de assassinatos, imoralidade, roubo, fome forçada e humanismo hediondo que tornam a situação atual da Rússia impossível de descrever e quase impossível de compreender.

Um desses palmos é que Kerensky, o homem que introduziu a cunha inicial do bolchevismo, não é judeu. De fato, uma das indicações mais fortes de que o bolchevismo é judeu é que a imprensa judaica enfatiza tão ferozmente o suposto gentilhismo de pelo menos dois dos notáveis revolucionários. Pode ser cruel negar a eles dois entre centenas, mas apenas dizer isso não pode mudar a

nacionalidade de Kerensky. Seu nome é Adler. Seu pai era judeu e sua mãe era judia. Adler, o pai, morreu, e a mãe se casou com um russo chamado Kerensky, cujo nome o jovem filho adotou. Entre os radicais que o empregaram como advogado, entre as forças que o colocaram à frente para pregar o primeiro prego na cruz da Rússia, entre os soldados que lutaram com ele, sua descendência e caráter judeus nunca foram questionados.

“Bem, mas e Lenin”, dizem nossos publicistas judeus — “Lenin, o cabeça de tudo, o cérebro de tudo, e Lenin é gentio! Pegamos você aí — Lenin é gentio!”

Talvez ele seja, mas por que seus filhos falam iídiche? Por que suas proclamações são feitas em iídiche? Por que ele aboliu o domingo cristão e estabeleceu por lei o sábado judaico?

A explicação para tudo isso pode ser que ele casou com uma judia. O fato é que ele casou. Mas outra explicação pode ser que ele mesmo seja judeu. Certamente ele não é o nobre russo que sempre alegou ser. As declarações que ele fez sobre sua identidade até agora foram mentiras. A alegação de que ele é gentio também pode ser infundada.

Ninguém jamais duvidou da nacionalidade de Trotsky — ele é judeu. Seu nome é Braunstein. Recentemente, os gentios foram informados de que Trotsky disse que não era nada — em religião. Isso pode ser verdade. Mas ele ainda deve ser algo — senão por que as igrejas cristãs russas são transformadas em estábulos, matadouros e salões de dança, enquanto as sinagogas judaicas permanecem intactas? E por que padres e ministros cristãos são forçados a trabalhar nas estradas, enquanto os rabinos judeus mantêm seus privilégios clericais? ‘Trotsky pode não ser nada em religião, mas ele é judeu, sem dúvida. Isso não é apenas uma insistência gentia de que ele deve ser considerado judeu, seja ou não; é um ensino judeu direto que ele é. Em uma discussão futura sobre “religião ou

raça?” mostraremos que, mesmo sem religião, Trotsky é, e é considerado por todas as autoridades judaicas, um judeu.

Uma desculpa deve ser feita aqui por repetir fatos bem conhecidos. No entanto, tantas pessoas ainda não sabem o verdadeiro significado do bolchevismo, que, à custa de monotonia, citaremos alguns dos fatos mais salientes. O propósito, no entanto, não é apenas explicar a Rússia, mas lançar uma luz de advertência sobre as condições nos Estados Unidos.

O Governo Bolchevique, como estava no final deste verão, quando o último relatório foi contrabandeado para certas autoridades, revela o domínio judaico de toda a questão. Mudou muito pouco desde o início. Damos apenas alguns itens para indicar a proporção. Não se deve supor que os membros não judeus do governo sejam russos.

Muito poucos russos têm algo a dizer sobre seu próprio país nos dias de hoje. A chamada “Ditadura do Proletariado”, na qual o proletariado não tem nada a dizer, é russa apenas no sentido de que está estabelecida na Rússia; não é russa no sentido de que surge ou inclui o povo russo. É o programa internacional dos Protocolos, que poderia ser “implantado” por uma minoria em qualquer país, e que está recebendo um ensaio geral na Rússia.

Tabela Mostrando o Controle Judaico da Rússia

	Número de Membros	Número de Membros Judeus	Porcentagem de Judeus
Conselho de Comissários do Povo	22	17	77.2%
Comissariado do Povo sobre Guerra e Assuntos da Marinha	43	33	76.7%

Comissariado do Povo para Relações Exeriores	16	13	81.2%
Comissariado das Finanças	30	24	80%
Comissariado da Justiça	21	20	95.2%
Comissariado do Povo Para Educação	53	42	79.2%
Comissariado do Povo para Assistência Social	6	6	100%
Comissariado do Povo do Trabalho	8	7	87.5%
Delegados da Cruz Vermelha Bolchevique em Berlim, Viena, Varsóvia, Bucareste e Copenhague	8	8	100%
Comissários das Províncias	23	21	91.3%
Jornalistas	41	41	100%

Essas são figuras esclarecedoras. O leitor notará que a porcentagem de judeus é alta em todos os momentos, nunca inferior a 76% em nenhum caso. (Curiosamente, a menor porcentagem de judeus é encontrada no Comissariado da Guerra.) Mas, nos comitês que lidam mais de perto com as massas, bem como nos comitês de defesa e propaganda, os judeus ocupam literalmente todos os cargos.

Lembre-se do que os Protocolos dizem sobre o Controle da Imprensa: lembre-se do que o Barão Montefiore disse sobre isso, e depois observe os Jornalistas do Governo. Esse comitê é composto por 41 homens, e todos os 41 são judeus. Apenas canetas judaicas são confiadas à propaganda bolchevique.

E então, os chamados “delegados da Cruz Vermelha”, que são apenas delegados revolucionários vermelhos para as cidades mencionadas — dos 8, todos são judeus.

O Comissariado de Assistência Social, cuja palavra é a que decide a vida e os privilégios de dezenas de milhares — há 6 membros, e os 6 são judeus. E assim por diante na lista.

Dos 53 membros do Comissariado de Instrução Pública, 11 são notados como não-judeus. Mas que tipo de não-judeus não é especificado. Eles podem ser “não-judeus como Lenin”, cujos filhos falam o iídiche como sua língua nativa. Seja o que for, há um detalhe sobre sua atitude no fato de que os bolcheviques imediatamente assumiram todas as escolas hebraicas e as mantiveram como estavam, estabelecendo uma regra de que a antiga língua hebraica deveria ser ensinada nelas. A antiga língua hebraica é o veículo dos segredos mais profundos do Programa Mundial.

E para as crianças gentias russas —? “Por quê,” disseram esses gentis educadores judeus, “nós as ensinaremos sobre sexo. Vamos tirar da mente delas as teias de aranha. Elas devem aprender a verdade sobre as coisas!” — com consequências que são demasiado lamentáveis para narrar. Mas isso pode ser dito: sem dúvida houve mortes entre judeus inocentes quando a Hungria se libertou do bolchevismo vermelho de Bela Kun (ou Cohen). Os judeus podem bem chamar isso de “Terror Branco” que se seguiu ao fracasso de recriar a tragédia da Rússia na Hungria. Mas há montanhas de evidências para mostrar que nada teve efeito tão potente em produzir o derramamento de sangue do “Terror Branco” quanto as mentes indignadas dos pais cujos filhos foram obrigados a passar por lamaçais de imundície durante o curto período em que os bolcheviques judeus estiveram à frente das escolas.

Os judeus americanos não gostam de ouvir isso. O fato de se afastarem disso seria muito honroso para eles, se não voltassem imediatamente à defesa das pessoas que fazem

essas coisas. É amplamente conhecido que a castidade dos cristãos não é tão altamente valorizada pelo judeu ortodoxo quanto a castidade de seu próprio povo, mas seria agradável ter a certeza de que todos condenam o que aconteceu na Rússia e na Hungria no que diz respeito à educação. No entanto, como a maioria das influências que destroem a juventude gentia hoje — na América — está nas mãos dos judeus, e como está claramente afirmado nos Protocolos que uma das linhas de campanha é “corromper a juventude dos gentios”, a situação exige algo mais do que meros sentimentos negativos e negações raivosas sempre que esses fatos forem mencionados.

Não é o experimento econômico, assim chamado, que se reprova na Rússia; não são as falácias, a triste ilusão do povo. Não. É a imoralidade descarada, a brutalidade repulsiva de tudo isso; e a linha que a imoralidade e a repulsividade desenham entre judeus e gentios. A terrível crueldade envolvida não será tratada aqui, deixando-a apenas com a explicação que foi expressa na imprensa judaica de que “pode ser que o judeu na Rússia esteja se vingando inconscientemente por seus séculos de sofrimento.”

"Mas", pergunta algum leitor, "como podemos saber que tudo isso é verdade?"

Tendo em mente que estamos falando da Rússia, não pelo interesse da situação russa, mas para indicar o caráter internacional daqueles que são responsáveis pelas condições lá, e para identificá-los para a proteção dos Estados Unidos, vamos analisar as evidências.

Há, é claro, as evidências trazidas à tona pelo próprio Senado dos Estados Unidos e impressas em um Relatório do Comitê de Justiça. Não queremos gastar muito tempo com isso, pois preferimos, nestes artigos, usar o testemunho judeu em vez do gentio. Mas vamos pausar o suficiente para mostrar a natureza do testemunho trazido por nosso próprio governo.

Dr. George A. Simons, um clérigo responsável por uma congregação americana em Petrogrado na época em que o terror bolchevique começou, foi uma testemunha. Partes de seu testemunho são dadas aqui:

"*Havia centenas de agitadores que seguiram os passos de Trotsky-Bronstein, esses homens tinham vindo do lado leste de Nova York... Muitos de nós ficamos impressionados com o estranho elemento iídiche nisso desde o início, e logo ficou evidente que mais da metade dos agitadores no movimento chamado bolchevique eram iídiches.*"

"Senador Nelson—'Hebreus?'

'Dr. Simons—'Eram hebreus, judeus apóstatas. Eu não quero dizer nada contra os judeus, como tal. Não estou em simpatia com o movimento anti-semita, nunca estive e não espero estar... Mas tenho uma convicção firme de que isso é iídiche, e que uma das suas bases é encontrada no lado leste de Nova York.'"

"Senador Nelson—'Trotsky veio de Nova York naquele verão, não veio?'

'Dr. Simons—'Veio sim.'

Mais tarde, o Dr. Simons disse: "Em dezembro de 1918, sob a presidência de um homem conhecido como Apfelbaum * * * dos 388 membros, apenas 16 eram russos de verdade, e todos os outros eram judeus, com exceção talvez de um homem, que é um negro da América, que se chama Professor Gordon * * * e 265 desse governo da comuna do norte que está sentado no Antigo Instituto Smolny vieram do lado leste de Nova York—265 deles. * * *"

"*Eu poderia mencionar isso, que quando os bolcheviques assumiram o poder, por toda Petrogrado tivemos imediatamente uma predominância de proclamações iídiches, grandes cartazes e tudo em iídiche. Ficou muito*

evidente que agora isso seria uma das grandes línguas da Rússia; e os verdadeiros russos, é claro, não aceitaram muito bem."

William Chapin Huntington, que era adido comercial da Embaixada dos Estados Unidos em Petrogrado, testemunhou:

"Os líderes do movimento, eu diria, são cerca de dois terços judeus russos * * * Os bolcheviques são internacionalistas, e não estavam interessados nos ideais nacionais específicos da Rússia."

William W. Welch, um empregado do National City Bank, de Nova York, testemunhou:

"Na Rússia é bem conhecido que três quartos dos líderes bolcheviques são judeus * * * Havia alguns — não muitos, mas havia alguns — russos de verdade; e o que eu quero dizer por russos de verdade é russos nascidos na Rússia, e não judeus russos."

Roger E. Simmons, comissário de Comércio ligado ao Departamento de Comércio dos Estados Unidos, também testemunhou. Uma importante testemunha anônima, a quem o comitê permitiu que mantivesse seu nome em sigilo, disse as mesmas coisas.

O Livro Branco Britânico, Rússia, nº 1 — "Uma Coleção de Relatórios sobre o Bolchevismo na Rússia, apresentada ao Parlamento por Ordem de Sua Majestade, abril de 1919," contém uma grande quantidade de testemunhos de várias fontes, todas elas testemunhas oculares.

Na muito respeitada revista Asva, de fevereiro-março de 1920, há um artigo que contém, entre outros importantes, essas declarações: (as itálicas são nossas)

"Em todas as instituições bolcheviques, os chefes são judeus. O Assistente Comissário para a Educação Primária, Grunberg, mal consegue falar russo. Os judeus têm sucesso em tudo e atingem seus objetivos. Eles sabem

como comandar e obter total submissão. Mas são orgulhosos e desdenhosos de todos, o que provoca fortemente a revolta do povo contra eles * * * No momento atual, há um grande fervor religioso nacional entre os judeus. Eles acreditam que o tempo prometido do domínio dos eleitos de Deus na Terra está chegando. Eles conectaram o judaísmo com uma revolução universal. Eles veem na propagação da revolução o cumprimento das Escrituras: 'Embora eu faça um fim de todas as nações, para onde te espalhei, ainda assim não farei um fim de ti.'"

Agora, se a prova gentia fosse necessária, os arquivos do *Dearborn Independent* durante um ano inteiro não começariam a conter tudo. Mas a prova judaica é melhor.

Houve uma estranha vacilação na opinião judaica sobre o bolchevismo. No início, foi saudado com entusiasmo. Não houve qualquer tentativa de ocultar, nos primeiros dias do novo regime, o papel que o judaísmo teve nele. Reuniões públicas, entrevistas, artigos especiais saíram, nos quais elementos muito valiosos de verdade estavam misturados. Não houve tentativa de ocultar nomes.

Então o horror do que estava acontecendo começou a se espalhar pelo mundo, e por um breve momento, a opinião judaica caiu em silêncio. Houve uma negação espasmódica ou duas. Depois, um novo surto de glorificação. A glorificação continua dentro do próprio judaísmo, mas agora carrega do lado gentio de seu rosto uma expressão muito triste rotulada como "perseguição."

Vivemos para ver o dia em que denunciar o bolchevismo é "perseguir os judeus."

No *American Hebrew*, de 10 de setembro de 1920, aparece um artigo que não apenas reconhece e explica o papel que o judeu desempenha na atual agitação e revolução, mas o justifica — e o justifica, curiosamente, pelo Sermão da Montanha.

O escritor diz que “o judeu evoluiu o capitalismo organizado com sua ferramenta de trabalho, o sistema bancário.”

Isso é muito revigorante, considerando as inúmeras negações judaicas deste fato econômico.

“Um dos fenômenos impressionantes deste tempo impressionante é a revolta do judeu contra o Frankenstein que sua própria mente concebeu e sua própria mão moldou * * *” Se isso é verdade, por que o “capital organizado judeu com sua ferramenta de trabalho, o sistema bancário” está apoiando a revolta?

“Aquele feito (referindo-se à derrubada russa), destinado a figurar na história como o resultado predominante da Primeira Guerra Mundial, foi em grande parte o resultado do pensamento judaico, do descontentamento judaico, do esforço judaico para reconstruir.”

“Este rápido surgimento da revolução russa, saindo da fase destrutiva e entrando na fase construtiva, é uma expressão conspícua do gênio construtivo do descontentamento judaico.”

(Isto, é claro, requer prova de que a fase construtiva surgiu. A implicação aqui é pura propaganda. Os Protocolos, no entanto, têm um programa reconstrutivo. Ainda não chegamos a ele nesta série de artigos, mas ele está claramente delineado nos Protocolos — destruir a sociedade gentia e, em seguida, reconstruí-la de acordo com os "nossos" planos.)

Agora leia cuidadosamente:

“O que o idealismo judaico e o descontentamento judaico poderosamente contribuíram para realizar na Rússia, as mesmas qualidades históricas da mente e do coração judaicos ESTÃO TENDENDO A PROMOVER EM OUTROS PAÍSES.”

Leia novamente. “O que o idealismo judaico e o descontentamento judaico poderosamente contribuíram para realizar na Rússia!” O que exatamente foi isso? E como ele “poderosamente contribuiu?”

E por que “idealismo judeu” e “descontentamento judeu” estão sempre ligados? Se você ler os Protocolos, tudo fica muito claro. O idealismo judeu é a destruição da sociedade gentia e a construção da sociedade judaica. Não foi assim na Rússia? — Proclamações em iídiche nas paredes, o hebraico antigo nas escolas, o sábado substituindo o domingo, e os rabinos respeitados enquanto os sacerdotes eram colocados para trabalhar nas estradas! Tudo “contribuído poderosamente” por assassinato, rapina, roubo e fome.

Nosso autor é mais sincero do que imagina. Ele chama esse idealismo e descontentamento ligados de “as qualidades históricas da mente judaica.” O *Dearborn Independent* lhe deve essa confirmação clara do que tem dito há algum tempo.

Mas isso não é tudo. "Essas mesmas qualidades históricas da mente judaica" que "contribuíram poderosamente para realizar na Rússia" o Terror Vermelho ainda existente lá, são declaradas por este autor como tendendo a promover o mesmo tipo de coisa em outros países. Ele diz isso com todas as palavras — “tendendo a promover em outros países.”

Mas já sabíamos disso. A única diferença é que quando os gentios diziam isso, eram sobrecarregados com os mais selvagens abusos; mas agora, um escritor pró-judeu diz isso em uma publicação judaica de destaque. E ele diz isso de forma apologética — ouça-o:

“Foi natural que * * * o descontentamento em outras partes do mundo encontrasse expressão em exagerar questões e distorcer objetivos.”

Que descontentamento? Descontentamento judeu, claro. Descontentamento com o quê? Com qualquer forma de governo gentio. E como ele encontrou expressão? “Em exagerar questões e distorcer objetivos.” Quais eram essas questões e objetivos? Trazer a revolução bolchevique para os Estados Unidos.

Não, eles não exageraram seus objetivos; eles os declararam exatamente — simplesmente escolheram o país errado, só isso.

Há bolcheviques russos neste país agora, vendendo nas ruas de Nova York os cases de cigarro de ouro que roubaram de famílias russas, e as joias de família, os anéis de casamento e de aniversário, que furtaram das mulheres russas. O bolchevismo nunca foi mais longe do que a ideia de uma casa de penhores e “fence” de ladrão. A prova desse tráfico de bens roubados vai fazer com que algumas pessoas se escondam em breve. Vai demorar muito, muito tempo antes que a América comece a receber ordens em iídiche, ou que as mulheres americanas entreguem suas joias para “a raça escolhida.”

No entanto, isso acontece de ser apenas o reconhecimento mais recente que chegou até nós. É significativo pela confissão de que o "descontentamento judeu" estava “tendendo a promover” em “outros países” o que ele "contribuiu poderosamente para realizar na Rússia."

E com tal vínculo entre o *American Hebrew*, o bolchevismo russo e os Protocolos, ainda existem publicistas judeus com a coragem de dizer que apenas “pessoas loucas poderiam ver a conexão.” Apenas pessoas cegas não verão isso. Mas isso é apenas uma conexão menor. Esta série de artigos não se baseia em algo tão acidental como essa desculpa judaica de Ano Novo para o bolchevismo na grande publicação hebraica semanal dos Estados Unidos.

Edição de 25 de setembro de 1920.

“Do caos econômico, o descontentamento do judeu evoluiu o capital organizado com sua ferramenta de trabalho, o sistema bancário.

“Um dos fenômenos impressionantes deste tempo impressionante é a revolta do judeu contra o Frankenstein que sua própria mente concebeu e sua própria mão moldou. ...

“Aquele feito (a revolução bolchevique russa — Ed.), destinado a figurar na história como o resultado predominante da Primeira Guerra Mundial, foi em grande parte o resultado do pensamento judaico, do descontentamento judaico, do esforço judaico para reconstruir...

“O que o idealismo judaico e o descontentamento judaico contribuíram tão poderosamente para realizar na Rússia, as mesmas qualidades históricas da mente e do coração judaicos estão tendendo a promover em outros países...

“Será que a América, como a Rússia dos czares, sobrecarregará o judeu com o amargo e infundado reproche de ser um destruidor, e assim o colocará na posição de um inimigo irreconciliável?

“Ou será que a América aproveitará o gênio judeu como aproveita o gênio peculiar de qualquer outra raça?

“Essa é a questão para o povo americano responder.”

— De um artigo no *The American Hebrew*, 10 de setembro de 1920.

XX

Testemunho Judaico a Favor do Bolchevismo

O povo americano responderá a essa questão, e sua resposta será contra o gênio destrutivo dos judeus insatisfeitos.

É muito bem conhecido que “o que o idealismo judaico e o descontentamento judaico contribuíram tão

poderosamente para realizar na Rússia” também está sendo tentado nos Estados Unidos. Por que o escritor no *American Hebrew* não disse "os Estados Unidos", ao invés de dizer "as mesmas qualidades históricas da mente e do coração judaicos estão tendendo a promover em outros países."

“O idealismo judaico e o descontentamento judaico” não são direcionados contra o capital. O capital está alistado em seu serviço. A única ordem governamental contra a qual o esforço judaico se dirige é a ordem governamental gentia; e o único “capital” que ele ataca é o capital gentio.

Lord Eustace Percy, que, se se pode julgar pelas citações completas e apreciativas de suas palavras na imprensa judaica, tem a sanção dos pensadores entre os judeus, resolve o primeiro ponto. Ao discutir a tendência judaica para movimentos revolucionários, ele diz:

“Na Europa Oriental, o bolchevismo e o sionismo frequentemente parecem crescer lado a lado, assim como a influência judaica moldou o pensamento republicano e socialista ao longo do século XIX até a revolução dos Jovens Turcos em Constantinopla, não há mais de uma década atrás — não porque o judeu se importe com o lado positivo da filosofia radical, não porque deseje participar do nacionalismo gentio ou da democracia gentia, mas porque nenhum sistema gentio de governo é, para ele, algo mais do que repulsivo.”

E essa análise é absolutamente verdadeira. Na Rússia, a desculpa foi o czar; na Alemanha, o kaiser; na Inglaterra, a questão irlandesa; nas numerosas revoluções sul-americanas, onde os judeus sempre tiveram uma mão dominante, nenhum motivo específico foi considerado necessário para ser dado; nos Estados Unidos, é “a classe capitalista”; mas sempre e em todo lugar é, pela confissão de seus próprios porta-vozes, uma aversão a qualquer forma de governo gentio. O judeu acredita que o mundo é dele por direito; ele quer coletar o que é seu, e a maneira

mais rápida de fazer isso é a destruição da ordem por meio da revolução — uma destruição que se torna possível por uma longa e astuta campanha de ideias soltas e destrutivas.

Quanto ao segundo ponto, todo leitor pode verificar o fato pela própria experiência. Deixe-o recordar os capitalistas que foram expostos ao escárnio público na imprensa controlada pelos judeus nos Estados Unidos — e quem ele encontra sendo atacado? De quem você viu as caricaturas com o símbolo do dólar nos jornais de Hearst? São Seligman, Kahn, Warburg, Schiff, Kuhn, Loeb & Company, ou algum dos outros? Não. Estes são banqueiros judeus. O ataque nunca é feito contra eles. Os nomes mais familiares para você através das denúncias nos jornais são os nomes de líderes industriais e bancários gentios — e apenas líderes gentios — sendo os principais Morgan e Rockefeller.

É um fato bem conhecido que, durante a Comuna Francesa, quando os homens de riqueza sofreram grandes perdas de propriedade, os Rothschilds judeus não sofreram prejuízos nem mesmo de um centavo. É também um fato bem conhecido, passível de prova satisfatória para qualquer mente comum, que as conexões entre os financistas judeus e os elementos revolucionários mais perigosos aqui nos Estados Unidos são tais que é altamente improvável que os primeiros venham a perder algo. Em qualquer caso, sob a capa da desordem na Rússia, neste momento, os financistas judeus estão aproveitando o estresse do povo para ganhar o controle de todos os recursos naturais estratégicos e da propriedade municipal, por métodos que esperam ser legalizados pelos tribunais judeus quando o atual “regime bolchevique” anunciar que dará lugar a um “comunismo modificado.” O mundo ainda não viu o fim do bolchevismo. Como a Primeira Guerra Mundial, o bolchevismo não pode ser interpretado até que se veja quem mais lucra com isso, e o lucro está em pleno

vigor agora. O inimigo é o capital gentio. Não outro. “Toda a riqueza do mundo em nossas mãos” é o slogan não dito de todo surto judeu no mundo hoje.

A citação no início deste artigo representa a posição que os judeus estão agora prontos para assumir em relação à Revolução Russa. Sempre foram responsabilizados pelo que ocorreu naquele país infeliz, mas inicialmente seus porta-vozes negaram isso. As negações foram muito indignadas, e geralmente acompanhadas pela queixa típica de que a acusação era “perseguição”. Mas os fatos foram tão esmagadores, e as investigações governamentais tão reveladoras, que as negações foram abandonadas.

Por um tempo, tentou-se desviar a atenção da Rússia com uma propaganda tremendamente poderosa sobre os judeus na Polônia. Há muitos indícios de que a propaganda polonesa foi feita como uma “cobertura” para a enorme imigração de judeus para os Estados Unidos. Pode ser que alguns de nossos leitores não saibam disso, mas um fluxo interminável dos imigrantes mais indesejáveis entra diariamente nos Estados Unidos, dezenas de milhares das mesmas pessoas cuja presença tem sido o problema e a ameaça dos governos da Europa.

Bem, a propaganda polonesa e o movimento de imigração seguem tranquilos, e o governo dos Estados Unidos é assegurado pelo grupo judeu em Washington de que tudo está calmo ao longo do Potomac (está calmo lá, calmo como o grupo judeu gostaria), mas ainda assim o fato russo persiste em exigir explicação.

E aqui está a explicação: Dizem-nos que os judeus criaram o capitalismo. Mas o capitalismo se mostrou mal comportado. Então, agora, os criadores judeus vão destruir sua criação. Eles fizeram isso na Rússia. E agora, será que o povo americano será bom e permitirá que seus benfeitores judeus façam o mesmo na América?

Essa é a nova explicação, e, novamente, tipicamente judaica, ela vem acompanhada de uma proposta para os Estados Unidos — e uma ameaça! Se a América recusar este serviço particular do judeu, “colocamos-o na posição de um inimigo irreconciliável.” Veja a citação no início deste artigo.

Mas os judeus não destruíram o capitalismo na Rússia. Quando Lenin e Trotsky fizerem sua despedida e se retirarem sob a influência protetora dos capitalistas judeus do mundo, verá-se que apenas o capital gentio ou russo foi destruído, e que o capital judeu foi entronizado.

Qual é o registro? Documentos impressos pelo Governo dos Estados Unidos contêm esta carta: Observe a data, o banqueiro judeu e os nomes judeus:

“Estocolmo, 21 de setembro de 1917. “Para o Sr. Raphael Scholan:

‘Camarada querido:— A casa bancária, M. Warburg, abriu uma conta para o empreendimento do camarada Trotsky após receber um telegrama do presidente do ‘Syndicate Rhein-Westphalian’. Um advogado, provavelmente o Sr. Kestroff, obteve munições e organizou o transporte das mesmas, juntamente com o dinheiro * * * a quem a soma exigida pelo camarada Trotsky deverá ser entregue.

“Saudações Fraternais! “Furstenberg.”

Muito antes disso, um financista judeu americano estava fornecendo os fundos que levaram a propaganda revolucionária para milhares de prisioneiros de guerra russos em campos japoneses.

Às vezes, se diz, como forma de explicar o movimento bolchevique, que ele foi financiado pela Alemanha, um fato que foi aproveitado para fornecer propaganda de guerra. É verdade que parte do dinheiro veio da Alemanha. É verdade que parte do dinheiro veio dos Estados Unidos. Mas a verdade completa é que as finanças judaicas em

todos os países estavam interessadas no bolchevismo como um investimento totalmente judaico. Durante todo o período da guerra, o Programa Mundial Judaico foi disfarçado sob este ou aquele nome nacional — a culpa sendo atribuída aos alemães pelos aliados, e aos aliados pelos alemães, e o povo mantido na ignorância sobre quem eram as verdadeiras personalidades por trás disso.

Foi afirmado por um oficial francês que dois milhões de dinheiro foram contribuídos por um único banqueiro judeu.

Quando Trotsky deixou os Estados Unidos para cumprir sua tarefa designada, foi libertado de sua prisão em Halifax a pedido dos Estados Unidos, e todos sabem quem constituía o Governo da Guerra dos Estados Unidos.

A conclusão, quando todos os fatos são considerados, é irresistível: a revolução bolchevique foi um investimento cuidadosamente planejado por parte das Finanças Judaicas Internacionais.

É fácil entender, então, por que as mesmas forças gostariam de introduzi-la nos Estados Unidos. A verdadeira luta neste país não é entre o trabalho e o capital; a verdadeira luta é entre o capital judeu e o capital gentio, com os líderes da I. W. W., os líderes socialistas, os líderes vermelhos e os líderes trabalhistas quase unidos ao lado dos capitalistas judeus.

Lembre-se novamente de quais financiadores esses homens mais atacam. Você não consegue lembrar um único nome judeu.

O principal objetivo nestes dois artigos, no entanto, é “apresentar o testemunho judeu que existe quanto à natureza judaica do bolchevismo.”

O *Jewish Chronicle*, de Londres, disse em 1919:

“Há muito no fato do próprio bolchevismo, no fato de que tantos judeus são bolcheviques, no fato de que os ideais do

bolchevismo em muitos pontos são consonantes com os melhores ideais do judaísmo."

No mesmo jornal, de 1920, há um relatório sobre um discurso feito por Israel Zangwill, um escritor judeu notável, no qual ele pronunciou um elogio caloroso à "raça que produziu um Beaconsfield, um Reading, um Montagu, um Klotz, um Kurt Eisner, um Trotsky." O Sr. Zangwill, em seu entusiasmo semítico crescente, incluiu os judeus do governo britânico na mesma categoria dos judeus dos governos bolcheviques húngaro e russo. Qual é a diferença? Todos são judeus, e todos de igual honra e utilidade para "a raça."

O rabino J. L. Magnes, em um discurso em Nova York em 1919, é relatado por ter dito:

"Quando o judeu dá seu pensamento, sua devoção, à causa dos trabalhadores e dos despossuídos, dos deserdados do mundo, a qualidade radical dentro dele vai até as raízes das coisas, e na Alemanha ele se torna um Marx e um Lassalle, um Haas e um Edward Bernstein; na Áustria ele se torna um Victor Adler e um Friedrich Adler; na Rússia, um Trotsky. Basta tomar por um momento a situação atual na Rússia e na Alemanha. A revolução libertou forças criativas, e veja quanta companhia de judeus estava disponível para serviço imediato. Revolucionários socialistas e mencheviques, e bolcheviques, socialistas da maioria e da minoria — sejam como forem chamados — os judeus estão entre os líderes de confiança e os trabalhadores rotineiros de todos esses partidos revolucionários."

"Veja," diz o rabino, "quanta companhia de judeus está disponível para serviço imediato." Deve-se ver onde ele aponta. Há tantos membros judeus de sociedades revolucionárias nos Estados Unidos quanto havia na Rússia; e aqui, como lá, eles estão "disponíveis para serviço imediato."

Bernard Lazare, um escritor judeu que publicou uma obra sobre o antissemitismo, diz:

“O judeu, portanto, realmente participa das revoluções, e ele participa delas na medida em que ele é um judeu, ou mais corretamente, na medida em que ele continua a ser judeu.”

Ele também diz — “O espírito judeu é essencialmente um espírito revolucionário, e conscientemente ou não, o judeu é um revolucionário.”

É difícil encontrar qualquer país no mundo, exceto os Estados Unidos, onde negações disso possam ser feitas de uma forma que exija prova. Em todos os outros países, o fato é conhecido. Aqui, temos estado sob tanto medo de mencionar a palavra “judeu” ou qualquer coisa relacionada a isso, que os fatos mais comuns nos foram ocultados — fatos que até mesmo um conhecimento superficial dos escritos judeus teria nos dado. Foi quase um espetáculo patético ver o público americano ir a palestras sobre a situação russa, e sair da sala confuso e perplexo porque a situação russa é tão anti-russa, tudo porque nenhum palestrante achava politicamente correto mencionar “judeu” nos Estados Unidos, pois, como veremos algum dia, o judeu conseguiu conquistar o controle do palco também.

Não apenas as figuras literárias do judaísmo reconhecem a propensão do judeu para a revolução em geral, e sua responsabilidade pela situação russa em particular, mas as figuras mais baixas também têm uma ideia muito clara sobre isso. O judeu no meio da revolução está consciente de que, de alguma forma, ele está avançando a causa de Israel. Ele pode ser um “mau judeu” no sentido da sinagoga, mas é judeu o suficiente para estar disposto a fazer qualquer coisa que avance o prestígio de Israel. A raça é mais forte que a religião no judaísmo.

O jornal russo *On to Moscow*, em setembro de 1919, disse:

“Não se deve esquecer que o povo judeu, que por séculos foi oprimido por reis e czares, é o verdadeiro proletariado, a verdadeira Internacional, que não tem país.”

O Sr. Cohan, no jornal *Communist*, em abril de 1919, disse:

“Sem exagero, pode-se dizer que a grande revolução social russa foi realmente realizada pelas mãos dos judeus. As massas escuras e oprimidas dos trabalhadores e camponeses russos teriam sido capazes de se livrar do jugo da burguesia por si mesmas? Não, foram precisamente os judeus que lideraram o proletariado russo até o amanhecer da Internacional e não apenas lideraram, mas também estão agora liderando a causa soviética, que permanece em suas mãos seguras. Podemos ficar tranquilos enquanto o comando principal do Exército Vermelho estiver nas mãos do camarada Leon Trotsky. É verdade que não há judeus nas fileiras do Exército Vermelho, no que diz respeito aos soldados rasos, mas nos comitês e organizações soviéticas, como comissários, os judeus estão liderando galantemente as massas do proletariado russo rumo à vitória. Não é sem razão que durante as eleições para todas as instituições soviéticas os judeus estão vencendo por uma maioria esmagadora * * * O símbolo do judaísmo, que por séculos lutou contra o capitalismo, tornou-se também o símbolo do proletariado russo, o que pode ser visto até na adoção da estrela vermelha de cinco pontas, que, como é bem conhecido, era o símbolo do sionismo e do judaísmo. Com este sinal vem a vitória, com este sinal vem a morte dos parasitas da burguesia * * * As lágrimas judaicas virão deles em suor e gotas de sangue.”

Essa confissão, ou melhor, vanglória, é notável por sua completude.

Os judeus, diz o Sr. Cohan, estão no controle das massas russas— as massas russas que nunca se levantaram, que só sabem que uma minoria, como a minoria do czar, está no controle no centro do governo.

Os judeus não estão no Exército Vermelho, nos informa o Sr. Cohan, ou seja, nas fileiras onde as lutas reais acontecem; e isso está estritamente de acordo com os Protocolos. A estratégia do Programa Mundial é colocar os gentios para matar os gentios. Essa foi a vanglória judaica durante os diversos desastres sociais franceses, que tantos franceses foram colocados matando uns aos outros.

Na Primeira Guerra Mundial que passou, houve tantos gentios mortos por gentios quanto judeus no mundo. Foi uma grande vitória para Israel. “As lágrimas judaicas virão em suor e gotas de sangue.”

Mas os judeus estão nos lugares de controle e segurança, diz o Sr. Cohan, e ele está absolutamente certo sobre isso. A maravilha é que ele foi tão honesto ao dizer isso.

Quanto às chamadas eleições, nas quais os judeus são escolhidos de forma tão unânime, a literatura do bolchevismo é muito explícita. Aqueles que votaram contra os candidatos judeus foram julgados como “inimigos da revolução” e executados. Não foi necessário muitas execuções em um local de votação para tornar todas as eleições unânimes.

O Sr. Cohan é especialmente instrutivo sobre o significado da Estrela Vermelha, o emblema de cinco pontas do bolchevismo. “O símbolo do judaísmo,” diz ele, “tornou-se também o símbolo do proletariado russo.”

A Estrela de Davi, o emblema nacional judeu, é uma estrela de seis pontas, formada por dois triângulos, um de base para cima e o outro de base para baixo. Desprovidos de suas linhas de base, esses triângulos se aproximam do familiar emblema maçônico do Esquadro e Compasso. É essa Estrela de Davi sobre a qual um observador judeu na Palestina observa que há tão poucos entre os túmulos dos soldados britânicos que conquistaram a Palestina na guerra recente; a maioria dos sinais são as familiarmente conhecidas Cruzes de madeira. “Essas Cruzes agora são

relatadas como objetáveis pelos novos governantes da Palestina, porque estão tão visivelmente em vista do visitante que se aproxima da nova universidade judaica. Assim como na Rússia soviética, também na Palestina, não foram muitos os judeus que deram suas vidas pela causa: havia muitos gentios para esse propósito."

Como o judeu é um mestre passado na arte do simbolismo, pode não ser sem significado que a Estrela Bolchevique tenha um ponto a menos do que a Estrela de Davi. Pois ainda há um ponto a ser cumprido no Programa Mundial conforme delineado nos Protocolos — e esse é o entronamento de "nosso líder". Quando ele chegar, o Autocrata Mundial para quem todo o programa foi estruturado, o sexto ponto pode ser adicionado.

Os Cinco Pontos da Estrela agora aparentemente assegurados são: a Bolsa, a Imprensa, a Nobreza, a Palestina e o Proletariado. O sexto ponto será o Príncipe de Israel.

Cohan disse isso, e as revoluções, especialmente desde a Revolução Francesa, confirmam isso, que "com este sinal vem a morte dos parasitas da burguesia * * * As lágrimas judaicas virão deles em suor e gotas de sangue." A "burguesia", como dizem os Protocolos, é sempre gentia.

O argumento comum contra o invencível fato do caráter judaico da revolução russa — um argumento que está destinado a desaparecer agora que o reconhecimento judeu está vindo forte e rápido — é que os judeus na Rússia também sofrem. "Como podemos favorecer um movimento que faz nosso próprio povo sofrer?" é o argumento colocado ao gentio.

Bem, o fato é o seguinte: eles estão favorecendo esse movimento. Hoje, neste exato momento, o Governo Bolchevique está recebendo dinheiro de financistas judeus na Europa, e se na Europa, então, claro, dos banqueiros judeus internacionais na América também. Esse é um fato.

Outro fato é este: os judeus da Rússia não estão sofrendo nem de longe tanto quanto nos dizem os propagandistas. Agora é um fato admitido pelos próprios judeus que, quando os bolcheviques atravessaram a Polônia pela primeira vez, os judeus poloneses estavam amigáveis com os invasores e os ajudaram. O fato foi explicado pelos judeus americanos da seguinte forma: desde que o bolchevismo chegou à Rússia, a condição dos judeus lá melhorou muito — portanto, os judeus poloneses estavam amigáveis. E é verdade — a condição dos judeus russos é boa.

Uma razão é: eles têm a Rússia. Tudo lá lhes pertence.

A outra razão é: os judeus da Rússia são os únicos que estão recebendo ajuda lá hoje.

Essa segunda afirmação já lhe pareceu significativa? Apenas os judeus da Rússia recebem comida e dinheiro enviados a eles. Essa é uma forma, claro, do apoio que o mundo judeu está dando ao bolchevismo. Mas, se o sofrimento entre os judeus é o que os propagandistas dizem que é, como deve ser entre os russos? No entanto, ninguém está enviando comida ou dinheiro para eles. A provável verdade de toda a situação é que o bolchevismo judeu está impondo um imposto ao mundo. A qualquer momento, pode ser necessário, há muita evidência sobre o bom estado dos judeus na Rússia. Eles têm tudo o que há lá.

Outra fonte de confusão é revelada pela pergunta: “Como os capitalistas judeus podem apoiar o bolchevismo, quando o bolchevismo é contra o capitalismo?”

O bolchevismo, como foi dito antes, é apenas contra o capitalismo gentio. Os financiadores judeus que permaneceram na Rússia são muito úteis para os bolcheviques. Leia esta descrição de um testemunho ocular: “Um judeu é este comissário do banco, muito elegante, com uma gravata do estilo mais recente, e um

colete sofisticado. Um judeu é este comissário de distrito, ex-corretor da bolsa, com um queixo duplo burguês. Novamente um judeu, este inspetor de impostos: ele entende perfeitamente como espremer a burguesia."

Esses agentes do judaísmo ainda estão lá. Outros agentes estão entre os russos que fugiram, pegando suas terras por empréstimos hipotecários. Quando a cortina se levantar, a maior parte dos imóveis de luxo será encontrada sob controle judeu, por meios perfeitamente "legais."

Essa é uma resposta para a pergunta: Por que os capitalistas judeus apoiam o bolchevismo. A Revolução Vermelha é o maior evento especulativo da história humana. Além disso, é para a exaltação de Israel; é uma vingança colossal, que os judeus sempre tomam onde podem, por injustiças reais ou imaginárias.

O capitalismo judeu sabe exatamente o que está fazendo. Quais são seus ganhos?

1. Ele tomou um país inteiro e rico, sem o custo da guerra.
2. Demonstrou a necessidade do ouro. O poder judeu repousa na ficção de que o ouro é riqueza. Pela destreza premeditada do sistema monetário bolchevique, o mundo desavisado foi feito para acreditar ainda mais fortemente que o ouro é necessário, e essa crença dá ao capitalismo judeu outra alavanca sobre o mundo gentio. Se os bolcheviques tivessem sido honestos, poderiam ter dado ao capitalismo judeu o golpe mortal. Não! O ouro ainda está em seu trono. Destrua a ficção de que o ouro tem valor, e você deixará os financistas internacionais judeus abandonados em montes de metal inútil.
3. Demonstrou seu poder para o mundo. O Protocolo Sete diz: "Para demonstrar nosso domínio sobre os governos gentios da Europa, mostraremos nosso

poder a um deles por meio de crimes de violência, ou seja, um reinado de terror.” A Europa já foi “mostrada”? A Europa foi, e está com medo! Esse é um grande ganho para os capitalistas judeus.

4. Não menos importante entre os ganhos está a prática de campo na arte da revolução que a Rússia ofereceu. Estudantes daquela escola vermelha estão voltando para os Estados Unidos. A técnica da revolução foi reduzida a uma ciência de acordo com os detalhes estabelecidos nos Protocolos. Para usar as palavras do rabino Magnes novamente: “Veja quanta companhia de judeus estava disponível para serviço imediato.” A companhia disponível agora é muito maior.

Edição de 2 de outubro de 1920.

https://archive.org/details/internationaljew01unse/page/117/mode/1up?view=theater